



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presumá que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>



30.5

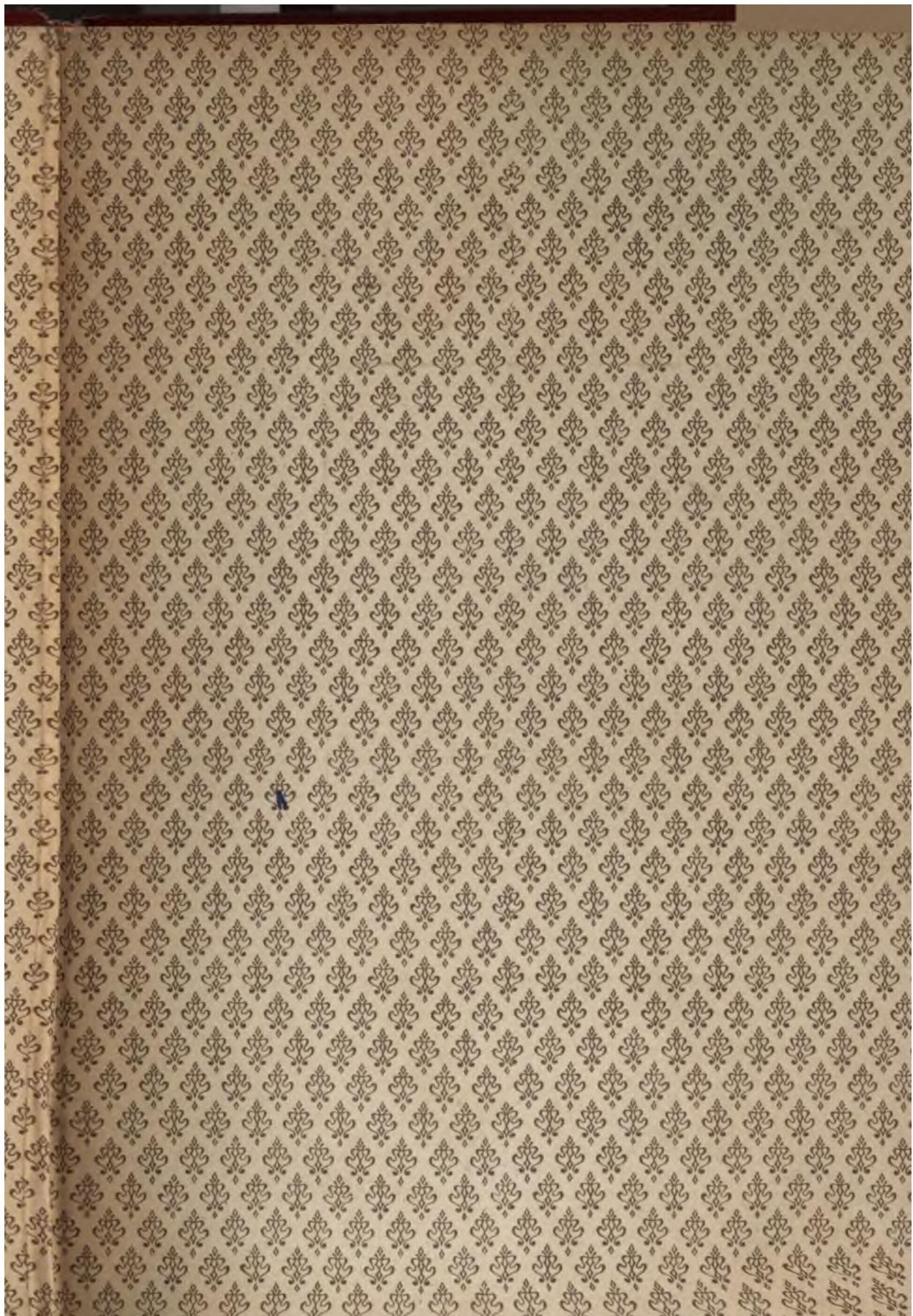
Harvard College Library

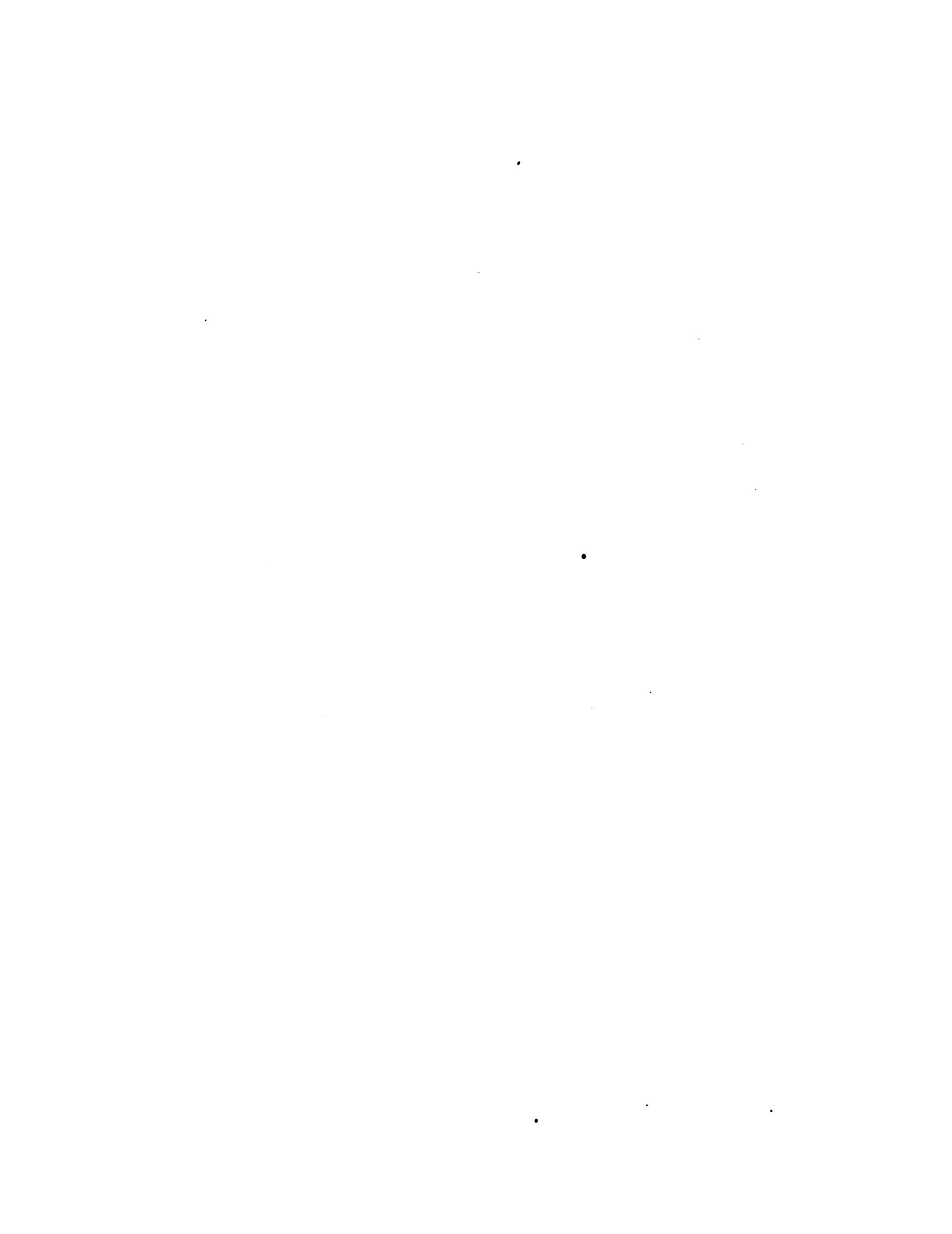


FROM THE FUND OF

CHARLES MINOT

Class of 1828





# O LIVRO DE ESOPO

FABULARIO PORTUGUÊS MEDIEVAL

PUBLICADO CONFORME A UM MANUSCRITO DO SÉCULO XV

ESTAMPAS DA

BIBLIOTHECA PALATINA DE VIENNA DE AUSTRIA

TABLE

Dra. A. LEITE DE VASCONCELOS

Primeiro Conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa  
Professor do Curso de Bibliotecários Arquivistas

opção à Biblioteca Luisiana, no. 100 - 10

J. J. S. BOA

IMPRENSA NACIONAL

1990



# O LIVRO DE ESOPO

FABULARIO PORTUGUÊS MEDIEVAL

PUBLICADO CONFORME A UM MANUSCRITO DO SÉCULO XV

EDITIONES 44

BIBLIOTHECA PALATINA DE AUSTRIA DE VIENNA

1920

DR. J. LEITE DE VASCONCELLOS

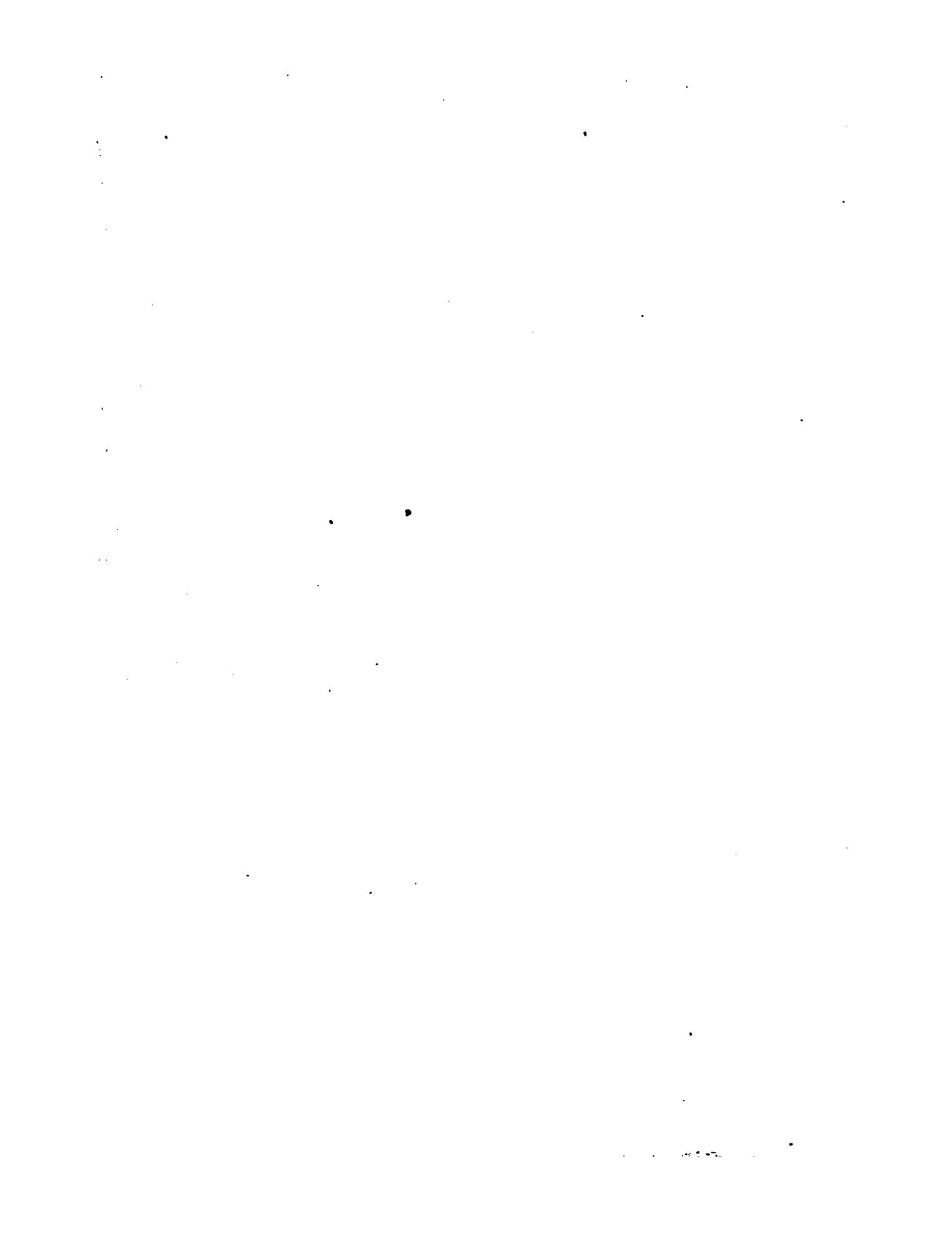
Primeiro Conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa  
Professor da Corte de Bibliothecaria Archivaria

—*versão al. Ribeira Galvão, vols. II e III*

LISBOA

IMPRESSA NA DIAVOLAI

1906



# O LIVRO DE ESÓPO

FABULARIO PORTUGUÊS MEDIEVAL

PUBLICADO CONFORME A UM MANUSCRITO DO SÉCULO XV

EXISTENTE NA

BIBLIOTHECA PALATINA DE VIENNA DE AUSTRIA

PELO

DR. J. LEITE DE VASCONCELLOS

*Primeiro Conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa  
Professor do Curso de Bibliothecario Archivista*

LISBOA

IMPRESO NA IMPRENSA NACIONAL

1906

~~a 10.80.5~~

Minot fund

*A*

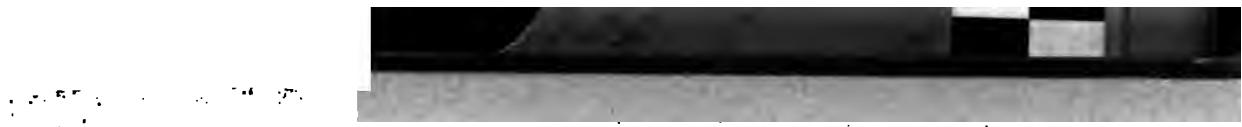
*Sr. Alfred Morel-Fatio*

Douto Professor de Philologia Romanica  
na Escola de Estudos Superiores de Paris e no Collegio de França

*Dedica este trabalho*

O seu grato amigo

*José Leite de Paxenelles.*



## ADVERTENCIA PRELIMINAR

---

Este trabalho começou, como se diz no frontispicio, a ser publicado no vol. viii da *Revista Lusitana*, fasciculo 2.<sup>º</sup>, onde occupa as pp. 99-151, e acabou de o ser no vol. ix, fasciculo 1.<sup>º</sup>, onde occupa as pp. 1-109.

De ter cada um dos fasciculos vindo a lume em sua typographia, um no Porto, o outro em Lisboa, resultou o apresentar a respectiva separata dois aspectos typographicos, quanto ao papel e quanto á impressão.

Lisboa, Março de 1906.

J. L. DE V.



## FABULARIO PORTUGUÊS

Em 1900 tive a felicidade de encontrar na Bibliotheca Palatina (*Hofbibliothek*) de Vienna d'Austria um livro manuscrito, em português, que tem no respectivo Catalogo esta marcação: «3270\* Philol. 291». A letra concorda com a de documentos portugueses datados do seculo xv; é boa e uniforme. O titulo do livro diz o seguinte, em letra muito mais moderna que a do corpo da obra: *Fabulae Aesopi in lingua Lusitana.*

O livro está escrito em papel, com margens. Consta de 48 folhas, numeradas modernamente até 46, porque a numeração das folhas 28 e 40 está repetida. O verso da folha 46 está em branco. Por isso o numero total de paginas escritas é de 95. Ha paginas que tem 29 linhas; outras tem menos. Altura das folhas: 0<sup>m</sup>,215; largura: 0<sup>m</sup>,145. Altura da parte escrita, quando cada pagina tem o maior numero de linhas: 0<sup>m</sup>,140 a 0<sup>m</sup>,145; largura: 0<sup>m</sup>,100. A tinta é desmaiada, um tanto amarella. Varias folhas estão deterioradas pela traça e umidade, sobretudo as de n.<sup>o</sup> 25, 34-r, 38, 39, 41-r e 42-r, onde ha falhas de palavras. Outras tem estragos menores.

Na fl. 1-r. ha uma illustração á penna, e ha outra na fl. 3-v. Pelo meio do livro ha varios espaços em branco para conterem outras illustrações que não chegaram a ser feitas. Cada capitulo tem no principio um espaço em branco, destinado a receber uma letra capitalar floreada, que só rara vez chegou a escrever-se.

O volume foi encadernado em pergaminho branco; tanto na parte anterior como na exterior vê se ao centro, por fóra, o brasão da Austria. Na parte anterior, em cima, vêem-se as iniciaes da Bibliotheca de Vienna, e em baixo as de um antigo bibliothecario e a data da encadernação,— tudo disposto assim:

E. A. B. C. V.

*Brasão da Austria*

17. G. L. B. V. S. B. 53

Tanto o brasão como as letras e a data são doirados. As iniciais superiores significam: *E(x) Augustissima Bibliotheca Caesarea Vindobonensi*<sup>1</sup>. As inferiores: *G(erardus) L(iber) B(uero)*<sup>2</sup> *V(en) Swicthen* *B(ibliotheaurius)*, com a data de 1753. — Altura da capa: 0<sup>m</sup>.22; largura: 0<sup>m</sup>.1450; largura da lombada: 0<sup>m</sup>.020. Na lombada collaram-se duas tiras de papel encarnado, uma superior à outra, que dizem respectivamente:

FAB.	COD. MS.
AESOP.	PHIOL.
LING.	
LVSIT.	CCXCI

Como o título o mostra, o livro consta de fabulas em português; elas todavia não são traduções de Esopo, são apenas no gosto esopiano. Chamo provisoriamente ao livro FABULARIO PORTUGUÉS. As fabulas são em numero de 63, ou, se contarmos como uma unica as de n.<sup>o</sup> XLIX e L, em numero de 62.

\*

Na transcrição sigo sempre o ms., exceto no seguinte: emprégio letra maiuscula inicial nos nomes proprios, e depois de ponto final; substituo o *s* longo, ou *f*, por *s*; substituo por *rr* um sinal que no ms. representa *r* forte (quasi sempre inicial)<sup>3</sup>; escrevo *i*, *ij*, por *i*, *q* accentuados; *j* por *J*; *y* por *y* pontuado; separo as palavras proclíticas, quando (por ex., a conjunção *e*, a preposição *a* e *de*, o artigo definido singular, etc.) vem unidas á palavra principal; separo por traço de união, como hoje se faz, as enclíticas que no ms. vem unidas á palavra antecedente (escrevo, por ex., *tornauan sse* por *tornauansse*); uso de apostropho para indicar a omissão que na pronuncia se fazia de certas vogais (por ex. escrevo *lh'o* por *ll'o*); desfaço as abreviaturas, regulando-me pela maneira ordinaria como as mesmas palavras estão noutros passos, quando escritas por inteiro<sup>4</sup>; separo os §§; noto por travessões os dialogos; pon-

<sup>1</sup> *Vindobona* é, como se sabe, o nome da cidade antiga a que hoje corresponde Vienna, e por isso o nome adoptado para esta quando se escreve em latim.

<sup>2</sup> *Liber baro*, título nobiliario, «barão», = allemão *Freiherr*; *Frei* «liber», *Herr* «baro».

<sup>3</sup> Faço sem hesitação esta mudança, porque algumas vezes o tal signal alterna com *rr* no manuscrito. Podia, também, em vez de *rr*, adoptar *n*.

<sup>4</sup> A abreviatura *nh* por *nehum* ou *nem hum* é sistemática, e por isso dei-xo-a. Também hoje adoptamos sistematicamente certas abreviaturas, que nunca desfazemos, por ex.: «V. Ex.<sup>as</sup>», «D.<sup>as</sup>», «Fr.<sup>as</sup>» e outras. No ms. não se adopta porém a este respeito regra constante. Convém notar o seguinte. No ms. encontra-

tuo<sup>1</sup> e accentuo moderadamente<sup>2</sup>. Com relação ás nasaes, observa-se no ms. que estas estão representadas por tres maneiras: por *m*, por *n* e por til. O *m* e o *n* alternam indifferentemente no corpo da palavra (*emveja, onde, homrra, ssenbramte, paamcadas, empeecer*), mas o *m* é muito mais frequente que o *n*; no fim de palavra raras vezes se encontra *n*. O til usa-se principalmente no fim de linha, ou proximo do fim, para abreviar a palavra, e esta não ultrapassar a margem; tambem nas mesmas condições se usa ás vezes *n*. Ha porém casos em que o til se usa sem regra: *correrõ, mûdo*, longe do fim de linha. E' tambem frequente *nõ, my* com til (=mim) e *tpo* com til (=tempo). Os ditongos ou digraphos são quasi sempre notados com til: *hom es, r as, cora oes, h u, h a*. Pela minha parte, faço a respeito das nasaes o seguinte: substituo o til por *m*, quando eu vir que elle representa abreviatura; deixo-o nos casos em que é evidente que elle se adota sistematicamente (ditongos, etc.)<sup>3</sup>; conservo sempre o *n*, mesmo quando elle está no fim de linha. — Como no ms. se usa *ç*, mesmo antes de *e* e *i*, restituo a cedilha quando ella faltar, pois vê se que falta por engano. — Em todos os outros casos em que eu me afastar do original, indica-lo-hei em nota. Os accrescentamentos, incluindo os titulos do prologo e das fabulas, serão postos entre colchetes.

\*

Seguidamente ao texto apresentarei um vocabulario, farei algumas considerações lingnisticas, accrescentarei umas paginas com anotações ás fabulas e um estudo litterario d'estas.

Como reservo para o vocabulario a explicação das expressões que necessitarem d'ella, só raro accrescentarei ao texto notas que não sejam meramente paleographicas ou phoneticas.

A presente edição, apesar de critica, é pois quasi diplomatica. O

se frequentemente *d co, f co, d cor*, por *d cto, f cto, d ctor* etc., latinismos orthographicos tradicionaes por *dicto* (*dictus*), *facto* (*factus*), *doctor* (*doctor*); transcrevo essas palavras, e outras analogas, com *ct*. Quando estiver por extenso *autor, douctor, douter*, transcrevo assim mesmo. Não ha duvida que na pronúncia o *c* não se fazia ouvir. — No ms. oscillam *pollo*, com *o*, e *pella*, com *e*, etc., oscillação que correspondia, como hoje, á pronuncia; como muitas vezes se encontra escrito *pillo, plla* etc., com *ll* cortados, é impossivel saber se quem escreveu queria representar *e* ou *o*: para a transcrição regulam-me pela forma mais proxima d'esse lugar, quando escrita por extenso. — Outras particularidades vão assinaladas nos seus logares.

<sup>1</sup> No ms. o ponto final está frequentemente indicado por dois pequenos traços verticaes e paralelos (〃). Ha ainda outros sinaes de pontuação: por exemplo um ponto (.) serve de vírgula ás vezes.

<sup>2</sup> Com estas alterações, que em nada modificam a pronuncia, torno o texto mais facil de ler.

<sup>3</sup> No ms. o til abrange geralmente mais de uma letra. Quando as letras são vogaes, não se pôde saber a qual d'ellas propriamente pertence; contudo escrevo *r a, h u, cora oes* etc., com o til na primeira.

manuscrito está inedito, e apparece agora a lume pela primeira vez. Tanto quanto pude averiguar, nunca nenhum historiador da nossa literatura teve conhecimento d'elle. Escusado será encarecer a importancia da publicação, quer sob o aspecto litterario, quer sob o aspecto linguistico<sup>1</sup>.

J. L. DE V.

[PROLOGO DO AUCTOR]



[Fl. 1-r.] <sup>2</sup> [S]egundo diz o *Liuro da uida e dos costumes dos philosophos*, conta-sse que no tempo d'ell-rrey Ciro, rrey de Persia, este autor viuia o qual sse chama Exopo Adelpho, e foy greguo da cidade de Amtiochia e foy ajmda poeta famosisimo e de grande emgenho, o

<sup>1</sup> Quando estive em Viena d'Austria em 1900, copiei algumas fabulas directamente do ms., e fiz um indice d'ellas. Como porém a copia me levava muito tempo, obtive para a Biblioteca Nacional de Lisboa uma photographia de toda a obra, e por ella me regulo agora. Esta photographia, que ficou excellente, tirou-a o Sr. E. Schattera (Wien, Hauptstrasse, nr. 95), por intermedio do Sr. Dr. R. Beer, illustre funcionario da Biblioteca Palatina. O texto que hoje publico foi copiado da photographia pelo Sr. Balbino Bibeiro, 2º conservador da Torre do Tombo, e collacionado com ella pelo Sr. Pedro d'Azevedo, 1º conservador do mesmo estabelecimento, e por mim.

<sup>2</sup> Na margem esquerda lê-se em letra moderna: *Ms: Phil: 201 | Fabulae  
Æsopi | in Lingua Latinâ | sitanâ | . Cyro Rey de Persia. E mais a baixo: Transla-  
tur e | Greco in | latin. |*

quall fez este liuro em greguo, e depois foy trelladado de greguo em latino de hūu ssabedor chamado Rromulo. Aqueste Exopo no primeiro anno do predicto rrey Ciro sse comta que fosse morto de maa morte per emveja.

Este Exopo em aqueste sseu liuro poem<sup>1</sup> muitas estorias ffremosas d'animalias, de homēes e de aues e de outras couisas, segundo em elle veredes, pellas quaaes ell nos emsinaua como os homēes do mundo deuem de viuer virtuosamente e guardar-sse dos males.

E assemelha este sseu Ijuro a hūu orto no quall estam flores e<sup>2</sup> fruytos: pellas frores sse emtemdem as estorjas, e pello fruyo sse [Fl. 1-v.] emtende a semtença da estoria; e comvida os homēes e amoesta-os que venham a colher das frores e do fruyo<sup>3</sup>. Ainda compara este sseu liuro<sup>4</sup> aa noz, que ha dura casca, e haos<sup>5</sup> pinhōoes, que demtro teem ascomdido o meolo que he ssaborido: assy este liuro tem em ssy escondido muitas notauees semtenças.

#### I. [O gallo e a pedra preciosa]

[C]omta-sse que húa vez hūu guallo, amdamdo em húa cauala-riça escaruando por achar algúia couisa pera comer,<sup>6</sup> achou húa muy fremosa pedra preciosa; e maravilhou-sse e disse:

— Ó gema preciosa e nobilisima, a quall jazes em aqueste vill luguar: tu nom fazes a mym nhūu<sup>7</sup> proueyto; mais sse te a ty achasse outra perssoa<sup>8</sup> que conhoçesse o teu nobre esplam dor, tu sserias posta em algūu luguar arteficioso e nobre. Certo tu nom es compridoya a mym, nem eu a ty<sup>9</sup>. Eu sseria mays ledo sse achasse húa pouca de hisca pera comer, que achar ty.

Per aquesta hestoria rreprehende este auctor os ssamdeus e homēes de pouco emtender, os quaaes nom curam nem querem curar por a sciencia quamdo podem; e quamdo achan algúia couisa que lhe sseria proueytosa, ha despreçam e nom curam d'ella, e ao depois [Fl. 2-r.] sse rrepemdem: assy que pello gualo sse emtende o ssandeu, e pella pedra preciosa<sup>10</sup> sse emtende a graça da ssapiemcia, a quall nom he conhoçida dos samdeos, mais he conhoçida dos sabedores.

<sup>1</sup> Assim está no original. Leia-se *pōe*.

<sup>2</sup> Repete-se e no começo da pagina.

<sup>3</sup> A esta imagem allude o desenho (á pena) no começo do prologo.

<sup>4</sup> Segue se *q* riscado.

<sup>5</sup> Entenda-se «aos», dependente de *compara*.

<sup>6</sup> Segue se um *e*, que parece estar riscado. De facto, não faz sentido.

<sup>7</sup> Leia-se *nem hūu ou nehūu*.

<sup>8</sup> No ms. *pessoas*, com *p* cortado na perna.

<sup>9</sup> Sobre o *ty* vê-se um til (um tanto sumido). Foi engano por influencia do *mym* precedente, isto é *my* com *til*. Logo a baixo o ms. tem normalmente *ty*.

<sup>10</sup> No ms. *pgiosa*. Acima porém está *preciosa*.

## II. [O lobo e o cordeiro]

[C]omta-sse que o lobo bebia húa vez em húu rribeyro, da parte de cima, e o cordeyro bebia em aquell medês rribeiro, da parte de fundo. Disse o lobo ao cordeyro:

— Porque me luxas a augua e dapnas este rribeyro?

E o cordeyro rrespondeo e disse homildosamente:

— Eu nom te faço emjuria, nem luxo o rrio, porque a augua corre contra mym, e a augua he muy clara; e pero sse a quisese aboluer, nom poderia.

Outra vez o lobo braada forte e diz:

— Nom te auonda que tu me fazes emjuria e dapno, e ajmda me ameaças?

E o cordeyro outra vez homildosamente rrespondeo:

\*[Fl. 2-v.] — Nom te ameaço, \* mais eu me escuso com boa rrazom.

E o lobo respondeo outra vez:

— Ajmda me ameaças? Já ssemelhauyll <sup>1</sup> jmjuria me fezeste tu e teu padre, ssom já bem sseis meses.

O cordeyro disse:

— Ó ladrom, eu nom ey tanto tempo!

E o lobo jroso disse:

— Oo maaoo rrrapaz, ajmda ousas de falar?

E foy-sse a ell e matou-ho e comê'-o <sup>2</sup>.

Em aquesta hestoria rreprehende este autor os ssoberbosos e os arrogantes homées do mundo, os quaaes contra os homildosos ignocentes sse esforçam de buscar cajom contra rrazom, por que ssem rrazom [os] possam offemder e fazer-lhe maas obras. E pollo lobo sse entende[m] <sup>3</sup> os arrogantes e maaos homées, e pollo cordeyro os homildosos e ignocentes. E como este lobo mata este cordeyro ssem rrazom, assy ho maaoo homem faz mall ao boo ssem lh'o merecer.

## III. [O rato, a rã e o minhoto]

\*[Fl. 3-r.] \* [C]omta-sse que húu rrato, amdando ssen caminho pera emderrençar sseus neguoçios, neo arriba de húa augua, a quall ell nom podia passar. E estando assy cuidoso arriba da augua, veo a ell húa rrãa e disse-lhe:

— Sse te prouuer, eu te ajudarey a passar esta augua.

<sup>1</sup> No ms. *semelhaull*; na fab. **xxxiv** por extenso *estaugll*.

<sup>2</sup> =comeo-o. No ms. *comeo*. Podia tambem transcrever-se *comeo-*, e semelhantemente as palavras analogas que aparecem adeante.

<sup>3</sup> Esta palavra no texto vem em fim de linha, e por isso, segundo a regra das nasaes (vid. Introduçao), devia ter ē, mas o til não se percebe; só adeante, e em cima, ha um ponto.

E o rrato rrespomdeo que lhe prazia e que lh'o agradeçia muyto. E a rrāa fazia esto pera emganar o rrato, e disse-lhe:

— Amiguo, legemos<sup>1</sup> hūa linha no pee teu e meu, e ssube em cima de mym.

E o rrato feze-o assy. E depois que forom no meo da augua, a rrāa disse ao rrato:

— Dom velhaco, aqui morreredes maa morte.

E a rrāa tiraua pera fundo, pera afoguá-lo de so a augua; e ho rrato tiraua pera cima. E estando em esta batalha, vi'-os<sup>2</sup> hūu mi-nhoto que andaua voamdo pello aar, e tomou-os com as hunhas e comé'-os<sup>3</sup> ambos.

Em aquesta hestoria este doutor rreprehende os homēes, os quaes com boas palauras e doçes, de querer fazer proll e homrra a sseu proximo, <e><sup>4</sup> emganosamente lhe<s><sup>5</sup> fazem maas obras, porque all dizem com as línguas e all teem nos sseus coraçōes.

E esto sse demostra per a rrāa, a quall dizia que queria passar o rrato, e tijnha no sseu coraçōem preposito de ho afoguar e matar, como dicto he em cima<sup>6</sup>.



<sup>1</sup> Leia-se *leguemos*.

<sup>2</sup> =vio-os. No ms. vios.

<sup>3</sup> =comeo-os. No ms. comeos.

<sup>4</sup> O e está de mais, posto que nos textos antigos o uso de e não seja sempre rigoroso. Foi aqui talvez escrito por influencia do e seguinte.

<sup>5</sup> Esperar-se-his lhe, por se referir a proximo; mas no espirito do auctor ou no do copista a ideia de homēes, que aparece no comēço do periodo, alternou com a de proximo, e o lhe foi referido a ella.

<sup>6</sup> No desenho á pena, illustrativo da fabula que acaba de se transcrever, lê-se adeante do bico da ave: *syyo vioviovio*, o que traduz a voz d'ella.

## IV. [O cão que cita o carneiro em juízo]

\* [Fl. 3-v.] \* [C]omta-sse que foy húa vez gram demamda amtre o cam e o carneyro.

E o cam fez qitar o carneyro per diamte o corregeador, e demandou-lhe que lhe desse certo trijguo que lhe emprestára; e o carneyro, que d'aquelo nom ssabia parte, neguou lh'o<sup>1</sup> com rrazom, e defendia-sse o melhor que podia, dizendo que lhe nom prestára cousa. O cam malicioso<sup>2</sup> pressemto testemunhas<sup>3</sup> per diante o dicto corregeador, as quaaes eram falsas e de maa fama, s. o minhoto, a abúter e o lobo. As quaaes testemunhas depois que forom examinadas, visto ho dizer dellas, foy dada a semtença contra ho carneyro, e foy-lhe mandado que paguasse a dicta ssoma do trijguo ao dicto cam.

E o carneyro, veendo que nom avia per hu paguar, mandaron-lhe que vemdesse a llāa. E assy o fez; e o frio era grande, e por mingua da lāa o carneyro morreo de frio. Depois que morreo, veo ho

\* [Fl. 4-r.] cam com as testemu\*nhas e comerom ho carneyro.

Em esta hestoria este doutor rreprehende os maaos, os quaaes pronam as mintiras com falsas testemunhas<sup>4</sup> e afoguam a verdade; e rreprehende ajnda o juiz, o quall nom he auisado de conhoçer as falsas testemunhas<sup>5</sup>, e dá ssua semtença falsamente. E pollo<sup>6</sup> cam sse entemde ho maaao homem, e pollo<sup>7</sup> carneyro ho boom e homildoso.

## V. [O cão e a posta de carne]

[C]omta-sse que húa vez hūu cam furtou húa posta de carne; e fugindo com ela passaua per húa pomte, e memtres que passaua, guardou na augua, e vio a ssoombra da carne que leuaua na boca, a

<sup>1</sup> No ms. *neguolho*. Tambem podia entender-se *negou-lh'o*; cf. *rugoulho* noutro passo.

<sup>2</sup> No ms. *maliçoso*. O til representa o i.

<sup>3</sup> & <sup>5</sup> No ms., ora *ts* com til (cfr. lat. *testis*, pl. *testes*), ora por extenso, como escrevo.

<sup>6</sup> <sup>7</sup> No ms. *pollo*, com *ll* cortados.

qual ssoombra parecia a elle que era duas<sup>1</sup> tamta carne que aquella que<sup>2</sup> elle leuaua na boca. E veemdo a ssoombra, deytou-sse na<sup>3</sup> augua, \* [Fl. 4-v.] cuydamdo tomar a outra carne, e abrio a boca; e abrimdo a boca pera tomar a ssoombra que lhe ssemelhaua carne, cayo-lhe a carne que leuaua na boca: e assy perdeo húa e a outra.

Em aquesta hestoria ho douctor rreprehende ha<sup>4</sup> aquelles que leixam as couças certas pellas jmcertas, e querem leixar as ssuas couças por cobijça de cobrar as alheas, assy como fez este cam, que leixou perder a carne que leuaua na boca, por cobrar a ssoombra que lhe parecia mayor.

VI. [O leão que vai com outros animaes à caça]

[C]omta-sse que húa vez estas animalias predictas<sup>5</sup> fezerom todas companhia com esta comdiçom: que todas juntamente fossem aa caça, e quanto filhasem, assy a gramde como a pequena<sup>6</sup>, partisem igualmente em tall guysa, que cada húu ounesse ssua derejta<sup>7</sup> parte. E forom a ssua caça, \* e a poucos passos o liom achou húu ceruo, e \* [Fl. 5 r.] como o vio, loguo o emcalçou, e filhou-ho e fez delle quatro partes, e disse:

—Eu mamdo que sse faça d'este ceruno assy: eu ssoo<sup>8</sup> herdeyro da primeyra parte, porque eu deuo de sser prymeyramente homrrado; a ssegunda parte deuo de auer, porque ho<sup>9</sup> filhey; a terceira parte deuo d' auer, porque filhey mayor afam<sup>10</sup> em ho tomar que nhúu de uós; a quarta parte quero pera mym,—e sse algúu de uós he que m'a queyra tolher, nom será meu amiguo.

E per esta guisa o leom ouue todo ho ceruo, e sseus parceiros nom ouuerom nhúu couasa.

<sup>1</sup> Isto é: *duas vezes tanta carne*.

<sup>2</sup> Depois de que está riscada a palavra *possta*.

<sup>3</sup> = a. Podia transcrever-se tambem: *haaquelettes*.

<sup>4</sup> O A. emprega a expressão *predictas*, porque no começo da fabula devia haver um título com uma estampa representativa da acção; e efectivamente no ms. ficou espaço em branco para isso. (Aqui a estampa devia ir no começo e não no fim, como na fabula iii; pois no fim não ha espaço).

<sup>5</sup> Subentende-se *caça*, palavra dita pouco antes.

<sup>6</sup> No ms. *djta*, com *r* sobre o *j*; na fab. ix por extenso *dereyto*.

<sup>7</sup> Talvez por *ssão*; cf. *ssoom* na fab. xi, e *som* (*ssom*) noutras.

<sup>8</sup> Refere-se ao cervo.

<sup>9</sup> No ms. lê-se melhor *afom* (não *afan*) que *afam*. Na fab. xli *afam* e *affam*.

Em aquesta hestoria este douctor rreprehende os homēes pequenos e de pequena comdiçom que tomam companhia com os grandes e poderosos, — e <sup>1</sup> porque ho homem poderoso pôde fazer força ao homem de pequena comdiçom, e nom lhe podem comtradizer: como fez o leom a sseus companheyros.

#### VII. [O casamento do ladrão e o do sol]

\* [Fl. 5-v.] \* [F]oy hūa vez hūu ladrom, e quys-sse casar com hūa molher: e de facto <sup>2</sup> casou-se com ella. E os vezinhos e amigos fezerom grande festa. Hūu homem ssabedor, o quall moraua em aquella rrua, chamou os vezinhos e disse-lhe este emxemplo:

— Hūa vez o ssoll quis tomar molher, e a terra queixou-sse muito ao deus Jouis, dizemdo-lhe que, sse o ssol tomasse outra molher, faria outros filhos, que sseriam ssolles e dariam tamta queenatura de ssy, que nhūa criatura nom poderia viuer em ella. E assy fará este ladrom: fará filhos, e fará-os ladrões assy como ssy. E ora teemos em elle hūu maaoo vezinho, e depois terremos muitos.

Em aquesta estoria este douctor <sup>3</sup> nos demostra que nos nom deuemos d'alegrar da bem auemturamça dos maaos homēes, os quaaes ssempre fazem mall; e nunca os deuemos de ajudar, porque quanto mais ajuda e bem lhe fazemos, mais poderio lhe damos de mall obrar: como fez este ladrom, que sse fazia poderoso de filhos pera poder myuto mais furtar.

#### VIII. [O lobo e a grua]

\* [Fl. 6-r.] \* [C]omta-sse que hūa vez hūn lobo avia <sup>4</sup> grande fame, e achou carniça que auia muitos ossos. E comendo com grande pressa da dicta carniça, atreucessou-se-lhe hūu osso na guardauamta, pella qual razom o lobo estaua em ponto de morte; e amdaua buscando phisico que lhe tirasse o osso, e achou a grua e rrogou-lhe aficadamente

<sup>1</sup> Isto é: *e isto*.

<sup>2</sup> No ms. *fēco*. Creio que deve transcrever-se *facto*, e não *facto*.

<sup>3</sup> No ms. *dōuctor*. Apesar do *u* e do *c*, ha ainda til (de certo por equivoco).

<sup>4</sup> Assim se lê no ms. por *auia*. Ha outras irregularidades semelhantes.

que lhe tirasse o dicto osso, prometemdo-lhe que, sse ho dësse ssaão, que lhe faria muyto alguo.

E a grua, ouvimdo sseu prometimento, prometeo de lhe dar ssaude e disse:

— Abre a boca.

E o llobo abrio a boca, e a grua lhe tirou o osso que trazia na guardamta trauessado. Depois a grua lhe rrogou que lhe dësse o que lhe prometera; e ho <sup>1</sup> lobo lhe disse:

\* [Fl. 6-v.]

— Eu fize a ty mayor graça que tu fezeste a mym, porque eu dey a vida a ty, ca eu te podera talhar ho collo com os meus demtes quando tu meteste a cabeça e o teu collo na minha boca, e nom te quys matar: sseja descomtamento do seruïço que tu me fezeste.

E per esta guysa ficou emguanada a grua.

Per esta hestoria ho douector nos demostra que nós nom deuemos d'ajudar os maaos <sup>2</sup> homées <sup>3</sup>, porque os maaos nom agradecem nem ssom conhoçementes do bom seruïço que lhe outrem faz, mais muytas vezes dam maaao grado a quem lhe faz bom seruïço. No emxemplo <sup>4</sup> diz que ha <sup>5</sup> emgratidõe sséca a fomte da piedade.

#### IX. [A cadella que pediu a casa a outra]

\* [C]omta-sse que húa cadella prenhe, queremdo parir e nom avemdo casa, disse a outra cadella, que era muyto ssua amigua, a quall tijnha húa fremosa casa:

— Rrogo-te, amigua, que me emprestes a tua casa ataa que eu payra meus fi[lhos] <sup>6</sup>.

A cadella rrespondedo que lh'a queria emprestar de boamente. E leuou haa <sup>7</sup> dicta cadella prenhe pera ssua casa, e leixou-lhe a casa ataa que parisse.

Esta cadella prenhe pario e fez sseus filhos. E d'hi a huu certo tempo tornou a cadella cuja era a casa, e rrogou aa outra cadella que lhe desembargasse ssua casa. E a cadella muyto hirosa ssayo fora com sseus filhos; <sup>8</sup> compeçarom a dizer muytas maas palauras e morrer todos na cadella, dizendo:

— Falsa rribalda, nom ssabemos que dizes, ca esta casa he nossa.

<sup>1</sup> Na 1.<sup>a</sup> linha da fl. 6 v. repete-se: e o.

<sup>2</sup> No ms. maaos.

<sup>3</sup> No ms. homées por homées. A palavra está em fim de linha.

<sup>4</sup> No ms. exº (por êxº), perto do fim da linha.

<sup>5</sup> = a (artigo).

<sup>6</sup> O que ponho entre colchetes está delido no manuscrito.

<sup>7</sup> = aa (preposição e artigo).

<sup>8</sup> Aqui falta talvez e. Por compeçarom o ms. tem compearom.

E veemdo a cadella que sse nom pudia defemder da madre e dos filhos, fugio e leixou-lhe a casa.

Em aquesta hestoria ho douctor nos dá emsinamento e diz que nós nom deuemos creer aquelles que nos querem emguanar com falsas e doçes palauras. Ca muitas vezes acomteçe que muitos homēes no mundo ssom emguanados com emguanos de palanras doçes. E esto sse entemde d'aqueles que húa palanra dizem pella boca, e outra teem no coraçom <sup>1</sup>.

#### X. [O villão que recolhe a serpente]

\* [Fl. 7-v.] \* [C]omta-sse que no tempo do jmuerno húa sserpente muy fremosa jazia arriba d'húa auga corremente, e jazia tamto fria com o rre-gelado, que nom ssabia de ssy parte. E hún villaõo, passando per o dicto rrubreyro, vio a dicta serpente muyto fremosa com muitas diuer-sas colores, e ouue doo d'ella, porque ha via assy morta de frio, e tomou-ha e meteo-ha no seo. E leuou-ha a ssua casa, e mandon fazer muy gramde foguo, e tirou ha serpente do seo e posse-ha aacerqua d'elle, e aqueemtaua-a o melhor que elle podia; e quando a serpente foy bem queemte, vio-sse poderosa e leuamton-sse em pee comtra ho villaõo, deytamdo comtra elle peçonha pella boca, e queria<sup>2</sup>-ho mor-der. E o villaõo, veemdo esto, fez quanto pode ataa que a lamçou fora de casa com gram t[r]abalho <sup>3</sup>.

\* [Fl. 8-r.] \* Em aquesta estoria o doctor nos emsina que nom deuemos aju-dar os maaos <sup>4</sup> homēes quamdo os veemos em algūus prijgos <sup>5</sup>, por-que, sse algūu bem lhe fazemos, ssempre d'elles aueremos maaos me-reçimentos, como fez esta coobra, que deu maaos gualdom àquel <sup>6</sup> que a liurou do prijgo <sup>7</sup> da morte.

#### XI. [O asno e o porco]

[C]omta-sse que húa vez hūu asno encontrou com hūu porco mon-tês, e ssaudamndo-o disse com boo <sup>8</sup> coraçom:

<sup>1</sup> No ms. *coracom*.

<sup>2</sup> No ms. *q̄ria*.

<sup>3</sup> No ms. *tábalho*, sem sinal algum de abreviatura.

<sup>4</sup> No ms. *māaos*.

<sup>5</sup> No ms. *prijgos* com *r* sobre o *p*. Por extenso *prijguoo* na fab. **XLVI**.

<sup>6</sup> No ms. *aquell* (= *aaquell*).

<sup>7</sup> No ms. *priego*, com *r* sobre o *p*. Cfr. nota 5.

<sup>8</sup> No ms. alterna *boo* (e *boos*) com *bōo* e *bom*.

— Deus te ssalue, senhor porco. Compre-te de mym algūu serniço?  
Eu prestes ssoom pera vosso mAMDado.

E o porco rreqebeo as doçes palauras por emjuria, e ameaçamdo  
com a cabeça, disse:

— Quem<sup>1</sup> es tu, vilāao, que ás tamta audaçia que me ssandas?  
Se nom fosse porque<sup>2</sup> nom quero luxar o meu fremoso demte na tua  
vil<sup>3</sup> persoa, eu te adubarria como tu mereçes!

\* [F. 8-v.]

E o asno, ouuindo estas palauras, partio-sse com gram temor.

Em aqesta hestoria ho autor nos emsina que nos nom deuemos  
de assanhar d'algūa cousa que nos sseia dicta por bem e por fol-  
gamça. E ajmda nos emsina mais que, sse nos algem ssauda, que nos  
nom assanhemos<sup>4</sup>, postoque a persoa proue sseja, e que nom despre-  
çemos os proues, porque dho<sup>5</sup> rrico ao proue ha gram comparaçom:  
ca ho rrico muitas vezes escarneçe ao proue, e nom dá graças a  
Deus da mercê que lhe Deus fez.

## XII. [O rato da cidade e o da aldeia]

[C]omta-sse que húa vez hūu rrato que moraua em húa cidade,  
amndo a húa aldea onde moraua outro rrato sseu amiguo, quando  
este rrato da cidade chegou aa aldea onde moraua, este rrato sseu  
amigo ouue com elle gramde prazer, e dey-lhe a comer fauas e  
trijguo e eruanços<sup>6</sup> com outros mamjares.

\* [Fl. 9-r.]

E depois que assaz comerom, o rrato da cidade den muitas gra-  
ças ao rrato da aldea, de quamta cortesia lhe fezera, e rrogou-lhe que  
viesse aa cidade<sup>7</sup> com elle aa casa onde moraua, que aly lhe emtem-  
dyá de dar muitas delicadas higuarias. Tamto o rrogou, que o dicto  
rrato sse ueo com ell aa cidade.

E leuou-ho a húa cozinha onde elle moraua, na qual avia mu-  
tas gallinhas<sup>8</sup> e carne de porco, com outros boos comeres; e rrogou-  
lhe que comesse aa sua vomtade. E estando elles assy comendo sse-  
guros a sseu talamte, chegou o cozinheiro<sup>9</sup> e abrio<sup>10</sup> a porta da co-

<sup>1</sup> A seguir está *es* riscado.

<sup>2</sup> No ms. repete-se *porque* por engano.

<sup>3</sup> Parte d'esta palavra está sobre letras riscadas de *despreçemos*.

<sup>4</sup> = do. Primeiramente escreveu-se *ho*; depois d por cima, à esquerda.

<sup>5</sup> A pagina começa por *E eruanços*, apesar de na antecedente já estar *e er-*.

<sup>6</sup> No ms. *cidade*.

<sup>7</sup> No ms. *g'ss*.

<sup>8</sup> No texto por *lapso conhoinheyro* (cf. *cozinheyro* infra). Infl. de *conhocer* e  
do *nh* seguinte.

<sup>9</sup> Depois de *abrio* ha uma letra riscada.

zinha; e o rrato da çidade, que ssabia o custume da casa, fugio loguo, e ho outro rrato, porque nom ssabia o custume, ficou. E o cozinheyro, amdando em pos ell com hūu paaoo na maão<sup>1</sup> pera o matar, feri'-o<sup>2</sup> muy mall; empero fugio-lhe, e partio-sse muy mall ferido.

E o rrato da çidade, veemdo-o, chamou-ho, que outra vez viesse<sup>3</sup> a comer com elle, e nom ouuesse<sup>4</sup> medo; e o outro rrato lhe respondeo:

—Amigo meu, ora fosse eu jajuum<sup>5</sup> do comvite que me fezeste!

\*[Fl. 9-v.] A mym praz mais de comer trijguo, fauas e heruamços em paz, que gallinhas<sup>6</sup> e capõoes com temor e prijguo de morte.<sup>7</sup> A paz, a quall eu ssempr tenho comiguo, me faz a mym os meus comeres sseerem delicados. E porem teus comeres guarda-os pera ty, ca eu me contemto do que hey.

E, as palauras dictas, partirom-sse.

Em aquesta estoria o doctor louua a proveza, e diz que quando a probeza sse toma com alegria de coraçom, nom sse deue chamar probeza, mas rriqueza, porque a probeza he a mays ssegura cousa que no mundo ssea; que melhor he a proveza que a rriqueza, a qual rriqueza ssempr faz viuer o homem com gram temor: e o probe que sse contenta da ssua proveza mais rrico he<sup>7</sup> que ho rrico que nom sse contemta, mais ssempr e numca he farto.

### XIII. [A aguia que arrebata o filho da raposa]

\*[Fl. 10-r.] \* [C]omta-sse que húa vez a aguia, andamdo buscando caça pera sseus filhos, achou os filhos da rraposa, e tomou-hos e leuou-hos a hūu ninho hu estauam sseus filhos, e queria-hos matar e dar-lhos a comer.

Em esto estamdo, chegou a rraposa ao pee da aruor onde a aguya tijnha sseus filhos, e rogava com doçes palauras que lhe desse<sup>8</sup> sseus filhos; e a aguya lhe rrespondeo que lh'os nom queria dar.

<sup>1</sup> No ms. *maao*.

<sup>2</sup> = *ferio-o*. No ms. *ferio*.

<sup>3</sup> No ms. lê-se *viessem* com todas as letras, mas deve ser *viesse*, como se mostra do *ouuesse* da oração seguinte. O -m resultou da influencia da ideia de «dois ratos» que estava na mente de quem escreveu.

<sup>4</sup> No ms. *ouuvesse*.

<sup>5</sup> Assim está, e não *jajūu*, como seria de esperar.

<sup>6</sup> No ms. *g's*.

<sup>7</sup> Depois de *que* ha uma letra riscada.

<sup>8</sup> Quem escreveu pôs por equívoco *dessem*, pensando talvez na aguia e nos filhos, mas vê-se da sequencia das ideias que o sujeito da oração é só *aguia*.

E a rraposa, como he muyto maleciosa, carreton muyta lenha e palha e estopa, e pô-la d'arredor da aruor domde a aguya tijnha sseus filhos, e foy por hūu tiçom e açemdeo o foguo e fez tam grande fugeyra que os filhos d'aguia<sup>1</sup> estanam em ponto de morte; e a aguya começou a rroguar e a braadar aa rraposa que nom fezesse mays foguo e que lhe queria dar sseus filhos. E per esta guisa a rraposa cobrou sseus filhos.

Em esta estoria o douctor dá emsinamemto<sup>2</sup> aos gramdes homens que nom ssejam em todo crucuees, ca os pequenos homens de pequena comdiçom podem mytas vezes enpeeçer aos gramdes, e sse lhe nom poderem enpeeçer, lhe podem fazer proueyto.

#### XIV. [A aguia e o cágado]

\* [C]omta-sse que hūa vez hūa aguya lenaua hūu cágado, com \*[Fl.10-v.] os pees, no haar, e nom ssabia como o comesse. E assy estamdo, ssaltou peramte ella hūa gralha e disse aa dita aguia:

—Queres que te dê hūu bom comsselho? Aleuamta-te bem em cima no aar e abre as hunhas e leixa cayr esse cágado: e cairá em terra, e quebramtar-sse-ha, e emtom o poderás comer, ca he myy ssaboroso de comer.

E a aguia feze-o assy. E pella limguoa da gralha morreo ho cágado.

Em aquesta hestoria o doutor ameestra os homens, que deuem temperar ssuas linguoas, e nom as deuem teer ssem freo, pollas quaaes pôde proçeder dapno e escamdao a sseu proximo, porque da limguoa que nom he temperada sse sseguem arroydos e mortes de homens e outros jmfijmdos males. E hūu proberbio diz:

A limguoa nom ha osso,  
Mais rrompe o dosso.

#### XV. [O corvo e a aguia]

\* [F]oy hūa vez hūu coruo que estaua em cima de hūa aruor, e \*[Fl.11-r.] tijnha hūu pedaço de queyjo na boca pera comer. E em esto estamdo,

<sup>1</sup> = da aguia.

<sup>2</sup> Aqui está que riscado; o escriba pô-lo por engano, em virtude do que seguinte.

chegou per hi a rraposa, e vio que o coruo tijnha o queyjo na boca, e começou-ho muyto de louuar, e dizia:

— Ho coruo, tu es húa fremosa aue, — branco e nobre! Sse tu ouuesses assy fremosa voz como tu has as ssimilidões do teu corpo, tu serias a mays fremosa ave do mundo! Rogo-te, ó amygno, que camtes hūn pouco, ca muyto cobijo de te ouuyr camtar...

E o coruo, ouvindo ssuas palauras, começou de camtar; e cayo-lhe o queyjo da boca. E a rraposa o filhou muy asinha, e comê-o<sup>1</sup>, e escarneçemdo do coruo, dizia-lhe que era velhaco, e astrosa aue, e negro, e que o sseu camtar era muyto peor. Pola qual rrazom o coruo foy muyto nojoso polo escarnho que a rraposa d'elle fazia.

Em aquesta estoria o doctor nos emsina que nós nom deuemos creer pollas palauras meyguas, porque muitas vezes emganom os homées, e os homées quedam em vergomça, ca:

Muytas vezes o mell  
Sse mistura com ffell.

#### XVL [O leão velho, o asno, o touro e o porco]

\*[Fl. 11-v.] \* [C]omta-sse que hūn leom era tam velho que sse nom podia mouer; e emcomtrou com hūn asno e com hūn touro e com hūn porco. Veendo estes que o leom per velhiça nom sse podia<sup>2</sup> mouer, diserom amtre ssy:

— Ora he tempo que filhemos vimguamça d'este treedor, que matou nossos paremtes e fez [a] muitos mal<sup>3</sup>.

E ho asno lhe deu doux couçes, e o porco com os dentes e o touro com os cornos. E o leom choraua e bradaua, dizendo:

— Tempo fuy que eu vemcia todas as alimalias! E ora todalas animalias vemcem a mym! E eu perdoey a muitos, e estes nom perdoam a mym!

Per esta guisa o leom ficou choramdo.

Em aquesta hestoria o doctor diz que nas nosas bem avemturancas deuemos fazer muyto pera avermos amiguos e nom jmijgos, ca

\*[Fl. 12-r.] os<sup>\*</sup> boos amiguos ajudam os homées nas ssuas pressas, e os emiigos

<sup>1</sup> = comeo-o. No ms. *comeo*.

<sup>2</sup> Aqui está *m* riscado, pois se tinha escrito antes *podiam*.

<sup>3</sup> No ms.: *fez muitos mal*.

fazem todo polo contrayro. Ajmda diz que o homem nom deue fazer a outrem aquello que nom queria que fosse feito a elle.

#### XVII. [O branchete, o seu senhor e o asno]

[C]omta-sse que foy hūu senhor que tijnha hūu bramchete muy tremoso, com o qual muitas vezes brincava; e o bramchete o mordia com a boca e o arranhava com as maños, como fazem os cāaes quando trebelham com sseu senhor. E hūu asno, veendo que trebelhauam assy por muitas vezes, cuydou em sseu coraçom e disse:

— Eu todo o dia trabalho, e este meu senhor ssempre me mal diz e fere-me! Per vembra o faz porque nom trebelho com elle, como faz este bramchete. Quero veer \*se he assy.

E loguo começo de ssaltar amte sseu ssenhor e lamçou-lhe os braços no pescoço e começo de o abraçar e morder com os demtes; e o ssenhor começo de braadar, e os sseus seruyidores veerom a elle com paaos e derom tamtas paamcadas ao asno que o fezerom fugir com gramde sseu dapno.

\*[Fl. 12-v.]

Em esta hestoria o doutor emssina aaquelles que nom ssom promtos a fazer as cousas e trabalham-sse de as fazer: que o homēm nom sse deue de trabalhar da causa de que nom he mestre, ca sse o faz, mais asinha pode cayr em vergomça ca em homrra. E diz que ho ssamdeo cuya<sup>1</sup> de fazer muitas vezes bem e faz mall. Ajmda diz que o ssamdeu faz muitas ssamdictes, escarneçendo de ssy pera fazer prazer a outrem.

#### XVIII. [O calvo e a mosca]

\* [P]om este doutor em exemplo, e diz que hūu velho estaua ao \*[Fl. 13 r.] ssoll com a cabeça<sup>2</sup> calua e descoberta, e hūa mosca o mordia na calua; e quando o uelho queria dar na mosca, dava na calua. E a mosca tornaua a morder o uelho na calua, e o caluo ssempre dava em ssy com a māao e nom podia dar na mosca. E assy fez pe[r]<sup>3</sup> muitas uezes. O uelho lhe disse:

— Tu cuydas a brincar comigo, e escarneçes de mym quando eu dou com a minha māao na calua! Eu te diguo que por dar dez

<sup>1</sup> Ha aqui um borrão ou mancha no ms.; mas vê-se ainda parte do y.

<sup>2</sup> No ms. *cabeça*.

<sup>3</sup> No ms. *pe* (esqueceu cortar o *p*).

uezes na mynha calua nom me dá nada, ca me nom dooe; mays sse húa nez te der, tu morrerás: pero aue ssiso e farás de tua proll.

A mosca ouue medo e partio-sse do uelho.

Per este emxemplo este doutor nos amostra que a emjuria e uergonça nom he d'aquell que a rreçbe, mays he d'àquelle que a faz, e nhúu nom deue brincar com alguem ssem ssua voontade, ca rrazom mostra que rreçeba mal aquell que com outrem quer trebelhar comtra sseu talamte, pois o trebelho nom lhe praz.

#### XIX. [A raposa e a cegonha]

\*[Fl.13-v.] \* [P]om este poeta doutor emxemplo, e diz que húa rraposa convidou a çegonha que jamtasse com ella; e a çegonha rreçbeo o comvite. E quando forō asseentados na mesa, a rraposa meteo a vianda em húu vaxelo muy largo: e este comer era muy augaçento, e a çegonha o nom podia tomar co'o bico, porque o tem longuo, e a rraposa lanbia todo com a linguoa, e por fazer escarnho convidaua a çegonha que comeze, e a çegonha avia gram pesar, porque avia fame, e auia vergonça, porque scarneçiam d'ella. Depois que acabaron sseu jantar, a çegonha fingio que nom entendia o escarnho que lhe fezera a rraposa, mays deu-lhe muitas graças do jamtar que lhe dera.

D'aly a poucos dias ha çegonha comvidou a rraposa pera jantar com ella, e aa rraposa proue muito. E quando forom asseentados na mesa, a çegonha pos a viamda em húa grande rredoma. A çegonha meteo o bico e o collo dentro, e comia e dizia aa rraposa:

— Amigua, comedo<sup>1</sup>. Vedes que nobre viamda esta he!

A rraposa queria meter a cabeça dentro e nom podia e andaua lambendo d'arredor; e lanbendo nom lhe prestaua nada e tomava gram nojo. E partio-sse com vergonça.

\*[Fl. 14-r.] \* Per este emxemplo este doutor nos amoesta que os homées nom deuem a fazer a outrem o que elles nom queriam que a elles fezessem, mays deuem-sse trabalhar de fazer seruiço e prazer a toda jemte, assy aos estranhos como aos amigos, ca muitas vezes de pequeno seruiço rreçbe o homem boo gualardom. E pero diz húu emxemplo:

A todo homem servirás;  
A quem errares, d'ell te guardará<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> No ms., por engano, *comedo*.

<sup>2</sup> No ms. *gdaras*, com til sobre as primeiras tres letras. Cfr. por extenso *guarda-te e guardemos* na fab. xxiii.

## XX. [O lobo e a cabeça de homem morto]

[P]om éste poeta emxemplo e diz que hūu lobo amdando sseu caminho achou húa cabeça de <sup>1</sup> homem morto; e este lobo compeçou-a a rrueular com os pees. Falando dizia:

— Á boca ssem voz! á cabeça ssem emtendimento <sup>2</sup>! E vejo bem que quando <sup>3</sup> desfaleça a alma tremosa e preçiosa, loguo o corpo perde <sup>\*[Fl. 14-v]</sup> ssua virtude e tremusura, pero que a tremusura da alma he aquella que afremosenta o corpo: e como a alma desfaleça, o corpo sse torna no elamento da terra de que foy criado.

Per este emxemplo este doutor nos amostra que as cousas d'este mundo nom ssom estauées, e os homées que em este mundo poem ssua sperança ficam emganados, ca a nyda d'este mundo nom he durayll <sup>3</sup>, porque oje ssomos viuos e cras mortos: ssolamente a alma do homem he aquella que he durayll <sup>4</sup>, porque nom pôde morrer, ca he fecta <sup>5</sup> aa ssimildom de Deus <sup>6</sup>. E a alma he aquella que afremosenta o corpo; e quando sse parte, fica o corpo terra. Assy como he a alma rracionaül <sup>7</sup> que rreigna no homem, assy he da alma vegetatiua que rreigna nas eruas e nas aruores, que tamto estam em ssua froll quanto tem a alma em ssy; e depojs que perdem a alma, ficam nada e tornam-sse em terra.

## XXI. [O corvo enfeitado com as pennas do pavão]

\* [P]om este poeta e diz este emxemplo: que as aues fezerom <sup>\*[Fl. 15-r.]</sup> grande homrra aos pâaos por a tremosura d'elles. Ho coruo, veemdo esto, ouue gram pesar e emveja, e foy-sse a buscar e achou muitas pennas de pâaos e vistio-sse muy bem d'ellas e meteo-sse em compa-nhia dos outros pâaos muy ssaborosamente. Os pâaos, veemdo ha ma-lícia do coruo, tomarom-no amtre ssy, fazendo-lhe muyto mall e de-penarom-no todo. Ell depenado partio-sse, e os outros coruos scarne-ciam d'ell, porque o viam tam mall trautado.

<sup>1</sup> No ms. *do* (i. é d'*<o> homē*).

<sup>2</sup> *ā=eah!*.

<sup>3 4</sup> No ms. *duraüll*. Vid. fab. II, nota 1.

<sup>5</sup> No ms. *fcta* ou *feca*, com til por cima.

<sup>6</sup> No ms. *Ds.* com o *s* prolongado em forma de curva; mas *Deus* por extenso na fab. xl.

<sup>7</sup> No ms. *rracionaül*. Vid. porém fab. II, nota 1.

Per este emxemplo o doutor nos amostra que nos nom aleuantemos mays alto que o que nos compre, porque aquelles que em alto querem ssobir, mays que o que lhes compre, muitas vezes caem em terra e nom sse podem leuamtar. E diz que o cayr he consa ligeyra, mays o leuamtar he mays graue. E cada hūu deue estar cōtente da merçee que lhe Deus faz, e nos nom deuemos de tremeter das cousas que nos podem tornar em vergonça e dapno, como fez o coruo.

### XXII. [O azemel, a mosca e a mula]

\*[Fl.15-v.] \* [P]om este poeta exemplo e diz que hūu azemell fazia correr húa mua. E húa mosca mordia esta mua e dizia-lhe:

—Corre ligeiramente, astrosa, ca eu ssom aquella que te punguo e faço nojo contra tua vōotade.

A mua lhe respondeo cortesamente:

—Tu falas altamente, como sse tu fosses muy poderosa! Ca eu nom temo ty, mays temo este azemell que me atormenta e faz em mym quanto mall quer.

Per este emxemplo o doutor nos amoesta e diz que o homem de vill comdiçom nom ha audaçia de falar contra o poderoso. E esto proçede de vileza de coraçom, ca o coraçom uill he aquell que faz homem sseer pera pouco.

### XXIII. [A formiga e a mosca]

\*[Fl.16-r.] \* [P]om este poeta emxemplo, e diz que a mosca achou húa<sup>1</sup> formiga, e conpeçou<sup>2</sup>-ha a desonrrar de maas palauras, dizendo:

—Tu, formiga mizquinha, ssempre moras nas couas da terra, e eu<sup>3</sup> moro<sup>4</sup> nas nobres moradas onde me praz; tu nom comes ssemnom trijguo, e eu como uiandas nobres, e como nas mesas dos rreis e dos senhores; tu bebes augua na terra, e eu bebo com taças e copas d'ouro preciosas; tu andas com os pees na lama, e eu amdo pellos rrostros dos rreys e dos senhores, e como e bebo na camara dos rreys e dos ssenhores: e rreyñas e domzellás nom sse podem de mym defender, pero que, quando he meu talante, no sseu rrosto alimpó<sup>5</sup> os meus pees. Mas como ja te disse, tu es estrosa cousa: pero guarda-te de my d'aqui adiante em<sup>6</sup> nom participar comigo.

<sup>1</sup> No ms. *hua*.

<sup>2</sup> No ms. *conpeçou*.

<sup>3</sup> No ms. *mora*.

<sup>4</sup> No ms. *alimpa*.

<sup>5</sup> No ms. *e*, por *é*.

A formigua escuytou muy bem, e depois que a mosca disse sseu sermom, lhe rrespondeo com palauras escatimosas e disse:

— Tu, mosca uelha, ca me dizes que eu moro nas couas da terra, assy he uerdade como tu dizes: mais eu te diguo que as tuas velhacas allas numca ham rreponso; e eu me comtentoo de pouco trijgo, e tu nom te comtentas de muitas<sup>1</sup> cousas; ha<sup>2</sup> minha pequena coua sse alegra comigo, mas as casas dos rreis e ssenhores sse anojam comigo; eu me comtentoo mays do meu grão que tu nom te comtentas das rriuezas dos rreis; e o trijguo que eu como, guanço-o per meu trabalho, e tu furtas o que comes; eu como o meu trijguo em paz, tu comes o teu com temor; eu como o meu trijguo limpamente, e tu comes o teu lixosamente; eu nom faço nojo a nhūa persoaa, mais toda jemte sse anoja contigo; da minha viuemda todos tomam boo emxemplo, e tu dás de ty enxemplo lixosso e maaoo; tu deseias viuer per<sup>3</sup> comer, e eu deseio comer por<sup>4</sup> viuer; nhūa persoaa nom dá a mym molesta, mas toda gemte te lamça de ssy com nojo que de ty ham; tu cuidas ssenpre no comer, e por ello perdes a uida, e quando cuydas beber boo uinho, bebes a peçonha e a morte, e sse as tuas aas nom ssom bem prestes pera fugir quando o abanador te dá, leixas-te cayr morta, e sse per auentura scapas o uerāao, do jmverno nom podes escapar que nom mouras. E por tanto está muda, astrosa fedeme, ca te nom compre muyto fallar.

\*[Fl. 16-v.]

Per este emxemplo este poeta nos dá ensinamento que nos guardemos de dizer palauras enjuriosas a nhūa persoaa, porque sse o homem diz a alguem palauras enjuriosas, convem que palauras enjuriosas rreçeba; e as palauras emjuriosas fazem o homem mudar do boo emtemdimento; \* e das maas palauras proçedem mortes d'omēes, e \*[Fl. 17-r.] das maas palauras proçedem arroidos, batalhas e outros muytos males.

#### XXIV. [O lobo que accusa a raposa perante o bogio]

[P]om este poeta emxemplo e diz que o lobo acusou a rraposa d'auamte o bogio: que lhe deuia muytos dinheiros<sup>5</sup>. A rraposa sse escusaua quanto podia. Veemdo o bogio a escusa da rraposa, conhoçeo que o lobo a demamdaa e acusaua ssem rrazom, e disse ao lobo:

— Tu demandas o que nom deues contra rrazom, e tu mereçes pena.

<sup>1</sup> No ms. estava *poucas* que foi riscado, escrevendo-se por cima *muitas*

<sup>2</sup> = a.

<sup>3</sup> No ms. *pr*, com *p* cortado.

<sup>4</sup> No ms. assim por extenso.

<sup>5</sup> No ms. está em breve: *drr̄os*, com *rr* (por *jr̄*).

Ho lobo sse partio confuso, e o bugio começou a olhar a rraposa  
e escusá-la, dizendo que era jnocente do que ho lobo a acusava.

\*[Fl. 17-v.] \* Per este emxemplo este poeta rreprehende aquelles que demandam algúia cousa a sseu proximo contra rrazom. E diz que aqueles que ssom compridos de maliciias, e husam ssempre em ellas, nom as podem de ssy tirar; e aquell que he husciro e<sup>1</sup> a fazer e uiuer com emganos, ssempre deseja d'enganar aquell que pôde; e quando emgana algem, todo sse gloria no sseu maao fazer.

#### XXV. [A doninha e o homem]

[P]om este doutor emxemplo e diz que húa donezinha fazia gram dapno em casa de hūu homem bōo. Este homem lhe armou hūu laço e tomou-ha. A donezinha, ueendo-sse em pressa, rrogaua ao homem que lhe nom fezesse mall, e prometia-lhe de guardar bem toda ssua casa, que os rratos nom lhe fezessem dapno.

\*[Fl. 18-r.] Ho ho<sup>2</sup>mem<sup>3</sup> lhe rrespondio e disse:  
— Tu, toda maa maliciosa, ssempre dizes doçes palauras e<sup>4</sup> fazes quamto mall podes; quando tu me podias fazer bem, nom m'o quiseste fazer, e fazias comtrayro. Mas sse os rratos me faziam dapno d'húa parte, tu m'o fazias da outra muyto peor: e em fazendo mall, engordaste com grande mjnhha perda. Pero morrerás, e sserey sseguro de ty.  
E dictas<sup>5</sup> as palauras, matou-ha.

Pom este poeta este emxemplo e diz que o seruiço que sse faz de uoomtade, aquelle he bem facto<sup>6</sup>. E o sseruiço que sse faz per força, nunca he bem facto<sup>6</sup>. Ssolamente a boa voomtade he aquella que adorna o boo seruiço; e nom sse deue tanto d'esguardar ao proueyto do seruiço, quanto sse deue louuar a boa emtençom d'aquell que o faz.

<sup>1</sup> Este e, comquanto em certo modo pudésse justificar-se syntacticamente, talvez porém aqui seja de mais, por influencia do e que vem adeante.

<sup>2</sup> No começo da fl. 18 repete-se o ho- da antecedente; a linha começa pois por homem.

<sup>3</sup> O ms. tem a por e. Comquanto em português se possa encontrar em certos casos a <> e, não hesitei em fazer neste caso a substituição.

<sup>4 5 6</sup> Com a abreviatura costumada.

## XXVI. [A rrā e o boy]

\* [P]om emxemplo este doutor e diz que hū boy, amdando a ber, pose o pee em cima de hū filho d'hūa rrāa. E a rrāa, veendo esto, assanhou-sse muyto: concepou-sse muyto fortemente de jmchar, e queria-sse fazer tam grande como era o boy, pera sse matar com ell. O filho lhe disse:

— Madre, nom faças<sup>1</sup>, ca tu es muy pequena cousa a rrespeyto d'este boy.

A rrāa, polo gram pesar que auia, outra vez muyto mays concepou de jmchar. O filho a rreprehendia, dizendo:

— Madre, nom te esforges de te jmchar tanto, ca poderias arrebentar; e ajmda que te jnches quanto poderes, nunca serás tamanha como o boy.

A terceira vez a rrāa sse jmchou tamto, que arrebemtou pollo uemtre e morreo.

Pom este poeta emxemplo e diz que o homem que he pequeno e de pequena condicōm nom se deue d'esforçar e querer sseer grande em factos<sup>2</sup> e em palauras, mays deue temperar o sseu coraçom, ssegundo sseu estado rrequere. E a pequena força nom sse deue comtestar com a grande: e sse o faz, he mingua de emtemdimemto. Por a quall rrazom boos homēes<sup>3</sup> caem em grandes vergonças e dapnos.

## XXVII. [O leão e o pastor que lhe tira do pé uma espinha]

\* [P]om emxemplo este doutor e diz que, amdando hū-lleom sseu camynho, entrou-lhe hūa espinha no pee; e este liom, amdando muy tribulado com esta espinha pella mata, encontrou-sse com hū pastor que guardaua guaado. Ho pastor ouue gram medo quando vyo o lleom, e tomou hū carneiro e pose-o d'auante o lleom: ho lleom nom lh'o quys tomar, e mostraua-lhe ho pee onde tijnha a espinha, e rrogaua ao pastor que lh'a tirasse. E o pastor tomou hūa ssouella, e tirou-lhe a espinha e muyto urmu que ja trazia. Ho leom lanbia a māao a este pastor.

Depoys que o lleam sse ssentio ssāao, ssenpre o acompanhou; e quando avia talamte de comer, amdaua a caçar das alimarias aa ssilua; e como auia sseu mantimento, tornaua-sse ao pastor. Em tall guysa

<sup>1</sup> I. é: *nom faças esto.*

<sup>2</sup> Com a abreviatura do costume.

<sup>3</sup> No ms. *homees*.

Ihe guardaua sseu gaado, que llobo nem outra anymalia nom lhe fazia dapno; e com todo esto o leom escpreueo<sup>1</sup> muy bem no sseu coraçom o seruigo que lhe o pastor fezera.

E d'ende a poucos dias ffoy tomado aquele liom em hūu laço e foy posto em Rroma com outros liões. D'aly a certo tempo o pastor fez hūu maleficio; e mandou a justiça que o metessem com os liões, \* [Fl. 19-v.] que o matassem: e ffoy posto amtre elles. \* O leam a que ell tirára a espinha ho conhoçeo e chegou-sse a elle e andaua-o lanbendo e defendia-o dos outros lleões que lhe nom fezessem mal. Veemdo os senadores<sup>2</sup> esta maravilha, forom muyto espantados, e por esto perdoaram a morte ao pastor.

Em este emxemplo este poeta nos dá emssinamento que per pequeno nem gram tempo nom nos deuem d'esquecer os seruiços rreçeydos, mays ssenpre os deuemos teer no coraçom e dar bom guardom aaquelles que nos boos seruiços fezerom. Mas aquell que boo he, assy fiaz; o que maaó he, depoys que rreçeba o seruiço, nom sse quer lenbrar d'aquell de que<sup>3</sup> rreçebio boas obras. Mas o leom, porque he nobre, lenbrou-sse da boa obra que lhe o pastor fezera, e deu-lhe boo galardom.

#### XXVIII. [O cavallo e o leão que se fingia medico]

\* [Fl. 20-r.] \* [P]om exemplo este poeta e diz que hūu cauallo amdaua em hūu prado a pascer, e ueo hūu lleom e disse ao cavalo:

— Porque comes essa herua?

O cavalo lhe disse que a comia por meeziña, ca era muyto doencte.

E o leom lhe disse:

— Irmāao, ssabe por certo que eu ssom gram phisico: pero leixa-me tocar teu pulsso e darey-te meeziña, que loguo sserás ssāao.

O cavalo conheçeo que o leom dizia esto maliciosamente pera o matar, e cuidou em sseu coraçom<sup>4</sup> outra malicia e disse:

— Mestre amiguo, eu traguo hūa espinha no pee: rroguo-te que m'a tires.

O leom acostou-sse ao cauallo por de tras pera ueer a espinha, e o cauallo lhe deu hūu par de couçes na cabeça que o deytou em terra

<sup>1</sup> O ms. tem *escpreueo* com sinal de abreviatura sobre o *p*. Tambem poderia transcrever-se *escrpeueo*.

<sup>2</sup> No ms. *Sors*. Creio que não é *senhores*.

<sup>3</sup> Aqui está riscada a palavra *o*.

<sup>4</sup> No ms. *coracom*.

quasy morto. Entrementes que o<sup>1</sup> leom assy jazia, o cauallo fugio pera casa de sseu senhor, e o leom acordou e achou-sse escarnido.

Per este emxemplo o ssabedor poeta nos amostra que nos [nom]<sup>2</sup> devemos fazer aquelles que nom ssomos, mas denemos<sup>3</sup> dizer a verda-de, quem nós ssomos, porque em dizendo a uerdade o homem nom pôde sser rreprehendido, e dizendo a mentira pôde auer vergonça e maa fama.

### XXIX. [O asno e o cauallo loução]

\* [E]m este emxenplo o poeta diz, dando a nós enxemopl, e \*[Fl. 20-v.] comta que hūn asno andaua per hūn camynho estreyto carreguado, e encontrou com hūn cauallo muy tremoso, o quall andaua louçao, por-que trazia muy tremoso freo, ssella, rretrancas e peytorall.

O asno disse ao cauallo:

— Senhor, Deus te mantenha!

O cauallo com grande ssoberba conpeçou a dizer muyta vilania ao asno, dizendo:

— Ó astroso uilāo, como ás tu tanto ardir de fallar e de te parares no camynho per omde ey-d'amar? Tu cada dia carretas vinho e lenha e outras couzas lixosas em cima dos teus lonbos, e trazes al-barda: e en trago o meu senhor honrradamente em cima de mym, e traguo sella dourada, freo, rretrancas<sup>4</sup> muy preçadas. Eu te diguo que, sse nom ffosse que eu nom quero em ty luxar os meus couçes, que eu te faria que \* nunca ouuesses ardimento de fallar a tam nobre cauallo \*[Fl. 21-r.] como eu ssom! Vay, e nom te ueja eu ways passar per omde eu es-teuer!

Ho asno nom ousaua de falar, e partio-sse com vergonça. D'aly a pouco tempo o cauallo emagreço, e o sseu senhor o meteo aa carreta; e pello grande afam que o cauallo duraua, veo a sseer muy magro. E hūn dia aquell asno o encontrou no camynho e conhoçeo-ho muy bem e disse-lhe:

— Ó cauallo, rrogo-te que me digas omde he a tua ssella e o teu tremoso guarnimento? Tu ssayas sseer muy guordo! Ora te uejo muy magro!

<sup>1</sup> Aqui está riscada a palavra *cauallo*.

<sup>2</sup> Falta evidentemente *nom*, que escapou por causa da vizinhança de *nos*, que começa pelas mesmas letras. O sentido é: «não devemos fingir que somos quem na realidade não somos».

<sup>3</sup> No ms. *dizemos* (por influencia do *dizer* seguinte), com *z* emendado em *v*, e plica no *i*.

<sup>4</sup> Aqui ha uma letra riscada.

E per estas palauras escarnecia o asno do caualo. O caualo, pela gram vergonça que auia, nom falaua, e partio-sse com vergonça.

Per este emxemplo este poeta nos amostra que nós nom ajamos fe fe nem esperança nas uñas glorias d'este mundo, porque nom som estaeues; e homem que está em prosperidade em este mundo nom deue<sup>1</sup> escarnecer do minguado, porque, quando sse nom percatar<sup>2</sup>, elle pode vir em miseria, e o minguado em prosperidade, ssegundo veemos cada dia.

### XXX. [Batalha entre as aves e as animalias]

\*[Fl. 21-v.] \* [E]m este emxemplo este poeta nos amostra e diz que foi húa gram batalha antre as aues e animal[i]as<sup>3</sup>, e foy assignado huu dia certo, que d'anbalas partes viessem aa batalha. A aguia ordenou ssuas aazes, ssegundo vio que copria; o leam outrosy as ssuas.

Postas as aazes d'anbalas partes, o morçeguo, que vio tanta multidom d'animalias, e que dauam tam grandes vozes, ouue gram temor, e partio-sse das aues, e nom quis teer da húa parte nem da outra.

Em esto foy fecta a batalha muyto cruell; e d'anbalas partes forom muitos mortos e feridos. Finalmente as aues vencerom por ssuas ligeyriças, e pella<sup>4</sup> gram vertude da aguya, que ssoube muy bem hor\*denar ssuas aazes.

[Fl. 22-r.] Depois que todas forom assenbradas, e a batalha vencida, foy dicto aa aguia que o morçeguo fezera treycom e fugira e leixára sseu senhor no campo: a agia o fez chamar, e<sup>5</sup> ssabida a verdade, feze-o todo depenar, e mandou-lhe que nóm voasse ssenom de noute, por pena do mal que ffezera.

Per este emxemplo este doutor nos amostra e diz que nom he boo uassalo nem fiell amiguo aquell que ao tempo da necessidade<sup>6</sup> leixa sseu ssenhor no priigo<sup>7</sup> e foge, ca o homem nom pode bem

<sup>1</sup> No ms. deuem.

<sup>2</sup> No ms. pcatar, com a haste do p cortada perpendicularmente por um traço, abreviatura que d'ordinario no nosso ms. representa per. Este texto tem tambem: espança (com p cortado) = esperança; prospidade (com p cortado) = prosperidade, mas logo em seguida prosperidade por extenso.

<sup>3</sup> No ms. animalas, mas noutro passo, logo abaixo, animalias.

<sup>4</sup> No ms. plia com os ll cortados.

<sup>5</sup> Antes de se escrever e, escreveu-se outra letra que foi riscada.

<sup>6</sup> Aqui estão riscados dois ss. O amanuense ia a escrever sseu.

<sup>7</sup> No ms. priijo.

sseruyr a<sup>1</sup> dous senhores; e tal como este mereçe de auer mall e pena de treedor, porque desenpara sseu senhor, estreuendo-sse em ell, e lhe foge.

XXXI. [O gavião e o rrouxinol]

\* [P]om este poeta este emxemplo, e diz que estando hūu rrousinoll cantando no sseu ninho, omde tijnha sseus filhos, veo hūu gauiam e tomou-lhe hūu dos filhos do ninho. E este rrouxinoll ho rrogaua, quanto podia, que lhe dêssse o sseu filho e nom lhe fezesse mall, e que ssempreria sseu seruïço. O gauiam lhe disse:

— Sse queres teu filho, camta o mays docemente que tu ssabes.

O rrouxinoll começou de cantar o melhor que ssabia, e bem que camtava com a boca, chorava de coraçom. E depoys que camtou, o gauiam scarnecia d'ell, dizemdo que lhe nom parecia bem aquell<sup>2</sup> camto; e d'anante a ssua madre lhe comeo ho filho.

E depois este gauiam voou em hūa aruor omde armanam aas aues com ho visco, e enviscou-ssc: e o passareyro o tomou e matou ho. E o rrouxinol vio matar o gauiam, e proue-lhe d'ello muyto.

Per este emxemplo o poeta nos demostra e diz que os homēes jnicos e cruees, que ssempreria persseueram em mall, digna causa he que façam maa fim, e mortes maas mouram, assy como ssem piedade derom morte aos jnogemtes, ssem sseus merecimentos.

XXXII. [O lobo, o bode e a raposa]

\* [P]om este poeta emxemplo, e diz que hūu lobo furtou hūu bode e leuou-ho a hūu gram ssiluado e aly o comia a sseu gram ssabor. E a rraposas, que todo esto muy bem vio, foi-sse pera elle e ssaudou-ho e disse:

— Deus<sup>3</sup> te mantenha, meu compadre! Gram tempo faz que eu nom vos vy! Prazer-m<sup>4</sup>-ia de me rrazoar e ffalar hūu pouco comvosco cousas que me muyto comprem.

Ho lobo lhe rrespondio:

— Tu, ffalssa comadre, me cuydas d'enganar com tuas doçes palavras, por comeres comigo d'este cabram muy ssaborido! Por certo d'esta uez tu nom me emguanaráis!

<sup>1</sup> Aqui estão riscados dois *ss*, principio de *ssenhores*, que se segue.

<sup>2</sup> No ms. *aql* com *l* cortado (em fin de linha).

<sup>3</sup> No ms. *Des* (abbreviatura). Mas na fab. xi, *Deus* por extenso.

A rraposa, veendo que o nom podia emganar, ffoy-sse ao que guardaua o gaado, e acusou o lobo, dizendo aquelle lugar onde <sup>1</sup> acharia o lobo que lhe ffurtára o bode e lh'o jazia hi comendo. Ho guardador do gaado ffoy e achou o lobo no sylluado, assy como a rraposa lhe dissera, e matou-ho.

A rraposa foy pera comer a carne do cabrom que ficaua do lobo, e ho pastor a matou.

E per esta guysa morreo o lobo e a rraposa.

Este poeta, queremdo-nos amaestrar, pom este emxemplo ssuso dicto, e diz que nós [nom]<sup>2</sup> deuemos viuer de rrapina, porque aquell que de rrapina viue, muytas vezes lhe acontece que perde o corpo.

<sup>\*[Fl. 23-v.]</sup> Diz ajmda que muitos perdem o corpo pollo dapno <sup>\*</sup> d'outrem. Diz ajmda mays, que ho homem que ffaz furto he perdido, e pello comtrayro aquell que per sseu trabalho uyue he ssaluo, porque per nosso trabalho mandou Deus <sup>3</sup> que viuessemos, e ssaluaríamos nossas almas.

### XXXIII. [O cervo e os seus galhos]

[P]om este poeta este emxemplo, e diz que estando hūu çeruo bebendo em hūa fomte muy clara, vio os sseus cornos que lhe pareciam muy fremosos, e tomaua por ende grande prazer e uña gloria; er esguardou espelhamdo-sse na fomte e vio os sseus pees que eram

<sup>\*[Fl. 24-r.]</sup> muy delgudoſ e fleos, e tomou gram nojo. E estando-sse assy <sup>\*</sup> espelhamdo naquela fomte, vieram os caçadores com muitos cãaes. E o çeruo, quamdo os vio, começou de fugir, e rrogaua aas pernas que o ajudassem, e ellas o ajudauam quanto podiam; em tall guisa o ajudarom, que escapou dos caçadores. Assy que sseemdo o çeruo escapado, deu gram louuor aas pernas; <sup>\*</sup> brasfamou muyto os cornos que lhe dauam grande estorua quando ffugia.

Queremdo-nos este poeta amostrar, pom este emxemplo ssuso dicto, e diz que nós nom deuemos despreçar aquellas couzas que nos ssom proueytosas, posto que ffeas sseiam; nem deuemos louuar as couzas que nom ssom proueytosas, posto que ffremosas sseiam: mas deuemos amar mays as couzas que nos ssom proueytos, ajmda que ffeas ssejam, que as fremosas que nom proueytam.

<sup>1</sup> No ms. está o riscado junto de *acharia*.

<sup>2</sup> No ms. falta *nom*. Podia tambem suppor-se que está *nos* por *nom*, mas é mais conforme com o estylo do auctor que estivesse *nos nom*.

<sup>3</sup> No ms. *Des* (abreviatura). Vid. uma das notas antecedentes.

<sup>4</sup> Provavelmente aqui falta *e*.

## XXXIV. [A viúva e o alcaide]

\* [P]om ho poeta este emxemplo e diz que hūa molher tijnha \*[Fl.24.v.] hūa sseu marido, o qual ella dizia que amava ssobre todalas cousas do mundo.

Aueo per caso que lhe morreo este marido e ffoy ssoterrado em hūa ermida, pouco fora da villa, quassy mea <sup>1</sup> leguoa. A questa ssua molher tomou gram nojo e foy-sse a esta ssepultura com gram chanto, e sobr' esta ssepultura dizia que queria viuer e morrer <sup>2</sup>, e nom ffazia ssenom chorar; padre nem madre nem parente nom a podium d'aly tirar.

Acomtegeo que hūa ladrom, homem de grandes parentes, ffoy em aquell dia emforcado aacerqua d'aquelle jrmida, e ffoy dado em guarda ao alcayde porque o nom ffurtasse de noyte sseus parentes da forca, porque ell ffosse emxemplo aos outros mall factores <sup>3</sup>; e o senhor disse ao alcayde que ssc lh'o furtasse per ssua maa guarda, que emforcariam <sup>4</sup> ell.

E estando este a o guardar, ouue grande ssede e mandou aos sseus que o guardasse bem, ca ell queria hir beber aaquelle hermida hy aacerqua, onde pareçia hūa pouco de foguo. E em mentres que ell ueo aaquelle hirmida, os sseus sse adormemtarom, e ffoy furtado o emforcado, nom ssabendo o alcayde parte d'ello. Quando o alcaide chegou aa hirmida, derom-lhe da augua a beber. Depoys que bebeo, pregumton porque choraua aquela molher. E foy-lhe dicto porque lhe \* morreo \*[Fl.25.r.] ora aquy hūa sseu mā[ri]do <sup>5</sup> que ella amava mays que o sseu cor[a]om <sup>6</sup>. O alcayde lhe disse que ella nom tom[asse] <sup>7</sup> nojo por aquella cousa que ella nom podia cobrar por nhehūa rrem do mundo; ella disse que ania muy gram rrazom de chorar, ca ela nom poderia ja nunca achar homem que a tanto amasse como sseu marido fazia; ho alcayde lhe disse que era homem que a amaria e seruyria tamto e mays que ell, e que era tam rico e tam de proll como ell. E tanto lhe ssoube dizer com doçes palauras, que já nom choraua, e namorou-sse do alcayde, e rrecebē<sup>8</sup>-o <sup>9</sup> por sseu marido. Depoys tornou ell aa forca e achou que lhe furtaram o emforcado, e sseus homées eram fugidos, e ele tornou logno aaquelle molher e disse-lhe como lhe furtaram o emforcado e que sse temia que o senhor o faria emforcar. A dona, que ja d'ell era namorada muito, lhe disse:

<sup>1</sup> No ms. mā. Cfr. *meio* na fab. III.

<sup>2</sup> Isto é: dizia que queria viver e morrer sobre esta sepultura.

<sup>3</sup> No ms. *factores* ou *fctores*, com til sobre a primeira metade da palavra.

<sup>4</sup> No ms. *enforcaria*. Poderia parecer que o til seria engano, e que *enforcaria* teria por sujeito grammatical o alcaide; *enforcaria* *ell* corresponde a «o enforcariam» = «seria emforcado».

<sup>5</sup> <sup>6</sup> <sup>7</sup> O ms. está roto nos logares onde ponho colchetes.

<sup>8</sup> No ms. *rrecebeo* = *rrecebeo-o* (Tambem poderia transcrever-se assim: *rrecebeo-*).

— Amiguo, nom tomedes nojo nem percades por emde a terra; mas nós tomemos este meu marido e ponhamo-lo na força e eu vollo ajudarey a enforcar; e a gente cuidaria que he o que furtarom.

E assy o fezerom, e viuerom ambos casados em ssuas vidas.

\*[Fl. 25-v.]

\* Pom o poeta este emxemplo ssuso dicto pera [d]ar<sup>1</sup> emssynamento a nós, e diz que nom de[u]emos<sup>2</sup> creer nem ssiguyr<sup>3</sup> aa voomtade da molher, porque o sseu emtendimento nom he estauyll, mas munda-sse myntas vezes no dia, e Ssalamam diz: *ffemyna nula bona, quya ter mulatur im ora*. Diz ajmda: poucas uezes acaba cousa que compece; a molher he naso de demonio que traz em ssy húa doce peçonha; a molher foy aquella que emganou Adam com outros grandes ssabedores; a molher he húa armuzello do demonio, e assy como o pescador pesca os peixes com o armuzello, assy a molher pesca os homens e manda-os ao Inferno breumente; passa de ssabedor aquelle que sse d'ela pode guardar; a Virgem Maria ffoy aquella ssolamente que foy comprida de todas bondades e foy coroa de todalas boas moheres.

#### XXXV. [A rameira Tayda e o mançebó]

\*[Fl. 26-r.]

\* [P]om ho poeta este emxenplo e diz que húa<sup>4</sup> molher puta, que auia nome Tayda, muy fremosa, com ssuas doçes palauras enganova myntos homens.

Esta puta sse namorou d'húa homem mançebó, e husando com ell, lleuon d'ell húa ssoma de dinheiros; e ell ssentio-sse d'ella emganado, e apartou-sse e nom curaua mays d'ella. Veendo Tayda que ell nom ussaua com ella como ssoya, mandou por ell e disse-lhe que o amava, e que lhe oferecia sseu corpo ssem nhūn<sup>5</sup> preço. Ho māçebó lhe rrespondeo que ell a amaua, mas que nom queria mays conversar com ella, porque ja húa vez o enganára, e nom queria que o mays enganassee.

Per este emxemplo este poeta nos amostra que polas couzas passadas denemos a entemder as que ham-de uyr, e diz ajmda que o homem nom deve converssar com aquelas persoas que useyras ssom d'enganar aquelles que emganar podem; pero que aquell que engana<sup>6</sup> húa uez ho homem, cobijça de o enganar outra.

<sup>1 2</sup> Onde ponho colchetes o ms. está roto.

<sup>3</sup> No ms. *ssiguya*, estando riscado o *a*.

<sup>4</sup> No ms. *hua*.

<sup>5</sup> Leia-se *nhūn* ou *nem húa*.

<sup>6</sup> O copista tinha escrito *enganam*, e depois riscou o *m*.

Deuemos [tomar]<sup>t</sup> emxemplo da aue que algua vez come de huu fruyto que ha nome taxo, que amarga muyto; e a aue, despois que o come hua vez, nunca o come mays, \* porque o acha muyto amargoso: \*[Fl. 26-v.] e este fruyto sse pôde comparar aa puta que parece doce, e no partir amarga, ca ella nom ama o homem ssenom a todo sseu proueyto, e pera leuar d'ell quanto pôde.

### XXXVI. [O camponês e o filho]

[P]om ho poeta emxemplo e diz que huu filho de huu burgés ssenpre fazia comtrayro do que lhe sseu padre emssynana.

O padre nom ho podia castigar, e huu dia tomou huu paao ssem porquê, e firio huu sseu seruo na pressença de sseu filho. O filho, veendo tam ssem porquê spaancar este sseruo tam cruellmemte, estana com gram medo. Depoys preguntarom ao burgés porque \* feria \*[Fl. 27-r.] o seruo ssem seu merecer; disse o burgés (que era homem amtijguo e discreto) que o boy pequeno aprende de arar do gramde, e quem quer castigar o leom ffere o cam:—e portanto eu nom quero fferir meu filho, porque ja per fferidas nom ho posso castiguar, mays ffery o meu seruo, porque elle aja medo e tome emxemplo.

Per este emxemplo o poeta nos amostra e diz que nós deuemos auer maneira com discriçom nos nossos emssynos e castigamentos: e o padre deve castigar sseus filhos com palauras e boos emxenplos, quando vee que com fferidas ho nom pôde castigar, e que o pequeno deve tomar emxemplo do gramde. E elle ffloy d'ello lounado.

### XXXVII. [A vibora e a lima]

\* [P]om este poeta emxemplo e diz que hua bibera entrou em \*[Fl. 27-v.] casa de huu fferreyro pera comer algua cousa, e nom achou em ella ssenom hua lima d'aceyro. Ha bibera começou-ha a rroer com os demtes, e nom lhe podia empeçer; ha lima ffalou aa bibera e dizia:

— Tu, bibera, quamto rroes em mym, todo he nada; tu dapnas os teus demtes, e a mym nom enpeeçes. Eu ssom de tamto poder, que do fferro faço poo, assy como sse fosse farinha, e nom ha fferro no

<sup>t</sup> No ms. lê-se: *deuemos emxemplo da aue*. Falta *tomar* ou outra palavra analoga. Cfr. «o pequeno deve *tomar* emxemplo do grande» na fabula XXXV (no fim).

mundo assy forte que ho eu nom ffaça fazer poo e talhar per meo: pero eu te conselho que te nom tomes comigo, porque quanto me tu mays rroes, eu mays escarneço de ty. Tu cuydas ffazer mall a mym, e fáze-llo a ty.

Per este emxemplo este poeta nos amostra e diz que o homem forte deue sseer misurado, e o homem débille e fraco nom deue contrastar com o poderoso, porque pôde d'ello auer vergonça e dapno.

### XXXVIII. [Os lobos e as ovelhas]

\*[Fl. 28A-r.] \* [C]onta este poeta emxemplo pera nos amostrar, e diz que os lobos faziam cada dia gram dapno a hūu fato d'ouelhas; e porque quando os cāaes hi eram nom podiam fazer dapno, porque lhe defendiam o gaado, e quando os lobos vijnham pera tomar as ouelhas os cāaes as defemdiam<sup>1</sup>, e cada uez os lobos leuauam a peor, e tornauan-sse com vergomça e dapno, veendo os lobos que lhe nom podiam en-peçer, mandarom missegeyros aas ouelhas, dizendo que queriam fazer paz.

Aas ouelhas prouue muyto de fazer a paz. Em esta paz ffoy acordado que as ouelhas mandassem aos llobos os cāaes por arrefées, e os lobos mandassem<sup>2</sup> sseus filhos aas ouelhas outrossy por arrefées. E assy o fezerom.

Hūu dia os lobinhos compeçarom de nyuar muy fortemente. Os lobos os ounirom e correrom allá, e compeçarom a comer das ouelhas a sseu talamte; e sse os lobos bem matauam, nom matauam menos os filhos. E per esta guisa sse quebrantauam as treguoas, e d'aly auante ssempre viuerom e viuem em guerra.

\*[Fl. 28A-v.] \* Per este emxemplo este doutor nos amostra e diz que o homem que nom está sseguro de sseus jmijgos ssempre deue teir defenssores que o defendam, porque, nom auendo defenssores, ligeyramente sseus jmijgos o podem ofemder, como entreueo aas ouelhas que, depoys que os cāaes nom as defemderom, os lobos sseus jmijgos faziam d'elas maao pesar a sseu talamte.

<sup>1</sup> Em vcz do m ha um borrão no ms.

<sup>2</sup> Depois d'esta palavra está riscado fuser.

## XXXIX. [• machado e • bosque]

[C]omta o poeta este exemplo pera<sup>1</sup> nos amostrar, e diz que hūu machado nom auia manguo, e foy-sse a hūu mato e cortês memte<sup>2</sup> lhe rrogou que lhe desse hūu paao pera hūu mango: \* ho mato lh'o \*[Fl. 28<sup>B</sup>-r.] deu de boa mente<sup>3</sup>.

Ho vilaão, depoys que pos o manguo ao machado, tornou aa mata e compeçou a talhar das aruores quanto lhe prazia; e fazia-lhe muyto dapno. A mata sse anojaua muyto e dizia:

— Ay mizquynha! ca eu ssom culpada d'este dapno que me este machado faz, ca sse lhe eu nom dera o manguo, ell nom avia poder de me fazer o dapno que me faz! Bem empreguado sseja em mym, ca eu fuy cajom de meu mall e dapno q̄ue rręebo!

Per este emxemplo este doutor nos amostra e diz que nós nom deuemos dar ajuda nem comsselho aos nossos emijgos, porque quanto nossos jmijgos forem mays fortes, tamto averam mayor audaçia sso-bre o sseu jmijguo, e dando-lhe ajuda e comsselho, ell medês he cajom de ssua morte ou desonhorra<sup>4</sup>.

## XL. [• lobo e • cão medie]

\* [P]om o poeta este emxemplo por noso amoestramento, e diz que\*[Fl. 28<sup>B</sup>-v.] andando hūu lobo sseu camynho, encontrou com hūu cam. Ho lobo ho ssaudou e mostrou-lhe boo ssenbramte, e disse que queria ser sseu companheyro. O cam disse que lhe prazia d'elo muyto.

Andando anbos de companhia, o lobo compeçou de olhar o cam, e disse-lhe:

— Como tu estás guordo e fremoso?!

Ho cam lhe rrespondeo:

— Porque de noute eu guardo a casa de hūu senhor com que viuo, e non leixo acheguar a ella nhūu<sup>5</sup> ladrom. E por tamto meu se-nhor me ama muyto, e dá-me de comer e de beber quanto me faz mester.

Diz o lobo:

— Eu me quero víjr com tiguo<sup>6</sup>, porque me faças poer na graça do teu ssenor.

<sup>1</sup> No ms. pa, tendo havido esquecimento de cortar o p.

<sup>2</sup> No ms., em separado *cortes mente*, como transcrevo; hoje *cortesmente*.

<sup>3</sup> No ms. em separado *boa mente*.

<sup>4</sup> Sic.

<sup>5</sup> Leia-se *nhūu* (ou *nem hūu*).

<sup>6</sup> No ms. *com tiguo* em duas palavras.

O cam disse que lhe prazia d'ello muyto.

Amdando assy anbos, o llobo esguardou e vio que o cam avia o pescoço pelado, e preguntou-lhe<sup>1</sup> por que avia o pescoço pelado. O cam lhe disse que o sseu senhor o tijinha leguado o dya porque nom mordesesse a gente, e aa noute ho leixaua andar ssolto, por lhe guardar a casa. Quando o lobo ouuyo que legauam o cam de dia, disse:

— Nom quero hir com tiguo. A mym praz mays viuer em mynha

\*[Fl. 29-r.] liberdade e comer<sup>2</sup> mall, que bem comer e sseer<sup>3</sup> sempre seruo.

E loguo sse partie do cam.

E este emxempllo sse concorda com este vesso que diz: *Ne ssyt alterius.*

Diz este poeta per este emxempllo, querendo-nos amaestrar, que o homem proue que vine em ssua liberdade he mays rrico que o rrico quando viue e he seruo alheo. E o homem que seruo he nom he sseñor de ssy meesmo, nem he senhor do que tem; ho homem que he em ssua liberdade, e em ella viue, nom pôde cobrar ssemelhamte tesouro; e quem seruo sse faz, esperando de sseer rrico, tal como este se pode chamar proue. Ha liberdade nom sse pôde comprar por todo o auer do mundo; ha liberdade he húa graça celestrial, a quall passa todalas rriquezas do mundo.

#### XLI. [Os membros do corpo e o ventre]

\*[Fl. 29-v.] \* [C]omta este poeta este emxempllo e diz que os pees e as mãaos acusaram o uentre, dizemdo:

— Nós ssenpre ssosteemos grande afam em andando de cá e de llá em muitos trabalhos; e todo nos este uemtre come, e numca sse farta nem comtenta; e elle está occioso e nom faz nem dura trabalho. Nom lhe demos de comer!

E assy o fezerom. Ho uemtre começou a auer fame, e disse aas mãaos e aos pees:

— Amygos, dade-me de comer, ajudade-me, ca eu mouro com ffame.

As mãaos e os pees diserom que lh'o nom queriam dar, e dian-lhe:

— Sse tu queres comer, toma affam, assy como nós fazemos; d'outra guysa, nom queremos que<sup>3</sup> comas quanto nós trabalhamos.

<sup>1</sup> No ms., por extenso, *preguntou*, sem a abreviatura usual.

<sup>2</sup> No ms., por engano, *commer*, com reduplicação da syllaba.

<sup>3</sup> No ms. lê se: «nom queremos que co que comas». Vê se que o copista ia a escrever *que comas*, escrevendo primeiramente só *que co*, e párrando; mas repetiu *que* adeante, e escreveu *comas* por inteiro.

Em esta perfia esteuerom per espaço de dias, tanto que os pees começaram de enfraquecer, e outrossy as māaos.

E os pees diserom:

— Nom podemos andar.

E as māaos diserom:

— Nom podemos trabalhar.

Veemdo esto as māaos, tomarom do pom para dal-lo aa boca; e a boca e o corpo eram ja postos em tamta fraqueza, que os demtes da boca nom sse poderom abrir. E per esta perfia o corpo morreo: e elle morto morrerom os pees e as māaos com todolos outros nembros.

\* Pom este poeta emxemplo per nosso amaestramento e diz <sup>1</sup>, rre- \*[Fl. 30-r.] prehendendo os auaros, os quaaes nom querem ajudar o sseu proximo nas ssuas neçessidades. Ajnda diz que nhūu homem sse deue rreputar d'atanto, por muy poderoso e rrico que sseia, que algūas vezes nom lhe faça mester o seruiço d'outrem e d'outros que ssom de muy mays pequena condiçom que ell, porque hūu amyguo ssempre lhe conpre seruiço d'outros: hūu amyguo serue o outro amiguo. Outrossy diz que, bem que o <sup>2</sup> homem sseja tanto maaao <sup>3</sup> que nom queyra perdoar a outrem, deue perdoar assy medês, por nom sseer rreputado cruell e maaao.

#### XLII. [A bugia que pede à raposa um pedaço da cauda]

\* [C]omta este poeta este emxemplo e diz que hūa bugia fazia \*[Fl. 30-v.] gram queixume aas outras animalias, porque nom tijnha rrabo pera cobrir ssua vergonça; e foy-sse aa rraposa e disse-lhe:

— Amigua, uós teemdes muy grando rrabo, e uay-sse-uos rrojando pello chāao e luxa-sse muyto; outrossy dá-uos muyto trabalho, ca vos peja muyto e empacha-uos o amdar: porem vos rrogou, comadre amjgua, que me dees hūu pequeno d'elle pera cobrir estas mynhas nadeguas, que me metem em gramde vergonça. A uós nom fará myngua, e a mym fará proueito.

A rraposa lhe disse:

— Comadre bugia <sup>4</sup>, a mym <sup>5</sup> parece que este meu rrabo he muy fremoso e muj leue, e parece-me muy pequeno: pero tomade cuidado de uós, e nom o tomedes do meu rrabo. A mym <sup>6</sup> praz mays que elle

<sup>1</sup> O rigor da syntaxe pedia para *diz* complemento directo, que mal pôde ser *exemplo*, dito antes; mas o auctor confundiu-se, e escreveu *reprehendendo* em vez de *que reprehende*, ou escreveu inutilmente *e diz*.

<sup>2</sup> As palavras *bē qō* estñõ em entre-linha.

<sup>3</sup> Por engano māao.

<sup>4</sup> *bugia* está em entre-linhas.

<sup>5</sup> <sup>6</sup> No ms. *my* (falta o til).

jhore<sup>1</sup> pelo chāao, que uós cobrirdes d'ele as vossas velhacas nadeguas.

E assy sse partio ha bugia da rraposa.

Pom o poeta este emxemplo, pello quall nos dá amostramento que nom deuemos sseer avaros ao nosso proximo, porque o auaro nom <sup>\*</sup>[Fl. 31-r.] faz bem a ssy nem a outren. Ho auaremto ssempre \* cree que as coussas pequenas ssejam grandes. Ho auaro he seruo dos jdolos <sup>s.</sup> <sup>2</sup> dos dinheiros <sup>3</sup>: que quem serue aos dinheiros <sup>4</sup> serue aos jdolos. Ho auarento faz tesouro, e nom ssabe pera quem o guarda, e morre e viue mizquynho.

#### XLIII. [O villão que vac com o asno á feira]

[E]ste poeta nos dá este emxemplo e diz que hūu vilāao trazia hūu asno com ssua cárregua de mercadaria pera vender na feyra, e dizia ao asno que andasse agynha. Este asno com perfia nom queria andar e dizia:

<sup>\*</sup>[Fl. 31-v.] — Antes quero que me mates, que viuer comtiguo em tanto trabalho: ca \* cada dia leuo cárrega, e tu ssenpre me vaas ferindo de tras; cada dia me ameaças e cada dia me feres. Por certo eu nom quero padecer tanto mall e tanta vergomça! Amtes quero morrer!

Ho senhor lhe deu tantas paamcadas, que o matou. E esfolou-ho e uendeo o coyro.

Pom este poeta emxemplo pera nos amostrar, e diz que nós nom deuemos deseiar a morte per tribulaçom que ajamos, porque ho homem cree a auer avantagem por rreçaber morte, e ell pejora, porque, depoys que o homem morrer, comem-ho os vermēes, e a alma outrossy sse vay ao Inferno, e pejora, ca muyto peor pena he aquela do Inferno que a pena d'este mundo; sse a alma vay em parayso, e o corpo rreçbe marteyro por o de Deus<sup>5</sup>, a alma está benta; mays o corpo sse torna terra. Porem toda cousa sse deue padecer por nom padecer inorte.

<sup>1</sup> Sic.

<sup>2</sup> = scilicet.

<sup>3 4</sup> No ms. drros com rr (por jr?).

<sup>5</sup> Isto é: por o marteyro de Deus.

## XLIV. [O cervo e os bois]

\* [E]ste poeta nos dá este emxemplo, e diz que hūn çeruo fugia \*[Fl. 32-r.] porque os cāaes corriam em tras ell: e com pressa que o çeruo avia, foy-sse meter em hūa caualariça de boys, que os cāaes nom o virom.

Ho çerno rrogou aos boys que o escondessem amtre ssy. Os boys lhe diserom que mays sseguro sseria em algūa mata, que estar aly, ou sse ffosse ascomder em algūu rrio:

— Porque aquell que nos guarda e nos dá de comer uerrā loguo a pouca d'ora aquy, e sse te vir, matar-tā.

O çeruo lhe rrogou que o escondessem. E os boys o cobrirom com palha.

A pouca d'ora veo o mançebo do Senhor e deu de comer aos boys e tornou-sse a casa. O çeruo tomou gram prazer, cuydando ja sseer fora do prijguoo <sup>1</sup>, e dava muitas graças aos boys. Hūa dos boys lhe disse que ajnda avia de vījr o sseu senhor a ueer como estanam, o qual avia nome Arguu, e avia çem olhos, e sse <sup>2</sup> d'aquelle <sup>3</sup> podia es- capar, era sseguro.

Estando em estas palauras, chegou Arguu e conpeçou d'esguardar estes boys, e ueo-lhes apostando sseu comer; e esguardando com diligencia sseus boys, vio os cornos do çeruo e matou-ho.

\* Pom ho poeta este emxenplo, rreprehendendo os homēes que \*[Fl.32-v.] nom ssom fieses, e louva os homēes ssabedores e discretos, os quaes ham cura com diligencia de ssuas fazendas. E este Arguu, o qual avia çento olhos, ssignificaua o ssenhor, que deue auer çento olhos a ueer ssua fazenda. E quando o elle pôde fazer per ssy, nom as <sup>4</sup> faça fazer per outrem, ca diz hūu prouerbio:

Maladante he aquell  
Que sseu aver nom vee.

Ca o senhor que he bem avisado, melhor vee sseus feitos <sup>5</sup> que o seruo que sse cura muy pouco, como fez Arguu, que vio o çeruo, e o sseu sernidor nom o vyo, ca nom avia tanto cuydado como sseu dono avia cuja ha <sup>6</sup> cousa era.

<sup>1</sup> Sic.

<sup>2</sup> O logar correspondente aos ss está um tanto esborreteado.

<sup>3</sup> Isto é: d'aquelle vez, d'aquelle aventura, d'aquelle feita. Ainda hoje se diz assim:

<sup>4</sup> Isto é: as fazendas.—A syntax neste periodo está um tanto irregular.

<sup>5</sup> No ms. fēcos.

<sup>6</sup> = a (artigo).

## XLV. [O judeu, o escudeiro e as perdizes]

[\*Fl. 33-r.] \* [C]omta o doutor <sup>1</sup> este emxenplo, e diz que hūn judeu queria passar pella terra de hūn rrey com muyto aver que comssiguo leuava; e rrogou a el-rrey que lhe désse hūn de ssua casa que o acompanhasse sseguro, ataa que passasse sseu rreygno. El-rrey lhe deu hūn sseu scudeyro, do quall se flava muyto; e mandou-lhe que acompanhasse este judeu bem e ffiellmente, ataa que o passasse em ssaluo fora de ssua terra.

E quando este judeu foy em hūa mata, o escudeyro tirou fora de ssua espada pera o matar e rroubar-lhe sseu aver; e ho judeu lhe disse:

— Nom me mates, porque, sse me matas, aquellas perdizes que estam em aquella arnor te acusaram a teu senhor, e mandar-tá matar.

O escudeyro escarneceo do que o judeu dizia, e maton-ho, e tomou-lhe todo sseu aver que comssiguo leuava.

E d'aly a pouco tempo pressemтарom a este rrey perdizes, sseendo a jantar. Este sseu scudeyro cortaça amte ell; e como a Deus prouue, compeçou este escudeyro de rryr, e nom sse podia teer nem fartar de rryr. Ell-rrey sseendo aa mesa nom lhe disse nada, e depoys que jantou chamou-o a de parte, e porque rria tam fortemente aa mesa <sup>2</sup> que lhe dissesse a verdade. Ho escudeyro nom lh'o queria dizer, que sse temya. Elrrey <sup>3</sup> \* amtre afaaguos e ameaças ssoubre d'ell a verdade, em como matára aquell judeu e lhe tomára todo sseu auer, e que o judeu, amtes que o matasse, lhe disera que as perdizes que estauam na aruor [o ac]usariam <sup>4</sup> a elle, e que o mandaria matar. Elrrey tomou d'elo gram nojo, porque amaua muyto o escudeyro:

— Por certo as perdizes te acusaram!

Depoys ouue conselho com sseus comsselheyros:

— O que merecia este 'scudeyro?

E accordarom todos que morresse na forca.

E assy foy o escudeyro enforçado pelo mall que fezera.

Pe[r] <sup>5</sup> este emxemopl o poeta nos amostra que nom façamos humedio, nem furto, nem outro graue pecado por cobijça de dinheiros <sup>6</sup>, nem escondidamente, nem manfestamente, ca do mal que homem faz, sse em este mundo nom ha peemdença, ha-a no houtro de Deus, que

<sup>1</sup> Assim está, por extenso, no original.

<sup>2</sup> Talvez seja «e perguntou-lhe porque etc.», com ponto e virgula depois de mesa.

<sup>3</sup> No começo da pagina repete-se *Ellrey*, mas só com um *r*.

<sup>4</sup> O que ponho entre colchetes está roto.

<sup>5</sup> O ms. no logar do *r* está roto.

<sup>6</sup> No ms. *drras*.

he suprema justiça; mas<sup>1</sup> as mays de vezes ha peemdeuça em este mundo<sup>2</sup>, porque nom he nhūa cousa tanto escomdida que sse nom ssaybha em algūn tempo; e no Avangelho diz<sup>3</sup>: *Nichill occultum quod non rreueletur*<sup>4</sup>.

Aquell que faz omicidio e furtos e outros pecados granes, que nom ha temor de Deus que nos criou e em cujo poder ssomos, nom he christāao<sup>5</sup>, nem se pôde chamar, ca nom viue a<sup>6</sup> ley d'homem, mais viue como diaboo do Inferno, que sempre faz e cuya em mall.

## XLVI. (O leão e o rato)

\* [D]iz que foy hūa vez hūu leom que jazia em hūu mato de so \*[Fl. 34-r.] hūa fremosa verdura. E os rratos ssobiam per cima d'elle, pera escarnecerem d'elle; e elle tomou a hūu e queria-ho matar. E o rrato lhe rrogou que lhe nom fezesse mall, ca nom seria ssa homrra, dizem[do q]ue [em]<sup>7</sup> algūn tempo lhe poderia fazer algūn boo s[erviço]<sup>8</sup>. E o leom o leixou, e nom lhe fez mall. [E ho] rrato lhe deu muitas graças.

E d'hi a [pouco] tempo cayo o leom em hūu laço que lhe fezeram os caçadores pera o filhar: e o leom começou de braadar altas vozes. E este rrato, a que ell perdoára a morte, lhe disse:

— Quamtos leões no mundo ssom nom te podem d'aquy liurar! Mays eu, que ssom a mais vill alimalia do mundo, pella graça e bem que me fezeste, te quero liurar.

E loguo ssobio e rroeo ha corda que tijnha no pescoço e liurou-

<sup>1</sup> Posto que neste logar a letra esteja um pouco apagada, vê-se que é *mas*, e não *mais* (e muito menos *mays*). De facto no ms. alterna *mas* com *mais* (*mays*); cf. fab. xxxiii, moralidade: «*mas* deuemos amar *mays*», onde se dá a coincidencia de, como aqui, a conjunção *mas* concorrer com o advérbio *mays*.

<sup>2</sup> As duas primeiras pernas do *m* estão rotas.

<sup>3</sup> Talvez falte *se* antes de *diz*.

<sup>4</sup> No ms. *quod* e *non* estão em abreviatura.

<sup>5</sup> No ms. *xpāao*, abreviatura usual na idade media (*xp* = *χρ* = *chr*).

<sup>6</sup> Aqui *a* é proposição.

<sup>7</sup> As letras que ponho entre colchetes, aqui e mais adante, faltam, porque o ms. está roto. Com relação a *em*, notarei que não é muito certo que essa palavra esteja no ms. (só a forma *ē*), pois ha lá uma sombra que tanto pode ser *ē*, como simples mancha; todavia na moralidade lê-se *em algūa tempo*, — e isto confirma a emenda que faço (o autor repete muitas vezes na moralidade, como já temos visto, certas palavras da fabula).

<sup>8</sup> O ms. está roto; todavia depois de *boo* vêm-se restos de uma letra que pode ser *s*, e que interpreto por a primeira de *serviço*, escrito em abreviatura, como noutros lugares. A palavra *serviço*, que se lê na moralidade, confirma esta interpretação. Acha-se a mesma expressão *bom serviço*, por exemplo, na fab. viii, moralidade (no ms. alterna *boo* com *bōo* e *bom*).

[ho]<sup>1</sup> d'aquelle prijguo<sup>2</sup>. E o leom veem[do]-ss' em<sup>3</sup> liberdade, deu muitas graças ao rrato, e foy-sse sseu caminho.

Em esta hestoria<sup>4</sup> o doutor emssina os grandes<sup>5</sup> homées do mumdo e os poderosos, que nom desprecem os pequenos que ham pequeno poder, ca nom he nhún homem de tam<sup>6</sup> pequeno poder que nom possa seer proueytoso em algúu tempo aaquell que he gramde e poderoso. Tall seruiço lhe pôde fazer hūu homem pequeno, que lh'o nom pôde fazer hūu gramde.

\*[Fl. 34 v.]

#### XLVII. [O minhoto doente]

[C]omta-asse que húa vez hūu minhoto foy doemte e rrogou a ssua madre que rroguase aos deus[es]<sup>7</sup> que lhe dessem ssaude; e a madre lhe rrespondeo:

— Filho, tu assanhaste os deoses com os teus pecados que tu fereste: ssempre amdaugas furtamdo em tall guysa que os deoses te dam peemdemça; quando tu fazias mall, deuéras a auer medo e deuéras de husar de piedade e nom de crueldade. Ora es piadoso porque nom podes mays fazer.

E o minhoto ficou muy triste e cuydoso com ssua emfermidade.

\*[Fl. 35 r.] \* Em aquesta estoria o doutor<sup>7</sup> nos emssina que nom deuemos esperar de fazer bem pera quando formos doementes ou vélhos, pera nos arrepeendermos, ca muitas vezes acomteçe que quando o homem sse quer arrepeender nom pôde.

Pero quando ssomos mamçebos e fortes, deuemos de fazer bem, pera depois auermos bom gualardom, e rrepemdermo-nos dos pecados que auemos factos<sup>8</sup>, e nom dizermos: «sse oje nom fezermes bem,

<sup>1</sup> Ainda se percebe a parte superior do *h*.

<sup>2</sup> Aqui, *prijguo* por extenso, e não com a abreviatura usual.

<sup>3</sup> O ms. está roto, e só distingo *veem...ss'*, seguindo-se aos *ss* uns traços que só pôdem representar as extremidades superiores de *e* e *m*.

<sup>4</sup> Poderia tambem ler se *hestorea*, porque a letra que parece *i* não é bem nitida; todavia o usual no ms. é *hestoria*.

<sup>5</sup> Neste logar o ms. está um tanto delido, mas depois de *emssina* distingo *os gñdes* (o til abrange o *n* e o *g*). A leitura *os grandes* confirma-se plenamente com a expressão *grande e poderoso* que se lê mais abaixo.

<sup>6</sup> Como abaixo se lê *deoses*, supponho que *deus* aqui é erro por *deuses*. Como se vê, alterna no ms. *deus[es]*, com *u*, e *deoses*, com *o*.

<sup>7</sup> No ms. por extenso.

<sup>8</sup> No ms. em abreviatura. Leia-se *feitos*.

faze lo emos de manhã», que tall ora cuydaremos d'achar misericordia, e nom a podemos auer.

#### XLVIII. [O lavrador e a andorinha]

[C]omta-sse que hūu laurador ssemcou linho em hūu campo. E a amdorinha, quamdo esto vio, fez ajuntamento com quamtas aues pôde auer e disse-lhe:

— Ueedes uós este linho que aquy he ssemeado? Elle será aazo de nossa morte. Vós fazede [e]m<sup>1</sup> tall guysa destroyr a ssememte amtes que \* naça, ca este vilāao quer fazer d'aqueste linho rredes e laços pera nos tomar em elles; e esto ssey eu porque durmo em ssua casa, e nom sse guarda de mym, e diz esto.

E as outras aves ouuerom-na por ssamdia, e escarneçiam d'ella.

Depois a pouco tempo, o linho começoou de crecer. E a amdorinha chamou outra vez as aues e disse-lhe que, pois nom quyserom comer a ssememte, que em toda guisa ho fossem dapnar com os pees amte que mays crecesse. E as aues outra vez escarneçrom d'ella e nom o quyserom fazer.

Depoys que o linho foy grande, fez<sup>2</sup> d'elle rredes e laços, e tomaua muytas aues. Depoys as aues sse rrecordarom do comsselho da amdorinha, e diziam:

— Myzquynhas! Nós nom quisemos creer ao bōo comsselho da amdorinha!

Em aquesta estoria o doutor nos einsina que [a]uemos<sup>3</sup> sseer auyados do tempo que ha d[e] uíjr<sup>4</sup>, e nom deuemos de despreçar o bōo comsselho de nhūa perssoa<sup>5</sup>, por pequena que sseia; outrossy nom deuemos estar sseguros das cousas que ssom prijgosas, que aqueles que muito sse fiam, algūas vezes ficam emguanados.

#### XLIX. [Os Athenienses que elegem um rei]

\* [Em] a cidade de Athenas foy hūu tempo muy poborada e rri- \* [Fl. 36-r] qua e poderosa, e viujam em gram paz. E fezerom hūu dia hūu gram comsselho no quall liuraram a auer hūu rrey que os rregesse e guernasse como aviam muytas outras provemqias: e assy foy feito<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Roto o ms. no logar do e.

<sup>2</sup> O sujeito grammatical é o lavrador.

<sup>3</sup> No ms. está roto o logar do a.

<sup>4</sup> Da expressão *ha de uíjr*, só se percebe *had...jr*, com parte do u e o til.

<sup>5</sup> No ms. *perssoa*, com o p cortado na baste (=per).

<sup>6</sup> Leia-se *feito*.

E depois que ouuerom o rrey na cidade, derom-lhe comprido poder que fezesse todo aquello que quysesese. E [este]<sup>1</sup> rrey começoou de fazer cruell justiça: a hūus emforcaua, a outros cortaua as cabeças, a outros fazia tirar os olhos. E o poboo, veemdo aquesto, começaua de braadar e chorar, dizendo: «Mal fezemos! Que melhor viujamos da primeyra que aguora!».

\*[Fl.36-v.] \* Em esta estoria o doutor emssina aaquelles que bem estam, que sse nom deuem de mudar, porque muitas vezes o homem cuya de melhorar, e pejora; e o homem que he em ssua liberdade nom sse deue subjuguar, sse liure pôde viuer, ca no mumdo nom ha moor thesouro que a liberdade e ssaude.

I. [As rrāas que pedem um senhor a Jove]

\*[Fl.37-r.] \* [C]omtasse que hūu tempo as rrāas viviam em grande liberdade, e muyto a sseu talemte, e nom sse comtentauam d'esta boa vida; forom-sse ao<s> deus Jouis e rrogaram no que lhe desse hūu senhor: e o dicto Jouis rryo e escarneçeo d'ellas, e fez que as nom ouvia.

E outra vez tornarom a ell, e o<s> deus Jouis fez deytar hūa traue em a augua, e ellas ouuerom gram medo e esteuerom quedas e meterom as cabeças do fumdo da augua; e depois que perderom<sup>2</sup> o medo, alçarom as cabeças e virom esta traue e acheguarom-sse a ella e ssobirom-sse em çima d'ella: e veemdo que nom falaua nem sse moavia, escarnciam d'ella.

Tornarom ao deus Jouis, rrogando quē lhe desse mlhor<sup>3</sup> senhor: e o deus Jouis com grande ssanha lhe mardou hūa gramde coobra que as comia cada hūu dia. E estas rrāas pidiam misericordia<sup>4</sup> ao deus Jouis, que as liurasse da boca d'esta ser[pe]mte<sup>5</sup>; e pouco lhe prestaua pidir misericordia<sup>6</sup>, ca o de[us] Jo[uis] nom as queria ouuir nem liurar.

Em aquesta estoria o doutor nos emsiua e diz que ssom algūas persoas<sup>7</sup> que nom conhoçem e bem quamdo o ham, mays amtes ho

<sup>1</sup> O ms. está roto aqui; todavia vêem-se restos de letras que supponho serem *es*, e por isso transcrevi por *este* e não por *o* (talvez *este* estivesse em abreviatura, i. é, *est'*, — como noutros muitos logares: o espaço faz suppôr isso).

<sup>2</sup> Aqui está riscada a palavra *em*.

<sup>3</sup> A linha termina no meio da palavra: *ml*..

<sup>4</sup> Em abreviatura: *mīa*.

<sup>5</sup> No logar de *pe* o ms. está roto. O mesmo succede com relação ás palavras que adiante pouho entre colchetes.

<sup>6</sup> Tambem *mīa* em abreviatura, como acima.

<sup>7</sup> No ms. *psoas* com o *p* cortado na haste.

despreçam. E o homem nom conhoçe o bem nem o doce ssenom quan-  
do gosta ho am[argo]; pero quando o homem ha boa auemturança,  
"deue ha conhoçer. Nehuu<sup>1</sup> que está em liberdade nom ssc'faça seruo, \*[Fl.37-v.]  
como fezerom as rrás.

## LI. [As pombas, o gavião e o minhoto]

[C]omta-sse que as poombas húa vez tomarom o gaviam por se-  
nhor pera as defemder da batalha do mynhoto: e o gaviam defem-  
dia-as muyto bem; e depois que as defemdeo, tomava d'ellas e comia-as.  
E esto quamtas ell queria. E a[s p]oo[m]bas<sup>2</sup>, veemdo tamto mall, co-  
meçanam de braadar e diziam que milhor lhes era aver guerra com  
o mynhoto ca morte ssem batalha.

Em aquesta estoria o doutor nos emssina que deuemos sseer sa-  
bedores e esguardar a fim d'aquelle que fazemos, porque me[lh]or<sup>3</sup>  
he ssofrer pouco mall que muyto mall.

\* E esta hestoria concorda com as outras duas amte dictas. \* [Fl. 38-r.]

## LII. [O ladram e o cão]

[C]omta-sse que foy húa vez hūu ladrom que queria de noute  
rroubar húa casa, a qual guardaua hūu cam: e o ladrom chamaua o  
cam, [e]<sup>4</sup> que[ri]a-lhe<sup>5</sup> dar do pam; e o cam disse:

— Tu me queres dar este pam por tall que nom ladre, e queres  
rroubar esta [casa]<sup>6</sup>, que bem ssey que este pam que me tu queres  
[d]jar<sup>7</sup> tem pegonha ascomida. Eu nom fa[ço com]tigo<sup>8</sup> amizade, ca eu  
amo mays meu senhor que nom a ty; e sse tu nom te partes d'aquy,  
eu b[raa]darey<sup>9</sup> alltas vozes.

E o ladrom quis<sup>10</sup> procu[rar]<sup>11</sup> \* de filhar o que estaua em \*[Fl.38-v.]  
casa: e o cam começoou fortemente de ladrar, e o ladrom fugio com  
temor.

<sup>1</sup> Por extenso: *nehūa*, o que confirma o que se disse supra, na nota 7 da fab. I e noutros logares. Cf. *nhehūa* na fab. xxxiv.

<sup>2</sup> <sup>3</sup> O ms. está roto onde ponho colchetes.

<sup>4</sup> <sup>5</sup> Roto no ms. o que ponho entre colchetes.

<sup>6</sup> *roubar esta* mal distinto; *casa* apagado.

<sup>7</sup> <sup>8</sup> Apagado o que ponho entre colchetes; *queres* está em abreviatura.

<sup>9</sup> Roto o que ponho entre colchetes. Na fab. LI ha tambem *braadar*.

<sup>10</sup> O ms. está aqui um tanto apagado, mas, examinando-o com cuidado, vé-se,  
que a respectiva palavra é realmente *quis*, e não *mais*, como tambem poderia pa-  
recer.

<sup>11</sup> O ms. está roto onde ponho colchetes.

Em esta estoria o doutor emssina os homēes que deuem sseer ssabedores<sup>1</sup> quando filham algūs<sup>2</sup> emcarregos e<sup>3</sup> seruiços, e ssemprē denem d'csg[uardar os]<sup>4</sup> que lhe dam estes doçes, ca muytos doçes sse dam pera emguanarem os oficiaaes: e ssemelhantemente os homēes, quando ofereçem e dam algua cousa a algūas persoas<sup>5</sup>, deuem esgu[a]rdar<sup>6</sup> a quem as dam. Ajmda nos este dout[or ensin]a<sup>7</sup> que nos deuemos guardar do [nici]o<sup>8</sup> de guargamtoice.

### LIII. [A porca prenhe e o lobo]

\*[Fl. 39-r.] \* [C]omta-sse que hūa porca era prenhe e esperaua o tempo do parto, [e emcomtrou]<sup>9</sup> com hūu lobo; e o lobo lhe mandou em [ss]eu gesto muytas mesuras e cortesia, e disse-lhe que queria sse[er sseu c]ompadre e guardar sseus filhos quando parisse; e ha<sup>10</sup> porca lhe deu muytas graças, dizendo-lhe que lhe nom compria sseu seruïço, mays<sup>11</sup> disse-lhe:

— Guarda te bem que te nom chegues aos meus [filhos], ca eu nom queria que so<sup>12</sup> especia de bem fazer tu fezesses mall aos meus filhos!

O lobo, ouuindo tacees palauras, emtendeo que a porca emtemdia o mall que ell queria fazer, e partio-sse d'ella ssem contemda.

Per este ém exemplo o poeta nos amoesta que nom deuemos creer em quamtas palauras nos dizem, porque nos homēes rreignam muytas maldades e emguanos, e muytas pala[ur]as sse dizem mais por emguanarem os ho[m]ēes que p[or] outra cousa. E porem sse diz: «Quem neyçiamente cree, neyçio he chamado e neyçiamente<sup>13</sup> péca».

<sup>1</sup> O ms. está um tanto apagado no logar d'estas duas palavras.

<sup>2</sup> Assim, e não *algūs*. A palavra é a ultima da linha.

<sup>3</sup> *emcarregos* e pouco distintamente,

<sup>4</sup> Apagado o que ponho entre colchete es.

<sup>5</sup> *Psoas* com *p* cortado em baixo.

<sup>6</sup> <sup>7</sup> <sup>8</sup> Roto o que ponho entre colchetes.

<sup>9</sup> Nos sitios em que ponho colchetes o papel está delido ou roto.

<sup>10</sup> = a (artigo).

<sup>11</sup> *mays* vale pela moderna conjuncão «mas»; se fosse adverbio, a construcção do resto da phrase seria *lhe disse*.

<sup>12</sup> Tambem se pôde ler *su* em vez de *so*.

<sup>13</sup> A palavra *neyçiamente* está um tanto difícil de se lér, mas é certa. Cfr. a sentença hespanhola «Quien neyçiamente peca, neyçiamente se va al Infierno» em Hernán Nuñez, *Refranes o proverbios*, Lérida 1621, fl. 105-r., a qual confirma absolutamente a leitura que proponho.

## LIV. [A terra que pare um rato]

\* [P]om emxemplo <sup>1</sup> este poeta e diz que húa vez a terra imchou, \*[Fl. 39-v.] e algúns vilãaos que hy estauam acerqua ouuerom gram temor e fu-  
girom hy acerqua; e logo a pouca <sup>2</sup> d'ora a terra pario hūu rrato, e os  
vilãaos que esto bem viam ssegurarom sse e ouuerom gram [prazer] <sup>3</sup>.

Per este emxemplo o poeta nos amostra que nom deuemos temer as ameaças, porque ssom muytos homées que ham mays palauras que obras. Ajnda diz que húa pequena ameaça faz a muytos homées auer gram medo. E diz hūu emxemplo: «Cam que muyto ladra, poucas vezes morde».

## LV. [O cordeiro que pasce e o lobo]

\* [P]om emxemplo este poeta e diz que andamdo hūu cordeyro \*[Fl. 40a-r.] a paçer com outros cordeyros, a madre d'este cordeyro emcomendou sseu filho a húa cabra. Pouco estando, veo o lobo e chamou este cor-  
deyro dizendo:

— Filho, uem aquó, que aqui está tua madre que te traz as ma-  
mas cheas de leyte; e leixa estar essa cabra fedemte.

E ho cordeyro rrespondeo:

— Eu nom quero hir a ty, nem fazer teu mamdado; mas quero estar com esta cabra, a quall me ama como faz madre filha, e dá-me do sseu leyte quanto me compre. Eu amo mays estar com esta cabra, e viuer segura, que viuer a teu mandamento, que ssey que me que-  
res matar e comer.

Ouvindo esto o lobo, partio-sse e foy-sse sseu caminho.

Per este emxemplo este poeta nos amostra e diz que a mayor rriqueza que no mund[o] sse h[a] <sup>4</sup> he viuer ho homem sseguro; e no

<sup>1</sup> No ms. *exemplo*, sem *m* ou *til*, por engano. A regra é com *m* ou *til*.

<sup>2</sup> Tambem se poderia lêr *pouco*, pois o ms. está aqui manchado; mas na fab. LIV lê-se claramente *pouca d'ora*.

<sup>3</sup> Aqui o ms. está delido, e a pulavra não se distingue toda; mas quer pelo que resta d'ella, quer pelo sentido, quer porque em fabulas latinas medievaes que correspondem a esta ocorre *locus* e *risus* (L. Hervieu, *Les fabulistes latins*, II<sup>a</sup>, 328 e 411), não hesitei em pôr *prazer*.

<sup>4</sup> Como está aqui um pedaço da folha roto, a photographia não deixa vér por completo a pulavra que falta; mas distingo restos de letras que podem corres-  
ponder a *sse h*, pelo que transcrevo sem hesitação *sse ha* (= «se tem»).

mundo nom ha mayor proueza que o homem seer rrico e viuer ssem-  
pre em ssospeyçom e medo. Ajmda diz que nom ha no mundo mays  
nobre cousa que ho boo ameestramento, ca ho homem que mall amaes-  
trado he, sempre viue em rroindades.

## LVI. [O senhor e o cão velho]

\*[Fl. 40a-v.] \* [P]om emxemplo este doutor poeta e diz que hūu senhor tijnha  
hūu cam muyto preçado e muy valente, e tamto ho amaua que com-  
sigo o tijnha myntas vezes na cama.

Este cam veo a envelhecer. E húa vez o sseu senhor o leuon  
com siguo<sup>1</sup> aa caça e mostrou-[lhe]<sup>2</sup> hū[a] lebre; e este cam nom a pôde  
tomar. O sseu senhor ouue gram nojo, e tomou hūu paao e começou  
a ferir<sup>3</sup> este cam crueuelmente<sup>4</sup>. Depoys que o ferio, o cam falou e  
disse:

— Quando eu era nouo, caça nhūa<sup>5</sup> nom escapaua da minha  
boca; ora que ssom velho, tu me deuias perdoar e devias-te lembrar  
\*[Fl. 40b-r.] do boo serniço que eu te fiz quando era nouo. Entom me \* preçauas  
tu muyto; ora que som velho, me despreças e nom te nembras do  
boo serniço que de my rreçebeste.

Per este emxemplo este poeta nos demostra que o amor dos  
maaos homēes tamto dura quanto dura o seruiço que o homem lhe  
faz. E aquell que serne os maaos perde o seruiço, por que aquell que  
maao senhor he, nom ha em ssy discreçom pera rremunerar sseus ser-  
uidores do seruiço que d'elles rreçebao ao tempo que lhe comprira.

## LVII. [As lebres e as rãs]

[P]om emxemplo este poeta e diz que em húa mata jaziam muy-  
tas lebres; e hūu gram vemto davaa pellas aruores, e faziam<sup>6</sup> gramde

<sup>1</sup> No ms. com *siguo*, em duas palavras.

<sup>2</sup> Onde ponho colchetes, o ms. está roto.

<sup>3</sup> No ms. lê-se *começou a ferir*. E' provavel que o segundo *a* seja engano  
e não constitua com *ferir* uma palavra *aféirir*, pois *ferir* é frequente no ms.

<sup>4</sup> No ms. *crueuelmente*: o til que cobre *nea* representa *e* ou *i*. As fórmulas  
*crueuel* e *cruevil* são conhecidas em português antigo; o nosso ms. tem noutro lugar  
*crueues* (fab. xxxi). Quanto a escolher *-il* ou *-el*, o nosso ms., se tem *estauyll* (= es-  
távil) na fab. xxxiv, tem *cieuell* (= cível) na fab. lx.

<sup>5</sup> Leia-se *nē húa* ou *nhūa*.

<sup>6</sup> O sujeito grammatical é *arviores*.

arroyd[o]<sup>1</sup>. \* As lebres ouuerom grande temor, e compeçaram de fu- \* [Fl. 40n-v.]  
gir. E fogimdo chegarom a hūu lago d'augua onde estauam muytas  
rrāas; e ssemindo as rrāas que as lebres fugiam, ouueram gram te-  
mor e começaram todas de fugir e deytarom sse na augua.

Hūa d'estas lebres, veendo fugir as rrāas ssem porquê, disse:

— Nós fugimos em vāao! ca tall he o nosso medo como<sup>2</sup> o medo  
d'estas rrāas que fogem por nada. Estemos quedas, e ajamos boa es-  
perança<sup>3</sup> e vejamos que cousa nos fez fugir.

E assy estando, viram que fogiam ssem porquê.

Per este emxemplo este doutor nos amoestra que, por nhūa gram  
tribulaçom que o homem aja, nom deve perder a esperança, porque  
a esperança he aquella que mantem o homem que e[stá] em [tr]ibu-  
laçom: e aquell que perde a esperança, ligeyramente sse despera.  
Ajmda diz que muytos homēes forom no mundo em prigno de morte,  
e ouuerom esperança d'escapar, e escaparom.

#### LVIII. [A cabra, o filho e o lobo]

\* [P]om emxemplo este poeta e diz que hūa cabra leixou sseu \*[Fl. 41r.]  
filho em ssua casa, e çarrou a porta e mandou-lhe que sse nom par-  
tisse nem abrisse a porta a nhūa<sup>4</sup> persoā<sup>5</sup> ataa que ella viesse. E como  
lhe disse esto, foy-sse a cabra a paçer.

E hūu pouco estando, veo o<sup>6</sup> lobo e bateo aa porta, e começoou de  
falar como sse fosse cabra, dizendo que lhe abrisse a porta.

A cabrita disse:

— Saae-te d'aquí, falso ladrom, e nom te achegues aqui! [ca tu  
nom]<sup>7</sup> es a mynha madre, mas falsamente tu arremedas a noz d'ella;  
e pella fendedura da porta vejo eu bem que tu es lobo.

E o lobo vendo que o conhōcia, foy-sse sseu caminho.

<sup>1</sup> Tudo o que nesta fabula ponho entre colchetes falta no ms., por este estar  
roto.

<sup>2</sup> A photographia apresenta aqui um traço, que corresponde a uma dobra  
do ms., de modo que adeante de *com só* se vê parte da letra seguinte, que creio  
ser *o*.

<sup>3</sup> No ms. *espança*, sem traço no *p*. Nos logares seguintes, ora com traço, ora  
por extenso.

<sup>4</sup> Leia-se *nehūa* ou *nēhūa*.

<sup>5</sup> No ms. *psoa*, tendo esquecido cortar a haste do *p*.

<sup>6</sup> Depois de *e* ha um traço sem significação.

<sup>7</sup> Onde ponho colchetes, está roto o ms.

Per este emxemplo este poeta nos amoesta que os filhos deuem \*  
[Fl. 41-v.] de sseer obidientes aos mandamentos do padre e da madre; e \*<sup>1</sup> diz  
que como os filhos som bem aventurados, obeedeçemdo ao padre e aa  
madre, assy pelo comtrayro <sup>2</sup> os que nom obedeçem a sseus mandados.

#### LIX. [O vilão que acutilou a cobra]

[P]om emxemplo este poeta e diz que hūu vilāo criou hūu coobra  
per espaço de tempo. Hūu dia deu este vilāo húa caitelada na ca-  
beça aa cobra: fugio <sup>3</sup> d'elle, e o vilāo afaagaua-a, que sse tornasse  
pera ell, e pedio-lhe perdom, e a coobra lhe disse:

— Eu te perdoo <sup>4</sup>, mas nom quero mays viuer com tiguo, ca ssem-  
pre me temeria d'aquy avamte de ty que me désses outra tal ferida;  
[\*Fl. 42-r.] e ja com tiguo nom viueria ssegura: pois me \* nom foste lleall amiguio,  
ja nunca auerey fiuza em ty.

E dictas as palauras, a cobra sse partio d'elle.

Per este emxemplo este poeta nos amoesta que nós nom deuemos  
comfiar d'aquelle que nos húa vez emganam, porque assy como nos  
emganam húa uez, assy uaam cuidando d[e n]os <sup>5</sup> emguanar outra, ca  
ho bem que nos faz o homem que nom he fiell nom se deue chamar  
«bem», mas «mall».

#### LX [O cervo e o cabrão]

[P]om emxemplo este doutor e diz que hūu çeruo demandou a  
hūu cabram hūu moyo de trijguo, que dizia que lhe emprestára, pe-  
ramte o lobo <sup>6</sup>: e o cabram per medo do lobo lh'o confessou, e o lobo  
lhe deu certo termo a que lh'o pagasse.

Acabado o [q]ual <sup>7</sup>, o çeruo lhe pidio o dicto trijguo. Ho cabram

<sup>1</sup> Repete-se e no começo da pagina.

<sup>2</sup> Isto é: assim são pelo contrario.

<sup>3</sup> Talvez falte a *coobra* (sujeito), por equivoco com a palavra anterior; todavia ha outros exemplos analogos de omissão de sujeito.

<sup>4</sup> Passa aqui uma dobraria, de modo que d'esta palavra só se vê *poo* (estando cortada a haste do *p*). Não era *perdão*, pois não ha vestigios de *til*. Noutros casos o ms. tem *perdoar*, sem *til*.

<sup>5</sup> Onde ponho colchetes o ms. está roto.

<sup>6</sup> Peramte o lobo depende de *demandou*.

<sup>7</sup> O logar a que corresponde q estú roto. O mesmo succede com relação ás outras letras que ponho infra entre colchetes.

di[sse] que nom lh'o queria dar e que o confessou qu[e]<sup>1</sup> ell fezera \*[Fl.42-v.] nom era valioso, porque o fezera com medo do lobo: e as cousas que com medo prometem <sup>2</sup> nom ssom valiosas, segundo dereyto da ley.

E veendo o juiz a alegaçom, ssoube a uerdade, e assolueo o caram do confeso que fezera per medo.

Per este emxemplo este poeta nos amostra que nom deuemos cõostramger <sup>3</sup> nhúa <sup>4</sup> perssoa que digua nhúa <sup>5</sup> cousa per força nem per medo, porque a comfissom fecta per medo e temor nom vall segundo dereyto <sup>6</sup> canonico e çiuell, nem ssegundo Deus, o quall he sabedor de todalas couzas.

#### LXI. [O vaqueiro que combate por seu senhor]

\* [C]omita o doutor este emxemplo e diz que hūu caualeyro, familiar d'hūu rrey, conhoçia hūu homem velho que nom avia filhos e era ja muyto velho e desapossado e era muyto rrico, ca ell ssemprera e era oficiale d'el-rrey, que avia curado sseus caualeyros.

Este caualeyro lhe avia grande emveja, porque era rrico <sup>7</sup>, e buscava cada dia maneyra em como lhe tomasse o que tijnha; e ffoy-sse a el-rrey e acusou-ho dizemdo que quanto ell tijnha, todo furtara a el-rrey, e que de furto era assy rrico, dizendo d'ell muyto mal, e que era ladram e homem de maa condicōm: e que esto lhe queria prouar em hūu campo com a espada na māao.

El-rrey fez chamar o velho, e mandou-l<sup>8</sup> que sse escusasse ou emtrasse em campo com ell; e sse com ell nom sse estreuesse de combater, que buscasse outrem que sse com ell combatesse em sseu nome.

O caualeyro era muy valemte em armas. E o velho rreçeaua de sse combater com elle, ca o caualeyro era muy mançebó, e elle era muy velho e muy desapossado: e amdaua rrogando paremte[s e a]mygos <sup>9</sup> a que ell ja fezera muytas boas obras, e nom podia achar quem quy[se]sse <sup>9</sup> tomar a aventure por ell, ca sse temiam do caualeyro. Este velho sse querelaua e dizia:

<sup>1</sup> Repete-se que no começo da pagina.

<sup>2</sup> Ou falta *se* («que com medo se prometem»), ou *prometem*, por estar no plural, exprime aqui por si só a impersonalidade (Não se pôde ler *prometemos*).

<sup>3</sup> E' difícil decidir se no ms. está *cõestramger* ou como escrevo.

<sup>4</sup> <sup>5</sup> Leia-se *nehúa* ou *nē hūa*.

<sup>6</sup> No ms. *djto* com til sobre o *j* (que não tem ponto). Mas supre, por extenso, *dereyto*.

<sup>7</sup> O sujeito grammatical é o velho.

<sup>8</sup> Onde ponho colchetes o ms. está roto.

<sup>9</sup> No ms. lê-se por engano *quyses*.

— Muytos ajudey ao tempo de ssens mesteres, assy a paremtes  
 \*[Fl. 43-v.] como amygos, e ora nom acho paremte nem amyguo! Quando<sup>1</sup> a furtuna he comtra o homem, todolos paremtes fogem d'ell, como ora fazem de mym!

E este velho tijinha hūu sseu pastor que lhe guardaua sseu guaado. E veendo o pastor sseu ssenor amdar tam triste, ouue piedade d'ell, e preguntou-lhe<sup>2</sup> porque andaua com tanta tristura. O uelho lhe contou todo sseu negocio. O pastor, que ouue d'elle doo, lhe disse:

— Men ssenor, eu quero tomar esta avemtura em vosso nome.  
 O uelho lhe deu muitas graças<sup>3</sup>.

Ho outro dia, do combate, mandou este pastor bem armado ao campo a combater-sse com este caualeyro. Quando o caualeyro vyo este vaqueyro, disse que a ell seria gram vergomça sse sse muyto andasse combatemdo com este vaqueyro, mas que loguo o emtendya de vencêr; e compeçou tirar e dar com ssua espada grandes golpes no vaqueyro. Ho uaqueyro cobria-sse e leixaaua o bem camssar, e algúas vezes esquiyvava os guolpes do caualeyro: esto fazia ell por o leixar bem caussar. O caualeyro imaginava que sse nom podia defender o uaqueyro, e cada uez o despreçaua mais. O caualeyro tomou hūu ssodairo, e enxugaua ho rrostro, porque ssuava. Ho vaqueyro sse achegou a ell, e deu-lhe hūu golpe no cotuelo do braço derejto<sup>4</sup>, que o caualeyro perdeo a força do braço, e arredou-sse por de tras, e posse-sse a sseer; e o uaqueyro <o><sup>5</sup> outrossy sse asseemtou no campo. Ho uaqueyro<sup>\*</sup> disse ao caualeyro que sse leuantasse; ho caualeyro disse que nom queria. O uaqueyro, veendo que o caualeyro nom sse queria leuantar, posse-sse outra vez a sseer no campo.

\*[Fl. 44-r.]

Aaqueste combate estava pressemte el-rrey com outros muytos barões<sup>6</sup> pera o uer; e veendo-os ambos sseer, toda a gemte compeçou d'escarneçer. Ell-Rey mandou-lhes dizer que sse combatessem. Ho missigeyro disse ao uaqueyro que sse alcasse<sup>7</sup> e sse combatesse ou sse desse por veengndo; ho uaqueyro disse:

— Eu nom me dou por vencido, mas eu ssom vençedor, ca eu nom quero dar no homem que ssee asseemtado; mas sse o caualeyro sse quiser aleuantar em pee, eu ssom prestes de me combater com elle.

A gemte essarneçia. Ho uaqueyro foy-sse ao caualeyro e disse

<sup>1</sup> No pé da pagina, entre ornatos, lê-se como reclamo ou chamada «A furtuna», que é a expressão que começa a nova pagina.

<sup>2</sup> Em preguntou a syllaba pre- está em abreviatura, que é igual, por ex., à da primeira syllaba de preciosa, pressemte etc.; por isso transcrevi a syllaba por pre- e não por per-.

<sup>3</sup> No ms. gracas.

<sup>4</sup> No ms. dito com til sobre j; mas noutros logares, por extenso, derejto.

<sup>5</sup> Está de mais o; esta letra é a ultima da linha. O escrevente ia de certo a escrever outro, mas passou a palavra toda para a linha seguinte, sem riscar o.

<sup>6</sup> No ms. barooes.

<sup>7</sup> No ms. alcasse.

muyta vilania, porque sse nom queria leuantar; ho caualeyro rrogou ao pastor que lhe perdoasse, e que sse fosse com Deus<sup>1</sup>, ca ell sse dava por vencido.

Ho uaqueyro sse partio do campo com grande homrra, e com gram prazer; o uelho folgou mujto, e feze-o herdeyro de todos sscus bées. E nom foy mays vaqueyro.

Pom o poeta este emxemplo e diz que nhūn<sup>2</sup> nom deve acusar nem fazer mall a outrem ssem rrezom, porque quando comfiam vencer algúa batalha, confiando mays no sseu poder que no poder de Deus, perde<sup>3</sup>, porque ssso Deus he juiz derejto<sup>4</sup> e defemdedor da rrazom, e poucas vezes pôde o homem<sup>5</sup> empeeçer aa rrazom; e muitas vezes acometeçê nas batalhas que os poucos vemçem os<sup>6</sup> muitos quando combatem com rrazom. Ajnda diz que nas prosperidades nom sse conhoçem<sup>7</sup> os amygnos, mas conhoçem-sse nas averssidades; mas ora em este tempo nom sse acham ssenom pera leuar-lhe o sseu, e do sseu nom dar nada: e taaes como estes nom ssom amigos, mas ssom lobos rrabazes. E porem diz Sseneca: *Illa est vera amicicia que nom querit ex rrebus amicy nisy sollam benyvolenciam*<sup>8</sup>.

#### LXII. [O capão, o gavião e o seu senhor]

\* [C]onta-nos ho poeta este emxemppo e diz que hūn senhor avia [\*FL.45-r.] hūn capam muy guordo e muy tremoso; e quando o capam ssemchia que este senhor vijnha pera casa, o capam sse escomdia em lugar que o<sup>9</sup> senhor nom o visse.

Hūn ganyam d'este senhor pregumtou a este capam porque fugia quando vijnha sseu senhor, e ell<sup>9</sup> nom fugia nem avia medo d'elle,

<sup>1</sup> Neste caso o nos seguites a palavra está abreviada (*dss*); mas, como na fab. xi vem *Deus* por extenso, transcrevo assim tambem aqui com *u*, e não com *o*.

<sup>2</sup> Leia-se *nēhūn* ou *nehūn*.

<sup>3</sup> No ms. lê-se *perde*, no sing., porque o A. tem na mente a anterior palavra *nhūn*, e elle exprime a impersonalidade ora com essa palavra, ora com o verbo no plural. Não faltará til, pois a palavra não está no fim da linha, mas per-to do começo (só no fim se usa geralmente til). Tudo ficaria corrente, se, em vez de *comfiam ou perde*, estivesse *comfia ou perdem*.

<sup>4</sup> Vid. supra, nota... a pag...

<sup>5</sup> Aqui está riscada a palavra *poucos*, que tinha sido escrita por engano.

<sup>6</sup> O *o* de *os* está esborreteado.

<sup>7</sup> Nesta sentença, antes de *i* e *y* ha *c* e não *ç*. Na palavra *benyvolenciam* o escriba havia posto *ç*, mas riscou-o. Vê-se que elle sabia que *ç* não era letra latina.

<sup>8</sup> Está riscada a palavra *capā*, escrita por engano em vez da palavra *Sr*, que foi posta em entre-linha.

<sup>9</sup> Sc. o gavião.

mas amte tomaua muyto prazer quando via o sseu senhor. Ho capam disse:

— Este nosso ssenor fez matar muytos meus irmãaos e comeo's<sup>1</sup>, e por tanto me temo d'ell, ca eu ey medo que faça a mym como fez a meus irmãaos. Este meu ssenor he tirano e nom ama ssenom homens cruees, e por elle amar ty nom he marauilha, ca tu es cruel como ell contra aves, mas eu ssom homildoso e paciente, e por tanto elle nom me ama: e esta he a rrazom porque fugo<sup>2</sup>, ca me temo que me mande matar.

Pom o poeta este enxenplo e diz que nhūu<sup>3</sup> deue morar na terra do tirano, porque nom ha no mundo mayor prijoo que viuer ssob tiranya, ca os tiranos todos ssom maaos e nom amam ssenom os maaos e cruees, os quaaes ho[s]<sup>4</sup> comsselham e ajudam de fazer mal aaqueles que boos ssom e bem viuem; e quando uēe<sup>5</sup> algūu boo que lhe despraza do mal, nom o amam de coraçom, mas muitas vezes lhe buscam a morte ssem porquê.

### LXIII. [O pastor e o lobo]

\*[Fl.45-v.] \* [C]omta-nos este poeta este emxemplo e diz que hūu pastor rrogou ao lobo que morasse com ell e lhe guardasse sseu gaado e lhe fosse bem fiell. Ho lobo disse que o faria de bom taleinte com esta condiçom, que lançasse<sup>6</sup> fora todolos cāaes, porque antre elles<sup>7</sup> e os cāaes auia mortal guerra, e nom podia sseer paz nem boo amorio; pero sse quysesesse que ell o seruisse bem e lealmente e lhe guardasse muy bem sseu<sup>8</sup> gaado, lançasse fora todolos sseus cāaes, ca ell era poderoso de lhe guardar sseu guaado. Ho lobo dizia esto com gram

<sup>1</sup> No ms. *comeos*. Podia tambem transcrever-se *come'os*.

<sup>2</sup> Leia-se *fugo*.

<sup>3</sup> Leia-se *nēhūu* ou *nehiūu*.

<sup>4</sup> No ms. *ho*, mas emendo em *hos*, porque o pronome refere-se a *tiranos* mencionado antes; o auctor ou o escriba teve talvez na mente o *tirano* do comêço da moralidade, e por isso equivocou-se.

<sup>5</sup> No ms. *vee*. Não deve suppor-se que o auctor ou o escriba teve em mente o *tirano* do comêço, a que talvez referiu *ho*, como vimos na nota antecedente; por isso deve *vee* emendar-se em *uēe*, i. é, *ueem*, o que se confirma com o facto de os verbos seguintes estarem tambem no plural, referidos a *tiranos*. O *lhe* tanto pôde ser singular como plural.

<sup>6</sup> Primeiro havia-se escrito *lançassem*, mas o *m* foi depois riscado.

<sup>7</sup> Sc. os lobos.

<sup>8</sup> Depois de *seu* ha *g*, ultima letra da linha; o escriba ia a escrever *gado*, mas passou esta palavra para a linha seguinte, sem riscar o *g*. Cf. um facto analogo supra, pag. 148, nota 5.

maliçia pera comer<sup>\*</sup> do guaado quanto lhe abastasse, e temya-sse dos .[FI. 46-v.] cãaes.

Ho pastor, cuydamdo que o dizia por fazer bem, lançou de ssy todolos cãaes. Ilo lobo emtrava ao fato sseguro<sup>1</sup> e nom temya nada.

Ilūu dia o pastor sse partio e leixou o guaado na guarda do lobo, e o lobo chamou outros lobos, e matarom o guaado e comerom quanto quiserom e partirom-sse. Quando o pastor tornou e achou tamto mallfecto<sup>2</sup>, soy muy triste.

Comta-nos ho poeta esta hultima estoria e diz que per afaagos que nos façam nom deuemos leixar as couas que nos ssom compridoyras e de nosso proueyto, e nom deuemos tomar nem buscar aquelas couas pellas quaes podemos aver dapno ou uergonça. Ajmda diz que os afaagos que sse fazem maliçiosamente empeeçem mays que peçonha.

\* \* \*

#### EXPLICIT LIBER EXOPY CUM ALEGORIJS. DEO GRACIAS.

Ffinito libro, ssit laux<sup>3</sup>, gloria Christo.  
Scriptor<sup>4</sup> est talis demonstrat litra<sup>5</sup> qualis<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Isto é: entrava seguro ao fato.

<sup>2</sup> Leia-se *feito*.

<sup>3</sup> Para o verso ficar completo falta aqui *et*, mas assim está no original.

<sup>4</sup> No ms. *scptor* com *r* sobre a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> letras.

<sup>5</sup> Esperar-se-hia *demonstrat littera* ou *litera*; mas assim está no manuscrito.

<sup>6</sup> No fim, para completar a linha, ha um ornato insigificant.





**D**ameste poeta emy e diz que hua  
libera entrou em casa de hui se  
mevio pa comer alguma cosa i no  
achou em ella peno hua lima

**D**iz que hua libera comecou hua vez com  
ce dentes e non lhe podia empecer hua  
lima fhalou a libera e dizia Tu libera  
quanto bres em my todo lhe nada tu dyp  
nac de teus dentes e amys non empeces

**S**eu pomy detanto poder que doffijo faco  
po appo como se fosse farinha e no haffeo  
no mundo appo forte que ho eu nom ffaria  
fazer po e talhar pmeo po eu te conselly  
que te no tomes comigo por quanto me  
tu mays bres eu mays estanew dety tu  
cuidas ffazer mal afamy e fagello aty

**F**er este emy este poeta noz Timostre  
e diz que ohomen forte deue per misura  
do ohomen debile. Enaco no deue con  
trastar com opoderoso por que pode dello

**H**auct uergonha e Daphno vo

**D**oguardo fui o que abastasse. Emya,  
que deus caíres ho pásor ayudando que odizim  
por fuzer ben, fanceou dessy todolos caíres ho  
lolo entraba ao fato seguido e no temyaria  
da hui dia opasor preparatio e leixou doguardo  
na guarda do lolo e o lolo chamou outro  
lolo e mataro doguardo e comeron segudo q.  
fom a partonm fpe // Quando opasor ter-  
nou e achou tanto mal fui foy inuy iste

**C**ontancio ho poeta offi hulvnia estoria d.  
diz que pa fangho quenos facim no duemo  
levar as coufas que nos hom compdyral  
e denoso pucyo e no duemo tomida nem bus-  
car aquelas coufas plicio quicaco pdem  
aber dapno ou uergonea afundi diz que de-  
cataquias que fpe fagam na uiespamente  
em pocem mais que pecumba

**E**xplicit liber exopy cu aleatorio deo gracie  
ffinito libro sit laire glia spu septon est talis  
armoltat lita qualis



## VOCABULARIO

---

No presente Vocabulario collijo apenas vocabulos das seguintes especies:

- 1) aquelles que estão hoje completamente fóra de uso, por ex.: *guarnimento*;
- 2) aquelles que, com quanto não estejam totalmente fóra de uso, tem porém uso restricto, por ex.: *talante*;
- 3) aquelles que são formas archaicas de vocabulos ainda vivos,, por ex.: *coobra*;
- 4) aquelles que tem alguma significação ou emprêgo syntactico, diversos dos da actualidade, por ex.: *curar*;
- 5) aquelles que apresentam particularidades orthographicas que possam induzir em êrro de pronúncia, por ex.: *reignar*.

Pois que o meu intuito não é só tornar intelligivel de todos os leitores o texto das fabulas, mas tambem contribuir para o vocabulario geral da lingoa portuguesa com alguns elementos, não hesitei em juntar frequentemente aos vocabulos notas lexicaes e etymologicas.

Os algarismos romanos referem-se aos numeros que tem as fabulas; os algarismos arabicos ás linhas de cada fabula, posto que estas não estejam numeradas no texto<sup>1</sup> (não os faço referir ás linhas de cada pagina, para facilitar a separata que tiro d'este artigo, pois que ella ha de levar paginação nova).

Como, por um lado, a orthographia do texto é bastante variavel, pois ahí se lê, por ex. *hestoria* e *estoria*, *se* e *sse*, *llobo* e *lobo*, *comta*

---

<sup>1</sup> Os leitores que quiserem seguir com attenção o que digo no Vocabulario devem numerar as linhas das fabulas (de 5 em 5, por exemplo)

e *conta*, *ssiluado* e *syluado*; e, por outro lado, não havia vantagem em conservar na ordem alphabetică estes archaismos orthographicos, que não revelam diferença de pronúncias, e são só para os olhos: uniformizo a orthographia dos vocabulos segundo as regras usuaes, e indico entre parenthesis, adeante dos respectivos numeros, a orthographia originaria.

## A

**aa**, *asa*: xxiii, 3o. Alterna com *ala*. Os *aa* são etymologicos: lat. *a la*.

**aar**, *ar*: iii, 15; xiv, 2 (*haar*), 5.—Os *aa* poderão ser etymologicos: lat. *a ere*.

**aaz**. Vid. *aç*.

**aazo**, occasião, causa: xlviii, 4. Os *aa* podem ser etymologicos. A respeito do etymo vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, 2.<sup>a</sup> ed., § 164.

**abanador**, abano para enxotar as moscas: xxiii, 31.

**abastar**, bastar, ser sufficiente: lxiii, 9.

**abolver**, revolver a agoa para a turvar: ii, 8.

**abúter**, f., abutre: vi, 8.—A *abúter* corresponde *abútere* (pl. *abúteres*) nas *Decadas* de Barros: vid. *Dicc. da Ling. Port.*, publicado pela Academia das Sciencias. Comquanto *abutre*, nas suas diferentes fórmas (*abútere*, *abuitre*, etc.), seja masculino nos AA. classicos, aqui é feminino: cfr. *abestruç* ou *avestruç*, que é tambem masculino e feminino (por influencia de *ave*). O facto nada tem estranho, se nos lembrarmos que em latim ha varios nomes de animaes que estão nas mesmas circunstancias, como, para só citar nomes de aves: *accipiter*, *anser*, *perdix*, *phoenix*, *turtur*: vid. Neue, *Formenlehre der Lateinischen Sprache*, 1 (1877), 612, 613, 615, 617. Para a adopção do genero feminino podia concorrer o cuidarem muitos autores antigos «que estas aves todas são femeas, e que sem commercio masculino concebem unicamente do vento», como diz o P.<sup>o</sup> Manoel Consciencia, *Academia Universal*, Lisboa 1732, p. 133.—A par de *abuitre*, com as suas variantes, havia tambem em port. arc. *avuytor*, no *Canc. da Vatic.*, n.<sup>o</sup> 321 (avuytor).

**aceiro**, aço: xxxvii, 3 (aceyro).

**acerea**, perto (adverbio): liv, 2 (acerqua). Esta accepção adverbial está hoje antiquada.

**achegar**, aproximar: xl, 10; l, 8; lxi, 40.

**acó**, cá: lv, 5 (aquo).

**acostar**, encostar, chegar: xxviii, 13.

**adormentar**, adormecer: xxxiv, 19.

**adubar**, arranjar, tratar: xi, 9 (em sentido ironico).

**afaago**, afago: xlvi, 21 (afaaguo). Os *aa* são etimologicos: cfr. hesp. ant. *afalagar*, mod. *halagar*. Origem germanica.

**afieadamente**, com afinco, encarecidamente: viii, 5.

**afremosentar**, aformosear: xx, 7, 14.

**aginha**, de pressa: xlvi, 3 (agynha). Alterna com *asinha*.

**al**: iii, 20 (all), na phrase: «*all* dizem com as lingoas e *all* teem nos seus corações» = uma cousa . . . outra cousa.

**ala**, asa: xxiii, 17 (alla). Alterna com *aa*. Latinismo.

**alá**, lá: xxxviii, 14 (alla).

**alcalde**: xxxiv, 11 (alcayde). Nas instituições medievais era o governador de um castello ou província. A definição ajuda a expressão que se lê na l. 36: «nem percadés por ende a terra». Cfr. A. Herculano, *Hist. de Portugal*, iv (1.<sup>a</sup> ed.), 134-135.

**aldea**, aldeia: xii, 2, 3.

**alegaçom**, allegação: ix, 9.

**levantar**, levantar: xxi, 9 («nos nom *aleuantemos*»). Alterna na mesma fabula, 12, com *levantar* («nom sse podem *leuamtar*»).

**algo**, bem: viii, 7. Propriamente *algo* é o lat. *ali quod*, mas no nosso texto tem a significação que indico, i. é: o lobo faria muito bem á grua, dar-lhe-hia muito dinheiro, ou outra cousa de valor. *Algo* «equivale a alguma cousa, fazenda, bens»: *Dicc. da Ling. Port.* de Moraes; *receber algo*, ib. Em gallego ant. «et que gannaua grand' *algo*»: *Cantigas de Afonso o Sabio*, ii, 296. Hesp. ant.: «partir sus *algos*» = sua fazenda: *Dicc. da Acad. Hesp.* — Cfr. *fidalgo* = filho d'algo.

**algña**, alguma: passim.

**algñu**, algum: xi, 3. Os *uu* são etimologicos: vid. s. v. *ūu*.

**alheo**, alheio: v, 11: xl, 29.

**alimalla**, animalia: xvi, 9; xlvi, 12. No primeiro passo alterna com *animalia*. A fórmula antiga mais usual é esta ultima e *alimaria*, por ex.: no *Leal Conselheiro*<sup>1</sup> e noutros textos.

**alimpar**, limpar: xxiii, 10.

**amaestramento**, ensino, doutrinamento: xli, 25. Cfr. o voc. seguinte. Alterna com *ameestramento*.

**amaestrar**, ensinar, doutrinar: xxxii, 30; xl, 27. Alterna com *amestrar*, *amoestar* e *amostrar*.

<sup>1</sup> Quando eu citar o *Leal Conselheiro*, entenda-se que sigo a edição de J.-I. Roquete, Paris 1854 (com quanto não seja isenta de defeitos).

**amar**, desejar: lv, 10, na phrase «eu amo mays». Cfr. fr. *j'aime mieux*.

**ameaçar** (intransitivamente), fazer ameaça: xi, 5.

**ameestramento**, ensino, educação: lv, 18. Alterna com *amaestramento*. Cfr. *amostramento*.

**ameestrar**, ensinar, educar, doutrinar: xiv, 10; lv, 18. Cfr. *amaestrar*, *amoestar* e *amostrar*.

**amoestar**, admoestar, avisar, ensinar, exhortar: prol., 15; xix, 19; xxii, 9. Cfr. *amaestrar*, *ameestrar*, *amostrar*.

**amorio**, cordialidade: lxiii, 5.

**amostramento**, ensino, exhortação: xlII, 17. Cfr. *ameestramento* e *amaestramento*. Tambem em hesp.: *amostramiento*.

**amostrar**, ensinar, avisar, mostrar: xxxIII, 12; xxxvIII, 1; xxxIX, 1; xxxv, 12; xxxVI, 12. Cfr. *amoestar*, *ameestrar* e *amaestrar*. Em hesp. arc. *amostrar* no sentido de «instruir ó enseñar»; vid. Dicc. da Acad. Hesp. No *Poema de Fernan Gonzaleſ*, ed. de Marden, Baltimore 1904, vem *demonstrar* na mesma accepção, estr. 2.—Nas fabulas de Marie de France encontra-se tambem o correspondente vocabulo *mustrer*, em correlação com *essample* «exemplo», como nas nossas, mas significa «mostrar», «contar»: «e por essample li *mustra*», prol.; «cest essample vus vueil *mustrer*», iv, 15<sup>1</sup>.

**andar**, ir: xii, 2 (amdar); xxvi, 1 (id.); xxvII, 1 (id.), 11 (id.); xxix, 2, 3. O quarto passo é: «amdaava a caçar das alimarias aa ssilua = ia ao bosque caçar; cfr. no *Leal Conselheiro*, cap. vi, p. 47: «se me vem húa voomtade de hir a monte ou caça», onde *hir a monte*, que significa «ir á caça grossa», representa a forma primitiva da expressão. Em ital. *andare* significa «ir»; o Dicc. da Acad. Hesp. traz tambem *andar* = «ir», em accepção familiar.

**anojar**, enfadar, molestar: xxIII, 19.

**ante**. Emprega-se: 1) como preposição, e significa — perante, deante de: xlV, 16 (amte); 2) como adverbio, e significa — anteriormente: li, 10 «comcorda com as outras duas *amte dictas*»<sup>2</sup>, e — pelo contrário: lxII, 7 (mas amte); 3) fazendo parte de uma locução conjuncional, *ante que* — antes que: xlVIII, 13 (amte que).

**antre**, entre: iv, 1 (amtre); xvi, 4 (id.); xxx, 2.

<sup>1</sup> Vid. *Die Fabeln der Marie de France*, ed. de Karl Warnke, Halle 1898. Cfr. tambem L. Foulet na *Zeitsch. f. rom. Philol.*, xxix, 316.

<sup>2</sup> No ms. está tambem em duas palavras. Hoje escrevemos *antedicto*, considerando *ante-* como prefixo, por isso que *ante* já não se usa como palavra avulsa.

**apostar**, concertar, compôr, dispôr: xlvi, 18.—Em hesp. arc. *apostar* «componer», «ataviar» etc.: vid. *Dicc.* da Acad. Hesp.—Deriv. do lat. *positus*<sup>1</sup>.

**aquel**, aquelle: xxxi, 9 (aqueLL); xxxii, 25 (id.); xxxiv, 11 (id.).

**aquello**, aquillo: iv, 5 (aqueLo); xvi, 17.

**aqueentar**, aquentar, aquecer: x, 8. Os ee são etimológicos: arc. *acaentlar*. Deriv. do lat. *c a(l) e r e*.

**aquesta, aqueste**, esta, este: passim. Alternam com *esta* e *este*, sem diferença de significação, como se vê d'estes exemplos: «Aqueste Exopo», prol. 6; «Este Exopo em aqueste sseu liuro», prol. 9; «E assemelha este sseu lJuro, prol. 13. Na moralidade das fabulas lê-se a cada passo: «Per aquesta hestoria», «Per esta estoria», «Em aquesta hestoria», «Em esta hestoria». O emprego de uma ou de outra d'estas fórmulas dependia provavelmente do gôsto do escriptor, que assim variava o estilo.

**aquesto**, isto: *lIX*, 8.

**ardimento**, atrevimento, ousadia, audacia: *xxix*, 15. Cfr. *ardir*.

**ardir**, atrevimento, ousadia, audacia: *xxix*, 9. Cfr. *ardimento*.

A palavra *ardir* creio que não foi ainda registada nos nossos dicionarios; pelo menos não vem no *Elucidario*, nem nos Diccionarios da Academia, de Moraes, do Caturra, de Cortesão. Propriamente *ardir* é verbo, mas está aqui em accepção de substantivo (verbo substantivado).—Cfr. fr. ant. *hardir* e mod. *enhardir*; ital. *ardire*. De origem germanica: cfr. got. *hardus* «rude», «aspero»; all. *hart* «duro», «forte».

**Arguo**, Argo: *xlIV*, 15 (*Arguu*), 17 (id.), 22 (id.), 29 (id.).—Vid. a annotação que adeante farei a esta fabula.

**armuzello**, armadilha de apanhar peixes, ou mais provavelmente «anzol»: *xxxiv*, 47, 48. O segundo passo diz: «o pescador pesca os peixes com o *armuzello*»<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Digo que a palavra vem de *positus*, e não de *posto*, por causa do hespanhol. Em port. arc. ha *aposto* no sentido de «adequado», por ex. na *Lenda de Barlaão e Josaphate* (*sic*), sec. xiv, ed. de Vasconcellos Abreu, p. 6: «deo-lhe .. mancebos autos e *apostos*»; mas aqui a palavra tem como etymo o lat. *appositus* «apropriado».

<sup>2</sup> Esta palavra é sem duvida a mesma que *armaçello*, citada por Viterbo, *Elucidario*, s. v. «santello», como vindas nas actas das cōrtes de Lisboa de 1434. Resta porém saber se é efectivamente *armaçello*, ou se estará a por u. Consultando eu sobre o assunto o Sr. Pedro de Azevedo, Conservador da Torre do Tombo, respondeu-me o seguinte: «Não encontro as actas das cōrtes de Lisboa de 1434. Mesmo elas não foram em Lisboa, mas sim em Leiria e depois em

**arrefées**, refens: xxxviii, 10, 11.

**arrepeender**, arrepender: xlvi, 12, 13, 14. Alterna, ib., 15, com *rrepender* («e *rrependermo-nos*»).— Os dois *ee* são etimológicos: lat. *re penitere* = \*re-peneter(e). (Em *rrependermo-nos* escreveu-se só um *e*, talvez porque *rrepem* || está em fim de linha no ms.).

**arriba de** (= a riba de), acerca de: iii, 2; x, 2.— Também podia transcrever-se *a rriba de*.

**arroaldo**, ruido, sussurro: lvii, 3 (arroydo); briga: xiv, 13 (id.); xxiii, 40.

**artefíoso**, artifioso, feito com arte, distinto: 1, 7.

**arvor**, arvore: xiii, 4, 9; xv, 1.

**asconder**, esconder: prol. 18 (ascomido); xliv, 6 (ascomder); lii, 6 (id.). Alterna com *esconder* no prol. 19, e em xliv, 9.

**asinha**, de pressa: xv, 10.—Vid. *aginha*.

**assecentar**, sentar: xix, 3, 12.—Os *ee* são etimológicos: lat. \*as-s-e(d)ent-a(r)e).

**assembrado**, reunido: xxx, 12 (assenbradas).

**assi**, assim: prol. 18 (assy); iii, 3 (id.); tão: xv, 6 (assy); xxxvii, 8 (id.).

---

Santarem (J. P. Ribeiro, *Memoria sobre as Fontes do Código Philippino nas Memorias de Litterat. Port.*, II, 80). D'estas cōrtes ha uma certidão de bastantes capítulos no cartorio da Camara do Porto». Na Biblioteca Nacional de Lisboa, secção dos Manuscritos, existe uma cópia das actas das mencionadas cōrtes de Santarem, segundo a citada certidão da Camara do Porto, mas, num rapido exame que nella fiz, não encontrei lá infelizmente nenhuma das fórmas da palavra de que se trata.— Esta é possível que desaparecesse do uso geral; pelo menos não a encontro no glossario do *Estado Actual das Pescas em Portugal*, de Baldaque da Silva, Lisboa 1891. No *Dicc. da Ling. Port.* de Fonseca & Roquete vem, como palavra arcaica, *armasello* (com *s*), a que se dá a seguinte definição: «armadilha ou rede de pesca»; mas provavelmente isto baseia-se no *Elucidario*. O Caturra, no *Novo Diccionario*, s. v. «*armasélo*», repete, resumindo-o, o que diz o Dicc. precitado; só não appõe á palavra nota de arcaismo.— Já depois de composto na imprensa o que fica dito, se publicou outro texto em que se lê *armuzello*, no sentido de «anzol»; vid. *Rev. Lusit.*, VIII, 247 (texto do sec. XIV). Em vista de esta repetição da forma *armuzello*, com *u*, é possível que o *armazello* do *Elucidario* seja inexacto, e portanto os *armasellos* dos diccionarios que o copiaram.— Talvez *armuzello* derive do lat. *hamus* «anzol» por cruzamento com a palavra *armar* (e *armadilha*). Incidentemente notare que *ancinho* (variante popular *encinho*) me parece resultar do cruzamento de *hamus* ou \**hamicinus* com *uncinus* (que vive no it. *uncino*), d'onde viria \*(h)*ancinus*, que explica juntamente o it. *ancino*. A mesma familia pertence *ançol*, e pertencerá também *engaço* (gall. *angaco*, hesp. *angazo*).

**assolver**, absolver: LX, 9.

**astroso**, de mau agouro, mofino: XV, 11 (id.); XXII, 3.

**atá que**, até que: IX, 4 (ataa), 8 (id.); X, 11 (id.). — Os dois *aa* de *ataa* são orthographicos (para indicarem *a* aberto) e não etymologicos: arab. *hatta'*; cf. hesp. arc. *ata*.

**atanto (d')**, tanto: XL, 28. Cfr. *d'atanto* e *atanto* em D. Denis, *Liederbuch*, ed. de Lang, vv. 817 e 905.

**atreveressar** (se não ha êrro no ms.), atravessar: VIII, 3 (atreuressar). Alterna com *trauessedo*, VIII, 12<sup>2</sup>.

**auga**, agoa: X, 2; II, 6 (augua); XXIII, 6 (id.); LVII, 4 (id.). — Embora se escreva por vezes *augua*, soava *auga*, como o prova X, 2 (e é ainda hoje fórmula popular); *-gua* é mera representação de *-ga*. Vid. adeante a secção da Orthographia, e o vocabulo seguinte.

**augacento**, aguacento, aguado: XIX, 4 (augacemto). Vid. *auga*.

**avangelho**, evangelho: XLV, 37. Ainda hoje é fórmula popular.

**avantagem**, vantagem: XLIII, 13.

**avante (d')**, perante: XXIV, 2 (dauamte); XXVIII, 5 (dauante).

**aventura (per)**, por acaso: XXIII, 32 (auenitura).

**avemturança (bem)**, bem-estar, prosperidade: VII, 12 (auemturamça): XVI, 13 (auemturanças).

**aver**. Vid. *haver*.

**aversidade**, adversidade: LXI, 69 (auerssidades).

**avir**, advir, acontecer: XXXIV, 4 (aeuo).

**avondar**, bastar; II, 10 (auonda). — No mesmo sentido se diz ainda hoje na Beira-Alta *bondar*.

**az**, ala, fileira: XXX, 4 (aazes), 5 (id.). — Em *aazes* os dois *aa* são meramente orthographicos, pois o etymo está no lat. *acie-*.

## B

**bibera**, vibera: XXXVII, 1, 3, 4.

**boglo**, bugio: XXIV, 2, 3. Tambem ib., 7, se lê *bugio*, com *u*, como hoje se escreve.

**boo, bôo**, bom. Não ha duvida de que estas duas fórmas da mesma palavra alternam entre si. Os exs. de *boo* são muito nume-

<sup>1</sup> Dozy & Engelmann, *Glossaire des Mots Esp. et Port. deriv. de l'Arabe*, Leiden 1869, p. 286.

<sup>2</sup> Como em VIII, 12, a phrase é *na guargamta trauessado*, poderia suppôr-se que *trauessado* estaria por *atrauessedo*, tendo havido na escrita fusão do primeiro *a* com o *a* final de *guargamta*; todavia Moraes cita *travessar*, e ha em gallego ant. *travessar*, em hesp. ant. *travesar* em fr. *traverser*, etc.

rosos: II, 28; XI, 2, 12; XIX, 23; XXIII, 30, 39; XXV, 16; XXVII, 27, 30; XXX, 18; XL, 3; XLVI, 5; I, 18; LVI, 11, 14; LXII, 20; e no plural (*boos*): XXVI, 20; XXVII, 27; XXXVI, 14; LXII, 20. Tal abundancia de exemplos mostra que em *boo* não falta til, e que pelo contrário essa forma era viva, como hoje o é ainda no povo, simplificada em *bô* (Beira-Alta); em gallego mod. *bô*. Exemplos de *bô*, escrito por vezes *boom* e *bom*: XXV, 2; IV, 20; VIII, 21, 22; XIV, 4; XXVII, 26. Ha uma fabula, XXVII, em que, como se vê, concorrem *boo* (duas vezes), *boos* e *bom*; ha outra, XXV, em que concorrem *bô* e *boo*. Os *oo* são etymologicos: lat. *bo(n)u-*; lat. \**bono-* = *bonu-*. O feminino é sempre *boa*, que corresponde a *boo*: II, 13; III, 18; XXVII, 30; no pl. (*boas*): XXVII, 29<sup>1</sup>.

**braadar**, bradar: II, 9; XIII, 12; XVII, II. Mas *bradar*: XVI, 8 (bradaua), sem ser em fim de linha; provavelmente escapou um *a*. — Exemplos de *braadar* empregado transitivamente: XLVI, 9-10 («braadar altas vozes»); LI, 8 («eu b[raa]darey<sup>2</sup> altas vozes»). — Em *braadar* os *aa* são etymologicos: cfr. hesp. *baladrar*, onde se mantem o *-l-* etymologico que desapareceu em português.

**branchete**, certo cãozinho: XVII, 1 (bramchete), 2 (id.), 8 (id.). — Esta palavra, que não encontro archivada ainda nos nossos lexicos, é sem duvida a mesma que a hespanhola *blanchete*, a que os diccionarios dão a significação de «perrillo ó gato blanquecinos», «perro faldero»<sup>3</sup>. O *ch* mostra que ella veio do francês (*blanchet*) para as lingoas da Peninsula.

**brasfamar**, blasphemar: XXXIII, 10.

**burgès**, burgues: XXXVI, 1, 6, 7. — Como a palavra se repete tres vezes, é mais que provavel que não haja erro de *g* por *gu*,

<sup>1</sup> Se na lingua actual existe *bô* (pop.) e *boa*, que correspondem a *boo*, a par de *bom* e *bôa* (pop.), que correspondem a *bôo*, não admira que no ms. se encontre *boo* conjuntamente com *bôo*. Hoje é ainda frequente em Lisboa ouvir á mesma pessoa (nas proprias classes que tem certa educação) *bôa* a par de *boa*. E quantas incertezas não temos na orthographia, correspondentes ás incertezas da pronúncia? Por ex.: *noite* e *noute*; *Doiro* e *Douro*. Nas nasaes citarei *lage* (fórmula usual) a par de *lagem* (que tambem tem algum uso, e que é mesmo dada pelo *Dicc. de Rimas* de E. de Castilho e por outros). Igualmente é frequente em Lisboa, até na gente culta, *mença* (que porém não se escreve) concomitantemente com *mesa*.

<sup>2</sup> Restitui *b[raa]darey*, com dois *aa*, e não com um, porque o espaço os exige.

<sup>3</sup> *Dicc. de la Leng. Cast.* da Acad. Hesp., s. v.; *Nuevo diccion.* de R. Barcia, s. v.

embora na fab. III, 8, esteja *legemos* = *leguemos*<sup>1</sup>; de facto o uso geral do ms. é representar por *gu* o *g* guttural. Com *burgés* cfr. *burges* em Viterbo, *Elucidario*, s. v., com quanto elle a par cite *burgues*<sup>2</sup>; e cfr. principalmente hesp. arc. *burgés*<sup>3</sup> e fr. *burgeois*. Deve entender-se que o *burgés* do Fabulario, a ser exacta a explicação que dou, vem directamente de *burgense*-, como o hesp. e o fr., ao passo que a moderna forma *burgués* deriva de *burgo*; também em hesp. mod. ha *burgués*, que, do mesmo modo, vem de *burgo*.

**buscar:** emprega-se intransitivamente em XXI, 3.

## C

1. **ca**, porque: XX, 11; XL, 9; etc.—Do lat. *quia* ou *quā*.

2. **ca**, do que: XVII, 17.—Do lat. *qua(m)*.

**cabrom**, cabrão, bode: XXXII, 17. Na mesma fab., 2, emprega-se *bode* como synonymo. Alterna com *cabram* em LX, 2, 5, 10, a não haver, como parece que não ha (pois *cabram* repete-se tres vezes), erro de *a* por *o*.

**cajom**, occasião, causa: XXXIX, 11, 15. Em II, 24, *buscar cajom* (*contra rražom*) = buscar pretexto.

**cam**, cão: V, 11; XXXVI, 9. A pronúncia era certamente *cã* (no pl. *cãaes*: XXXIII, 6); cfr. gall. *can* (= *cã*), hesp. ant. *can*.

**carniça**, carne morta, em grande quantidade: VIII, 2.

**carrar**, fechar<sup>4</sup>: LVIII, 2.

**cárregua**, carga: XLIII, 2 (carregua).

**carretar**, acarretar: XIII, 8; XXIX, 10. Com quanto nas phrases onde entra esta palavra as palavras antecedentes a ella terminem em *a*, não parece que *carretar* seja êrro por *acarretar*, pois Moraes cita tambem *carretar*. Cfr. o subst. vb. *carréto*, que faz presuppor esse verbo.

**caso (per)**, por acaso: XXXIV, 4.

<sup>1</sup> A forma *legemos* = *leguemos* é de origem litteraria (a forma popular que lhe corresponde é *liemos*), e por isso nunca ahí *g* podia ser palatal; o conjuntivo baseia-se em *legar*, por analogia com os outros conjuntivos da 1.<sup>a</sup> conjugação.

<sup>2</sup> Neste caso e em *burges*, Viterbo escreve por êrro *z* em vez de *s*.

<sup>3</sup> Vid.: Dicc. da Acad. Hesp., s. v.; M. Pidal, *Gram. Hist. Esp.*, Madrid 1904, p. 126; Meyer-Lübke, *Gram. der Rom. Spr.*, II, § 473.

<sup>4</sup> Em português moderno (pelo menos na Beira), *cerrar*, fallando de porta ou janella, significa «fechar incompletamente», «encostar»; mas na fabula de que se trata, *carrar* significa «fechar completamente», como o hesp. *cerrar*.

**castigamento**, acto de castigar, correção: xxxvi, 13.—Vid. *castigar*.

**castigar**, emendar, corrigir.—Vid. outros exs. classicos d'esta accepção em Moraes, *Dicc. da Ling. Port.* É a do lat. *castigare*, em phrases taes como *castigare vitia*.

**celestrial**, celestial: xl, 34 (celestiall).

**cento**, cem: «cento olhos» (bis), xliv, 23; mas esta expressão alterna com «cem olhos», ib., 15.—Na lingoa moderna *cento* emprega-se como substantivo, mas nos textos arcaicos, como aqui, *cento* pôde empregar-se adjectivamente, como em latim, no sentido de «cem». Outros exs. dos seculos xiv e xv são: «cento annos» na *Vida de Santa Maria Egipcia*<sup>1</sup>; «Nosso Senhor outorga .. cento por hûu», no *Leal Conselheiro*<sup>2</sup>.

**certo**, certamente: i, 7 (certo). Adjectivo adverbial.

**cervo**, veado: xliv, 1 (ceruo).—Que a palavra foi muito usada em port. arc. mostra-o ainda o onomastico moderno, que mantem como que estereotypadas muitas palavras antigas, neste caso *Cerva*, *Cervo*, *Cervos*, *Cerveira*.

**chanto**, pranto: xxxiv, 7.

**cheo**, cheio: lv, 6.

**cobiça**, cobiça: v, 11 (cobijça). Os dois *ii* são etymologicos: \*cupi(d)itia; cfr. prov. *cobezeza*. A nossa palavra tem aspecto semi-popular. Vid. infra *cobiçar*.

**cobiçar**, cobiçar: xv, 8 (cobijçar).—Vid. supra *cobiça*.

**ollo**, pescoço: viii, 15.—A palavra hoje é pouco empregada neste sentido.

**color**, côr: x, 5.—A palavra apparece noutros textos antigos, por ex.: nos *Ined. de Alcob.*, 1, 234; no *Leal Conselheiro*, p. 264 (traducção de um *Tratado* de S. Thomás). A par de *color* encontra-se tambem na litteratura antiga frequentemente *coor*. Na *Cronica Troiana* (gallego do sec. xiv) ha igualmente *color* e *coor*. A forma *color* é mero latinismo. Só *coor* é legitimamente popular (mod. *côr*), pois -l- latino syncopa-se.

**como**, quando, logo que: xxvii, 12.

**companha**, companhia: xl, 5.

**comparaçom**, comparação: xi, 15.

<sup>1</sup> *Anciens Textes Portugais*, publicados por J. Cornu, Paris 1882 (extr. da *Romania*, xi), p. 25.

<sup>2</sup> Cap. xxxii, p. 190.

**compeçar**, começar: ix, 12; xx, 2; xxxiv, 44.—Altera com *começar* (xvii, 9).

**comprido**, cheio, provido: xxxiv, 51; completo: xl ix, 5.

**compridoliro**, necessário, respeitante: i, 8-9; lxiii, 18.

**comprir**, convir, competir, importar: xi, 3; lv, 10; xxi, 10; xxiii, 34.

**condicōm**, condição: vi, 2 (comdiçom); xiii, 17 (id.), etc.

**confesso**, confissão: lx, 6. Alterna com *confissom* na mesma fabula.

**confissom**, confissão: lx, 13 (comfissom). Vid. *confesso*.

**conhocente**, conhecedor: viii, 21 (conhoçemtes).

**conhocer**, conhecer: i, 6 (conhoçesse); iv, 18 (conhoçer). Alterna com *conhecer*, xxviii, 9 (conheçeo).—A forma *conhocer*, muito frequente na lingoa antiga, é mais arcaica do que *conhecer*, porque assenta no lat. *cognoscere* (cfr. esp. *conocer*), ao passo que *conhecer* me parece ser mera dissimilação de *conhocer*, facilitada talvez pela presença da palatal *nh*; em gallego mod. ha *conhecer*, como em português mod., e *conecer*, por influencia do esp. *conocer*; em gallego ant. ha *coñoscer*, como no nosso texto.

**conselhar**, aconselhar: xxxvii, 9 («eu te conselho»).

**contestar**, xxvi, 18, na phrase: «a pequena força nem se deve contestar com a grande», i. é: não deve disputar, bater-se.—Todavia o Sr. Epiphanio Dias nota-me que talvez deva emendar-se em *contrastar*, de acordo com xxxvii, 14.

**contra**, na direcção de: ii, 7.

**contrastar**, contender, medir-se: xxxvii, 14. Vid. supra *contestar*.

**contrairo**, contrario: xxxii, 34; lviii, 15. *Fazer contrairo*: vid. a annotação á fab. xxv, 9.

**coobra**, cobra: lix, 1, 3 (vid. *Erratas*). Alterna com *cobra* em lix, 9, com um só *o*, porque no ms. esta palavra está em fim de linha. A duplicação do *o* em *coobra* é etymologica: lat. \*co(l)o-bra = colubra.

**coraçom**, coração: ix, 22; xxii, 11.

**cordeiro**. Apesar de a palavra *cordeiro* ser masculina, e em port. arc. existir *cordeira*, que lhe corresponde como fórmula feminina<sup>1</sup>, nota-se na fab. lv, 9, que o cordeiro, fallando de si, diz *filha*, e mais abaixo *ssegura* (embora o lobo, ib., 5, lhe chame *filho*,

<sup>1</sup> Por ex., na *Vida de Eufrosina* (sec. xiv): «quem soy aquel que espadaçou a minha cordeyrra?» em Cornu, *Anciens Textes Portugais*, p. 6.

porque *filho* estará aqui em sentido geral). E de facto na fab. LVIII, que concorda com esta, a *cordeiro* corresponde *cabrita*. Por isso, na mente do autor, *cordeiro* parece ser nome epiceno; e dar-se-ha aqui a especie de concordancia que os grammaticos chamam syllepse de genero<sup>1</sup>.

**couce**, calcanhar: xxix, 14. O cavallo diz ao asno: «nom quero em ty luxar os meus *couces*», i. é. «patas traseiras». Do lat. *calce-*, «calcanhar»<sup>2</sup>. Ainda hoje dizemos metaphoricamente «no *couce* da procissão», por «na retaguarda».

**cousa**, nada: iv, 6, na phrase «que lhe nom prestára *cousa*». Cfr. *Leal Conselheiro*, cap. x, p. 62-63: «sem o Padre, *cousa* nom poderia fazer». Os exemplos d'este uso em port. arc. são numerosos. Cfr., quanto á evolução do sentido, o fr. *rien* < lat. *rem* «cousa».

**eras**, amanhã: xx, 12.

**creer**, crer: ix, 18; xv, 15.

**cruueees**, crueis: XIII, 16 (cruueees). O singular é *cruvel* ou *cruevil*, por isso que no ms. alternam entre si adjectivos em *-vel* e *-vil* (e *-bile*): vid. nota 4 á fab. LVI; o sing. de *cruerees* não se encontra por extenso. A forma *cruueees* alterna com *cruees* em XXXI, 15; sing. *cruel*, LXII, 12. Noutros textos antigos encontra-se tambem *cruvel* e o pl. *cruertiis*<sup>3</sup>. Deve admittir-se que no lat. vulg. da Lusitania houve o adjetivo \* *crudébilis*, correspondente a *crude-**lis*, por analogia com outros, como *flebilis*, *delebilis*<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Convém a este proposito observar o seguinte: Em algumas terras da Beira-Baixa (Fozcôa) e do Baixo-Minho (Braga, Guimarães) não se usa a palavra *cordeira*, e sómente *cordeiro* (ou *cordeirinho*), que tanto se applica ao macho, como á femea: os *cordeiros*; todavia no Minho o mais vulgar é *anho*, *anha* (*anhinho*, *-a*); e em Fozcôa ha *borrêgo* e *borrêga*, com quanto estes nomes se dêem a animaes um pouco mais velhos que o *cordeiro*.—Em hesp. ha *cordero*, *-a*; em mirandês *cordeiro*, *-a*. Quanto ao gallego, os diccionarios só citam *cordeiro* (Javier, Piñol, Valladares); não encontro nelles *cordeira*.

<sup>2</sup> Cfr. o seguinte exemplo em Phedro, *Fabul.*, I, xxi, 8-9:

... Asinus, ut vidit serum  
Impune laedi, *calcibus* frontem extudit.

<sup>3</sup> Vid. *Ined. de Alcobaça*, II, 268 e 109, fórmulas já colligidas por Cortesão, *Subsidios para um Dicc. da Ling. Port.*, s. v.

<sup>4</sup> A formação é comtudo irregular, porque os adj. em *-bilis* são formados de verbos, e o *e* de *flebilis* e *delebilis* pertence ao thema: *fle-bilis*, *dele-bili-s* (thema ampliado); ao passo que *crudelis* é formado do adjetivo *crudus*, com o suffixo *-eli-s*. Neste caso o povo regulou-se apenas pela terminação, e substituiu *-élis* por *-ébilis*.

**cruevelmente** ou **cruevilmente**, cruelmente: LVI, 7 (cruelmente); e vid. a respectiva nota. Cfr. *cruevees*.

**cultelada**, cutelada ou cutilada: LIV, 2. Na mesma fab., linha 6, vem *ferida* como synonimo. Propriamente *cuitelada* significará aqui «pancada com um cutelo», e não «ferida com derramento de sangue», como hoje; cfr. *espadeirada* na lingoa usual, e *firir* neste Vocabulario.

**cujo**, de quem: IX, 10 «cuja era a casa»; XLIV, 31 «cuja ha (= a) cousa era».

**curar**, ter cuidado de (empregado transitivamente): LXI, 4 («avia curado sseus caualeiros»). Cfr. o lat. *curare*.

## D

**dapno** = damno: II, 10. O *p* não tem valor phonetico, é meramente orthographic.

**dar**. Vid. a annotação á fab. XXIII, 27.

**débile**, debil: XXXVII, 13 (debille).

**demostrar**, mostrar: III, 21.

**dereito**, -a, justo, -a: VI, 4 (derejta); LXI, 40 (derejto), 65 (id.). Substantivado: «segundo *derejto* da ley», LX, 8; «segumdo derejto canonico e ciuel», LX, 14.

**desapossado**, sem fôrças, fraco: LXI, 3.—Ao exemplo que traz o *Elucidario* de Viterbo (sec. XIV) junte-se pois mais este, e o que vem no *Leal Conselheiro*, cap. I, p. 16: *desaposados* (sec. XV).

**descontamento**, desconto: VIII, 17 «sseja descomtamento do seruço» — seja em desconto. Deriv. de *descontar*.

**desembargar**, desembaraçar: IX, 11.

**desemparar**, desamparar: XXX, 21 (desamparar).

**desperar**, perder a esperança: LVII, 15. O proprio texto dá a definição: «aquelle que perde a esperança, ligeyramente sse despera». O verbo não vem nem no *Dicc.* de Moraes, nem no do Caturra; apenas este e o de Cortesão citam *desperança*. Etymo: lat. *desperare*.

**despreçar**, não dar apreço, desprezar, depreciar: I, 13; XI, 14-15; XXXIII, 13; LVI, 12.

**destroir**, destruir: XLVIII, 5 (destroyr).

I. **Deus**. Na fab. LX, 13-14, lê-se: «a confissom fecta per medo e temor nom vall segumdo derejto canonico e çiuell, nem ssegumdo

*Deus*. Vê-se pela enumeração *dereito civil*, *dereito canonico*, que segundo *Deus* quer dizer—direito que provém de Deus, i. é, *direito divino*<sup>1</sup>. Também no testamento de D. Afonso II (sec. XIII) se lê: «e elles as depártiā segūdo deus»<sup>2</sup>. No *Leal Conselheiro* (sec. XV) encontro: «aquelle tristeza, que he segundo Deos, obra peendença stavel para a saude; a tristeza do segle obra morte», onde *segundo Deos* se oppõe a *do segle*, i. é, «mundana», e significa como o próprio D. Duarte explica mais adeante: «aquelle [tristeza] que desceende de Deos»<sup>3</sup>. Outro ex. da mesma obra: «ao sprito da tristeza, que nom he segundo Deos, devemos a fugir»<sup>4</sup>.

2. **deus** = plural? Vid. a annotação á fab. XLVII.

**Diaboo**, Diabo: XLV, 42.

**dinheiros**. No plural, em circunstacias em que nós hoje poríamos collectivamente o singular: «húa ssoma de *dinheiros*», XXXV, 5; «ho auaro he seruo dos jdolos s. dos *dinheiros*», XLII, 20-21; «quem serue aos *dinheiros* serue aos jdoles», XLII, 21; «cobijça de *dinheiros*», XLV, 32. Cfr. no *Leal Conselheiro* (sec. XV): «nom pensem que a justiça de Deos he cousa que se possa vender como se dessem pellos pecados *dynheiros*»<sup>5</sup>. Em hesp. do sec. XIV:

.. aora que estas lleno  
.. de pan e de dñeros ..<sup>6</sup>

**discreçom**, discrição: LVI, 17. Alterna com *discriçom*: vid. este vocabulo.

**discriçom**, discrição: XXXVI, 13. Vid. *discreçom*.—A fórmula *discreçom* está mais proxima do lat. *discretione*- do que *discriçom*; todavia esta alterna, como vemos, com aquella. Também

<sup>1</sup> Num documento do sec. XVI encontro expressamente *dereito deuino*: «do arroz douz dízimos, hū que he *dereito deuino*, que eu tenho por bulla do santo padre, e outro dízimo de direito (*sic*) a [prepos., ou por á] minha fazenda». Vid. *Archivo Hist. Port.*, I, 380.

<sup>2</sup> Este testamento foi publicado pelo Sr. Pedro de Azevedo na *Rev. Lusit.*, VIII, 80 ss. O trecho que cito vem a p. 82. Repete-se a phrase a p. 83.

<sup>3</sup> Cap. XVIII, p. 110.

<sup>4</sup> Cap. XVIII, p. 111.

<sup>5</sup> Cap. LXXXVIII, 426.—No cap. LXII, p. 236, *dinheiros* pôde porém também estar no sentido geral de «moedas».—O *dinheiro* era uma moeda antiga.

<sup>6</sup> Arcipreste de Hita, *Libro de Buen Amor*, ed. de Ducamin, Tolosa 1901, est. 255.

**elio**, isso: xxiii, 29; xxxiv, 20.

**emigo**, inimigo: xvi, 15 (emijgo); xxxix, 13 (emijgos). Alterna com *imigo*: vid. este vocabulo. No *Leal Conselheiro* (sec. xv) tambem: *emiigo*, p. 15, a par de *inmiigo*, p. 256.—O duplo *i* pode ser orthographic. Para ser etymologico, era preciso admittir a serie: *inimicu-* > \**imi(n)icu* > \**imigo*.

**empeçer**, empècer: xiii, 17; xxxvii, 4.—O duplo *e* é etymologico: lat. \**imp e(d)e scere*. Cfr. *Leal Conselheiro*, p. 30 e 240.

**empero**, porém, comtudo, todavia: xii, 18. Cfr. *pero*, que tem porém outro sentido.

**encaleçar**, ir no encalço: vi, 8 (emcalçou).

**encommendar**, recomendar, deixar ao cuidado de: lv, 2 (emcomendou).

**encontrar**. Este verbo apresenta no Fabulario tres construções: 1.<sup>a</sup>) transitivamente: «aqueill asno o encontrou», xxix, 21; 2.<sup>a</sup>) reflexamente: «encontrou-sse com hūu pastor», xxvii, 3; 3.<sup>a</sup>) intransitivamente, no sentido de *ter encontro*: «hūu asno encontrou com hūu porco montês», xi, 1; «hūu leom . . emcomtrou com hūu asno», xvi, 2. A ultima construcao é completamente arcaica. Cfr. em hesp.: «un asno que encontró con un león»<sup>3</sup>.

**ende**. Em xxvii, 16, «e d'ende a poucos dias», significa *ahi*. Em xxxiii, 3, «e tomaya por ende grande prazer», e xxxiv, 36, «nem percades por emde a terra», significa *isso*. Na origem *ende* < lat. *inde* significava «d'ahi»; mas assim como *onde* < lat. *unde*, que significava *d'onde*, passou a significar *onde*, por causa da juncção pleonastica da preposicao *de*, assim *ende* passou a significar *ahi*. O mesmo parallelismo se encontra na significação translata *isso*, pois *onde* tambem pode significar *o que*: *por emde* «por isso», como *por onde* «pelo que».

**enderençar**, dirigir, encaminhar, dispôr, tratar de: iii, 1.—Pode juntar-se mais este exemplo aos que traz Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, noutra accepção.—A par de *endereçar*, que se encontra já tambem nas *Cantigas gallegas de Affonso o Sabio* (por ex.: ii, 282), no *Leal Conselheiro* e na *Cronica Troiana*, temos em port. mod. *endereçar*, e em port. e gall. antigos *aderençar*.—No Minho existe ainda o verbo *enderençar* e o subst. verbal *enderença*, usados na linguagem das tecedeiras; em Trás-os-Montes *enderença* designa certa peça do carro.

<sup>3</sup> *Libro del Sabio Ysopo*, Sevilha 1533, fab. xi, fls. xviii-r.

fixo *re-* tornado independente<sup>1</sup>. Em apoio de tal explicação está o facto de em francês arcaico se encontrar *re* tambem como adverbio<sup>2</sup>. Da vitalidade do prefixo *re-* em português e hespanhol falla a Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis na *Rev. Lusit.*, III, 183. Esta vitalidade favorecia o emprego adverbial do prefixo.

**errar**, aggravar, offend, causar damno: xix, 25.—Junte-se mais este exemplo aos que trazem Moraes e Cortesão nos seus Dicionarios. Tambem na *Demando do Santo Graal*, sec. XIV: «por Deus, se vos errey en algúia ren»<sup>3</sup>. Em hesp. arc.: *errar* «ofender», «agraviar»<sup>4</sup>.

**ervanço**, grão de bico: XII, 5 (ervanços), 23 (heruamço). Cfr. tambem Moraes, *Dicc.*, s. v. «ervanço».

**escarnecer**. Empregado transitivamente: «ho rico .. escarnece ao proue», XI, 16. Cf. Moraes, *Dicc.*, s. v.

**escarnho**, escarnio: XV, 13.

**escarnido**, escarnecido: XXVIII, 16. Participio do verbo ant. *escarnir*.

**escatimoso**, offensivo, malicioso: XXIII, 14.—Este adjectivo não estava ainda archivado nos nossos lexicos. Cfr. hesp. *escatimoso* no mesmo sentido.

**escultar**, escutar: XXIII, 13 (escuytou).

**escusar**, justificar: LXI, 11.

**esguardar**, olhar, attender, observar: XXV, 16; XXXIII, 4; XL, 17; XLIV, 17, 18. (Talvez deva pronunciar-se *esgardar*).—Vid. *guardar*.

**espaancar**, espancar: XXXVI, 5.—Os *aa* são etymologicos, pois o etymo remoto está no lat. *p(h)a(l)anga*.

**esperever** = escrever. O *p* não tem valor phonetico.

**especia**, apparencia: I, 8. Numa phrase: *so especia*, como em lat. *sub specie*.

**esplendor**, esplendor: I, 6 (esplamdon).

**esquecer**, esquecer: XXVII, 25 (esqueer). Os *ee* são etymologicos: *esquecer* < *escaecer* < lat. \*ex-ca(d)e scere.

**estávil**, estavel: XXXIV, 42 (estauyll).

<sup>1</sup> *Romania*, IX, 580. Cfr. o mesmo periodico, XI, 87, onde junta exs. de *er* na linguagem dos personagens populares dos Autos de Gil Vicente.

<sup>2</sup> Meyer-Lübke, *Gram. der Rom. Spr.*, II, § 613, III, § 492.

<sup>3</sup> Fl. 181-v, b: apud Cornu, *Romania*, XI, 93.—Outro exs., no texto impresso, pp. 63 e 98. Este ultimo é: «porque sentya que *the errára* do que auja feito».

<sup>4</sup> *Dicc.* da Academia Hespanhola.

**tente-**, partic. pres. de *foetere*; cfr. hesp. *hediente*, e na lingoagem pop. port., *fedentinha*, *fedenthoso*, -a e *fedença*<sup>1</sup>.

**feito**, fazenda, facto. O primeiro significado, —no plural—, está em XLIV, 28 (fectos); vid. s. v. *fazenda*. O segundo está em VII, 2 (de *facto*).

**fendedura**, fenda: LVIII, 10.—Não vem nos Diccionarios de Moraes, Caturra e Cortesão. Cfr. hesp. *hendedura*.

**feo**, feio: XXXIII, 5, 14 (ffeos).

**ferida**, pancada: XXXVI, 10 (fferidas). Vid. *firir*.

**ferir**. Vid. *firir*.

**filhar**, tomar, apanhar: XV, 10; XVI, 5; XLVI, 9.

**fim**. Do genero feminino: XXXI, 16, «maa fim»; LI, 8 «esguardar a fim» (= attender ao intuito). Ha ainda hoje na lingoagem da Beira uma phrase estereotypada onde *fim* mantem o seu antigo genero (finis em lat. é masc. e fem.): «a fim do mundo».

**firir**, bater, espancar: XXXVI, 4. Alterna com *ferir* em XXXVI, 6; XLIII, 6. Ha outros exs. de *firir* em português e gallego antigos.— Aqui *firir* está no sentido do lat. *ferire*. Vid. *ferida*.

**fluza**, confiança: LIX, 8. No *Leal Conselheiro*, p. 237, vem *feuza*, com e. Fórmula ainda hoje popular (Extremadura). Tambem é usada como appellido.

**fogir**, fugir: LVII, 11. Alterna com *fugir* noutros logares da mesma fabula.

**fôrça**, violencia: VI, 18, na expressão allitterada *fazer força*. Cfr. a definição dada em Moraes, *Dicc.*: «a violencia que se faz, usando do que não é proprio o forçador, entrando a outrem por suas terras e herdades, tolhendo a outrem o uso do seu: *fazer força*», —definição que evoca os tempos do feudalismo. Cfr. tambem em gallego do sec. XIII, com fórmula alatinada: *fôrtja*<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Fedentinha* significa «mau cheiro» (subst. fem.); e applica-se tambem a uma pessoa ruim de aturar («é um *fedentinha*»): Beira-Alta, Baixo-Douro. Nas mesmas duas accepções se emprega *fedença* («está aqui uma *fedença*», B.-Alta e B.-Douro: «F. é um *fedença*», B.-Douro»). Quanto a *fedenthoso*, -a, significa no Baixo-Douro «desageitado», «mal feito», «mal arranjado» (por ex. «cousa *fedenthosa*»).—Á mesma familia de palavras pertencem estas: *fedanho* (= f-e-d-e-n-h-o) «importuno», e *fedanhar* (= f-e-d-e-n-h-a-r) «importunar», ambas usadas em Moncorvo, e a phrase á *fedoca* «desajeitadamente» dada pelo Caturra no seu *Dicc.* (o Caturra diz que *fedoca* vem de *foedus*, mas contra isto protesta o -d- intervocalico). Cfr. tambem o gall. *fedento*.

<sup>2</sup> *Docum. Gallegos de los sigl.* XIII al XVI, n.º 2, linha 23 (p. 2).

**fremoso, -a**, formoso, -a: prol. 9 (fremosas); 1, 3; xi, 8.  
Cfr. *fremosura*.

**fremosura**, formosura: xxi, 2. Cfr. *fremoso*.

**freo**, freio: xiv, 11.

**frol**, flor: xx, 17 (froll). Alterna com *flores* no prol., 13, e com *fror*. Vid. *fror*.

**fror**, flôr: prol., 14. Vid. *frol*.

**fruito**, fruto: prol., 14.

**fundo**, baixo (subst.): ii, 3, «da parte de fundo»; iii, 13, «tirava pera fundo». Na fab. 1, 7 «[as râs] meterom as cabeças do fundo da auga», a ultima expressão significa *de baixo*; talvez *do fundo da agoa* esteja mesmo por *de fundo*, com *do* por *de*, ou por influência da labial, como na expressão popular *do baixo* por *de baixo*, ou por êrro de copia.—Na *Visão de Tundalo*, publicada na *Rev. Lus.*, iii, texto do sec. xiv, lê-se *cayr en fundo*, p. 104. Em textos gallegos do sec. xiv encontra-se tambem *en ffondo* «pelo lado de baixo»<sup>1</sup>. Moraes cita *rua a fundo* como antiquado<sup>2</sup>. Ainda no sec. xvi se dizia *Mondim de Fundo* a povoação que hoje se chama *Mondim de Baixo*<sup>3</sup>.

## G

**gaado**, gado: xxvii, 4; xxxii, 13, 15. Os *aa* são etymologicos; cfr. hesp. *ganado*.

**galardom**, galardão, pago, agradecimento: x, 16 (gualardom). À expressão *dar mao galardom* corresponde a expressão moderna *dar mau pago*. Vid. *grado*.

**gançar**, ganhar, adquirir: xxiii, 21 (guançoso). É frequente em textos do sec. xiv e xv *guançar*, *gançar*, *gaançar*. Do radical de que veio *ganhar* (origem germanica) deve ter provindo para as línguas da Peninsula um verbo \**ganar*, d'onde viesse o hesp. *ganar*, e o port. prehist. \**gāar*, com que se relaciona *gaança* (*gança*) e *gaançar* (*gançar*); à mesma familia pertence hesp. *ganancia* (d'onde o port. mod. *ganância*), hesp. *ganado*, port. ant. *gaado* = \**gāado* (mod. *gado*), gall. e port. do Alto-Minho *gando*.

<sup>1</sup> *Docum. Gallegos de los sigl. xiii al xvi*, p. 121, etc.

<sup>2</sup> *Dicc. da Ling. Port.*, s. v. «fundo».

<sup>3</sup> Documentos mss., que publicarei noutro logar.—Cfr. *Moita Fundeira*, como quem dissesse «Moita de Fundo», isto é «Moita de Baixo», nome de um lugar no concelho da Sertã.

**gardar.** Vid. *guardar*.

**garnimento.** Vid. *guarnimento*.

**gargantolice**, gula: LII, 18 (guargamtoice).—Deriva de *gargantom*, que vem no *Leal Conselheiro*, p. 187, na forma pl. *gargantões*, «comilões», «gulosos», e na *Visão de Tundalo* (vid. *Rev. Lus.*, III, 106: *gargantooens*). O *Leal Cons.* contém varias vezes *gargantoice*: pp. 192, 193, 194; *gulla e gargantuyce*, p. 286, expressões synonymas e allitteradas.

**gaviam**, XXXI, 2, 5, etc. A pronúncia era de certo *gaviā*; cfr. hesp. *gavilan*, mir. *gabilā*.

**gema**, pedra preciosa: I. 4. Lat. *gemma*. Na moralidade, I, 15, em vez de se repetir a palavra *gema*, emprega-se a definição: *pedra preciosa*.

**gesto**, semblante: LIII, 3.

**grado**, agradecimento: VIII, 22, «dar maaō grado», que corresponde a *dar maaō galardom* em X, 16. Vid. *galardom*.—Do lat. *gratum* (adj. neutro substantivado). Cfr. *en grat* em provençal<sup>1</sup>; *savoir bon gré* em francês. No *Leal Conselheiro*, p. 83, e em varios outros textos: *de grado* «de vontade».

**gram**, grande: X, 12, em próclise.—Cfr. *Rev. Lusit.*, VIII, 11-12.

**grua**, femea do grou: VIII, 5.—O vocabulo ainda não foi, neste sentido, archivado nos nossos lexicos; pelo menos não o encontro nem em Moraes, nem no Caturra, nem em Cortesão. Cfr. hesp. ant. *grua*, fr. *grue*. Do lat. \*grua-, por grue-<sup>2</sup>.

**gualardom.** Vid. *galardom*.

**guançar.** Vid. *gançar*.

**guardar**, olhar: V, 3 «guardou na auga» = olhou para a agoa. (Talvez deva pronunciar-se *gardar*). Cfr. fr. *regarder*. E vid. neste vocabulario *eguardar*.

**guargantoice.** Vid. *gargantoice*.

**guarnimento**, apparelho do cavallo: XXIX, 24. (Talvez deva pronunciar-se *garnimento*). Moraes, *Dicc.*, cita o vocabulo apenas no plural.

**guisa**, maneira: VI, 4 («em tall guysa»), 14 («per esta guisa»), XXXII, 19 («per esta guysa»).

<sup>1</sup> Bartsch, *Chrestomathie Provençale*, 5.<sup>a</sup> ed., 110-42.

<sup>2</sup> Entre *grou* (por \*gruu<sup>s</sup>, \*gruu<sup>u</sup>) e *grua* ha o mesmo parallelismo phonetico que entre *dous* e *duas*.

**H**(As palavras que não se encontrarem com *h*- procurem-se sem elle)

**haver**, ter: II, 18 («nom ey tanto tempo»); IV, 12 («nom avia per hu paguar»); etc. No prol., 18, alterna *aver* e *ter* no mesmo sentido. Assim se justifica o *sse ha* de LV, 15 (e vid. nota respectiva). Em XL, 33, *haver* está substantivado e significa *riqueza*, palavra que mesmo lhe corresponde ib., 35.

**hi**, ahi: IX, 9, «d'hi»; XV, 3, «per hi» = ahi perto.

**homem**. Ao seu emprego como pronome indefinido, como o fr. *on*, me refiro no capítulo da Syntaxe.

**homildosamente**, humildemente: II, 5.—Vid. *homildoso*.

**homildoso, -a**, humilde: II, 23.

**honra**, acolhimento respeitoso, estimação: XXI, 2, «as aues fezerom grande homrra aos pāaos por a fremosura d'elles». Cfr. a ideia opposta em «*desonrrar* de maas palauras», XXIII, 2.

**humeçidio**, homicídio: XLV, 31-32 (humeçidio). Alterna com *omiçidio* em XLV, 39.

**I**(As palavras que no texto estiverem com *j*- procurem-se com *i*-)

**ignocente**. Mera variante orthographica de *inocente* ou *innocente* (II, 27 ignocentes). O *g* resulta de confusão do lat. *ignoscens*, de *gnoscere*, com *innocens*, de *nocere*, e de haver varias palavras que se escrevem ora com *gn* ora com simples *n*.

**imilgo**, inimigo: XVI, 14 (jmijgos); XXXVIII, 18 (id.), 21 (id.), 22 (id.). Alterna com *emiigo*; vid. este vocabulo.

**infindo**, infindo: XIV, 14 (jmfijmdos). Os dois *ii* são etymologicos: lat. *infinitu-*.

**inico**, iniquo: XXXI, 15 (jnicos).—Com quanto de origem literaria, *inico* é a fórmula corrente na litteratura antiga: cfr. Camões, *Lus.*, IX, 59, «passaros *inicos*» em rima com *bicos*. A fórmula actual *iniquo* é restaurada pela latina *iniquus*.

**J**

**ja nunca**, jamais, nunca mais: XXXIV, 26; LIX, 8. Cfr. *jamais nunca* no *Leal Conselheiro*, p. 115.

**jajūu**, (adj.), que está sem comer: XII, 22 (jajuum). E o sentido do lat. *ieunus*. Cfr. na *Demando do Santo Graal* (texto do sec. XIV): «os caães .. seiam *ieius* de VII dias». — Vid. outros exs. em Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, s. v.

**Jovis**, Jove, Juppiter: VII, 6 (Jouis); I, 4 (id.), 5, 11, etc. — É o ant. nominat. lat. *Iouis* (por *Juppiter*). — A titulo de curiosidade acrescentarei que em linguagem de gíria, em certos pontos do país, se diz *Jobes* por «Deus».

## L

(As palavras que no texto estiverem com *ll-* procurem-se aqui com *l-*)

**lāa**, lá: IV, 13 (llāa), 14. Os *aa* são etimológicos: lat. *lana*.

**ladram**. Vid. *ladrom*.

**ladrom**, ladrão: II, 18; VII, 1; LVIII, 8. Alterna com *ladram* em LXI, 9.

**latino**, latim: prol., 6. Vid. a annotação respectiva.

**leam**. Vid. *leom*.

**legar**, ligar: XL, 19 (leguado), 21 (legauam). Cfr. *legamento* no *Leal Conselheiro*, p. 41.

**leixar**, deixar: V, 10 (*bis*); XXIII, 31.

**leom**, leão: VI, 14. Na fabula XXVII alternam *leom*, *liom* e *leam*.

**lhe**, lhes: VIII, 21. Vid. o que digo nas Observações Grammaticaes.

**ligeiramente**, facilmente: XXXVIII, 20 (ligeyramente); LVII, 15 (id.). No mesmo sentido se encontra essa palavra no *Leal Conselheiro*, pp. 22, 75, e em hesp. arc. *ligeramente*.

**ligeirice**, ligeireza: XXX, 10 (ligeiriçes).

**ligeiro**, facil: XXI, 12 (ligeyro). Cfr. *ligeiramente*.

**liom**, leão: VI, 5. Vid. *leom*.

**liurar**, deliberar: XLIX, 3 (liuraram). D'esta accepção se aproximam alguns dos exemplos que traz Moraes no Diccionario.

**lixosamente**, immundamente, çujamente: XXIII, 24. Vid. *lixoso*.

**lixoso**, immundo, cujo: XXIII, 26 (lixosso); XXIX, 11. Alterna com *luxar* em XXIX, 14; vid. este vocabulo.

**luxar**, manchar, çujar: XI, 8; XXIX, 14; XLII, 5. Alterna com *lixoso*, XXIX, 11; vid. este vocabulo. Ha outros exs. de *luxar* em por-

<sup>1</sup> Otto Klob na *Rev. Lusit.*, VI, 336. Provavelmente deve ler-se *ieius*.

tuguês ant. Em gallego tambem alterna *lujar* (= luxar) com *lijar* (= lixar): vid. Valladares, *Dicc. Gall. Cast.*, s. v.; e já na *Crónica Troiana*, texto gallego do sec. XIV, temos *luxar* «manchar». — Parodi, na *Romania*, XVII, 69, explica o gallego *lujar*, *lijar* por \**lutulare*, explicação admittida por Körting, *Lat.-Rom. Wb.*, 2.<sup>a</sup> ed., n.<sup>o</sup> 5761; mas ha difficultade phonética.

## M

**maa**, má: prol., 7; XXV, 7. Os *aa* são etymologicos: lat. *m a (l) a.*

**madre**, mãe: IX, 15; XXVI, 6; XXXIV, 8. Não se usa *mãe* no nosso texto.

**imaginar**, imaginar: LXI, 37.—Por se ler em Camões *maginar* ensina-se ás vezes nas aulas que temos aqui uma *licença poetica*; mas o nosso texto prova que *maginar* é da prosa, e existem outros exemplos: *maginar* em Azurara e no *Cancioneiro de Resende*<sup>1</sup>, etc. Deu-se a apherese (lat. *imaginari*, *imaginare*) por confusão de *i + m-* com o prefixo *in-*.

**mais**, mas: I, 5; XI, 13 (mays). Alterna com *mas* em: LIX, 5 (no ms. *mas* está em fim de linha); XII, 30; XXXIV, 32; XXXV, 9, etc.

**malandante**, malaventurado, infeliz: XLIV, 26, onde saiu, por êrro typographicico, *maladante* em vez de *malādante*.

**malecioso, -a**, malicioso, -a: XIII, 8 (maleciosa).

**mancebo**, criado, serviçal: XLIV, 11 (mançebo). Ibid., 29 e 30, o auctor emprega *seruo* e *seruidor* como synonimos d'este termo.—Cfr. Gama Barros, *Sobre a significação da palavra «mancipium»*, na *Rev. Lusit.*, IV, 247, onde mostra que *mancipium* e *servus*, nos mais antigos textos da idade-media, eram synonimos entre si, e que já no sec. XIII «a significação de *mancipium* correspondia á de *mancebo*, quer no sentido de individuo que servia por soldada, quer no sentido de adolescente»<sup>2</sup>.—Na fab. XLVII, 14, *mancebo* (mançebos) tem a significação actual de «joven»; e nesse sentido emprega D. Duarte tambem a palavra no *Leal Conselheiro*, p. 184, com o substantivo correspondente *mancebia* «juventude», ahí contraposto á palavra *velhice*<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Vid. Cortesão, *Subsidios para um Diccionario*, s. v.

<sup>2</sup> Loc. cit., p. 264. Este artigo foi reproduzido na *Hist. da Adm. Publ. em Portugal*, II.—Cfr. tambem Pedro de Azevedo, no *Archivo Hist. Port.*, I, 290.

<sup>3</sup> Entre *mancipium* «servo» e *moço* «joven» ha a mesma relação sematologica que entre *moço* «serviçal» e *moço* «joven».

**maneira**, moderação: xxxvi, 13. O passo é: «deuemos auer maneira com discriçom», i. é: moderação discreta.

**mango**, cabo: xxxix, 2, 3 (manguo). Trata-se do *mango* de um machado.

**manhāa**, manhã: xlvi, 17. A expressão *de manhãa* nesse passo significa «amanhā», pois que está contraposta a *oje*.

**mantimento**, mantimento, sustento, comida: xxvii, 12 (mantimento).—Os *ii* são etimológicos, pois esta forma está por \**mantimento*, de *manteer*; cfr. esp. *mantenimiento*. Também em Azurara se encontra *mantimento*<sup>1</sup>.

**marteiro**, martyrio: xlvi, 17 (marteyro).

**matar**. Na expressão *matar-se com ell*, xxvi, 4, *matar-se* significa «bater-se»; cfr. esp. *matarse con uno* «refir», «pelear con él»<sup>2</sup>.

**medês**, mesmo: ii, 2 (aqueil medes); xxxix, 15 (ell medes); xli, 33 (assy medes). Em todos esses exs. *medês* reforça o pronome ou adverbio a que vem junto. Cfr. no *Leal Conselheiro*, p. 27, *esso medes*, e p. 46, *aquel medes*. Na *Rev. Lusit.*, viii, 9, me referi a este pronome.

**meesmo**, mesmo: xl, 30.—Os *ee* são etimológicos; cfr. ital. *medesimo*.

**meestre**, mestre: xvii, 16.—Os *ee* são etimológicos: arc. *maestre* < lat. *ma(g)i stru-*. Todavia *maestre* não provém directamente do latim, como o mostra o *-e*<sup>3</sup>.

**meezinha**, remedio: xxviii, 4. Cfr. também *Leal Conselheiro*, p. 234: «por as esmollas recebem *meezinha* as nossas chagas». Ainda hoje se usa *mèzinha* no sentido de remedio caseiro («fazer uma *mèzinha*», —Beira). Em Trás-os-Montes (Norte) essa palavra significa virtude medicinal («tal herva tem *mèzinha*»). Também em provençal achamos *mecina* no sentido de remedio: «Al vostre mal

<sup>1</sup> Cortesão, *Subsídios para um Dicc.*, s. v.

<sup>2</sup> *Dicc. de la Leng. Cast.* (da Acad. Hesp.), s. v.

<sup>3</sup> A forma normal em port. devia ser *maestro*, como em esp. e ital. A par de *maestro*, ha *maestre* em esp., mas noutro sentido. Provavelmente o nosso obsoleto *maestre*, d'onde saiu *meestre*, e por fim *mestre*, vem do esp. *maestre* ou do fr. arc. *maistre*. De facto, nos exemplos que conheço do uso antigo de *mestre* em português, como *mestre-sala*, *mestre* no sentido de «médico», *mestre do Templo*, etc., a palavra relaciona-se com instituições sociaes, e podia pois vir de fóra com elas. No sentido moderno de «mecânico», dizia-se antigamente *mesteiral*.

queretz *mecina*<sup>1</sup>. Na Estremadura *mèzinha* passou a ter a significação restricta de «clister». — Os *ee* de *meezinha* são etimológicos: \*me(d)e cina < lat. *medicina*.

**mente.** Nos adverbios: vid. o que digo na Morphologia.

**mentres que e em mentres que,** enquanto: v, 2; xxxiv, 18.

**meo,** meio: iii, 10.

**meolo,** miolo: prol., 18.

**mercadaria,** mercadoria: xlvi, 2. Este vocabulo creio que não estava ainda archivado nos nossos lexicos. Elle encontra-se em varios textos dos secc. xv e xvi, pelo menos,—por ex.: «per maneira de *mercadaria*<sup>2</sup>; «de falsas *mercadarias*<sup>3</sup>; «nam resguatando porém na dicta terra nenhūas *mercadarias*<sup>4</sup>; «que os compradores nā pagué das dictas *mercadarias*<sup>5</sup>. Conheço ainda mais exemplos.—Cfr. hesp. *mercaderia*.

**merçee,** mercê: xxi, 14.

**mester.** 1) Locução—*faz mester* «é preciso»: xl, 12; xli, 29, 2) Plural—*mesteres* «necessidades», no seguinte passo, lxi, 20: *muytos ajudey ao tempo de sseus mesteres*, isto é, por occasião das suas necessidades, quando tinham necessidades.

**meter,** pôr: xix, 3; xlvi, 8.

[**mi.** Comquanto em xxiii, 12, em xlvi, 11 e 13 (vid. nota respectiva) e lvi, 13 se leia *my*, e a fórmula nasalada fosse precedida de outra sem nasal no uso geral da lingoa, é provavel que nestes passos haja mera falta de til, pois *mim* (*mym*) é muito frequente no ms., e em xlvi concorre *mym* com *my*. Todavia cfr. o que se disse s. v. «*bôo*»].

**milhor,** melhor: iv, 6; xii, 31. No *Leal Conselheiro*, por ex. a p. 175, tambem se lê *mylhôr*.

**mintira,** mentira: iv, 17.

**missegheiros,** mensageiro: xxxviii, 7 (missegeyros). Alterna com *missig-*; vid. este vocabulo.

<sup>1</sup> *Flamenca*, 2.<sup>a</sup> ed. (P. Meyer), v. 3023.

<sup>2</sup> *Leal Conselheiro*, p. 192.

<sup>3</sup> *Cancioneiro de Resende*, 1.<sup>a</sup> ed., fol. xxv-r, col. 1.<sup>a</sup>, verso 10. Sirvo-me do magnifico *fac-simile* feito pelo Sr. Archer M. Huntington.

<sup>4</sup> Foral da ilha de S. Thomé dado por D. João III em 1524, fl. 4: ms. da Torre do Tombo, gav. 7, maço 16, n.<sup>o</sup> 4. Este texto foi-me indicado pelo Sr. Pedro de Azevedo.

<sup>5</sup> Do mesmo Foral citado na nota antecedente, fl. 5-v.

**missigeiro**, mensageiro: LXI, 49 (missigeyro). Alterna com *misseg-*; vid. este vocabulo.

**misurado**, comedido: XXXVII, 13. Mas *mesura*, LIII, 3.

**mizquinho**, -a, mezquinho, -a: XXIII, 3; XXXIX, 8 (mizquynha); XLII, 22 (mizquynho); XLVIII, 18 (myzquynhas).

**mulher**, mulher: VII, 1.

**moor**, maior: XLIX, 15.

**mua**, mula: XXII, 2.

## N

**nehūu**, -a: I, 21. Em XXXIV, 25 *nhehūa*. Noutros casos *nhūu* e *nhūa*, que podem ler-se respectivamente *nehūu* ou *nēhūu*, e *nehūa* ou *nēhūa*. A graphia *nhūu* ou *nhūū* não é caso unico: vid. *Archivo Hist. Port.*, I, 419 «*nhuū trabuto*». Se se encontra *nēhūu* em muitos textos, por ex. nos *Anciens Textes Port.* (sec. XIV) de Cornu, p. 33, e no *Leal Conselheiro* (sec. XV), p. 25, tambem se encontra *nehūu*, por ex. em um doc. do sec. XV no *Archivo Hist. Port.*, I, 319, *nehūa* nas *Cantigas* de Affonso o Sabio, p. 395, *niū* (por *niū*) em Viterbo, *Elucidario*, e *neún* em Cortesão, *Subsidios*. Com quanto entre *n e c u n u*- e *nē hūu* seja legitimo admittir *nehūu* (*neū*), nada mais facil tambem do que ter-se ás vezes omittido por esquecimento o til.

**neçiamente**, nesciamente: LIII, 16 (neyçiamente).

**neçio**, nescio: LIII, 15 (neyçio).

**nembrar**, lembrar: LVI, 12.

**nembro**, membro: XLI, 24.

**nhūu**. Vid. *nehūu*<sup>1</sup>.

**nojo**, damno: XXII, 4 (faço nojo); XXIII, 24 (id.); enfado: LVI, 6.

**nojoso**, desgostoso: XV, 13.

**nom**, não: passim.

**nunca**. Vid. já.

## O

**obidiente**, obediente: LVIII, 13.

**official**, empregado de justiça em geral: LII, 15 (oficiaes). D. Duarte dá a definição no *Leal Conselheiro*, p. 32: «*dos officiaes*,

<sup>1</sup> Hoje na Extremadura diz-se em próclise *nhuma* (vid. os meus *Dialectos Extremenos*, I, 35); mas esta fórmula, que resulta de *n'nhuma* <*nenhuma*, nada tem com a do Fabulario.

em que se entendem os mais principaes, conselleiros, juizes, regedores, veedores, scrivães e semelhantes».

**omem.** Vid. *homem*.

**ora.** 1) Em vii, 9, corresponde a «agora», como na lingoa moderna. 2) Com relação a *pouca d'ora* vid. *pouco*. 3) *tall ora* «então», XLVII, 17; cf. ital. *talora* «algumas vezes».

**orto,** pomar: prol. 13. É corrente na orthographia antiga: cfr. *Orto do Sposo* (titulo de um ms. do sec. XIV) e *Garcia d'Orta* (autor do sec. XVI).

**outrossi.** outrosim: XXXVIII, 11 (outrossy).

## P

**paancada,** pancada: XVII, 12 (paamcada); XLIII, 9 (id.). — Os *aa* são etymologicos: cf. *espaancar* (supra), e hesp. *palancada*.

**paão,** pavão: XXI, 2, 4, 5. — Os *aa* são etymologicos: cf. *pavão* < lat. *pavone-*.

**padre,** pai: II, 16; XXXIV, 8; XXXVI, 14. — No nosso texto não se usa *pai*.

**pam,** pão: XLI, 21, onde por erro typographicus saiu *pom*.

**parecer,** aparecer: XXXIV, 18 (parecia).

**parte,** noticia: XXXIV. Cfr. na ling. corrente *dar parte*, dar noticia. Em X, 3, *não sabia de si parte*, não dava conta de si. Em XLV, 19, *chamou-o a de parte*, i. é, de parte, á parte.

**passar.** ultrapassar, exceder: XL, 34. Cf. no *Leal Conselheiro*, p. 175: «a despesa .. passa sobre a recepta». Em XXXIV, 49, lê-se: *passa de sabedor*; vid. a annotação respectiva.

**passareiro,** passarinheiro, caçador de passaros: XXXI, 12.

**passos.** Na phrase *a poucos passos*, VI, 5, d'ahi a pouco.

**pee,** pé, garra: XIV, 2.

**peendença,** castigo: XLV, 34 (peemdença); XLVII (peemdemça).

**peiorar,** piorar: XLIII, 13 (pejora), 15 (id.). Mas vid. *peor*.

**peor,** pior: XV, 12; XXV, 10. — Com quanto hoje se escreva muitas vezes *peor*, a pronuncia é sempre *pior*; porém no tempo da redacção do Fabulario pronunciava-se de certo *peor*, com *e*.

**pequeno,** pouco (substantivado), pedaço: XLII, 7 (me dees hūu pequeno d'elle). Nesta accepção creio que o vocabulo não se acha nos nossos lexicos. Todavia no *Leal Conselheiro*, p. 331, lê-se: «hūa pequena d'afeiçom» (= uma pouca de, um pouco de); e ainda do sec. XVII posso citar este passo: «hūas velinhas .. com o pavio tão cortado que .. era necessario, para as accenderem, cortarem hūa

*pequena de cera com os dentes* (= uma pouca de, ou um pouco de)<sup>1</sup>; e *Pão partido em pequeninos* (= pedacinhos), é o título de uma obra de Manoel Bernardes, Lisboa 1694.

**per**, por: prol. 8; xv, 3; xvii, 7. Corresponde a «pará» em xiii, 27 (onde alterna com *por*: *per comer*, *per viver*), e xli, 25 (*per nosso amaestramento*).

**pera**, para: passim.

**pereatar**, precatar: xxix, 31.

**perdom**, perdão: lix, 4.

**perfia**, porfia: xli, 15, 23.

**pero**, por isso: ii, 7; xxv, 11. Do lat. *per hoc*(c).—Em xx, 6, e xxiii, 10, *pero que*, por isso que.

**persoa**. pessoa: 1, 6 (perssoa); xi, 9; xxiii, 27. Esta fórmula encontra-se tambem no *Leal Conselheiro*, vid. o respectivo glossario. Na *Cronica Troiana*, texto gallego do sec. xiv, ha *persona* (vid. vocabulario), que deve talvez entender-se por *persoa*. Em gallego moderno ha *persoa* e *persoña*. Latinismo; cfr. *verso*.

**pesar**. Em xxxviii, 23: *faziam d'elas mao pesar*, i. é, causavam-lhe damno. Cfr. no *Dicc. de Moraes* *fazer mao pesar de alguem*.

**physico**, medico; viii, 4 (phisico); xxviii, 7 (id.).—Cfr. em fr. ant. *fisicien*<sup>2</sup>, medico, ingl. *physician*, hesp. ant.  *fisico*<sup>3</sup>. D. Duarte no *Leal Conselheiro* distingue entre *fisicos* e *solorgiāaes*<sup>4</sup>; igualmente na *Hist. do imperador Vespasiano* (impressa nos fins do sec. xv) se lê: «e nom se podem achar *fisicos* nem *celorgiāos*», p. 44 da 2.<sup>a</sup> ed. (feita por Esteves Pereira). Gil Vicente escreveu o *Auto dos Fisicos*. Na actual linguagem da Estremadura (Porto de Mós) *physico* ou  *fisico* decaiu da sua antiga accepção nobre, e passou a significar *curão*, isto é, «curandeiro»: assim se diz «*o fisico* d'aquelle terra», «*o fisico* d'aquell'outra», conforme as localidades em que elles habitam. Parallelamente a *fisico*, tinhamos em port. ant.:  *fisica* «medicina»<sup>5</sup>. No fr. da idade-media  *physique* tinha tambem essa significação<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> *Centinella contra os Judeus*, trad. por Pedro Lobo Correia, Lisboa 1716, p. 152; mas a 1.<sup>a</sup> ed. é de 1688.

<sup>2</sup> Sobre o sentido pejorativo que esta palavra pode ter tido, cfr. Jaberg, na *Zeitsch. f. rom. Philol.*, xxvii, 54.

<sup>3</sup> *Libro de buen amor* do Arcipreste de Hita (ed. de Ducamin), est. 252-d.

<sup>4</sup> P. 59.

<sup>5</sup> D. Duarte, *Leal Conselheiro*, p. 135.

<sup>6</sup> Vid. *Dict. génér. de la langue fr.*, s. v.

**pladoso**, piedoso: xlvi, 7. Mas *piedade* no mesmo logar. Do lat. *pietosu-*.—Tambem no *Canc. de Rêsende*, 1, 356, *piadade*, forma ainda hoje corrente no povo.

**pldir**, pedir: 1, 15; lx, 5.—É corrente em textos do sec. xv e anteriores e posteriores: vid. *Arch. Hist. Port.*, 1, 56, 299 e 420; Sousa Viterbo, *Tapeçarias*, p. 15; *Doc. para a hist. da typographia*, 1, 24. Hoje ainda popular (Sul).—Cfr. *siguir*.

**poboo**, povo: xlix, 8.—Os *oo* são etimologicos: lat. *popu-*(*l*) *u-*.—Fórmula corrente em português arcaico; alterna com *povoo*.

**poborar**, povoar: xlix, 1.—Cfr. Viterbo, *Elucidario*, s. v. *pobrar*, *pobramento*, etc. No *Arch. Hist. Port.*, 1, 420, *povorar* (sec. xv), 1, 302, (sec. xvi).

**poderio**, poder, facultade: vii, 14. A expressão *poderio* .. de *mal obrar* pôde traduzir-se em latim por *facultas laedendi*, o que mostra bem o sentido de *poderio*. Cfr. *poderoso*.

**poderoso**, que tem poder, potente, capaz: vii, 15, *poderoso de filhos* — que ficava potente com a ajuda dos filhos; lxiii, 8, *era poderoso de lhe guardar sseu gado* = podia guardar, tinha poder, capacidade, para guardar.—Cfr. nos *Doc. Gallegos de los sigl. XIII al XVI*: «non seian poderossos dea dar nen arrendar» (i. é, senhores, livres de a dar, etc.), p. 118, l. 6-7; *poderoso de em Moraes, Dicc.*, s. v.; em prov., C. Appel, *Provenzalische Chrestom.*, 1895, n.º 7, l. 34: «li retenc pueih sa terra e'n devenc poderos».

**poer**, pôr: xl, 14.

**pollo**, -a, pelo, -a: ii, 25; xiv, 11. Alterna *pollo* com *pello*.

**poo**, pó: xxxvii, 7.—Os *oo* são etimologicos: \**polo*, cfr. *Rev. Lusit.*, ii, 364, e iii, 297, nota.

**poomba**, pomba: li, 1.—Os *oo* são etimologicos: \**paomba* < lat. *p a(l) u m b a*.

**porém**, por isso: xli, 72; xlvi, 6; lxi, 15.

**porque**, visto que: xlvi, 19; para que, xxxvi, 11. Na expressão *ssem porqué* «sem motivo», xxxvi, 4, 5, e lvii, 7, a palavra, por ser independente, e não proclítica, recebe accento na ultima syllaba.

**pos (em)**, atrás de: xvii, 17 (*andando em pos ell* = indo atrás d'elle).

**poueo**. Locução adverbial: *loguo a pouca d'ora*, ou sómente *a pouca d'ora*, xliv, 8, 11; liv, 3; o que significa «d'ahi a pouco». Corresponde-lhe: *depois, a pouco tempo*, xlvi, 10; i. é: «depois, passado pouco tempo». Cfr. ainda: *pouco estando*, lv, 3; *hūu pouco estando*, lviii, 5.—Temos outros exs. em textos port. antigos: «e em pouca d'ora alongou-se», na *Demando do Santo Graall*, p. 83; a

*pouca d'ora* na *Visão de Tundalo* (vid. *Rev. Lus.*, VIII, 252). Ambos são do sec. XIV.—À expressão *a pouca d'ora* corresponde *a poca de ora* ou *a poca d'ora*, e *en poca d'ora* em hespanhol antigo: vid. *Poema de Fernan González*, ed. de Marden, est. 518-c, 689-d (vid. tambem p. 132; e confere no mesmo poema: *a poca de sazon*, est. 34-a); e Arcipreste de Fita, *Libro de buen amor*, ed. de Ducamin, est. 134-d. Cfr. o synonimo provençal, do mesmo typo syntactico, *en breu d'ora*, em Bartsch & Koschwitz, *Chrestomat. prov.* (6.<sup>a</sup> ed.), 286-12<sup>1</sup>.

**preçado, -a,** de preço: XXIX, 13; de aprêço: LVI, 2.

**preçar,** apreciar, prezar: LVI, 11.

**preguntar,** perguntar: XXXIV, 21 (pregumtou); LXII, 5 (id.).

**preposito,** proposito: III, 22.

**presentar,** apresentar: XLV, 15 (pressemtarom).

**pressa.** apuro, apêrto, urgencia: XVI, 15; XXV, 3.—A evolução sematologica foi a mesma que em *aperto*.

**prestar,** emprestar: IV, 6.

**prestes** (adj.), pronto: XI, 4; XXIII, 31.

**priigo,** perigo: X, 14 (prijgos); XII, 24 (prijguo); XXX, 19 (prijgo) XLIV, 13 (prijguoo).

**primeira (da),** primeiramente: ... Cfr. hesp. *de primero*.

**probe,** pobre: XII, 23.

**proberblo,** proverbio: XIV, 14.

**probeza,** pobreza: XII, 30.—Altera com *prov-*; vid. este vocabulo.

**prol,** proveito: III, 18 (proll). Em XVIII, 10, é feminino (tua proll). Em XXXIV, 29, *tam de prol*, i. é: «tão fidalgo», «tão nobre». Cfr. Dicc. de Moraes, *homem de prol*; fr. ant. *preu d'homme*, mod. *prud'homme*, prov. *prodوم*, ital. *produomo*.

**prove,** pobre: XI, 14.—Cfr. *proveza*.

**proveitar,** aproveitar, dar proveito: XXXIII, 17.

**proveza,** pobreza: XII, 29; LV, 16.—Altera com *prob-*; vid. este vocabulo.

**provencela,** provincia: XLIX, 4 (prouemcias).—Este vocabulo creio que não foi ainda archivado nos nossos lexicos; apenas Vi-

<sup>1</sup> O texto diz:

s'en breu d'ora no m'autreyatz  
que, s'el vos ama, vos l'amatz.

terbo, *Elucidario*, traz *provença* como do sec. xiv. Nos *Dialigos de S. Gregorio*, ms. do mesmo seculo, existente na Biblioteca Nacional<sup>1</sup>, fls. 19-v., lê-se tambem *provencia*. Numa cantiga que ouvi em 1904 em Castro Laboreiro (Alto-Minho) entra *probencia*; aqui a cito:

Adeus ó billa d-Acrasto,	No dia que te num bέjo
<i>Probencia</i> de Trás-os-Montes,	Meus olhos som (ou <i>sōu</i> ) duas fontes <sup>2</sup> .

Cfr. *Proença*, nome de terra e appellido.

**pulso.** Vid. *tocar*.

**pungir**, picar, ferrar (em sentido physico): xxii, 3.—Flexão: *punguo*, 1.<sup>a</sup> pessoa do pres. do indicativo.

## Q

**quebrantar**, quebrar (em sentido material), despedaçar: xiv, 6 (quebramtar-sse-ha); quebrar (em sentido moral), interromper: xxxviii, 16 (quebrantauan as tregosas).

**quedar**, ficar: xv, 16 (os homēes quedam em vergomça).

**quecente**, quente: x, 9.—Os *ee* são etymologicos: por *caente* < lat. *ca(l)e(n)tē*.

**quecentura**, quentura: vii, 7-8.—Os *ee* são etymologicos; vid. *queente*.

**querelar-se**. queixar-se: lxi, 19.

## R

(Vid. com *r-* as palavras que no texto começarem com *rr-*)

**rāa**, rā: iii, 3 (rrāa)—Os *aa* são etymologicos: lat. *rana*-.

**rabaz**, adj., que arrebata: xi, 72, na expressão «lobos rrabazes». Analogas expressões se encontram em Sá de Miranda, *Obras*,

<sup>1</sup> Marcação bibliothecal:  $\frac{\text{ant. } 73}{\text{mod. } 182}$ .

<sup>2</sup> A cantiga contém um êrro geographicó, pois *Crasto* (que ahi soa *Acrasto*) não fica em Trás-os-Montes; ella porém é mera adaptação local de outra que começa:

O Villa Real alegre,  
Provincia de Trás-os-Montes.

O povo attendeu só á rima, e não ao sentido.

ed. de D. Carolina Michaëlis, *lobo roaz*, *lobo rapaz*, *lobo robaç*: vid. p. 930. O adjetivo é pois especialmente applicado a *lobo*.

**raclonavil**, racionavel: xx, 16 (rracionauyl).

**razoar**, discorrer, conversar: xxxii, 6 (rrazoar). Cfr. *Archivo Hist. Port.*, I, 418, num texto do sec. xv, no sentido de «apresentar razões», «discorrer», «allegar».

**razom**, razão: viii, 4; xxiv, 4 (rrazom).

**regelado**, gêlo: x, 3 (rregelado).—Participio de *regelar*, tornado substantivo concreto; cfr. na lingoa commun *gelado*, certo doce muito frio. Este vocabulo creio que é agora archivado a primeira vez.

**reignar** (rreignar) = reinar. O *g* é meramente orthographic: lat. *regnare*.

**reinha**, rainha: xxiii, 9 (rreynhas).

**rem**, cousa: xxxiv, 25 (rrem), na phrase estereotypada «por nenhúa rrem do mundo». Na poesia dos nossos trovadores é muito frequente *nulha ren*, por ex. no *Cancion. da Ajuda*, ed. de D. Carolina Michaëlis, vol. I, pp. 119, 141, 147, etc., por imitação, supponho eu, do provençal *nulla ren* (*nulha*, *nuilla*, etc.)<sup>1</sup>.

**repender-se**, arrepender-se: I, 14 (sse reepemdem), XLVII, 15 (rrepedermo-nos).—Altera com *arrepeender* (com dois *ee*).

**rezom**, razão: LXI, 63 (rrezom).—Altera na mesma fabula em *rrazom*: 66 (bis).

**rlba**. Vid. *arriba*.

**ribaldo**, mau, velhaco: ix, 14 (rribalda).

**riir**, rir: XLV, 17, 18 (rriir). No texto saiu, por erro typografico, *ryr* em vez de *riir*. Os *ii* são etymologicos: lat. *ridere* (com mudança de conjugação; propriamente \**ridire*).

**rogar**. Empregado transitivamente: «este roussinoll ho rrogaua . . . que», XXXI, 4; «andaua rrogando paremte[s e a]mygos» =

<sup>1</sup> Tambem no *Canc. de D. Denis*, ed. de Lang: *nulha cousa*, v. 153; *nulha saçom*, v. 568; *nulha rem*, v. 1042; *nulha rem* «nada», vv. 677, 1178, etc.; *per nulha rem*, vv. 683, 689. Cfr. expressões analogas em provençal (Bartsch & Koschwitz, *Chrestomat.*, Marburgo 1904): *si m'escomet de nulla ren*, col. 272-1; *per nuilla ren*, col. 75-18; *no i pot nulla ren parlar*, col. 273-21; *qu'en nulla sasom non pejura*, col. 271-18. Assim como hoje na nossa lingoa literaria ha muitos francesismos, tambem na dos trovadores havia certos provençalismos. Digo que *nulha rem* (ou *ren*) será um d'elles, por isso que o lat. *nulla* não podia dar *nulha* em port. (a geminação -LL- deu -l-); discordo pois de J. Cornu, *Gram. der port. Spr.*, 2.<sup>a</sup> ed., § 129. Sobre o *lh* prov., cfr. *Romania*, XXXIV, 334.

andava implorando, LXI, 16.—Na ling. pop. mod. usa-se *rogar*, transitivamente, no sentido de «convidar homens para o trabalho agrario»; d'ahi se fez o substantivo concreto *roga* «conjunto de gente que vai rogada para a vindima» (Douro).

**rostro.** rosto: xxiii, 8 (rrostro).

**roussinol.** rouxinol: xxxi, 2 (rroussinoll).

**rovelver.** revolver: xx, 3 (rroueluer).—Esta forma, se não ha êrro, está em vez de \**rovolver* (dissimilação vocalica); e \**rovolver* resultaria de *revolver* por influencia da labial *v* no *e* surdo:

## S

(Vid. com *s-* as palavras que no texto estiverem com *ss-*)

**sabedor.** sabio: prol., 6 (ssabedor); vii, 3 (id.). Empregado ora como substantivo, ora como adjetivo, e muito usado nos séculos XIV e XV: por ex. *Anciens textes port.*, de Cornu, pp. 28 e 29; no cod. illuminado n.º 47 da Biblioteca Nacional, fl. 31; no *Leal Conselheiro*, p. 411; na *Hist. do imperador Vespasiano*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 62, etc.

**sabor,** gôsto, prazer: xxxii, 2 (ssabor), na phrase: «o comia a sseu gram ssabor».—Ainda hoje *a sabor* se emprega em alguns casos: «ao sabor do vento», «ao sabor da fantasia», etc.

**saborido,** saboroso, em sentido physico: prol., 18 (ssaborido); xxxii, 10 (id.).

**saborosamente:** xxi, 5, na phrase *muy ssaborosamente*, i. é, com muito contentamento, muito contente.

**Salamam.** Salomão: xxxiv, 43 (Ssalamam).

**sapiencia,** sabedoria: 1, 15.—Latinismo (de origem ecclesiastica) tambem usado noutras lingoas romanicas.

**scapar,** escapar: xxiii, 32.—Altera com *escapar*.

**scarnecer,** escarnecer: xix, 8 (scarneçiam); xxi, 8 (id.).

**scudeiro,** escudeiro: xlvi, 5 (scudeyro).—Altera com *esc-*: 13, 17.

**seer:** 1) ser: vi, 9 (sser); 2) estar: LXI, 52 (ssee); 3) sentar-se: LXI, 42 (sseer). Este verbo, no sentido de «sentar-se», alterna mesmo com *asseemtar*: «o caualeyro . . posse-sse a sseer, e o uaqueyro ou-trossy sse assemtoou», LXI, 42.

**segurar-se,** ficar seguro, sossegar, tranquillizar-se; LIV, 4 (segurarom-sse). Cfr. *seguro*.

**seguro.** tranquillo: LV, 15 (sseguro).—Cfr. em hesp. ant. *seguro* «tranzillo» em Berceo; vid. Lanchetas, *Gram. y vocab.*, s. v.

**sembrante,** semelhante: XL, 3 (ssenbramte).

**semelhar,** parecer: V, 7 (ssemelhaua). Alterna na mesma fabula com *parecer*.

**semelhavil,** semelhante: II, 15 (ssemelhauil).

**sempre e nunca,** nunca (emphaticamente), em tempo algum: XII, 35. Cfr., quanto á fórmā, o hesp. *siempre jamas*, «siempre com sentido esforzado» (*Dicc. de la Acad.*).

**senhor:** XXXIV, 14. Nas instituições medievais *senhor* era o individuo que tinha, por concessão do soberano, a jurisdição de uma *terra*.

**senom.** senão: XXXIV, 8 (ssenom).

**seo.** seio: X, 6 (sseo).

**sermom.** discurso: XXIII, 14 (ssermom). Cfr. *fazer longuo sermom* em Duarte Pacheco Pereira, *Esmraldo* (sec. XVI), ed. de Epiphanio Dias, Lisboa 1905, pp. 78, 82, 96, etc.

**siguir,** seguir: XXXIV, 41 (ssiguyr). Cfr., quanto ao primeiro *i*, *pidir*.

**silva,** selva, bosque: XXVII, 11 (ssilua).—Ainda no onomastico temos *Silva Escura*, etc.

**similidom,** proporção, conformidade, semelhança: XV, 6 (a phrase é: «esse tu ouuesses assy fremosa voz com tu has as ssimilidóes do teu corpo», i. é, se tivesses voz conforme ao teu corpo); XX, 14.

**so.** sob: III, 13; XLVI, 1.—Alterna com *sob* em LXII, 18.

**soberboso,** soberbo: II, 22 (ssoberboso).

**sodairo.** sudario, pano de enxugar o suor: LXI, 39 (ssodairo).

**soer,** costumar: XXXV, 7 (ssoya).

**solamente,** sómente: XX, 12 (ssolamente); XXV, 15 (id.); XXXIV, 50 (id.).—Tambem se lê *solamente* no *Leal Conselheiro* (por ex. a p. 25, a par porém de *soomento*, por ex. a p. 53), e outros textos.

**soombra,** sombra: V, 3, 4 (ssoombra). Os *oo* são etimológicos: cfr. *Estudos de Philol. Mir.*, II, 217.

**sospeicom,** suspeição: LV, 17 (ssospeycom).

**sosteer,** sofrer, aguentar: XLII, 4 (ssosteeinos).

**soterrar,** enterrar: XXXIV, 4 (ssoterrado).

**sperança,** esperança: XX, 11 (speramça).

**suso,** acima, supra: *suso dicto*, XXXII, 20; XXXIII, 12; XXXIV, 40. Tambem no *Leal Conselheiro* se lê *suso dictas*, p. 89, etc., a par de *suso scriptas*, p. 14.

## T

**tal**, na expressão «*por tall que nom ladre*» = para que não ladre: *lil.*, 4.

**talante.** Vid. *talente*.

**talente**, vontade: 1, 2 (talemte); *lxiii*, 3 (id.).—Altera com *talante* em *xii*, 14 (talamte); *xxiii*, 10; *xxvii*, 11 (talamte). Noutros textos portugueses antigos oscillam tambem *talente* e *talante*: vid. as observações de Roquete no *Leal Conselheiro*, p. 267, nota 1. Em hespanhol antigo dá-se o mesmo: «desit me vuestro *talante*», Arcip. de Hita, *Libro de buen amor*, ed. de Ducamin, est. 664-c, «sabre vuestro *talente*», id., est. 676-c. Hoje usa-se ainda em português *talante* em algumas expressões estereotypadas («a seu talante»), mas não *talente*.

**talhar**, cortar: *viii*, 15, «*talhar o collo*» = degollar.—Na lingoa moderna usa-se ainda *talhar* nesse sentido, mas só em certos casos: talhar um fato, talhar o bicho (em ling. pop.), etc.

**taxo**, teixo, no sentido de fruto do teixo: *xxxv*, 18 «hūu fruyto que ha nome *taxo*». Tambem nos fabularios latinos da idade-media se encontra *taxum* neste sentido<sup>1</sup>.—Para os antigos, a arvore chamada em latim *taxus*, era de caracter infernal, por ter fruto venenoso. O nosso Fr. Isidoro de Barreira insiste no caracter peçonhento do teixo, e cita as auctoridades da antiguidade romana que o abonam, Ovidio, Plinio, etc.<sup>2</sup>.—No Fabulario *taxo* é mero latinismo por *teixo*. Esta palavra hoje usa-se pouco; não foi assim porém outr'ora, pois no onomastico moderno resta ainda do passado *Teixedo*, *Teixeira*, *Teixello*, *Teixoso*.

**teer**, ter: 1) em sentido *commun*, *xiv*, 11; 2) na expressão «pario-sse das aues, e nom quis *teer* da húa parte nem da outra», *xxx*, 7, i. é: ficar, ser partidario; cfr. fr. *tenir pour quelqu'un* «ne point abandonner son parti»<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Vid. Fabulas do *Anonymous Neveleti* (=Walter Anglicus) no *Lyoner Yzopet*, ed. de W. Förster, Heilbronn 1882, p. 126, fab. *XLIX*, v. 13; «vitat auis *taxum*». Alguns mss. tem *toxum* e *tantum* (vid. *loc. cit.*, nota; e Hervieux, *Les Fabulistes latins*, 1, 2.<sup>a</sup> ed., 342).

<sup>2</sup> *Tratado da significação das plantas*, Lisboa 1698, pp. 329-330 (a 1<sup>a</sup>. ed. é de 1622).

<sup>3</sup> *Dict. génér. de la lang. fr.*, t. II, p. 2136, col. 2, in fine.

**terra:** 1) synonymo de «alcaidaria», territorio que está sob a alçada do *alcaide* (vid. esta palavra), xxxiv, 36; 2) synonymo de «reino», xlv, 7, pois alterna com esta palavra, *ib.*, 4.

**tiçom**, tição: xiii, 10.

**tirar**, puxar, iii, 13; xlv, 8-9 («tirou fora de ssua espada»).—Cfr. o fr. *tirer*.

**tocar**, na expressão «leixa-me *tocar teu pulso*», xxviii, 8; hoje diríamos «tomar-te o pulso». Cfr. lat. *tangere venam, venarum pulsum attingere*.

**todalas**, todas as: xvi, 9. Alterna com *todas as*.—Propriamente *todalas* está por *toda'las* = \*todas las, com assimilação do s ao l do artigo arcaico, e absorção consecutiva.

**todo**, tudo: xvi, 16.

**tolher**, impedir, vedar: vi, 13.

**trabalhar de**, esforçar-se por: xvii, 15, 16; xix, 21.

**tras (em)**, atrás de: xliv («os cãaes corriam em tras ell»). Esta expressão não foi ainda, como creio, archivada nos nossos lexicos.

[**travessado**, atravessado: viii, 12 (trauessado). Alterna com *atraucessar* na mesma fabula, l. 3. Vid. o que se disse s. v. «*atra vessar*»].

**trautado**, tractado: xxi, 8.

**trebelhar**, brincar saltando: xvii, 4, 7, 8; xviii, 15. Vid. *trebelho*.

**trebelho**, brinco: xviii, 16.—Temos em português dois vocabulos nesta fórmula, os quaes não devem confundir-se: 1) *trebelho*, substantivo abstracto e verbal derivado de *trebelhar*,—é o que se emprega no Fabulario; 2) *trebelho*, substantivo concreto,—no sentido de peça do jogo do xadrez, etc. De modo que *trebelhar* vem do subst. concreto *trebelho*; e o subst. abstracto *trebelho*, vem, como digo, de *trebelhar*. O Caturra, no *Novo Dicc. da ling. port.*, confundiu em um só estes dois vocabulos, originariamente distintos.—Aos textos citados por Viterbo e Moraes, em que se lê *trebelho* nos dois sentidos, junte-se mais: *Vida de Maria Egipcia*, sec. xiv, publicada por Cornu<sup>1</sup>, p. 16; *Demande do Santo Graall*, ed. de Reinhardstoettner<sup>2</sup>, p. 14 (*trebelho*, *trabelho*, e certamente por êrro *trabalho*).

<sup>1</sup> *Anciens textes portugais*, Paris 1882, extr. da *Romania*, vol. ix.

<sup>2</sup> Viena de Austria 1887.

**treedor**, traidor: xvi, 5; xxx, 21.—A forma *treedor* presupõe outras anteriores: \**traedor*, \**trайдор*, esta ultima com o dissílabo *ai* (não ditongo), por assentar directamente no verbo *trair*, de que foi considerada substantivo verbal (agente). A moderna forma *trайдор* (duas syllabas) assenta em *traditore-*.

**trelladado**, trasladado (partic. de *trelladar*): prol., 5.

**tremeter de**, cuidar de, ocupar de: xxi, 14.

**treliçom**, traição: xxx, 13 (treyçom).

**tribulaçom**, tribulação: xlvi, 12; lvii, 14-15.

**tribulado**, attribulado, dorido: xxvii, 3.

**trilgo**, trigo: xii, 5 (trijguo, 23 (id.); xxiii, 5 (id.), 17 (trijgo), 23 (trijguo).—A forma *trilgo* encontra-se noutro texto ant., citado por Cortesão, *Subsídios para um Dicc.*, s. v. Se *ii* tem valor phonético, poderá admittir-se que a evolução da palavra foi: *trīticu-* > *tridigo*<sup>1</sup> > \**triidgo* > *trilgo*.

## U

(*U* consoante: vid. *v-*)

**u**, onde: iv, 12 (*hu*); xiii, 3 (id.), em que alterna com *onde* (*omde*) na l. 4.—Provavelmente *u* era já arcaismo, pois é raro nestas fabulas.

**úa**, uma: passim.

**uu**, um: passim.—Os *uu* são etymologicos: lat. *u u-*.

**usar:** 1) teimar, porfiar, permanecer, ser useiro e vezeiro, xxiv, 11; 2) *usar com*, ter uso com, ter trato com, xxxv, 4, 7 (cfr. hesp. arc. *usar con*).

## V

**vāa**, vā: na expressão *uāa gloria*, xxxiii, 3; e *uāas glorias*, xxix, 29. O segundo exemplo mostra que estas expressões valem por duas palavras, e não por uma, como hoje.

**vaxelo**, certa vasilha: xix, 4. Era prato ou outra semelhante, pois o texto diz: *hūu vaxelo muy larguo*. Esta palavra creio que não está ainda archivada nos nossos lexicos.—Do lat. *vascelum*, diminutivo de *vas* «vaso». A mesma palavra existe noutras línguas romanicas com sentido variado: fr. *vaisseau*, ital. *vascello*.

<sup>1</sup> Representado pelo hesp. ant.: vid. Pidal, *Gram. Hist.*, 2.<sup>a</sup> ed., § 96-1.

**veer**, ver: iv, 12; xvi, 3.—Os *ee* são etimológicos: lat. *vi-dere* > \*ve(d)e(r)e).

**vergonça**: 1) vergonha, xv, 16 (vergomça); xvii, 17 (id.); 2) = *pudenda*: xlvi, 3.—Do lat. *vere cūndia*, i. é \*ver'gondia, onde -dia, por estar depois de consoante, deu normalmente -ça, como em *verça* < *vir'dia* (de *vir'dis*); cfr. hesp. *verguenza*.

**vérmeas**, vermes: xlvi, 14. Presupõe o sing. *rermē*, que Viterbo, *Elucid.*, cita como do sec. xiv.—O etymo está no lat. vulg. \*vermīne-, deduzido de *verminosus*; cfr. hesp. arc. *bierren*, ital. *vérmine*.

**vertude**, virtude, no sentido de «capacidade», «valor», como *virtus* em latim: xxx, 10.—A fórmula *vertude* é corrente no sec. xv: em D. Duarte e Azurara; no cod. illuminado n.º 94 da Biblioteca Nacional, também do mesmo sec., fl. 90-r, lê-se igualmente *vertude*; e ella existe ainda hoje na língua do Alemtejo: Vid. *Rev. Lusit.*, II, 24.

**vesso**, verso, no sentido de «sentença»: xl, 25.—A mesma palavra, no sentido porém de «verso» ou «versículo», se encontra nos *Ined. de Alcobaça*, III, 12, em um texto já citado por Cortesão, *Subsidios*, s. v. Esta é a legítima forma portuguesa,—do lat. *versu-*, com ss por rs, como em *avesso* < a dversu-; talvez mesmo *vesso* se pronucaisse *vesso*. A forma *vérso* é mero latinismo; cfr. *persoa*.—No sentido de «sentença» ou «adagio» temos em Gil Vicente, III, 371, *verso*. Cfr. também hesp. arc. *viesso*<sup>1</sup>.

**vezinho**, vizinho, vii, 2.—É a forma legítima portuguesa, do lat. vulg. \*vecinu-, e toda a gente, que não falla com afectação, assim pronuncia hoje, embora, por influencia do lat. classico, *vici-nus* se escreva *vizinho*.

**vianda**, comida: xix, 3.—Gallicismo já antigo.

**vir**, vir: xxix, 32; xl, 14; xliv, 14.—Os dois *ii* são etimológicos: lat. *venire*.

**vilania**, palavra própria de vilão, injuria: «conpeçou a dizer muyta *vilania*», xxix, 7; «e disse muyta *vilania*», lxi, 56.—Neste sentido não vem nos lexicos.

**villão**, camponês, rustico (por oposição a *fidalgo*): x, 3 (vil-lāo; liv, 2 (vilāos).—Cfr. hesp. *villano*. Ainda hoje na ilha da Madeira *villão* corresponde a aldeão, çaloio, etc.: Cupertino de Faria, *O Archipel. da Madeira*, Setubal 1901, p. 152.

<sup>1</sup> Vid. D. Carolina Michaëlis, in *Festschrift Adolf Tobler*, 1905, p. 21 e nota 3.

**vistir**, vestir: xxi, 4.

**vôotade**, vontade: xxii, 4.—Os *oo* são etimológicos: lat. *vō-* (l) *untate-*.

**vurmo**: xxvii, 8, na expressão «o pastor . . tirou-lhe a espinha e muyto *uurmo* que já trazia», á qual corresponde no P.<sup>o</sup> Manoel Bernardes, *Nova Floresta*, ii (1708), 159-160, quando se occupa da mesma fabula: «tirey-lhe o abrolho, espremi-lhe *o sangue pôdre e materias* que já tinha criado»,—d'onde se vê qual é a definição de *vurmo*. Ainda hoje dizemos *esvurmear*.—Fórmula antiga, paralela a *vurmo*, é *brumo*. G. Baist, na *Zs. für Rom. Philol.*, xxviii, 111, diz, sem probabilidade nenhuma, que tanto *vurmo* como *brumo* podem ter vindo do francês *gourme*.

#### ERRATAS DO VOCABULARIO

S. v. *afaago*: cfr. na lingoa moderna *fâgueiro*, onde à (por ser atono, mas aberto) testemunha a antiga duplicitade do *a*; está por *faagueiro*.

S. v. *algo*: cfr. *muito algo* nos *Anciens Textes* de Cornu, p. 1.

Emende-se *alguu* em *algūu*.

O vocabulo *armuzello* talvez signifique no nosso texto «anzol».

No artigo correspondente a *gançar*, l. 1, emende-se *guançoso* em *guanço-o*.

S. v. *mi*: emende-se na l. 2 *tenha sido* em *fosse*.

## CONSIDERAÇÕES GLOTOLOGICAS

### I

#### GRAMMATICA

No Vocabulario precedente archivei todas as palavras antigas que se encontram no nosso texto. Agora convem que eu especifique os caracteres archaicos que a phonetica, a morphologia e a syntaxe do mesmo texto apresentam; na secção consagrada á phonetica farei algumas considerações a respeito da orthographia. Depois do estudo da grammatica direi duas palavras acerca do estylo das fabulas. Por fim procurarei determinar a epoca da lingoagem.— Para as etymologias das palavras citadas vid. o *Vocabulario*.

#### A) PHONETICA

1. As vogaes atonas apresentam algumas oscillações: *i* alterna com *e*; *u* alterna com *o*, — *o* que succede, quer quando as vogaes são iniciaes, por ex. *emiigo*—*imiigo*, *ermida*—*irmida* (*hirmida*), *enjuria*—*injuria*, quer quando, sem serem iniciaes de palavras, estão comtudo em syllaba inicial, por ex. *fogir*—*fugir*, *podia*—*pudia*—*pudera*, *bugio*—*bogio*. Ora se mantem *o* e *e* em circunstancias em que hoje ha *u* e *i*, ora succede o inverso: *arroido*, *molher*, *custume*, *sobio*, *firir*, *legar*, *mester*, *milhor*, *mintir*, *missigeiro*, *miserado*, *miȝquinho*, *vertude*, *vistir*, *obidente*, *destroir*. Phenomenos avulsos: *enxemplo* (*e* nasal inicial), *piadoso* (hoje *piedoso*).

A terminação latina -vnt nos verbos deu -om, por ex. *comérom*, *dissérom*, *tomárom*, mas *ouvéraram*, preter., LVII, 5, e *víram*, LVII, 11, se não ha erro de *a* por *o*; -ANT deu -am, por ex. *estávam*, excepto *engánom*, xv, 15; -ENT deu -em, por ex. *procédem*. Provavelmente as terminações verbaes atonas -am e -em soavam ainda -ã e -ē, e não -ão e -ēi (-āi), como hoje.

Nos verbos as terminações -eo, -io absorvem a enclitica *o* (*os*): *comeo* = *comeo-o*, II, 21, e III, 16; *vios* = *vio-os*, III, 14; *ferio* = *ferio-o*, XII, 17; *recebeo* = *recebeo-o*, XXXIV, 31. Este uso é corrente noutrous textos antigos (portugueses e gallegos).

2. A vadunt corresponde *vaam*, LIX, 12; a stant corresponde *estam*, prol. 13. Temos -om no futuro: *acusaróm*, XLV, 12.

3. Mantem-se os digraphos tonicos -ea e -eo (hoje -eia, e -eio): por ex. *aldea*, *alheo*, *cheo*, *feo*, *freo*, *meo*, *seo*. Atonos: *leom* (a par de *liom*), *meolo*. Temos tambem *peor* < lat. *peiore-*, a par de *peiorar* < lat. *peiorare*.

4. Mantem-se o ditongo *ui* (hoje reduzido a *u*) em *cuitelada*, *escuitar*, *fruito*; e o ditongo *au* (hoje reduzido a *a*) em *trautado*.

5. Quando da syncope de certas consoantes entre vogaes iguaes resultaram ditongos ou digraphos que na lingoa moderna estão reduzidos a vogaes simples, oraes ou nasaes, o texto mantem os ditongos ou os digraphos:

-L-	-N-	-D-	-V-
<i>aa</i>	<i>algūu</i>	<i>cobiça</i>	<i>pāao</i>
<i>afaago</i>	<i>arrepeender</i>	<i>creer</i>	
<i>braadar</i>	<i>bóo</i>	<i>empeecer</i>	
<i>coobra</i>	<i>gaado</i>	<i>fiees</i>	
<i>cruéees</i>	<i>homēes</i>	<i>meezinha</i>	
<i>diaboo</i>	<i>infindo</i>	<i>pee</i>	
<i>doo</i>	<i>jajūu</i>	<i>seer</i>	
<i>estávees</i>	<i>lāa</i>	<i>treedor</i>	
<i>fiees</i>	<i>manhāa</i>	<i>veer</i>	
<i>maa</i>	<i>peendença</i>		
<i>notávees</i>	<i>rāa</i>		
<i>paancada</i>	<i>sosteer</i>		
<i>poboo</i>	<i>teer</i>		
<i>poo</i>	<i>ūu</i>		
<i>poomba</i>	<i>vāa</i>		
<i>queente</i>	<i>vērmēes</i>		
<i>voontade</i>	<i>vīr</i>		

É de notar que, a par de *braadar*, se encontra *bradava*, XVI, 8; a par de *coobra* se encontra *cobra*, LIX, 9 (em fim de linha, porém); a par de *seer* se encontra *ser*, XXVIII, 20, e *serás*, XXVIII, 9; tambem se encontra *fe*, XXIX, 29, e *rria*, XLV, 19, a par de *riir*, duas vezes, ib., 17 e 18. Primitivamente as duas vogaes resultantes da syncope pronunciavam-se distintas uma da outra, como se prova dos versos dos Cancioneiros; com o andar do tempo as duas vogaes fundiram-se em uma só, mas continuou a escrever-se *maa*, *poo*, *seer*. O encontrar-se no nosso texto *ser* a par de *seer*, e por outro lado o encontrar-se ahi *vaas*, XLIII, 6, *ataa*, *oo* a par de *ho*, e *antiiguo*,

onde a duplicação das vogais não é etimologica, faz crer que a oscillação da pronuncia se dava já no tempo em que se escreveu o nosso texto, ou pelo menos no da execução do manuscrito; todavia podia o copista ter-se ás vezes enganado<sup>1</sup>. — Em *moor* temos tambem o duplo. — A par de *bōo* o texto apresenta *boo*: vid. o *Vocabulario*.

6. Da syncope de -N- em -ONE- e -ANE-, e de -D- e -N- em -ÚDINE-, resultou respectivamente -om, -am, -oe (e -om), sons que hoje estão reduzidos a -ão:

- ONE -		- ANE -		- VDINE -	
<i>cabrom</i>	<i>ražom</i>	<i>cam</i>	<i>mansidōe</i>		
<i>cajom</i>	<i>sernom</i>	<i>gariam</i>	<i>multidom</i>		
<i>condiçom</i>	<i>suspeiçom</i>	<i>pam</i>	<i>simildom</i>		
<i>confissom</i>	<i>tiçom</i>				
<i>ladrom</i>	<i>treiçom</i>				
<i>leom</i>	<i>tribulaçom</i>				

Em *galardom*, de origem germanica, e em *afam*, de origem desconhecida, temos respectivamente tambem -om e -am. — Do pl. -ONES, -ANES e -ÚDINES veio respectivamente -ões, -ães, -ões, por ex. *ladrões*, *cães*, *simildões*. — A par de *cabrom* temos *cabram*, lx, 2, 3, 5 (tres vezes; a repetição mostra que não é erro de escrita); a par de *leom* (*liom*) temos *team*, xxii, 10, mas o mais usado é *leom*; a par de *ladrom* temos *ladram*, lxi, 9; a par de um exemplo duvidoso de *capom*, temos cinco vezes *capam*, lxii, 2, 3, 5, 7, repetição que mostra não haver êrro de *am* por *om*. — O lat. -ANV está representado igualmente por -ão, como em *irmão*, xxviii, 7, *grāao*, xxiii, 20, *vilão*, xi, 7, *māao*, xvii, 3, *sāao*, xxvii, 10, palavras cuja terminação corresponde á lat. -ANV-; cfr. ainda *louçāao*, xxix, 3, <> hesp. *lozano*, a que alguns attribuem origem germanica (got. *laus*), mas que poderia vir do lat. \*lautianu-, derivado de *lautus*.

<sup>1</sup> Possuímos provas de que oscillação de ee para e existia já no tempo de D. Denis, pois este rei-trovador, se contava, por exemplo, sóo como dissyllabo, contava bem (de bēe <b e n e>) como monosyllabo: vid. *Liederbuch*, ed. de Lang, n.º 36, etc. — Claro está que, assim como hoje umas pessoas dizem *pouco*, outras *pôco*, ou uma mesma pessoa diz, conforme as circunstancias, ora *bōa*, ora *boa*, ora *noite*, ora *noute*, tambem na época em que começou a simplificação dos digraphos ou ditongos havia de haver variações de pronúncia.

7. De non veio *nom*, hoje *não*; de sunt veio *som*, hoje *são*.

8. Na classe das consoantes labiaes temos: -b- > v em *avondar* < abundare; *proveza* a par de *probeza*; temos b por v em *bibera* < *vipera* e *proberbio* < *proverbium*; temos -BIL->-vil em *estavil*, a par de *débille*, xxxvii, 13 (latinismo); temos *poborada*.

9. O s- (*s impuro*) está representado, ora por s-, ora por es-: *sperança*—*esperança*, *scudeiro*—*escudeiro*. Cfr. *escapar*—*scapar*, onde es- (s-) provém de ex-; *escarnecer*, a par de *scarnho*, de origem germanica.—Depois de semivagal está s reduzido a j em *cjom* < (o c) *cacione*.—Havia constante diferença entre s-ç e f-ç. Em *mizquinho* o ç tem origem arabica; cfr. hesp. *mezquino*.

10. -quo está representado por -co em *inico*.

11. Grupos de consoantes: BL- > br em *brasfemar*; FL- > fr- em *fror*; -M'L- > br em *sembrante*.

12. PHENOMENOS GERAES. Dá-se prothese de a em *abastar*, *abolver*, *abúter*, *achegar*, *alevantar*, *alimpar*, *arrefées*, *arroido*. Epenthese em *celestial*. Metathese em *afremosentar*, *percatar* a par de *precatar* (confusão de pre- e per-), *probe*, e em -airo por -ario: *contrairo*, *sodairo*. Apocope em *árvor*, el. Aphreze em *maginar*. Syncope em *simildões*. Assimilação em *assolver*, *aversidade*, *trelladado*, *vesso*. Dissimilação vocalica em *arteficioso*, *homecidio*, *malecioso*, *vezinho*; consonantica em *frol* por *fror*. Por influencia do r temos *carrar*, e do l temos *elamento* (em ambos os vocabulos mudança de e em a).

#### ORTHOGRAPHIA

13. O que se vae dizer é natural complemento não só da phonetica, estudada a cima, mas do que se disse na introduçao d'este trabalho.

14. As vogaes tonicas estão ás vezes duplicadas: oo (interjeição «ho», que porém alterna com o, u, i, e com ho, xv, 5), ataa, trijguo, prijguo, imijgo, antijguo. Cfr. § 5.—Caso avulso é obedececer, lviii, 14.

15. Ditongos e digraphos:

A vogal tonica do ditongo nasal ou oral, cujo segundo elemento é e ou o, duplica-se geralmente: capõoes, pinhõoes, simildões, cãaes, irmãao, māao; quaaes, saae, maaoo, paaoo, dooe.

A subjunctiva i dos ditongos está geralmente representada por y: *muytas*, *foy*, *vay*, *mays*, *dey*. Todavia tambem se encontra i e j: *pois*, *depojs*.

16. Uso de *j*, *y* e *i*:

É frequente *j* por *i*: ex. *ajmda*, *jroso*, *ljvro*, *jmçertas*, *jmverno*, *jmfijsmdas*, *jrmida*, a par de *liuro*, etc. É frequente *y* por *i*: *guya*, *ssy*, *cayr*, *ty*, *aguya*, a par de *guisa*, *aguia*, etc. Em *seia*, xi, 27, temos *i* por *j*; mas *seja*, xi, 29. Parece-me porém que o mais geral é *y* nas tonicas e *j* nas atonas; *i* por *j* é raro.

17. Uso de *g* e *gu*:

Ha alguns casos raros de *g* por *gu* antes de *e* e *i*: *legemos*, iii, 8 (em fim de linha), *algem*, xi, 13 (tambem em fim de linha), xxiv, 14, *fugeyra*, xiii, 11 (com um pequeno traço sobre o *g*: representará o *u*?), *ágia*, xxx, 14 (em fim de linha). Estes exemplos são pouco comprovativos de que realmente o escriba queria com *g* representar *gu* (i. é., podem ser enganos ou recursos para poupar espaço); alem d'isso, em contraposição com elles mesmos, encontra-se *alguem*, xviii, 14, *aguia*, xxx, 3. A respeito de *burgés*, vid. o *Vocabulario*.

Na fab. lxii, 14, lê-se *fugo* «fijo». Comparavel a esta forma é *fugades*, que se lê no codice illuminado n.º 94 da Biblioteca Nacional, sec. xv ou anterior, fl. 89, e *fugan*, que se lê na *Cronica Troiana*, sec. xiv, Vocab., ii, 331. Com quanto não fosse impossivel que no lat. vulg. da Lusitania houvesse \**fugo* e \**fugam*, talvez porém em todas estas palavras *g* valha *j*.—Cfr. tambem *corriga* no *Leal Conselheiro*, p. 139, e *elegam*, que Roquete cita na nota àquele passo.—No citado cod. illuminado ha tambem *mangar* = manjar.—Com quanto no nosso ms. fosse mais natural estar *fugo*, se o *g* tivesse o seu valor de guttural, todavia nem sempre o escriba representou o *g* por *guo*, por ex. *trijgo* (a par de *trijguo*).

Exemplos de *gu* por *g*: *amiguos*, *antiguo*, *augua*, *cágudo*, *di-guo*, *enguordar*, *foguo*, *greguo*, *guaudo*, *guaallo*, *guarguanta*, *lu-guar*, *meygua*, *traguo*, *trijguo*, *vimguamça*, — a par porém de *auga*, *engomar* (quasi em fim de linha), *trago*, *gaado*, *galardom*, *guar-ganta*, *trijgo*.—Em *linguoia* o *o* mostra que depois do som guttural se fazia, como hoje, ouvir uma vogal labial.—A razão de se empregar *gu* está em querer frisar-se perfeitamente que *g* não tinha o valor de *j* que muitas vezes se lhe dava, mesmo antes de vogaes que não fossem *e* e *i*.

18. Uso de *qu*:

Parallelamente a *gu* por *g*, temos *qu* por *c* em *açerqua*.

19. Uso de *u* e *v*:

Usa-se *u* por *v* entre vogaes, entre vogal oral e consoante líquida, e ás vezes depois de palavra proclitica: *aves*, *deuemos*, *leuou*,

*ouuesse, crueuees, proueyto, aleuamta, mouer, rroueluer, durauyll, ssouella, caualo, aueo, louuado, auydados, riujam, auer, guouernasse, auemturanca, caualeyro, leuantar, marauilha, uissem, numerosos preteritos em -aua, nouo, liuro, liurar, seruiço, eruanço, eruas, seruo, aruor, coruo, çeruo, palaura, calua, ssalue, ssiluado, aboluer; o uelho, húa uez, dez uezes, e uergonça, dá-uos, ell ueo, a uos a uyda, muyto uurmo, ho uaqueyro.*

Usa-se *v* no principio de palavra e depois de nasal: *vivia, veredes, virtuosamente, vāao, venhā, velhaco; voamdo, emreja, comvida.*

Todavia tambem ha exceções, sobretudo á primeira regra (*u* entre vogaes).

20. Uso de *h*:

Usa-se *h* antes de *u* em *hu, húa, hūu, hultimo, hunhas, husar* (a par de *ussar*). Antes de *i* em *hi, higuarias, hirmida* (a par de *jrmida*). Alem d'isso em *ho* (a par de *o*), *haos* (a par de *aos*), *he, haar* (a par de *ar*), *hestoria* (a par de *estoria*), *houtro* (a par de *outro*), etc. Pelo contrario falta *h* em muitas palavras em que hoje se emprega: *oje, omildoso, aver.*

21. Consoantes iniciaes dobradas:

É frequente no principio haver *ss-*; tambem se encontra muitas vezes *ff-*, e ás vezes *ll-*: *ssua, ffoy, llāa*. Quanto a *rr-*, vide o que digo na Introducção.

22. Consoantes mediaes dobradas:

Entre vogaes, *l* e *ll* oscillam: *villāao, vilāao*. Notavel é entre vogaes o uso, por vezes, de *-ss-* por *-f-* (isto é *s* sonoro), tambem existente noutros textos: *pressença, quassy, pressentar, misseria, ussar*. Alem do uso normal de *ss*, como hoje, encontra-se: *comverssar* (a par de *persoas*), *emssynos* (a par de *emsinaua*), *consselho*. Ás avéssas, temos *s* por *ss* em *comesce, xix, 7.*

23. *L* final:

O *l* final de syllaba, ou *l* gutturalizado, é frequentemente representado por *ll*<sup>1</sup>: *ell, proll, cruelmente, mall, aquell, quall, rill, froll, peytorall, rrouassinoll, sylluado*. Todavia tambem se encontra *vil* (em fim de linha, xi, 24), *qual* (em fim, v, 4; mas *qual* tambem noutras circunstancias), *ssiluado*.

24. Em certos casos em que ha crase de vogaes, o ms., como outros muitos textos, representa apenas o som resultante: *comeos = comeo-os, d'aguia = da aguia*. Cfr. § 1.

<sup>1</sup> Cfr. *Rev. Lusitana*, i, 64.

## B) MORPHOLOGIA

Tratarei sucessivamente dos nomes, dos pronomes (com os artigos), dos verbos e das particulas.

## a) NOMES.

25. O plural do substantivo *sol*, vii, 5, é *soles*, vii, 7, e não *soes*, como hoje. Fernão de Oliveira, na *Gram. da Linguagem Port.*, 2.<sup>a</sup> ed.<sup>1</sup>, p. 109, dá uma regra conforme com esse exemplo: «*sol* fará *soles*, e não *soys*, e *rol* *roles* e não *rois*, por diferença das segundas pessoas d'estes verbos: *soyo*, *soes*, por *acostumar*, e *royo*, *roes* por *roer*». — Os nomes em -am, -om, -em, fazem respectivamente o pl. em -ãaes, -ões, -ées: vid. §§ 6 e 15. — Sobre o pl. de *deus* (*deos*) vid. a annotação que faço á fab. xlvi, 2.

26. Como vimos no § 8, os adjetivos latinos em -bilis estão representados no singular por -vil e -bille. O seu plural é em -vees (§ 5): *estávees*, xx, 10, *cruévees*, xiii, 16 (vid. Vocabulario); mas *cruees*, xxxi, que presupõe o sing. *cruel*.

27. O adj. *grande*, quando proclítico, apocopa-se freqüentemente, tomando a fórmula *gram*, o que sucede tanto antes de substantivos masculinos, como de femininos, começados por consoante: *gram temor*, xi; 10, *gram vergonça*, xxxiv, 27; antes de vogal emprega-se *grande*, que pôde tambem empregar-se antes de consoante, mas menos vezes que *gram*<sup>2</sup>: *grande arroido*, lvii, 2, *grande enveja*, lxi, 5,—*grande temor*, lvii, 3, *grande sanha*, i, 12; no pl. é *grandes*: *grandes golpes*, lxi, 34, *grandes vozes*, xxx, 6.—Na lingoa moderna perdeu-se o uso geral de *gram*, que ficou apenas estereotypado em certas expressões litterarias, como *grão-mestre*. Em hespanhol, porém, é ainda corrente, *gran sermón*, *gran yegua*.

## b) PRONOMES E ARTIGOS.

28. Como pronomes demonstrativos temos: *aqueste*, *aquesta* (a par de *este*, *esta*), *esto*, *medès*, *aquell*<sup>3</sup> (a par de *aquelle*), *aquello*, *ello*. Como pronomes pessoaes: *ell*, tanto em proclise, como em

<sup>1</sup> A 1.<sup>a</sup> ed. é de 1556.

<sup>2</sup> De uma estatística que fiz, que, comquanto não seja completa, é porém extensa, vê-se que *gram* se emprega 24 vezes antes de masculino, e 8 vezes antes de feminino, ao passo que *grande* se emprega 3 vezes antes de masculino e 2 antes de feminino.

<sup>3</sup> Os exs. que colhi de *aquell* são em proclise.—No pl. *aquellos*.

pausa<sup>1</sup> (a par de *elle*<sup>2</sup>), plural *elles*; em *com tigo* a preposição vem separada do pronome, xl, 14, 22 (cfr. no *Leal Conselheiro*, p. 116, *com mygo*); *lhe*, plural, ii, 25; vii, 4; viii, 21; xlvi, 11 (a par de *lhes*<sup>3</sup>). Como pronomes indefinidos: *al.. al* (iii, 20), *algo, algúu, algúia, cousa* (iv, 6), *todo* (neutro) «tudo». — A respeito de *homem* empregado como pronome, semelhante ao *on* fr., vid. *Syntaxe*, § 35-c e § 39-f.

29. Artigos: *ūu, ūa*. O artigo definido conserva o *l* quando ligado com certos pronomes ou particulares que terminam em *s* e *l*: *ambalas*, xxx, 3, *todalas*, xl, 34 (a par de *todas as*, xvi, 9), *pollo* (que alterna com *pelo*).

c) VERBOS.

30. Phenomenos communs:

A 2.<sup>a</sup> pessoa do pl. do indic. e conj. terminam em *-des*, e a do imperat. em *-de*:

<i>percades</i> , xxxiv, 36	<i>ajudade</i> , xli, 9
<i>tomedes</i> , xxxiv, 36	<i>dade</i> , xli, 9
<i>veedes</i> , xlvi, 4	<i>comede</i> , xix, 15
<i>veredes</i> , prol., 11	<i>fazede</i> , xlvi, 5
<i>morredes</i> , iii, 12	

um exemplo avulso de syncope é *dees*, xlvi, 7, na 2.<sup>a</sup> pessoa pl. do pres. do conj.—A 3.<sup>a</sup> pessoa pl. do pres. e imperf. do indic. e do pres. do conj., do condicional, do fut. do conj. e do pres. do infinit. termina respectivamente em *-am* e *-em*, terminações que de certo soavam *-ā* e *-ē* (cf. § 1):

I	II	III
<i>curam</i>	<i>devem</i>	<i>seguem</i>
<i>levavam</i>	<i>scarneciām</i>	<i>sobiam</i>
<i>accusariam</i>	<i>defendam</i>	<i>viessem</i>
<i>desprecem</i>	<i>escondessem</i>	—
<i>filhassem</i>	<i>tiverem</i>	—
<i>enganarem</i>	<i>escarnecerem</i>	—

sendo exceção notável *enganom*, xv, 15, 3.<sup>a</sup> pess. pres. indic. (se não ha erro de *o* por *a*). — A 3.<sup>a</sup> pess. pl. do pret. indic. termina

<sup>1</sup> Por. ex.: xxxiv, 15 e 29; lxii 10.

<sup>2</sup> *Elle* acha-se tambem em proclise: v, 5.

<sup>3</sup> Por ex.: xxi, 11.

em *-om*: *compeçarom, comerom, cobrirom*; excepções notaveis (se não ha erro de copista) são: *ouveram*, LVII, 5 (mas *ouverom* nos outros casos, XLIX, 5, etc.) e *viram*, LVII, 11 (mas *virom*, L, 8).— Na 3.<sup>a</sup> pess. pl. do fut. indic. temos *accusaróm*, XLV, 12<sup>1</sup>, a par de *averám*, XXXIX, 14 (como o fut. é formado de *aver*, notarei que a 3.<sup>a</sup> pess. pl. do pres. é constantemente *ham*, por ex. XXIII, 17).—Na ligação do pronome com o futuro, ora se intercala aquelle, como no português literario moderno, ora não, como na lingoagem popular: *faze-lo-hemos*, XLVII, 17, (em port. mod. *fa-lo-hemos*); *fará-o*, V, 9; *matar-t'a*, XLIV, 8. Futuro periphrastico: *[a]vemos seer*: XLVIII, 20.—O part. pret. é uma vez em *-udo*: *veençudo*, LXI, 50, a par de *vencido* e de outros muitos exs. em *-ido*.

### 31. Verbos avulsos:

AVER	DAR
<i>ouveram</i> (pret. perf.), LVII, 5	<i>dey</i> « <i>deu</i> » <sup>3</sup> , XII, 4
<i>are</i> (imper.) <sup>2</sup> , XVIII, 10	<i>dees</i> , XLII, 7
	<i>dade</i> , XLI, 9
ESTAR	FAZER
<i>esteverom</i> , XLI, 15	<i>fezesse</i> , XIII, 12; XLVI, 4; XXV, 4
<i>estever</i> , 1. <sup>a</sup> pess., XXIX, 16	<i>fezesses</i> , LIII, 8
<i>estemos</i> (conj.) <sup>4</sup> , LVII, 9	<i>fezessem</i> , XIX, 20; XXV, 5
IR	
	<i>fezermos</i> , XLVII, 16
	<i>fará-o</i> e <i>faze-lo-hemos</i> : § 30
	<i>fazede</i> , XLVIII, 5
—	<i>vaas</i> « <i>vaes</i> » <sup>6</sup> , XLIII, 6

<sup>1</sup> Tambem no *Leal Conselheiro*, p. 280: *poderóm*.

<sup>2</sup> Lat. *habe*.

<sup>3</sup> Lat. *de(d)it*. É forma corrente no sec. XIV (*Demandia do santo grall*). Mas este é o unico exemplo do Fabulario; a par ha *deu*.

<sup>4</sup> Lat. *stemus*.

<sup>5</sup> Quando independente é *fez*, IV, 13. Cf. *pose-a*.

<sup>6</sup> Cf. *Estudos de Philol. Mirandesa*, I, 443.

## MORRER

*mouras*<sup>1</sup>, xxiii, 33*mouram*, xxxi, 16*morreredes*, iv, 12

## PARIR

*páira*<sup>2</sup>, i.<sup>a</sup> pess., ix, 5

## PVNGIR

*punguo*, xxii, 13sing. *pom*<sup>3</sup>, xx, 1, etc.pl. *poem*, prol., 9; xx, 11{ *pose-a*, x, 7{ *pose-sse*, lxI, 42, 45{ *pose o pé*, xxvi, 2

## POER

## REQVERER

*requere*, xxvi, 18

## SABER

*saibya*<sup>4</sup>, xlV, 37

## SVBIR

*sube* (imper.), iii, 8

## SEER

## TEER

*soo*<sup>5</sup>: vi, 8  
*som*: lvi, 10, 12; lxI,  
 sing. 53; xxviii, 7; xxxvi,  
 6; xxxix, 8  
*soom*: xi, 4

*tem*<sup>6</sup>: pr., 18; xx, 18  
*teemos*: vii, 9  
*teendes*: xlII, 4  
*teem*<sup>7</sup>: pr., 17; iii, 20; ix, 21  
*tiinha*<sup>10</sup>: ix, 3  
*terremos*<sup>11</sup> (fut.): vii, 10

*see*<sup>6</sup>: lxI, 52*sosteemos* (=sos-teemos): xlI, 3*som*, 3.<sup>a</sup> pess. pl.: ii, 16; viii, 21,  
 xxiv, 11, xxxiii, 15*fuy* «*foi*»<sup>7</sup>: xvi, 9*forom*: iii, 10*seerem*: xii, 25<sup>1</sup> Lat. \*moria s, por *moriaris*.<sup>2</sup> Lat. *pariam*.<sup>3</sup> Lat. \*ponet, por *ponit*; cf. gall. e mir. *pō*.<sup>4</sup> Parece resultar de *saiba* + *sabia* (lat. *sapia*-).<sup>5</sup> Talvez seja erro por *sôo*.<sup>6</sup> Lat. sed et. A fabula diz *ssee asseentado* «está sentado». Ha certo pleonasmo, pois sedere já de si quer dizer «estar sentado».<sup>7</sup> É fórmula corrente no sec. xiii (Cancioneiros). Mas é o unico ex. do Fabulario: o usual é *foy*.<sup>8</sup> Lat. *tene*(t). Cfr. *pom*. O -e apocopou-se por estar desprotegido.<sup>9</sup> Lat. *tenen*(t). O segundo e conservou-se por estar protegido pelo -n(t).<sup>10</sup> Lat. vulg. \**tenia* > \**tiña*. Cfr. *vinham*.<sup>11</sup> Por *tenremos* (\**teneremos*). É fórmula corrente no sec. xv e anteriores. Cfr. *verrá*.

VALER  
*val:* LX, 13

VIIIR  
*veo*<sup>1</sup>: III, 2; IV, 14  
*veerom*: XVII, 11

*viinham*<sup>2</sup>: XXXVIII, 4  
*verrá*<sup>3</sup>: XLIV, 7

—  
*aveo* (= a-veo): XXXIV, 4  
*entreveo* (= entre-veo):  
XXXVIII, 21

d) PARTICULAS.

32. Nas preposições e locuções prepositivas temos: *per*; *por* no sentido de «para» (I, 2; V, 12; XIX, 6, etc.; cfr. *Leal Conselheiro*, p. 180); *pera*; *contra*; *entre*; *em pos*; *acerca*; *perante*; *arriba de*; *per diante* «perante»; *d'avante*; *em tras* (XLIV, 2); *ante* «deante de» (XLV, 16.)

33. Nas conjuncções e locuções conjuncionaes: *mais* (VIII, 21) a par de *mas* (XXIII, 19); *pero*; *mentres que*; *ataa que*; *em pero*; *como* «quando»; *entrementes que*; *em mentres que*; *depois que*.

34. Nos adverbios e locuções adverbiaes: *atanto*; *ende*; *suso*; *er*; *acerca*; *sollamente*; *cras*; *hi*; *hu* (a par de *onde*); *sempre* e *nunca*; *entom*; *assi*; *ora* «agora»; *acó*; *da parte de fundo*; *da primeira* (XLIX, 10); *ja nunca* (XXXIV, 26; LIX, 8); *d'atanto*; *tanto* «tão» (X, 2; XLV, 36); *senom*; *ante* «anteriormente» (II, 10). Adjectivos empregados adverbialmente: *certo*; *forte* (II, 9). Em *cortés mente* (XXXIX, 2) temos o sufixo ainda separado, como se conservasse o seu primitivo valor de substantivo; pelo contrario está junto ao adjetivo em *cortesamente* (XII, 5, onde por erro saiu *cortesamente*<sup>4</sup>).

C) SYNTAXE

35. Orações impessoaes expressas de varias maneiras:

a) Com o verbo no plural, por ex.: «nom lhe podem contradizer», VI, 19; «scarneciam d'ella», XIX, 8; outros exs. XXXIV, 15, e LX, 8.—Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 112-b.

<sup>1</sup> Preterito (forte) em -o, de \*venu- <> veni(t).

<sup>2</sup> Cfr. *tiinha*.

<sup>3</sup> Por *verrá* (\**venirá*). Cfr. *terremos*.

<sup>4</sup> Foi o Sr. Epiphanio Dias quem me advertiu d'este erro.

b) Com *diç*, em narrações, por ex.: «e no Avangelho *diç*», XLV, 37; «*diç* que foy hūa vez hūu leom», XLVI, 1; «no exemplo *diç*», VIII, 22.— Nos *Anciens textes portugais* de J. Cornu, Paris 1882, encontram-se varios exemplos analogos, do sec. XIV: «asy como cōta de hūu homē», p. 27; «de aquell velho de que *falla* na léénda de Sancto Andre», p. 30; «hu *conta* que lhe veo gram tēptaçō carnal», p. 32. O *Conto de Amaro* publicado por Otto Klob na *Romania*, XXX, 504 sqq., começa assim: «*conta* que em huūa provjcia auya huū hōem bōo que auya nome Amaro» (p. 507). Ainda hoje no povo é frequente começar-se uma narrativa impessoalmente por *diç*.

c) Com *homem*, que serve de pronome, como o fr. *on*, e o prov. *om* (*hom*), por ex.: «e *homem* que está em prosperidade em este mundo nom deue escarnecer do minguado», XXIX, 30; «o mal que *homem* faz», XLV, 33. Na origem *homem* tinha o seu valor de substantivo e era o sujeito logico e grammatical, o que se vê ainda nestas phrases: «por nhūa gram tribulaçom que o *homem* aja», LVII, 13; «poucas vezes pôde o *homem* empeeçer na razom», LXI, 66, onde até vem precedido do artigo; e no plural «os *homēes* nom deuem a fazer a outrem o que elles nom queriam que a elles fizessem», XIX, 20-21 (a ultima oração é impessoal, com o verbo no plural, como supra, § 35-a). Nestes exemplos basta só um salto, para passar, de *homem*, como substantivo e sujeito logico, para *homem*, como pronome e sujeito meramente grammatical. A ideia geral, contida em *homem*, tornou-se indefinida.— São numerosos os exemplos d'este uso em português antigo: cfr. as notas de Roquete ao *Leal Conselheiro*, p. 268.

36. Repetição pleonastica da conjuncão integrante *que*: «ajmda nos ensina mais, que, sse nos alg(u)em ssauda, *que* nos nom assanhemos», XI, 13; «promettendo-lhe que, sse o dêsse ssāao, *que* lhe faria muyto algo», VIII, 6-7.— Este phenomeno é muito frequente em português, sobretudo quando ha grande separação entre o *que* e o predicado. O mesmo succede em latim: Madvig, *Gram. Lat.* (trad. port.), § 480, obs. 2.

37. Particularidades de concordancia:

a) Sujeito (collectivo) no singular e predicado no plural: «toda *gemte* te lança de sy, com nojo que de ty *ham*», XXIII, 29. Apesar de na primeira oração estar *lança*, no singular, na ultima aparece *ham*, no plural, por estar um pouco mais longe de *gente*; podia tambem *ham* considerar-se impessoal, cfr. § 35-a.— Sobre este uso na nossa lingoa literaria cfr. o meu opusculo *O texto dos Lusiadas*, Porto 1890, p. 31 sqq.

b) Dois sujeitos no singular e o verbo no singular: «a emjuria e uergonça nom *he* d'aquell que a rreçeve», xviii, 12-13; «nem lobo, nem outra anymalia nom lhe *fazia* dapno», xxvii, 13.—Isto succede frequentemente em português quando os sujeitos são mais ou menos synonyms, como aqui. Cfr. no *Leal Conselheiro*, p. 280: «a prudencia e discreçom quer obrar acabadamente»; nos *Lusiadas*, v, 38: «este clima e este mar nos *apresenta*».

c) O participio passivo, que faz parte do tempo-composto de um verbo, concorda em genero e numero com o complemento directo d'esse verbo: «peccados que auemos *fectos* (= feitos)», xlvi, 16.—São tão numerosos os exemplos d'este uso em português antigo, que nem valeria a pena citar mais nenhum: «todos avjam *feita* esta promessa», *Demando do Santo Graall*, p. 18; «tenho *vystos* e *ouuydos* muitos enxemplos», *Leal Conselheiro*, p. 212; «quem vos tivesse *furtada!*», Gil Vicente, iii, 66. Vid. as notas de F. Dias Gomes, *Mem. de Litt. Port.*, iv, 65, e as de Roquete ao *Leal Conselheiro*, p. 82. O uso é commun a outras lingoas romanicas: vid. Diez, *Gram. des l. rom.*, iii, 269 sqq., onde tambem cita a nossa lingoa archaica.

### 38. Emprego das preposições.

#### Preposição A:

a) Depois de *andar* (exprime o termo do movimento): «andar *a húa aldeia*», xii, 2; «andaua a caçar das alimarias *aa ssilua*», xxvii, 11.—Hoje emprega-se nestes casos *ir*.

b) Depois de *creer*: «nós nom quisemos creer *ao bôo comsselho* da amdorinha», xlvi, 8; «nom deuemos creer nem ssiguyr *aa voomtade da molher*», xxxiv, 41.—Mas *creer em*, lxi, 12-13.

#### Preposição DE:

c) Na expressão: «tam rrico e tam *de proll*», xxxiv, 29, exprime a qualidade.—Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 153.

d) Ligada com o artigo definido, constituindo o que os franceses chamam *artigo partitivo*: «farás de tua *proll*», xviii, 10, «compeçou a talhar *das arvores* quanto lhe *prazia*», xxxix, 6 (= *a cortar arvores*). A palavra *quanto* é complemento de amplitude: cfr. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 122); «tomaram *do pam* pera dallo *aa boca*», xli, 21; «deram-lhe *da augua* a beber», xxxiv, 21; «queria dar-lhe *do pão*», lii, 3.—Sobre este uso em port. ant., hesp. ant. e outras lingoas romanicas, vid. Diez, *Gram. des l. rom.*, iii, 39 sqq.

#### Preposição EM:

a) Depois de verbos de movimento, exprimindo logar para onde: «voou *em húa arvor*», xxxi, 11; «ir *em parayso*», xlvi, 16;

«sube em cima de mim, iii, 8-9.—Este uso, que é corrente no português do Brasil, acha-se hoje limitado a algumas phrases, como *sair em terra, cair no laço*; cfr. Moraes, *Dicc.*, s. v., onde se citam outros exemplos classicos: *passou em Africa, sairem os Mouros na ilha*. São tudo exemplos em que em latim se empregaria *in* com accusativo. O português moderno, com as exceções que citei, e alguma outra que não me ocorra, rejeita este uso, e só emprega *em* nas circunstancias em que em latim se empregaria *in* com ablativo.

b) Nas expressões «guardou na *auga*», v, 3 = olhou para a agoa. Cfr. lat. *inspicere in speculum*.

c) Na expressão «quando foram assentados na messa», xix, 3 e 12.—Hoje dizemos *assentados á mesa*, exprimindo-se com *a* a proximidade: cfr. Epiphonio Dias, *Gram. Port.*, § 134.

d) Depois de *usar* em: «husam ssempre em ellas» [em malicias], xix, 11, onde *usar* significa «porfiar», «ser useiro e vezeiro».

#### Preposição POR:

a) Depois de *curar*: «curar por a sciençia», i, 12 (cfr. hoje *olhar por*); mas na mesma fab., l. 13, «curam d'ella».

b) Na expressão *por o de Deus*, xlvi, 17, = por causa de Deus. Vid. a respectiva annotação.

#### 3g. Emprego dos pronomes e dos artigos:

a) Os pronomes pessoaes *el, ti* podem empregar-se com o valor de accusativos, sem preposição, como complementos directos: *enforcariam ell*, xxxiv, 15<sup>1</sup>; *achar ty*, i, 9; *amar ty*, lxii, 12; *nom temo ty*, xxii, 7. Todavia tambem se diz pleonasticamente, e com preposição, como hoje: *se te a ty achasse*, i, 5.

Quando em português temos de empregar hoje *mim, ti*, etc., como complementos indirectos, isto é, com a função de dativo, emprega-se pleonasticamente *me, te*, etc., antes, e não simplesmente *a mim, a ti*; no nosso texto ha exemplos do emprego de *a mim, a ti*, mas sem repetição pleonastica de *me, te*: «graças que tu fezeste a mym», viii, 14; *dey vida a ty*, viii, 14-15; *eu fizze a ty*, viii, 15; «estes nom perdoam a mym», xvi, 10-11; *fazes a mym*, i, 5; «toda-las animalias vencem a mym», xvi, 10.

O uso de *mim, ti, si*, isto é, das fórmas tonicas do pronome pessoal, e de *el (elle), vós*, etc., como accusativos é muito frequente na literatura antiga: sec. xiii, «vos ten(h)ades *ele* en uossa uida»<sup>2</sup>;

<sup>1</sup> No português do Brasil diz-se hoje tambem assim.

<sup>2</sup> *Rev. Lusitana*, viii, 39 (artigo de P. de Azevedo).

sec. XIV, «eu matarei uós»<sup>1</sup>; sec. XV, «salvaae mym creente e obedientie a vós»<sup>2</sup>; «e sabe reger sy e os outros»<sup>3</sup>; «ty servyndo»<sup>4</sup>; «ouve, Christo, mym»<sup>5</sup>. Tambem em gallego do sec. XIII: «pignore el por v solidos»<sup>6</sup>.

b) Em português moderno é de uso na lingoa literaria intercalar os pronomes atonos *me*, *te*, *o*, etc., nos futuros e condicionaes dos verbos (tmese), por ex. *louvar-te-ha*<sup>7</sup>; só a lingua popular diz *louvará-te*<sup>8</sup>. O nosso texto tem exemplos dos dois empregos: *faze-lo-hei, fará-o, darei-te*, XXVIII, 8.

c) Emprego de *nehūu* por «ninguem»: «nhūu nom deue brincar com alguem ssem ssua voomtade» XVIII, 14; «nehūu que está em liberdade nom se faça sseruo» I, 21.—Cfr. no *Leal Conselheiro*, p. 290: «nenhuū deve d'escolher os moços guyadores dos exercitos guerreadores».

d) O pronome indefinido *todo* junta-se ao seu substantivo sem de permeio se empregar o artigo *o*: *toda jente*, XIX, 21, e XXIII, 25; *todas bondades*, XXXIV, 51; *todo sseu proueyto*, XXXV, 21; *toda cousa*, XLIII, 18. Este uso é tão geral em toda a literatura portuguesa antiga, inclusivè a classica, que não vale a pena citar exemplos. Em português moderno é raro<sup>9</sup>.

e) *Homem* pôde empregar-se sem artigo, com as funcções de pronome sujeito: vid. § 35-c. Cfr. tambem: «o coraçom uill he aquell que faz *homem* sseer pera pouco», XXII, 11-12. No seguinte passo «ela nom poderia ja nunca achar *homem* que a tanto amasse», XXXIV, 27, *homem* pôde ser pronome indefinido, valendo por «ninguem», ou pôde ter o seu valor proprio, pois hoje tambem assim se diria.

f) O pronome relativo *cujo*, *cuja* pôde empregar-se como predicativo, contrariamente ao uso da lingoagem moderna, que só o admitte como attributivo: «tornou a cadella, *cuja* era

<sup>1</sup> *Demandado Santo Graall*, p. 31. Não deve entender-se *matarei-vos*, porque a frase completa é: «ou vós me matade, ou eu matarei vós».

<sup>2</sup> *Ineditos de Alcobaça*, I, 235.

<sup>3</sup> *Leal Conselheiro*, p. 289.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 478.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 479.

<sup>6</sup> *Doc. galleg. de los siglos XIII al XVI*, p. 16.

<sup>7</sup> Vid. Epiphano Dias, *Gram. port.*, § 188.

<sup>8</sup> Vid. a minha *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, p. 147.

<sup>9</sup> Cfr. os meus *Dialectos extremenos*, I, 19.

a casa» (= de quem era a casa), ix, 10; «como sseu dono avia, *cuja* a causa era» (= de quem a causa era), xliv, 31. Isto é muito frequente na litteratura antiga.

g) O pronome *qual* alterna com *que*, mas emprega-se em muitas circunstancias em que hoje se empregaria mais facilmente *que*, por ex.: «este autor viuia, o *quall* se chama Exopo», prol. 3; «ó gema preciosa e nobilissima, a *quall* jazes em aqueste vill luguar!», 1, 5.

h) Emprêgo pleonastico ou redundante do pronome demonstrativo: «o serviço que se faz de voontade, aquelle é bem feito», xxv, 14. Hoje diríamos: «o serviço que, etc., é bem feito», ou «o serviço que, etc., *esse* é bem feito», ou «aquelle serviço que, etc., é bem feito».—Cfr. Madvig, *Gram. lat.*, § 489.

i) Neste exemplo, «jnoçente do que ho lobo a acusava», xxiv, 8, está *do que* em vez de *d'aquillo de que*, com omissão da preposição *de* entre o demonstrativo *o* (= aquillo) e o relativo *que*. Cfr. em Bernardes, *Nova Floresta* (não indico o logar, pois cito de memória), «que vem a quem lhe doe a fazenda». Citei outros exemplos n-O *texto dos Lusiadas*, Porto 1890, p. 46. Pôde dizer-se que o relativo absorveu em certa medida a função do demonstrativo.

j) Na expressão «nom quis teer da húa parte nem da outra», xxx, 7, *húa* vem precedido de artigo, por estar contraposto a *outra*. Todavia em xxv, 10, lê-se: «sse os rratos me faziam dapno d'húa parte, tu m'o fazias da outra»; e em v, 8: «assy perdeo húa e a outra». Em fr. tambem se diz *l'un et l'autre*, mas ahi *un* está substantivado.

k) Não se usa o artigo definido em «as mais de *vezes*», xlvi, 35, li, 3, expressão em que hoje se diria *das vezes*.—Na seguinte phrase sentenciosa, «rrazom mostra que rreçeba mal aquell que com ou trem quer trebelhar» xviii, 14-15, omite-se o artigo antes de *rrazom*, para esta palavra ter o caracter mais geral possivel.

#### 40. Emprêgo do modo conjuntivo:

Neste passo, «em aquesta estoria o doutor .. diz que quando a probeza sse toma com alegria de coraçom, nom sse deue chamar probeza, mas rriqueza, porque a probeza he a mays ssegura causa que no mundo sseja» (xii, 28-31), a oração relativa, que é de sentido consecutivo, e está depois de um superlativo, tem o verbo no conjuntivo (em contraste com a lingoa actual). Assim tambem em francês: vid. Epiphanio Dias, *Gramm. francesa*, 8.<sup>a</sup> ed., § 342-b.

Neste passo, «aqueste Exopo .. sse comta que fosse morto .. per emveja» (prol., 6-8), o conjuntivo está tambem em contraste com a lingoa moderna, pois hoje diríamos *fóra*.

## 41. Emprégo do modo infinitivo:

a) Depois de certos verbos o infinitivo ora se construe com preposição, ora sem ella:

AVER: [a]uemos seer (futuro periphrastico), — cfr. § 30;

COBIÇAR: cobijço de te ouuir, xv, 8;

COMEÇAR e COMPEÇAR: começou de crecer, XLVIII, 10 (e outros exs. em XVII, 9); compeçou tirar e dar com ssua espada, LXII, 34; compeçaram a dizer . . e morder (no primeiro caso com *a*, no segundo sem preposição), IX, 12;

CREER: o homem cree a auer avantagem, XLIII, 13;

CUIDAR: cuydas a brincar comigo, XVIII, 7;

DEVER: deuemos de fazer bem, XVII, 14 (outro ex. ib., 7); deuéras a auer medo, XVII, 6 (outro ex. XIX, 20); nom deuemos esperar, XVII, 10;

ENTENDER: aly lhe emtemdyá de dar, XII, 9;

ESPERAR: esperar de fazer bem, XVII, 10;

OUSAR: ajmda ousas de falar?, II, 20;

PROMETER: prometeo de lhe dar ssaude, VIII, 8.

b) Infinitivo regido de preposição a servir de sujeito: «a mym praz mays de comer trijguo . . que gallinhas» XII, 23.—Este uso, de que ha mais exemplos em português antigo, é raro em português moderno, onde porém se encontram estes exemplos: «convem a saber», «custa a crer», «custou-me a ganhar». Noutras lingoas românicas é elle corrente: *il me reste de* (sujeito logico).

c) Na seguinte expressão «feria o seruo ssem seu merecer» XXXVI, 6-7, o infinito está substantivado e precedido do pronome possessivo = «sem seu merecimento», i. é, «sem elle o merecer». Cfr. *sem lh' o merecer*, II, 28, e *ssem sseus mereçimentos* (= sem estes lh' o merecerem), XXXI, 17.

## 42. Emprégo do participio:

a) Exemplos de participio absoluto em que o sujeito vem anteposto ao verbo, contrariamente ao uso moderno<sup>1</sup>: «e elle morto, morreram os paes» XLI, 24; «e as palavras dictas», XII, 28 (a par de «e ditas as palavras» XXV, 12), «ell depenado partio-sse» XXI, 7.

b) No seguinte exemplo, o participio do presente exprime circunstancia de tempo, e vem acompanhado de preposição, por o verbo subordinante exprimir sentença: «nós ssempre ssosteeimos

<sup>1</sup> Cfr. Epiphanius Dias, *Gram. port.*, § 249-obs.

grande afam em andando de cá e de llá em muitos trabalhos», xli, 3-4. Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port.*, § 240-b.

#### 43. Comparação:

a) Na phrase «fará-os ladrões assi *como si*», vii, 9, esperar-se-hia na ultima parte d'ella *assi como elle* (é), mas o sujeito *elle* foi atrahido para o caso do complemento de *fará*, e tornou-se *si* (não se, por ser tonico: propriamente *como a si*).—Dá-se em latim o mesmo phénomeno: «suspicio, te eisdem rebus, quibus me ipsum, commoveri», em vez de *quibus ipse (commovere)*; vid. Madvig, *Gram. lat.*, § 402-b.

b) Quando se estabelece uma comparação, a oração comparativa é expressa negativamente: «eu me comtento mays do meu grão, que tu *nom* te comtentas das rriquezas de rreis», xxiii, 20; «eu amo mays meu senhor que *nom* a ty», lii, 7.—Na lingoagem popular ainda hoje se observam factos analogos.

#### 44. Negação:

Emprégo pleonastico de *nom* depois de uma expressão negativa: «nem lobo, nem outra anymalia nom lhe fazia dapno», xxvii, 13; «nenhūa criatura *nom* poderia viver», vii, 8; «nehūa *nom deue* brincar com alguém ssem ssua voomtade», xviii, 14; «padre, nem madre nem parente nom a podiam d'aly tirar», xxxiv, 8-9 (cfr. no primeiro membro a falta de *nem*; hoje dir-se-hia *nem padre, nem madre*).

#### 45. Collocação:

a) Inversão do pronome possessivo: «com grande minha perda», xxv, 11.

b) Collocação do sujeito entre o pronome pessoal dativo e o predicado: «merçee que lhe Deus faz», xxi, 14.

c) Collocação do adverbio (que ás vezes faz de complemento directo) antes do infinitivo dependente de um verbo:

«mais poderio lhe damos de *mal obrar*», vii, 15;

«pera poder muito *mais furtar*», vii, 16;

«a mym praz mays .. comer mall, que *bem* comer e sseer sempre seruo», xi, 23.

d) Inversão do infinitivo junto do verbo de que elle depende: «aqueelles que enganar podem», xxxv, 15.

e) Inversão do predicativo: «persoas que useyras ssom», xxxv, 14.

#### 46. Varias particularidades:

a) Na phrase «aqueell que de rrapina viue, muitas vezes lhe acontece que perde o corpo», xxxii, 22. Anacolutho. Corrente nos proverbios: vid. em B. Pereira, *Adagios*, os que começam por *quem*.

b) Outras particularidades cito-as nas Anotações ás fabulas.

## II

## ESTYLO

As nossas fabulas constam de duas partes: enrêdo e epimythio (*ἐπιμύθιον*) ou moralidade. O enrêdo é em parte narrativo, em parte dialogado.

Em geral o estylo é muito simples e familiar; os dialogos muito naturaes. Ha algumas fabulas até de admiravel singeleza, por ex. xi, xxviii, xxxi. A fab. xxix é notavelmente elegante.

Como particularidade do estylo do autor notarei o costume de coordenar asyndeticamente ora dois adjectivos, ora dois substantivos: *astrosa fedente*, xxiii, 33; *falsa ribalda*, ix, 14; *maa maliciosa* (alem d'isso synonyms e allitterados), xxv, 7; *doutor poeta e sábedor poeta*, passim. Outra expressão adjectiva synonyma, mas syn-dética: *debille e fraco*, xxxvii, 13. Nos verbos: *esguardou e vio*, xl, 17; *rraçoar e fallar*, xxxii, 6; *fallou e disse*, passim<sup>1</sup>.

Não são raras as antitheses: *assy aos estranhos, como aos amigos, ca muitas vezes de pequeno seruïço rreçeve o homem boo guardom*, xix, 22 (moralid.); varios exs. nos dialogos da fab. xxiii.

<sup>1</sup> Nos nossos textos antigos são muito frequentes as expressões synonyms, já por hábito ou mero pleonismo, já porque uma d'ellas era nova, e ficava a velha para a explicar melhor, ou vice-versa, já porque uma era popular e outra literaria, já finalmente porque havia certas diferenças de sentido (em verdade poucas serão no uso da lingoa as expressões absolutamente synonyms entre si; ha quasi sempre alguma diferença). Por ex.: *quite e livre*, a cada passo na lingoagem da chancelaria; *emmendar e correger*, sec. xv (*Archiyo Hist. Port.*, i, 199); «chegado em dívodo e parentesco a nós», sec. xv (ib., i, 442); *autos e apostos*, sec. xiv (*Iffante Josaphat*, p. 6); *manda e testamento*, sec. xv (collegiada de S. Estevão de Valença, na T. do Tombo), e em lat. barbaro *manda et testamentum* (*Rey. de Guim.*, vi, 75); *proes e percalços*, sec. xvii (alliteração; *Archiyo Hist. Port.*, i, 117); *gulla e gargantuyce*, sec. xv (allitter.; *Leal Cons.*, c. i, p. 286); *estuigar e apressar* (ib., c. lxxxvi, p. 411, numa trâd. da *Vita Christi*); *aaras e altares*, sec. xvi (*Esmeraldo*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 151); *teve e ouye*, sec. xv (*Hist. de Vespasiano*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 45); *respondeo e dixe* (ib., p. 43); *falloulhe e disse*, sec. xiv (*Cornu, Anciens Textes*, p. 32). Nas demais lingoaas romanicas sucede o mesmo; cfr. Wilmotte, *L'évolution du roman français*, Paris 1903, p. 46, nota 1, onde, a outro proposito, cita muitos exs. do sec. xii, em poetas. Corrente é tambem em francês antigo a expressão *ver ou printemps*: cfr. Cl. Merlo, *I nomi romanzi delle stagioni*, Torim 1904, p. 41, nota.

Temos o que os rhetoricos chamam «chiasmo» na fab. xi, 22-23:  
*A mym praç mais viuer em mynha liberdade e comer mall, que bem comer e sseer sempre seruo.*

Frequentemente a citação de proverbios e ditos moraes anima o estylo:

*Buscar cajom comtra rrazom, ii, 24;*

*A lingoa nom ha osso,  
 Mais rrompe o dosso (xiv, 16);*

*Muytas vezes o mell  
 Sse mistura com ffell (xv, no fim);*

*A todo homem servirás;  
 A quem errares, d'ell te guardarás (xix, no fim);*

*Maládante he aquell  
 Que sseu aver nom vee (xliii, 26-27);*

*Cam que muyto ladra, poucas vezes morde (liv, 8-9);*

*Quem neyçiamente cree, neyçio he chamado e neyçiamente peça (l.iii, 15);*

*O boy pequeno aprende de arar do grande, e quem quer castigar o leom, ffere o cam (xxxv, 9).*

Ás vezes porém o dizer fica sobrecarregado de sentenças, umas litterarias, outras ecclesiasticas: xxxiv, moralid.; xxxvi, 6 sqq.; lxi, 62 sqq.

A estes defeitos accrescem outros: dialogos notavelmente pesados, xxiii; narraçao deselegante, lxi, 3o sqq.; confusão do sing. com o plur., xxiv, moralid., e lxii, moralid.<sup>1</sup>; syntaxe desleixada, lvii, 2; xlvi, 15; lxi, 7.

Sem embargo, esta obra, pelo seu assunto, constitua grande novidade para o tempo,—habituidos, como todos estavam, ao enfado da prosa puramente mystica—, e devia ser muito saboreada pelos leitores a quem o autor a destinava.

<sup>1</sup> Com estes dois ultimos exemplos cfr. *Leal Conselheiro*, cap. vii, p. 259: «Dos virtuosos amigos nom devemos duvydar quando nom vyrmos o contrairo, porque som cousas contrairas avello por amigo».

\*  
\* \*

A linguagem do Fabulario ou *O Livro de Esopo*, é sensivelmente semelhante, embora talvez um pouco posterior, á dos textos contidos no Cod. Alcobacense n.<sup>o</sup> 266, publicados pelos Srs. J. Cornu<sup>1</sup>, Vasconcellos Abreu<sup>2</sup>, Otto Klob<sup>3</sup> e J. J. Nunes<sup>4</sup>. Todos elles são do sec. XIV. Quem os ler, encontrará quasi a mesma grammatica, o mesmo estylo, o mesmo vocabulario que no nosso. Por exemplo<sup>5</sup>: a *comê-o*, corresponde *comeos* AT 23, *rrecebias* T 256; a *engratidõe* VIII 23, corresponde *sobigidõe* J 7; a *som* (*soom*), 1.<sup>a</sup> pess. de *seer*, corresponde *som* (a par de *sam*) T 261, *soom* AT 7, *sô* J 8; á 3.<sup>a</sup> pess. pl. pret. em *-om* corresponde *-om* em T, *-om* e *-â* em AT, *-am* e *-om* em A, *-ô* em J; á 2.<sup>a</sup> pess. pl. *-des* corresponde a mesma terminação em todos os outros textos; a *estávees* corresponde *ssemelhavees* AT 3, *semelhavees* J 11, *donzees* A 6.

Alguns d'estes phenomenos são communs a textos posteriores, por exemplo ao *Leal Conselheiro*, escrito entre 1428 e 1438; mas outros já não existem nessa data, por exemplo a terminação *-des* dos verbos, que no *Leal Conselheiro* está syncopada (*podelloees*, *compraaes*)<sup>6</sup>.

Se compararmos agora *O Livro de Esopo* com a *Demandado santo graall*<sup>7</sup>, que é dos meados do sec. XIV, observaremos que este texto, a par de phenomenos communs ao nosso, como mostrei no estudo da Grammatica e do Vocabulario, apresenta alguns que, por serem mais archaicos, não aparecem n-*O Livro de Esopo*, por exemplo, *al de meo* 69, *migo* 78, *chus* 80, *sya* (imperf. de *ser*) 6,

<sup>1</sup> *Anciens textes portugais*, Paris 1882 (extr. do t. XI da *Romania*).

<sup>2</sup> *Lenda dos santos Barlaão e Josafate*, Lisboa 1898.—Este trabalho devia intitular-se *Vida do honrrado Iffante Josaphat*, pois é assim que começa o texto.—Cfr. sobre elle Epiphanio Dias in *Zs. für romanische Philologie*, XXVII, 465 sqq.

<sup>3</sup> *A vida de Sancto Amaro*, Paris 1901 (extr. do t. XXX da *Romania*).—Este trabalho devia intitular-se *Conto de Amaro*, pois assim começa o texto.

<sup>4</sup> *Historia do cavalleiro Tungullo*, in *Revista Lusitana*, VIII, 249 sqq.—Outra redacção d'este texto, contida no Cod. Alcobacense n.<sup>o</sup> 244, foi publicada pelo Sr. F. M. Esteves Pereira na mesma *Revista*, III, 101 sqq.

<sup>5</sup> Abreviaturas que adopto: AT = *Anciens textes*, J = *Josaphat*, A = *Amaro*, T = *Tungullo*.

<sup>6</sup> Vid. o meu artigo «Fórmas verbaes arcaicas no *Leal Conselheiro*», publicado in *Mélanges Chabaneau*.

<sup>7</sup> Ed. de Reinhardstoettner, Berlim 1887.

*seuerom* (perf.) 10, *certas* (adv.) 83, *caer* 93, *toste* 81; tambem na *Demandia* são correntes certos phenomenos que só accidentalmente se encontram n-*O Livro de Esopo*, como: participios em *-udo* (*perdudo* 2, *metuda* 3, *conhecuda* 4, *veudo* 11, *sabuda* 86,—ao lado, todavia, de *vynido* 11, e de *conhocado* 7, etc.); a particula *er* 5, 6, 34, 82; *dei* = *deu* 47, 93 (a par de *deu*, porém, p. 111, etc.); *rem* 20, 81.

Alem dos archaismos *er*, *dei*, *rem* e *-udo*, que só uma vez se lèem n-*O Livro de Esopo*, e que são communs, como disse, a elle e á *Demandia*, lè-se lá, tambem uma só vez, *fuy*, fab. xvi, 9 (se não é êrro), a par de *foy*; a fórmula *fuy*, que vem nos Cancioneiros, por exemplo em D. Denis, v. 1575 e 1582<sup>1</sup>, é já no tempo da propria *Demandia* completamente archaica<sup>2</sup>.

A conclusão que creio que se deve tirar d'esses factos é que, por um lado, a lingoa do Fabulario ou *O Livro de Esopo*, no seu es-tado actual, fica entre a da *Demandia do santo graall* (mais antiga) e a do *Leal Conselheiro* (mais recente), e que, por outro lado, o nosso texto é até certo ponto modernização ou leitura nova<sup>3</sup> de outro anterior, tendo escapado ao copista os archaismos citados; certamente a redacção primitiva data do sec. xiv. Comprehende-se que isto assim seja, pois que a letra do manuscrito é do sec. xv, ao passo que a lingua tem caracteres do seculo antecedente.

Curioso é notar que, assim como n-*O Livro de Esopo* ha expressões que supponho vestigios de redacção anterior, tambem na *Historia de Vespasiano*, que, apesar de impressa nos fins do sec. xv, é talvez copia de um texto mais antigo<sup>4</sup>, se observa avulsamente, *dei* = *deu*, p. 45, como n-*O Livro de Esopo*. Em verdade, poderia suppôr-se *dei* êrro por *deu*; mas, como a cima temos factos paralelos, não é illogico acceitar essa fórmula como real. Tambem na mesma *Historia* alternam fórmulas verbaes em *-des* (2.<sup>a</sup> pess. pl.) e *-es*, aquellas mais antigas do que estas. Na *Historia de Tungullo*, ao lado dos participios em *-ido*, que são os normaes, ocorre uma unica vez, como archaismo, *derretuda*<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Ed. de Lang, Halle 1894.—Cfr. Ad. Coelho, *Theoria da Conjugação*, p. 93, onde tambem cita *fui* em um doc. do sec. xm.

<sup>2</sup> Com a fórmula *foy* coexiste na *Demandia* frequentes vezes *foe*: p. 12, 13, etc.

<sup>3</sup> Na Torre do Tombo chama-se *leitura nova* á transcripçao que no sec. xvi se fez de documentos mais antigos: cfr. Pedro de Azevedo & Antonio Baião, *O Archivo da Torre do Tombo*, Lisboa 1905, p. 106 sqq.

<sup>4</sup> Vid. a nova edição feita por F. M. Esteves Pereira, Lisboa 1905, p. 24.

<sup>5</sup> Vid. *Rev. Lusitana*, viii, 243 (art. de J. J. Nunes).

## ANNOТАÇÕES ÁS FABULAS

Com as notas que juntei ao texto no pé de cada pagina tive a mira unicamente em torná-lo intellegivel nos passos onde por ventura houvesse alguma dúvida, pelo que ellas são de ordinario apenas paleographicas e phoneticas. As que vão agora seguir-se constituem leve commentario á obra.

**PROLOGO.**—*Linhas 1-2*) O *Livro da uida e dos costumes dos filosofos*, a que se allude ahi, é o *Liber de vita et moribus philosophorum* de Walter Burley ou Burleigh (sec. xiv), de que ha uma versão hespanola, anterior aos meados do sec. xv<sup>1</sup>, intitulada *La vida y las costumbres de los viejos filosofos*, a qual se conserva num manuscrito da Biblioteca do Escurial<sup>2</sup>. Tanto o texto latino como o hespanhol foram publicados por H. Knust em 1886 na *Bibliothek des Litterarischen Vereins in Stuttgart*, n.<sup>o</sup> 177.—Como é pequena a biographia de Esopo contida no *Liber* de Burley, julgo conveniente transcrevê-la aqui, e parallelamente a respectiva versão hespanholá que está no manuscrito escurialense:

### Cap. xxiv. ESOPUS

Esopus, adelphus, poeta, claruit tempore Ciri, regis persarum.

Fuit autem grecus, de civitate attica, vir ingeniosus et prudens, qui confinxit fabulas elegantes quas Romulus quidam de greco transtulit in latinum, in quibus docet quid observare debeant homines, et ut vitam hominum emendet et ad mores instruat inducit arbores, aves bestiasque loquaces pro probanda cuiuslibet fabula quam si diligenter lector inspexerit inveniet iocca apposita que et risum misceant et ingenium acuant eleganter.

Hic primo anno Ciri regis persarum fertur fuisse peremptus.

### Cap. xxiv. ESOPO

Esopo, adelfo, poeta, clarescio en tiempo de Ciro rey de Persia.

Y fue griego, de la ciudad de Atica, varon yngenioso y prudente, el qual fingio fabulas elegantes, las quales uno llamado Rromulo traduxo de griego en latin, en las cuales para demostrar la vida de los onbres y las costunbres que devén seguir introduse a aves y arboles y bestias falantes para provar cada una de las sus fab(u)las, las quales quien estudiosa mente las quisiere acatar fallara tales juegos puestos que mesclan rrisa y agusan el yngenio.

De aqueste se dise que ovo seydo muerto del sobredicho rey de Persia.

<sup>1</sup> Vid. G. Baist, *Die Spanische Litteratur* (no *Grundriss der roman. Philologie*, II-2, p. 413 e n.).

<sup>2</sup> Marcação bibliothecal: h-III-1.

Fica assim manifesto que o prologo do nosso Fabulario não é totalmente extrahido do *Liber* de Burley; este foi apenas lá citado. À procedencia do resto da obra me referirei quando tratar do estudo litterario das fabulas.—*L. 2) Ciro rrey de Persia.* A menção de Cyro vem no Fabulario apenas como indicação de data (560-529 a. C.), e não porque se estabeleça connexão entre elle e Esopo. É com Creso, rei da Lydia (560-546 a. C.), que a lenda antiga relaciona Esopo. Em todo o caso a epoca é a mesma, o sec. VI antes da nossa era. Cfr. tambem A. Croiset, *Hist. de la littérat. grecque*, II (1890), 466-467.—*L. 3) Exopo Adelpho.* Sem duvida *Adelpho* é aqui sobrenome de Esopo. No citado livro de Burley lê-se tambem: «Esopus Adelphus poeta claruit tempore Ciri»; e na traducção hespanhola: «Esopo Adelfo poeta clarescio en tiempo de Ciro». No entanto Knust viu-se certamente embaraçado com esta palavra, porque a escreveu com letra minuscula, e entre virgulas: «Esopus, adelphus, poeta...», ao que corresponde na traducção hespanhola «Esopo, adelfo, poeta...»,—embora ella, assim escrita, só pudesse representar o grego ἀδελφός «irmão», o que não faz sentido nenhum. D'onde veio porém a Esopo nas obras citadas e no nosso Fabulario o sobrenome de *Adelpho*, se em nenhuma das antigas biographias do fabulista<sup>1</sup> apparece tal sobrenome? É o que vou dizer em poucas palavras<sup>2</sup>. Uma das fontes dos fabularios medievaes foi a collecção latina attribuida a *Romulus*, que no sec. XIII se encontra representada no *Speculum historiale* de Vicente Bellovacense ou de Beauvais<sup>3</sup>. As *fabulae Romuleae* do Bellovacense são precedidas de uma biographia de Esopo em que se lê: «Anno regni Cyri primo Hesopus a Delphis interimitur»<sup>4</sup>. A lenda, segundo a qual os Delphos ou Delphicos mataram Esopo, precipitando-o da rocha Hyampia, é contada por Plutarcho (sec. I-II da e. c.)<sup>5</sup>; e a ella já allude Herodoto (sec. V a. C.)<sup>6</sup>. Sem poder, nem me ser necessario, verificar agora se foi precisamente no texto do Bellovacense, tal como fica transcrito, ou noutro ana-

<sup>1</sup> Cfr. Savérien, *Histoire des philosophes anciens*, vol. I (1773), p. 143 sgs.

<sup>2</sup> Este assunto foi já brevemente tratado por mim na *Revista Pedagogica*, I, 389-390.

<sup>3</sup> Digo *Bellovacense*, pois que *Beauvais* vem de *Bellovacii*. Num livro português, intitulado *Centinella contra Judeos*, de Pedro Lobo Correia, pp. 210 e 211 (ed. de 1710), lê-se «Vicente Bellovacense».

<sup>4</sup> Vid. Hervieux, *Les fabulistes latins*, t. II, 2.ª ed. (1894), p. 234.

<sup>5</sup> Vid. *De sera numinis vindicta*, XII.

<sup>6</sup> Vid. *Hist.*, II, 134.

logo, que Burley se inspirou, o que contudo se torna evidente deante d'elle é que da expressão *a delphis* = *a Delphis* um copista medieval, por distracção ou ignorancia, fez *adelphus*, tomando, no manuscrito de que se serviu, *-is* por *-us*; alem d'isso juntou a preposição *a* ao nome seguinte<sup>1</sup>. De modo que *adelphus* ou *Adelphus*, respectivamente em româncio *Adelpho* ou *Adelfo*, é na origem palavra fantastica, —*ghost-word* dos Ingleses—, mas temos de aceitá-la como sobrenome de Esopo no *Liber* de Burley, e portanto no nosso Fabulario (e tambem no manuscrito escurialense de que acima fallei)<sup>2</sup>.—Posto que o nome de *Esopo*, quer em grego, quer em latim, Αἴσωπος, *Aesopus*, tenha *σ* ou *s*, apparece-nos no Fabulario com *x*. Essa orthographia é usada em varios mss. medievaes: por exemplo, em mss. da Inglaterra, *liber Exopi*, *Exopi fabulae*<sup>3</sup>; da Italia *liber Exopi*<sup>4</sup>. Alem d'isso a orthographia latina do nome do fabulista variou muito: *Ysopus* (em româncio *Ysopo*, *Ysopet*), *Hesopus*, *Ensopus*, *Esopus*, *Hysopo*, etc., umas vezes por influencia da orthographia das lingoas romanicas, outras por falsas ideias etymologicas, etc.; mas d'isso não tenho de me ocupar, pois que as unicas fórmas que aparecem no nosso texto são *Exopo*, no prologo, e *Exopy* (genetivo latino), no fim das fabulas.—I. 4) Antiochia. Com quanto muitas tenham sido as localidades dadas por patria de Esopo, *Amorium*, *Cotyaeum*, *Mesembria*, *Samos*, *Sardes*<sup>5</sup>, não sei que jamais Antiochia fosse considerada como tal. O *Liber de vita et moribus philosophorum*, que, segundo ha pouco mostrei, foi conhecido do autor do Fabulario, diz a este respeito, como vimos, «*Esopus . . fuit . . grecus, de civitate Attica*».

<sup>1</sup> Acérca da facilidade com que *-us* e *-is* se confundiam em geral nos manuscritos da idade-media, diz Lindsay: «En capitales et en onciales, aussi bien qu'en minuscules, la ligature de *-us* ressemble beaucoup à *-is*. Dans l'ancienne écriture minuscule, on emploie parfois la même abréviation pour l'un que pour l'autre», —vid. *Introduction à la critique des textes latins*, Paris 1898, p. 100. Da juncção da preposição ao respectivo caso os exemplos são tão numerosos, que nem valia a pena insistir nisto; todavia cfr. o que diz o mesmo Lindsay ao fallar da escrita minuscula da idade-media: «Les petits mots tels que les prépositions . . sont habituellement joints aux mots voisins plus longs», —*ibidem*, p. 19.

<sup>2</sup> No copista que commeteu o erro da troca pôde ter influido a ideia de que *Adelpho* ou *Adelfo* era realmente nome e appellido noutras circunstacias, nas quaes provém da citada palavra grega. Ha mesmo um bispo *S. Adelpho*, que se venera em 20 de Agosto. *Adelphus* é tambem cognomen romano.

<sup>3</sup> Hervieux, *Les fabulistes latins*, I, 576 (2.<sup>a</sup> ed.?).

<sup>4</sup> Hervieux, *ob. cit.*, pp. 591, 592.

<sup>5</sup> Cfr. De Vit, *Onomasticon*, s. v. «*Aesopus*».

Consultando varios fabularios medievaes, acho tambem nelles alguma cousa que concorda com isto. O *Romulus vulgaris*, para me servir da expressão de Hervieux, diz: «Romulus Tyberino filio. De civitate attica esopus quidam homo grecus»<sup>1</sup>. Vicente Bellovacense diz: «Romulus . . ita scribens: De ciuitate Attica Hesopus quidam»<sup>2</sup>. O *Romulus Nilantius* tem: «Esopus, quidam grecus . . de ciuitate Attica»<sup>3</sup>. Finalmente, no *Romulus Florentinus* lê-se: «Romulus filio suo Tyberi[n]o de ciuitate attica. Esopus quidam homo grecus»<sup>4</sup>. Comprehende-se agora que o autor do nosso Fabulario tomasse, no manuscrito de que se servia, a palavra *Attica*, i. é, *attica* ou *atica*, por abreviatura de *Antiochia* = *Antiochia*, i. é, *āti.ca*, pois são as mesmas letras, só com a diferença do til, que muitas vezes escapa na escrita, e que tambem aqui podia ser considerado abreviatura de outro *t*. Esta confusão proveio, ou de elle saber que Esopo era Phrygio, e haver na Phrygia uma cidade chamada *Antiochia* (embora, que me conste, nenhum biographo antigo, repito, a julgasse patria de Esopo), ou, o que me parece mais provavel, de se lembrar da célebre Antiochia, capital da Syria. Curioso é notar que, se *Antiochia* provém de se ler erroneamente a palavra *Attica*, esta, na obra citada, provém tambem de um erro de interpretação. Todas as phrases que transcrevi se relacionam com uma especie de epistola-prologo que a Tyberino dirigiu seu pae Romulo; como mostra a ultima phrase que transcrevi, a expressão *de ciuitate Attica*, em virtude da pontuação adoptada, não se refere a Esopo, e sim a um dos nomes antecedentes, significando segundo a luminosa explicação de Gaston Paris, não que Romulo ou Tyberino eram naturaes de uma cidade attica, mas que era de Athenas, *civitas Attica* por excellencia, que Romulo escrevia a Tyberino<sup>5</sup>: nos diferentes manuscritos, porém, por má pontuação, fez-se da *cidade Attica* a patria de Esopo, e essa ideia passou para os fabularios e para o *Liber* de Burley, d'onde tambem o autor do nosso Fabulario a tomou, interpretando-a ainda peor<sup>6</sup>. — L. (5-6) latino.

<sup>1</sup> Vid. L. Hervieux, *Les fabulistes latins*, t. II, 2.<sup>a</sup> ed., París, 1894, p. 195.

<sup>2</sup> *Idem, ibid.*, p. 234.

<sup>3</sup> *Idem, ibid.*, p. 513.

<sup>4</sup> *Idem, ibid.*, p. 474.

<sup>5</sup> Vid. G. Paris no *Journal des savants*, 1884, p. 678, nota 2; e Hervieux, *Les fabulistes*, I (2.<sup>a</sup> ed.), 302.

<sup>6</sup> Mesmo assim interpretou-a com mais logica do que o traductor hespanhol, pois este, no ms. escurialense, tem «cibdad de Atica», considerando-a substantivo e não adjetivo, como realmente é.

O autor do Fabulario diz *em latino*, em vez de *em latim*, por ter traduzido á letra o original de Burley: *in latinum*.—L. 6) Rromulo. Já a cima fallei da collecção medieval de fabulas attribuida a Romulo. Este nome, como Hervieux mostrou<sup>1</sup>, deve ser supposto, embora de data muito antiga; em todo o caso, tanto no nosso Fabulario, como no *Liber* de Burley que lhe serviu aqui de base, e noutras tratados da idade-media, representa realmente, para o espirito dos respectivos autores, um verdadeiro individuo, traductor de Esopo.—L. 13) frores. A comparação da excellencia de uma doutrina com flores foi sempre predilecta aos tratadistas. Tambem D. Duarte (sec. xv) no *Leal Conselheiro*, prologo, p. 7 da ed. de Roquete<sup>2</sup>, diz: «Prazermia que os leedores deste trautado tevessem a maneira da abelha, que passando per ramos e folhas, nas flores mais costuma de pousar, e dally filha parte de seu mantimento». No *Labyrintho* de Eberardus, natural de Bethune (Artois), sec. XIII, lê-se este distico:

Aesopus metrum non sopit: fabula flores  
Producit; fructum flos parit; ille sapit.

«... ces deux vers rappellent les idées répandues dans le prologue des fables en vers élégiaques. La glose d'un ancient ms. porte ces mots: *Ysopus est planta; sed Aesopus dat bona verba*<sup>3</sup>.

FABULA I.—L. 4) a quall. Hoje diríamos *que*; mas o mesmo modo de dizer se encontra no Prologo: «este auctor viuia o quall se chama Esopo».—L. 9) achar ty. Vid. na secção grammatical o capítulo da Syntaxe.

FAB. II.—L. 24) buscar cajom contra razom. Senteça rhythmica, especie de adagio.

FAB. III.—L. 12) Dom velhaco, aqui morreredes. No primeiro dialogo da rã com o rato, aquella trata este familiarmente por tu, para o captar; agora, como vae segura de o fazer morrer, trata-o ironicamente por *dom velhaco*, e chama-o por senhor, na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural.

<sup>1</sup> *Les fabulistes*, 1 (2.<sup>a</sup> ed.), 293-305.

<sup>2</sup> Paris, Aillaud, Monlon & C.<sup>a</sup>, 1854.—Quando neste trabalho citar o *Leal Conselheiro*, entenda-se que cito sempre esta edição.

<sup>3</sup> Robert, *Fables inédites des XII<sup>e</sup>, XIII<sup>e</sup> et XIV<sup>e</sup> siècles*, t. 1, Paris 1825, p. LXXXIV, nota.

FAB. IV.—*L.* 9) As quaes testemunhas depois que forom examinadas. Esta expressão corresponde a: «depois que estas testemunhas forom examinadas». É um latinismo: *qui cum interrogati essent*; cfr. Madvig, *Grammatica latina*, trad. port., § 448. O pronome relativo vale aqui de pronome demonstrativo.—*L.* 12) E o carneyro. Corresponde a: «e quanto ao carneyro». Modo de dizer usado ainda hoje, sobretudo na lingoagem familiar.

FAB. V.—*L.* 4) duas tamta carne que. Significa: «duas vezes tanta carne que», propriamente «dois tantos como a carne». Encontram-se em textos dos sec. XIV-XVI expressões comparaveis a esta: «e deu seu fruito é çé dobro»<sup>1</sup>; «e darás de ti fruto é çé dobro»<sup>2</sup>; «entrou húua tam grande claridade, que fez o paaço *dous tanto* mais claro»<sup>3</sup>; «e que lançará a bara<sup>4</sup> cento alem do custumado»<sup>5</sup>.—*L.* 11-12) por está por extenso no manuscrito.

FAB. VI.—*L.* 5) a ssua caça. É assim mesmo, e não *á sua caça*. Cfr. *a sseus companheyros* na *l.* 20.—*L.* 16-18) Cfr. o rifão: «Ao pobre não é proveitoso || acompanhar com o poderoso», em Bento Pereira, *Adagios* (appendice á *Prosodia*).

FAB. VII.—*L.* 1) fo y significa «houve»; lat. *fuit*.—*L.* 8) herdeyro, por o leão ter parte no despojo de um animal morto.—*L.* 9) assy como ssy. Vid. Syntaxe.

FAB. VIII.—*L.* 2) E comendo com grande pressa. Participio absoluto.—*L.* 22) No em exemplo diz. Vid. Syntaxe.

FAB. IX.—*L.* 6) que lh'a queria emprestar, isto é, que estava disposta a emprestar-lh'a.—*L.* 21) húa palaura dizem

<sup>1</sup> *Lenda dos Santos Barlaão e Josafate*, ed. de Vasconcellos Abreu, Lisboa 1898, p. 8, l. 20.—O respectivo manuscrito é dos fins do sec. XIV ou começo do sec. XV: vid. Epiphanio Dias, in *Zeitschrift für roman. Philologie*, xxvii, 465. A língua porém é certamente do sec. XIV. Seria mais conforme com a verdade, como já acima (p. 120) notei, intitular esta obra *Vida do honrado Iffante Josphat*, pois é assim que está no original.

<sup>2</sup> *Ob. cit.*, p. 8, l. 24.

<sup>3</sup> *Demande do Santo graall*, ed. de Reinhardstoettner, Berlim 1887, p. 17.

<sup>4</sup> = barra.

<sup>5</sup> Doc. de 1531, no *Archivo Hist. Port.*, 1, 226.

pella boca, e outra teem no coraçom. Cfr. Sallustio: *aliud clausum in pectore, aliud in lingua promptum*<sup>1</sup>.

FAB. X.—L. 15) d'elles aueremos maaos merecimentos, i. é, «d'elles mereceremos mal» = d'elles receberemos mal.

FAB. XI.—L. 8) fremoso demte. Alem da sua grandeza, o dente de porco é célebre como amuleto, já desde a antiguidade. À expressão nom quero luxar o meu fremoso demte na tua vil persoa corresponde outra analoga em xxix, 14.

FAB. XII.—L. 3) moraua. O sujeito é *outro rrato*.—L. 28) E as palavras dictas. Nos participios absolutos d'este typo, umas vezes o sujeito está antes do predicado, como aqui, outras depois, como na fab. xxv, 12.—L. 30) melhor he a proveza que a rriqueza. Ideia christã, que tambem se encontra em Villon, poeta francês do sec. xv: *Bienheureux est qui rien n'y a*<sup>2</sup>.—L. 31. seja. Vid. Syntaxe.

FAB. XIII.—L. 5) rogaua = rogava-a—L. 13) e que lhe queria dar sseus filhos. Depende de *braadar*.

FAB. XIV.—L. 11) freo. É ainda hoje expressão corrente *não ter freio na lingoa*, pois suppõe muita gente que o freio ou *trave* da lingoa impede a falla. Cfr. Chervin, *Trad. pop. relatives à la parole*, Paris s. d.

FAB. XV.—L. 5 e 11) Branco e nobre concordam com *coruo*; em uelhaco, e astrosa aue, *velhaco* é substantivo (senão seria *velhaca*, a concordar com ave).—L. 17-18) Não conheço na tradição precisamente este proverbio, mas conheço outros analogos: Boca de mel || coração de fel<sup>3</sup>; Mel nos beiços, fel no coração<sup>4</sup>. O proprio autor do Fabulario exprime conceito analogo em IX, 20-22.

<sup>1</sup> *De conjuratione Catilinae*, cap. ix.

<sup>2</sup> Apud G. Paris, *François Villon*, Paris 1901, p. 182.

<sup>3</sup> Rolland, *Adagios*, Lisboa 1780, p. 160.

<sup>4</sup> Bento Pereira, *Prosodia*, Evora 1723, p. 228.

FAB. XVI.—*L. 6) fez [a] muitos mal.* Accrescentei *a*, que escapou ao escriba do ms.; cfr. *fazendo-lhe muito mal*, xxI, 6, e *que lhe nom fezesse mal*, xxv, 4, onde a *fazer mal* se segue naturalmente complemento indirecto.—*L. 7) tempo fuy.* Esperar-se-hia *tempo foy*. Aqui *fuy*, se não ha êrro por *foy*, é talvez archaismo (vid. Morphologia), e não attracção do sujeito da oração seguinte.

FAB. XVII.—Com o sentido d'esta fabula cfr. o rifão: «Amor de asno || entra a couces e a bocados», em B. Pereira, *Adagios* (onde *bocado* está no sentido de «mordedura», accepção que falta no *Dicc.* do Caturra e outros). *L. 14-15)* Entendo que o complemento directo de *emssina* é a oração de *que*, e que *aaquelles* é complemento indirecto.—*L. 15) e trabalham-se = e com tudo trabalham-se.*

FAB. XVIII.—*L. 1) [p]om este doutor em exemplo.* Tam bem num fabulario medieval italiano se lê *pone l'autore che<sup>1</sup>*. *L. 8-9) nom me dá nada = não me importa.* O autor emprega aqui *dar* por já ter dito antes *dar dez uezes ua mynha calua*; o segundo *dar*, empregado em sentido um tanto diferente do primeiro, estabelece certo contraste, que ameniza o estylo.—Hoje o mais usual é dizer-se «não se me dá», mas diz-se ainda, por ex. «que mais dá?» (= que mais importa?). Ás avessas o povo diz «não se me importa», com *se*, por «não me importa».—*L. 10) farás de tua proll.* Vid. Syntaxe.

FAB. XIX.—*L. 6) todo «tudo» (archaismo).*—*L. 12) asseentados.* Como se refere á raposa e á cegonha, que são palavras femininas, esperar-se-hia *assentadas*; mas o autor emprega o masculino de modo geral. A mesma expressão se repete na *L. 3*.

FAB. XX.—*L. 7) como «quando».*—*L. 13-14) c a (a alma) he facta aa ssimildom de Deus.* Cfr. *Genesis*, I, 26: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram.*—*L. 15) fica o corpo terra.* Exprime-se a mesma ideia por outras palavras na *L. 7-8: o corpo sse torna no elamento da terra;*

<sup>1</sup> Brush, *The Isopo Laurenziano*, Columbus (Ohio) 1899, p. 52. Já em latim: *alicui praemium ponere* «propôr»; cfr. tambem *proponere exemplum; proponere exemplar.*

e cfr. *L.* 18: (*as eruas e as aruores*) . . tornam-sse em terra.—*L.* 15-18) Acérca da alma rracionauyl que rreigna no homem e da alma vegetatiua que rreigna nas eruas e nas aruores, cfr. o que diz D. Duarte no *Leal Conselheiro*, cap. vi: «sam Gregorio declara que participamos d'estas tres almas,—vegetativa, que perteece aas plantas, sensitiva aas bestas, e racional aos anjos!.—*L.* 16) da alma vegetatiua. Complemento de respeito.—*L.* 18) tanto . . quanto. Correlativos entre si.

FAB. XXI.—*L.* 10-12) aquellos que em alto querem ssobir . . muitas vezes caem em terra. Este pensamento é muito antigo e espalhado. Em Horacio lê-se:

. . Celsae graviore casu  
Decidunt turres<sup>2</sup>.

Nos fins da idade-media, Macias o Namorado, diz:

Cando o louco cree mais alto  
Sobir, prende mayor salto<sup>3</sup>.

Ha tambem estes adagios: *A grande salto, gram quebranto*<sup>4</sup>; *Quem de mais alto nada, mais de pressa se afoga*<sup>5</sup>. E mesmo uma cantiga popular que ouvi no Baixo-Douro é assim concebida:

Eu hei de assobir ao alto,  
Ao alto hei d'assobir:

Quem ao mais alto assobe,  
Ao mais baixo vem cair.

FAB. XXIII.—No dialogo são um tanto fastidiosas as ennumerações, posto que o autor as dispusesse em antithese.—*L.* 6) b e b o com taças. Ha aqui hyperbole, pois a mosca não bebe com taças, como uma pessoa, mas em taças.—*L.* 27-28) n e h û a persoa nom dá a mym molesta. Deverá emendar-se *molesta* em *molestia*; o sentido vem a ser: «nenhuma pessoa me causa incommodo (ao passo que a ti todos te incommodam)». Cfr. em hespanhol: *molestia* «enfado».

<sup>1</sup> Pag. 49.

<sup>2</sup> *Carmina*, II, x, 10-11.

<sup>3</sup> H. Lang, *Cancioneiro gallego castelhano*, 1 (1902), 7.—Cfr. Rennert, *Macias o Namorado, a Galician trobador*, Philadelphia 1900, p. 36.

<sup>4</sup> D. Carolina Michaëlis, *Tausend port. Sprichwörter*, n.º 172.

<sup>5</sup> *Prosodia*, de Bento Pereira (Adagios).

FAB. XXIV.—*L. 2)* que lhe deuia muytos dinheiros depende de *acusou*. Hoje dizemos mais vulgarmente *de que*.—*L. 3)* jnocente do que ho lobo a acusava — «innocente d'aquillo de que o lobo a accusava». Syntaxe condensada. Cfr. o meu opusculo *O texto dos Lusiadas*, Porto 1890, p. 46.—*L. 11-12)* Ha ás vezes desleixo de estylo, como aqui: *aqueles que ssom . . e aquell que he*. Esperar-se-hia o mesmo numero (singular ou plural) nas duas frases.

FAB. XXV.—*L. 9)* fazias comtrayro. A mesma expressão se lê em xxxvi, 2: *fazia comtrayro do que lhe sseu padre emssynaua*. A palavra *comtrayro* tem quasi a função de adverbio.—*L. 14)* o seruiço que sse faz de uoomtade, aquelle he bem feito. Redundancia do pronome *aquelle*. De analogo uso em latim trata Madvig, *Gram. latina* (trad. port.), § 489-a.

FAB. XXVI.—*L. 4)* pera se matar com ell. Vid. Vocabulario.

FAB. XXVII.—Esta fabula vem tambem contada em Manoel Bernardes, *Nova Floresta*, como já se disse no Vocabulario s. v. «vurmo». Bernardes colheu-a em Mayolo, *Dias caniculares*, t. v, dialogo 1, fl. 791; a fonte é Aulo Gellio, *Noctes Atticae*, V, xiv, que diz tê-la extrahido da Hist. de Apion Plistonices, *Aegyptiacorum* lib. v. O heroe em Bernardes é *Androdo*, na litteratura classica é *Androclus* (houve substituição graphica de *cl* por *d*).

FAB. XXVIII.—*L. 8)* sabe por certo = tem como certo (*por certo* é nome predicativo).—*L. 9)* tocar teu pulso, i. é, «tomar-te o pulso». Em latim: *venam tangere e venarum pulsum attingere*.

FAB. XXIX.—*L. 3)* andaua louçāo, i. é, «caminhava (ia) louçāo».—*L. 14)* nom quero em ty luxar os meus couçes. Expressão analoga se lê em xi, 8.—*L. 29)* uāas glorias. No *Leal Conselheiro* ha tres capitulos sobre a vangloria (capp. xii a xiv), onde D. Duarte cita os *Estatutos* de S. João Cassiano e as *Collações* dos SS. Padres. Cfr. p. 84: «a Nosso Senhor despraz . . a vāa gloria, que muito claramente nos mostra taaes abatymientos nas cousas de que nos queremos gloriar e gabar, que bem podemos conhecer como elle quer de todos nossos bēes a el seerem dados louvores».

FAB. XXXI.—Deve entender-se que o *gaviam* que figura nesta fabula é a femea, pois na l. 10 se lhe chama *madre*. Como se sabe, o nome *gaviam* (hoje *gavião*) é epiceno.—L. 8) choraua de coração. Cfr. em provençal: *s'eu chan de boca, de cor plor,*—apud Zs. f. roman. *Philologie*, XXIX, 339, n.º 3.

FAB. XXXII.—L. 6) Prazer-m'-ia de me rrazoar. Creio que *me* é dativo ethico, e não complemento directo, que é *cousas* na phrase seguinte.

FAB. XXXIV.—L. 12-26. Nas palavras *senhor*, *alcayde*, *terra*, temos referencias ás instituições sociaes da idade-media. Vid. Vocabulario.—L. 29) tanto é complemento directo de *dizer*.—L. 43) Ssalamam diz: *ffemina nula bona*, etc. Salomão era muito lido por este tempo, como o mostra, por ex., o *Leal Conselheiro*, onde elle é citado varias vezes. Todavia aqui a phrase latina não lhe pertence, embora Salomão condemne as mulheres: *Liber proverb.*, v, 5-8. Esta frase constitue um verso dactylico hexametro:

Femina nulla bona, quia ter mutatur in hora

da fórmula --- --- --- --- --- ---; só devemos aceitar que o à de *bona*, por estar na cesura, foi contado como à. O verso, de mais a mais, é leonino, pois *bona* rima com *hora* (assonancia); os versos leoninos, como se sabe, tinham muita voga na idade-media. A ideia expressa no 2.º hemistichio está contida naquillo de Vergilio, *Eneida*, IV, 569-570: *varium et mutabile semper femina*; a mesma ideia se encontra em adagios portugueses, hespanhóes e franceses:

Molher, vento e ventura  
Asinha se muda...<sup>1</sup>.

Mujer, viento y ventura  
Pronto se mudan...<sup>2</sup>.

Femme est un cochet à vent  
Qui se change et mue souvent<sup>3</sup>.

Com o primeiro hemistichio do verso latino da nossa fabula cfr. o que diz D. Duarte no *Leal Conselheiro*, p. 252, fallando das

<sup>1</sup> *Adagios Portugueses* de Delicado, Lisboa 1651, p. 138.

<sup>2</sup> *Refranes* de H. Nuñez, Madrid 1619, fl. 73 v.

<sup>3</sup> Proverbio francês em um ms. do sec. XIII, apud Roux de Lincy, *Proverbes français*, II, 490.

mulheres: «Se disserem *poucas som as boas*, eu digo que, etc.». O fabulista não fez pois mais do que traduzir ideias correntes. Comtudo não sei qual é a proveniencia immediata do verso.—*L.* 45) A molher he vaso de demonio. Frase analoga se lê na *Vida de Maria Egipcia*: «ca nom posso eu aver gloria pellas minhas obras que fige en quanto foy<sup>1</sup> vaso do diaboo»<sup>2</sup>; e no texto latino da vida da mesma santa: *fui diabolo vas electionis*<sup>3</sup>.—*L.* 46) com outros gramdes sabedores, i. é «e outros grandes sabedores». Tambem em obras francesas da idade-media se diz que a mulher enganou Salomão e outros sabios: vid. P. Meyer in *Romania*, xv, 316 e nota 2.—*L.* 47) A molher he hūu armuzello do demonio. Quanto á forma, cfr. *Ecclesiastes*, ix, 12: *sicut pisces capiuntur hamo, . . . sicut capiuntur homines in tempore malo*. Sobre *armuzello* vid. o Vocabulario. Nas Fabulas de Maria de França lê-se:

.. dit hum en reprivier  
que femmes sevent engignier:  
les veziées nunverables  
unt un art plus que li diables<sup>4</sup>.

O editor d'essas Fabulas annota, a p. 362, que tambem no *Roman de Renart*, ed. de Méon, v. 7116, se diz da mulher: *Plus de deabies a un art*. É vulgar encontrar nos livros de proverbios muitas diatribes contra as mulheres: cfr. Roux de Lincy, *Proverbes français*, t. I, p. LVII, onde dá amostras tiradas dos *Contredicts de Songe-creux*. De modo geral, a litteratura misogynica, ou anti-feministica, tinha grande voga na idade-media. Na *Romania*, vi, 499, dá o Sr. P. Meyer uma lista de varias diatribes. Cfr. *Zs. für roman. Philol.*, ix, 296; e xxviii, 552 (*Proverbia quae dicuntur super natura femininarum*). Assim como se dizia mal das mulheres, tambem se fazia a apologia d'ellas: «Dire du bien, et surtout dire du mal, a été pour le moyen âge, comme pour l'antiquité, un des lieux communs de la littérature», —P. Meyer in *Romania*, vi, 499. Cfr. do mesmo A.: a introduçāo aos *Contes moralisés de N. Bozon*, Paris 1889, p. xxxii; e um artigo na *Romania*, xv, 315 sqq., onde cita

<sup>1</sup> «Fui»

<sup>2</sup> Cornu, *Anciens Textes*, p. 16.

<sup>3</sup> *Acta sanctorum*, April, i, ed. de Antuerpia, 1675, p. 79.

<sup>4</sup> Vv. 53-56. Ed. de K. Warnke, Halle 1898, p. 152.

*La bonté des femmes*, poema contido em um ms. do sec. xv.—Estas discordias litterarias continuaram pelos tempos adeante. Vid. J. F. de Vasconcellos, *Eufrosina*, ed. de 1616, fl. 43 v (a favor) e 94 (contra); no segundo passo chama-se ás mulheres *armas do Diabo* e invoca-se *Salomão*. Ainda na litteratura portuguesa de cordel do sec. XVIII se encontram folhetos intitulados *Malicia dos homens contra a bondade das mulheres*, *Bondade das mulheres contra a malicia dos homens*, —etc.—L. 49) passa de sabedor, i. é, «é mais que sabedor», «tem grande capacidade». Cfr. no *Diccionario ling. port.* de Moraes, s. v. «passar»: *passa de doido, passa de experto*, i. é, «é doido de mais», «excessivamente doido», etc.

FAB. XXXV.—L. 2) Tayda. A fórmula *Tayda* corresponde ao accusativo grego Θαιδα, nominativo Θαις. Em português tambem se tem usado *Thais*: cfr. *Historia das vidas de Santa Maria Egípcia, S. Thais e Santa Theodora*, por Diogo Vaz Carrilho, Lisboa 1737. *Thais* foi uma cortesã atheniense que, em virtude do seu arrependimento, a Igreja depois santificou.—L. 21) amarga. Aqui é verbo.—Na expressão a todo sseu proueyto a preposição *a* tem o valor de «para» ou «em».

FAB. XXXVI.—L. 3) Castigar. Vid. Vocabulario.—L. 4) sem porquê. Vid. Vocabulario.—L. 7) ssem seu merecer. Vid. Syntaxe, § 41.c.—L. 5) firio. Vid. Vocabulario.—L. 9-10) Que m quer castigar o leom ffere o cam: tem aspecto de adagio, tanto mais que no ms. alterna *leom* com *leam*; se aqui estivesse *leam*, a sentença seria rimada.—L. 10) fferidas. Vid. Vocabulario.—L. 13) maneira. Vid. Vocabulario.—L. 15) que: depende do diz da linha 12.

FAB. XXXVIII.—L. 5) leauauam a peor. Aqui a *peor* não se refere á ovelha. *Levar a peor* significa «tirar o peor resultado»; o contrario hoje é *levar a melhor* «avantajar-se».—L. 21-22) a as ouelhas que .. os lobos .. faziam d'elas maaõ pesar = ás ouelhas, das quaes os lobos faziam mao pesar. Anacoluthia. Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port.*, § 250-b.—A respeito de *fazer mao pesar*, vid. Vocabulario, s. v. «pesar».

FAB. XXXIX.—L. 14-15) Para sujeito de dando subentende-se «este», referido a *imijguo*, que está na phrase anterior; lhe refere-se aos *imijguos* da l. 14. Depois de *jmijguo*, na l. 15, podia estar ponto e vírgula, em vez de simples vírgula.

FAB. XL.—L. 19) o d y a = durante o dia. Na l. 21, porém, está *de dia*. Não me parece que na l. 19 *o dia* esteja por *ó dia* (= ao dia), de acordo com *aa noute*, l. 20, pois seria natural que o ms. tivesse *ao dia*. É vulgar no texto exprimir-se o tempo sem preposição.—L. 25-26) este vesso que diz: *ne ssyt alterius*. Ha aqui allusão a um verso das Fabulas do *Anonymous Nereleti*:

Alterius non sit, qui suus esse potest<sup>1</sup>

o qual em um dos manuscritos começa: *Non sit alterius*<sup>2</sup>. Cfr. a ultima parte d'este verso de Phedro:

Regnare nolo, liber ut *non sim mihi*<sup>3</sup>.

FAB. XLI.—L. 25) A expressão *e diç*, a que já me refiro na nota 1 que juntei á fabula, é estereotypada; d'aqui o engano do autor.—L. 30) hūu amyguo ssenpre lhe compre = a hūu amyguo ssenpre compre. Anacoluthia. Cfr. a nota á fab. XXXVIII, l. 21-22.

FAB. XLII.—L. 14) A palavra que transcrevi por *j h o r e* não é bem clara no ms. O amanuense escreveu primeiramente parece que *chope* ou *chore*, cóm o *p* ou *r* junto do *e*; depois emendou o *c* em *j*. Em todo o caso essa palavra é certamente *jorre*, fórmula popular de *rroje* (vid. *jorro* em Moraes, *Dicc.*, s. v.); cfr. l. 4-5.—L. 18) sseer auaros ao nosso proximo, i. é, para o nosso proximo, para com o nosso proximo. O autor, na moralidade, emprega ora *avaro* (*auaro*), ora *auarento*, para variar o estylo.—L. 19) A sigla *s* significa *scilicet*.—L. 20) serue aos jdolos. A expressão *servir os idolos* é da Biblia, por ex. em S. Paulo *Ad Corinthios*, I, v. Tambem no *Leal Conselheiro*, cap. XLVI, p. 260, se lê: «aquesto fez a rey Sallamon .. adorar os ydolos .. porque .. soy feito servo de quem nom devera»; e no cap. VXXX, p. 202: «servidoe dos ydolos».

FAB. XLIII.—L. 14) depoys que o homem morrer. Emprego do futuro do conjuntivo com *depois que*; hoje diríamos *depois de o homem morrer* (infinitivo). Cfr. no *Cancioneiro gallego*

<sup>1</sup> Hervieux, *Les fabulistes latins*, II, 2.<sup>a</sup> ed., p. 327.

<sup>2</sup> Em Förster, *Lyoner Yzopet*, Heilbronn 1882, p. 108.

<sup>3</sup> *Fabulae*, III, VII, 27.

*castelhano* de H. Lang, I (1902), vv. 438 e 458, *des que eu morrer*, segundo a correcção da Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis<sup>1</sup>. — L. 17) por o de Deus, não significa «por o marteyro de Deus» (ellipse), mas, como me indica o meu amigo e mestre o Sr. Epiphanio Dias, »por amor de Deus». O mesmo illustre professor apresenta-me os tres textos seguintes e illustrações latinas, em apoio d'esta explicação: *pollo meu*, em Azurara, *Chronica da Guiné*, cap. 85, expressão correspondente á latina *meā causā* «em attenção a mim»; *polo seu*, no *Cancioneiro de Resende*, III, p. 617 («... aconselhado || soy el rrey, qu'era forçado || polo seu de me matar», onde *de me matar* é sujeito grammatical de *era forçado* = era forçoso); *polo meu*, em D. Denis, ed. de Lang, v. 53, pag. 14 («e, senhor, nom vos venh'esto dizer || polo meu, mais porqu'a vós está mal», passo com o qual se pôde comparar este de Cornelio Nepote, *Epam.*, cap. IV: *istud quidem faciam, neque tua causa, sed mea*). Aos textos citados juntarei da minha parte mais dois, que encontrei ulteriormente: «e meus desejos me fazem || contente morrer *por vosso*», no *Cancioneiro de Resende*, I.<sup>a</sup> ed., fl. XLIV-v, col. 5, vv. 5-6; e «pero me desamparades, || *por vosso* morrei<sup>2</sup> agora», no *Cancioneiro gallego-castelhano* de Lang, I, Nova-York 1902, vv. 15-16, p. 3, onde deve pois corrigir-se, no Glossario, p. 267, a definição «as your lover» em «por amor de vós».

FAB. XLIV.—L. 3) que = de modo que. Cfr. LXI; 40.—L. 15) Arguu = Arguo, lat. *Argus*, guardador da vaca Io, o qual tinha cem olhos, como diz Ovidio, *Metamorph.*, I, 625:

Centum luminibus cinctum caput Argus habebat.

Na fabula de Phedro, II, VIII, correspondente á nossa, não se menciona *Argus*, diz-se simplesmente:

Sed ille, qui oculos centum habet, si venerit...

onde *centum* está por «muitos», segundo o estylo latino, mas com visivel allusão a Argo. Esta allusão torna-se realidade nas Fabulas de Gualterius Anglicus, com as quaes as nossas mais directamente se relacionam; ahí se diz, LVIII: *si uenerit Argus*<sup>3</sup>. — L. 29-30) e o sseu seruidor nom o vyo = ao passo que o seu servidor não o viu.

<sup>1</sup> Na *Zeitschrift für roman. Philologie*, XXVIII, 225.

<sup>2</sup> = morrerei (fórmula arc. do futuro).

<sup>3</sup> Hervieux, *Les fabulistes latins*, II (2.<sup>a</sup> ed.), 346.

FAB. XLV.—*L.* 37) Com o versiculo latino cfr. o Evangelho de S. Matheus, x, 26, *Nihil est .. opertum, quod non revelabitur, et occultum quod non scietur*, e o de S. Lucas, viii, 17, *Non est enim occultum, quod non manifestetur*, etc. As sentenças d'este teor eram muito vulgares na litteratura. Tambem no *Leal Conselheiro*, cap. LXXXIII, p. 403, se lê, em fórmula de adagio rimado: «Não ha cousa ascondida || que nom seja descoberta e sabida», sentença que concorda singularmente com a que se lê nos versos do Arcipreste de Hita ou Fita (sec. XIV):

Et segund dis Jesu Christo, *non ai cosa escondida*  
*Que a cabo de tiempo non sea bien sabida*<sup>1</sup>.

FAB. XLVII.—Não foi sem hesitação que na linha 2 (cfr. nota 6) propus que *deus* se emendassem em *deus[es]*, porque o manuscrito, no geral, não está muito incorrecto. Levou-me a propôr a emenda o facto de logo adeante se ler duas vezes *deoses*, embora com o. Todavia, apesar d'esse facto, e de já um grammatico do sec. XVI legislar que o plural de *deos* é *deoses*<sup>2</sup>, seria possivel que a fórmula *deus* do nosso Fabulario correspondesse á latina *deos*, e equivalesse pois realmente ao plural, tanto mais que a fórmula *deoses*, com relação ao nomin. lat. *dei*, *dii*, *di*, ou ao accus. *deos*, é inteiramente irregular, e por tanto moderna, e que em hespanhol do sec. XIII ha o pl. *dios*, do lat. *deos*, que, como se vê, é igual ao sing. *dios* (hoje *diós*), do lat. *deus*<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> *Libro de cantares ou de buen amor*, est. 80-81 (*Collección de poetas castellanos anteriores al siglo xv*).

<sup>2</sup> João de Barros, *Gram. da líng. port.* (na *Compilação de varias obras*, ed. de Lisboa, 1785, p. 107).

<sup>3</sup> Cfr. Menéndez Pidal, *Manual de gram. histor. esp.*, Madrid 1905, p. 131 (§ 75-3).—A titulo de exemplo, citarei estes versos do *Libro de Alexandre* (da *Coll. de poetas castellanos anter. al siglo xv*):

Allá sobre los cielos a *los dios* enioauam (est. 252-b);  
Allí fueron llamados *los dios* e las deessas (est. 313-a);  
Eran enna carreta todos *los dios* pintados (est. 817-a).

D'este modo, *deus* no nosso Fabulario seria um archaismo, comparavel a outros que lá se encontram, como *dey* «deu», *er* (particula) e *veençudo* «vencido» (archaismo, já se vê, em relação á epoca revelada pela lingoa geral usada no manuscrito).

FAB. XLVIII.—L. 10) Depois a pouco tempo. Vid. Vocabulario, s. v. *pouco*.

— FAB. L.—L. 7) fundo. Vid. Vocabulario.

FAB. LI.—L. 3) d'ellas. Complemento partitivo. Isto é: apinhaava algumas d'ellas.—L. 4) E esto quantas ell queria = e d'esta maneira tomava e comia quantas elle queria. Aqui esto corresponde, no sentido, ao latim *ita*.—L. 8) a fim = o intuito. Vid. Vocabulario.

FAB. LII.—L. 3) *do pam*. Vid. Syntaxe.—L. 4) por tall que. Vid. Vocabulario s. v. «tal».—L. 18) Ao peccado da *gargantoice* ou «gula» se refere tambem o *Leal Conselheiro*, cap. xxxii, posto que não haja semelhança na forma entre esse capitulo e a fabula.

FAB. LIII.—L. 15) Cfr. com esta sentença o *Ecclesiastico*, xix, 4: *Qui credit cito, levis corde est*, que D. Duarte no *Leal Conselheiro*, cap. xxxvii, 214, verteu assim em vernaculo: «quem de ligeiro cree, he de leve coraçom».

FAB. LIV.—L. 4) ssegurarom-sse. Vid. Vocabulario.—L. 6) *ssom* = ha. Lat. *sunt*.—L. 8) O adagio tem forma moderna mais generica: *cão que ladra, não morde*.

FAB. LV.—L. 1) *cordeyro*. Vid. Vocabulario.—L. 3) pouco estando. Vid. Vocabulario.

FAB. LVI.—L. 7) ferir. Vid. Vocabulario.

FAB. LVII.—L. 14) aquella por «aquillo» é um exemplo de attracção para *esperança*. Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port.*, § 189, obs.; Madvig, *Gram. lat.*, § 313.

FAB. LVIII. (Esta fabula concorda com a lv)—L. 3) como tem valor temporal: «logo que», «depois que».

FAB. LIX.—L. 11) confiar d'aquelles = ter confiança a respeito d'aquellos = contar com aquelles. Tambem em lat. *confidere de aliqua re*.—L. 4) lhe deu .. termo a que lh'o paga sse = marcou prazo ao pagamento. O mesmo uso syntactico da preposição *a* se encontra, por ex., nestas phrases do sec. xv:

«se obrigauam per scrituras publicas a lh'os darem *a certo tempo*»; «se lhe nom pagassem *a certo tempo*<sup>1</sup>.—L. 14) ssegundo Deus. Vid. Vocabulario, s. v. «Deus».

FAB. LXI.—L. 8) de furto (não *do furto*): em sentido indefinido = de furtos.—L. 16) rrogando. Vid. Vocabulario.—L. 20) mesteres. Vid. Vocabulario.—L. 30) ho outro dia, do combate = no outro dia, que era o do combate.—L. 30-59. Temos nesta narração exemplo de um *duello judiciario*, *combate singular*, *desafio*, *prova por lide*, ou como se lhe quiser chamar. Constituia um dos *juízos de Deus*, a que tão vulgarmente se recorria na idade-média para se decidir da veracidade ou falsidade de um facto; da existencia dos *juízos de Deus* na Peninsula, e especialmente em Portugal, falla A. Herculano, *Hist. de Portugal*, IV (1853), 371-379 (sobre os combates singulares, vid. p. 373 sqq.). O nosso caso apresenta muitas das circunstancias que se notavam nas *lides*: o acusador luta com um campeão do acusado; o combate é á espada; assistem magistrados, aqui representados pelo rei e scus barões. Tambem no romance francês (ms. do sec. XIV) de *Joufroy* um dos combatentes quebra um braço ao outro; cfr. Langlois, *La soc. fr. au XIII<sup>e</sup> siècle*, p. 31. Sobre combates judiciares em outros textos franceses medievaes cfr. *Modern lang. notes*, XX, 46; e G. Paris, *Le roman du comte de Toulouse*, Paris 1900, p. 23, nota.—L. 35) Ho uaqueyro cobria-sse, Defendia-se, esquivava-se.—L. 41) que. Conjuncção consecutiva. Cfr. XLIV, 3.—L. 68-70) Paráfrase da conhecida sentença de Ennio, em Cicero, *De Amicitia*, XVII, 64: *amicus certus in re incerta cernitur*.—L. 70-71) sseu .. sseu. Na phrase a que pertence o primeiro *sseu* ha synese<sup>2</sup>; essa phrase corresponde a *os amigos ninguem os acha ssenom pera leuar-lhe o sseu*, e por isso *sseu* como que se refere a *ninguem*. O segundo *sseu* refere-se a *amyguos*, isto é, aos amigos interesseiros, ou *lobos rrabazes*, como se lhes chama na l. 72.

FAB. LXII.—L. 4) que = em que. Ellipse da preposição.

FAB. LXIII.—L. 17) per afagos que nos façam: isto é, «em troca de afagos que nos façam», e não «por muitos afagos

<sup>1</sup> Vid. *Archivo Historico Português*, II, 48 e 49.

<sup>2</sup> Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port.*, § 250-c.

que nos façam», pois em tal caso devia entrar na frase um adjetivo, como por ex: xli, 28, «por muy poderoso e rrico que sseia»; xlviii, 22, «por pequena que sseia»; lvii, 12-13, «por nhúa gram tribulaçom que o homem aja».

As frases latinas que se seguem ao texto das fabulas deve entender-se que foram acrescentadas pelo amanuense do sec. xv que o copiou.

1) O *explicit* é muito frequente, tanto nos mss. medievaes, como ainda nos primeiros tempos da imprensa; corresponde-lhe hoje «fim». Por ex: num ms. de fabulas do sec. xiii-xiv, da Biblioteca de Paris, lê-se *Explicit esopus*<sup>1</sup>; noutro, do sec. xiii, da Biblioteca de Wolfenbüttel, lê-se o mesmo<sup>2</sup>; num livro impresso em 1477 lê-se: *explicit presens vocabulorum materia*<sup>3</sup>. Seria desnecessario citar mais exemplos.

2) *Liber Ex op y*. D'aqui se vê que o titulo da obra era O LIVRO DE ESOPO; por isso o poderia eu adoptar em vez de *Fabulario*, que até aqui adoptei. Ha tambem um ms. das fabulas do Anonymo de Nevelet (= Gualterius Anglicus) que começa assim: *incipit liber Ensopi*<sup>4</sup>. O titulo *Liber Esopi* era apposto frequentemente aos fabularios medievaes<sup>5</sup>. Às vezes a palavra *Esopo* significava na idade-media «collecção de fabulas»; cfr. um *explicit* em Hervieux, *Fabulistes latins*, I, 577: «*explicit liber fabularum qui dicitur Esopus*»; e outro ibid. p. 578: *explicuit Esopus*.

3) Cum alegorijs. Aqui *alegorijs* = *allegoriis*, no nominativo *allegoriae*, significa «moralidades». Do fabulario italiano de Francesco del Tutto diz Brush: «The author of the *Del Tutto* Collection, not content with a mere translation of Walter's text, added thereto various moralizations entitled respectively: . . *Allegoria* or *Exclamatio allegorica* . . *Historialis Allegoria*, etc.»<sup>6</sup>. Conheço um livro italiano intitulado *Bertoldo con Bertoldino e Casenno in ottava rima con argomenti, allegorie*, Venezia 1739, onde as *allegorie* são tambem especies de moralizações postas no comêço de cada canto. Cfr. o que digo mais adeante, p. 154.

<sup>1</sup> Apud Förster, *Lyoner Yzopet*, Heilbronn 1882, p. ix.

<sup>2</sup> Förster, loc. cit., p. x.

<sup>3</sup> Apud Bouchot, *Le Livre*, Paris (1886), p. 46.

<sup>4</sup> Apud Robert, *Fables inédites des XII<sup>e</sup>, XIII<sup>e</sup> et XIV<sup>e</sup> siècles*, vol. I, Paris 1825, p. xcijj.

<sup>5</sup> Hervieux, I, 567, etc.

<sup>6</sup> Brush, *The Isopo Laurenziano*, Columbus (Ohio), 1899, p. 35.

4) *Deo gratias.* Fórmula corrente, e conservada até tarde, no final das obras. Cfr. Buchot, *Le Livre*, Paris (1886), p. 46.—Um dos mss. do Anonymo de Nevelet (= Gualterius Anglicus) termina também: *Explicit liber Esopi, deo gratias, amen*<sup>1</sup>. No final do *Isopo Ricardiano* há uma fórmula analoga a esta<sup>2</sup>.

5) A expressão:

FINITO LIBRO SSIT LAUX GLORIA CHRISTO

fórmula um verso dactylico hexametro, que deve ser interpretado d'este modo:

Finito libro, sit laus [et] gloria Christo.

Elle era muito frequentemente posto pelos copistas medievais no fim das suas cópias<sup>3</sup>; encontra-se, por exemplo, num ms. do Anonymo de Nevelet que está na Biblioteca Nacional de Paris, sec. XIV, e outros do mesmo século<sup>4</sup>. Uma das redações portuguesas da *Estoria do Tungulu* (sec. XIV) termina também com elle<sup>5</sup>.

6) A expressão:

SCRIPTOR EST TALIS DEMOSTRAT<sup>6</sup> LITRA QUALIS

fórmula outro verso hexametro (leonino):

Scriptor est talis demo[n]strat lit[t]era qualis.

Encontram-se não raro nos livros da idade-média fórmulas finais, analogas a esta: por exemplo, na citada redação da *Estoria de Tungulu*, o hexametro (leonino):

Qui scripsit scribat, [et] semper cum Domino vivat<sup>7</sup>.

Alguns copistas costumavam indicar o próprio nome, o que este porém infelizmente não fez.

<sup>1</sup> Vid. Hervieux, *Fabulistes*, I, 508; outros exs. a pp. 510 e 538.

<sup>2</sup> Ghivizzani, *Il volgarizzamento delle favole di Galfredo*, Parte II, Bologna 1866, p. 155.

<sup>3</sup> Cfr. Hervieux, *Fabulistes*, I, 504, 581 e 589.

<sup>4</sup> Cfr. Hervieux, *Fabulistes*, I, 504, 505 e 509.

<sup>5</sup> Vid. *Rev. Lusitana*, III, 120 (artigo de Esteves Pereira).

<sup>6</sup> = DEMÓSTRAT.

<sup>7</sup> Vid. *Rev. Lusitana*, III, 120.

\*

Como se disse no logar respectivo (vid. supra, p. 5), as nossas fabulas deviam ser adornadas de estampas allegoricas; só porém se fizeram duas, ficando em branco o espaço para as outras. Também nisto o manuscrito está de acordo com outros medievais de fabulas, ornamentados de illuminuras e desenhos<sup>1</sup>, — costume que tem durado até hoje.

---

<sup>1</sup> Cfr. Hervieux, *Fabulistes lat.*, I, 510 (sec. xv); I, 528 (sec. xv). E W. Förster, *Der Lyoner Yzopet*, Heilbronn 1882, p. 1.

## ESTUDO LITTERARIO

## SUMMARIO

Elementos para o conhecimento das fontes das nossas fabulas: *Romulus vulgaris*; *Anonymo* de Nevelet (= Gualterius Anglicus ou Walter inglês), sec. XII, e sua importancia; acordo d-*O Livro de Esopo*, no numero e assunto das fabulas, com o Fabulario de Walter; diferenças avulsas que apresenta *O Livro de Esopo*; conclusão.— Quadro genealogico dos fabularios medievaes.— Caracter d-*O Livro de Esopo*.— Monumento unico na nossa litteratura antiga.— Obra desconhecida dos que se tem ocupado da historia das litteraturas romanicas.

No prologo do nosso Fabulario, ou *O LIVRO DE ESOPO*, lê-se: *Esopo... fez este liuro em greguo, e depois foy trelladado de greguo em latino de hū ssabedor chamado Rromulo*. Se tal indicação fosse exacta, não haveria nada mais facil do que determinar as fontes do Fabulario: elle proviria de Esopo, por intermedio da traducçao latina de Romulo. Mas isso não se passou com tanta simplicidade, como vamos ver.

Effectivamente ha uma collecção latino-medieval de fabulas em prosa, cujo autor diz, de acordo com o citado texto do Fabulario: *Esopus quidam homo grecus et ingeniosus famulos suos docet quid homines observare debeant... Id ego Romulus transtuli de greco in latinum*. A esta collecção de fabulas chama Hervieux, na sua preziosa e monumental obra *Les Fabulistes Latins*, vol. I, p. 330, e vol. II, p. 195, *Romulus vulgaris* ou *ordinarius*, e reprodu-la na mesma obra, vol. II, p. 195 sqq., d'onde extrahi o trecho transcritto<sup>1</sup>. O *Romulus vulgaris* provém, com outras collecções, de um texto em prosa, hoje perdido, que o precitado autor intitula *Romulus primitivus*, texto que, por intermedio de uma antiga collecção denominada *Aesopus ad Rufum*, deriva das Fabulas de Phedro<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> A respeito da obra de Hervieux, vid. a importante noticia que deu d'ella Gaston Paris no *Journal des savants*, 1884, 1895 e 1899. Cfr. tambem *Romania*, xv, 629-631.— Esta obra consta até o presente, que eu saiba, de 5 volumes. Quando citar os vols. I e II, entenda-se que cito sempre a 2.<sup>a</sup> edição.

<sup>2</sup> Hervieux, *ob. cit.*, I, 666.

Comparando as fabulas portuguesas com as do *Romulus vulgaris*, nota-se que dos quatro livros de que consta a collecção latina os tres primeiros contém muitas das nossas fabulas, mas que as fabulas 45.<sup>a</sup>, 61.<sup>a</sup>, 62.<sup>a</sup> e 63.<sup>a</sup> da collecção portuguesa não tem correspondentes na collecção latina, e que pelo contrário as fabulas 8.<sup>a</sup> e 20.<sup>a</sup> do livro III d'esta collecção, e todo o livro IV, não tem correspondentes na nossa,—o que tudo resulta da seguinte tabella:

Romulus vulgaris		O Livro de Esopo
I	$\left\{ \begin{array}{l} 1-12 \\ 13-16 \\ 18-19 \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} 1-12 \\ 14-17 \\ 47-48 \end{array} \right.$
II	$\left\{ \begin{array}{l} 1 \\ 2-7 \\ 8 \\ 9-12 \\ 13-21 \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} 49-50^1 \\ 51-56 \\ 13 \\ 57-60 \\ 18-26 \end{array} \right.$
III	$\left\{ \begin{array}{l} 1-7 \\ 8 \\ 9-19 \\ 20 \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} 27-33 \\ — \\ 34-44 \\ — \end{array} \right.$
IV		—

Logo, o prologo da collecção portuguesa não diz rigorosamente a verdade, embora haja certa concordancia entre as duas collecções, quer nas fabulas em si, quer nos grupos. Isto porém tem a sua explicação, como vamos ver.

Dos tres primeiros livros da collecção de Romulo fez-se no sec. XII, na Inglaterra, uma paraphrase, tambem latina, em disticos, cujo autor, conhecido geralmente pelo *Anonymus Vetus Neveleti*, parece ser um certo Walter (*Gualterius Anglicus*)<sup>2</sup>. Estas fa-

<sup>1</sup> A fabula dos Athenienses que elegem um rei e a das rãs que pedem um senhor a Juppiter são tratadas como uma só na collecção de Romulo.

<sup>2</sup> Hervieux, *ob. cit.*, I, 475-499.—A denominação de *Anonymus Vetus Neveleti*, ou simplesmente *Anonymus Neveleti*, provém de Isaac Nevelet, natural de Basileia, que incluiu esta collecção de fabulas na sua *Mythologia Aesopica*, publicada em Francfort em 1610.

bulas são em numero de 62 ou de 63, conforme se contarem como uma ou como duas as dos Athenienses e das rás<sup>1</sup>; outros philologos contam só 60, porque duas d'ellas, n.<sup>o</sup>s 61 e 62, não aparecem em todos os manuscritos. Para o meu estudo sirvo-me da edição feita por Hervieux (obra citada, vol. II, p. 316 sqq.) segundo o cod. n.<sup>o</sup> 14:381 da Bibliotheca Nacional de Paris<sup>2</sup>, o qual contém o numero maximo, isto é, 63 fabulas. As fabulas gualterianas coincidem com as de Romulo, excepto duas, n.<sup>o</sup>s 59 e 60, que não vem no *Romulus vulgaris*, e que o poeta colheu noutras fontes: o n.<sup>o</sup> 59, conto dos grous de Ibyco, que promana da *Disciplina Clericalis* do judeu hespanhol Pedro Affonso (sec. XII); e o n.<sup>o</sup> 60, duello do cavalleiro com o camponio, cuja fonte se desconhece<sup>3</sup>.

O fabulario de Walter gozou de grande acceitação nos fins da idade-media e começos do renascimento<sup>4</sup>: d'elle restam mais de cem manuscritos em muitas bibliothecas da Europa,—França, Alemanha, Inglaterra, Austria, Belgica, Hespanha, Hollanda, Italia e Suíça<sup>5</sup>; d'elle se fizeram muitas edições, desde o sec. XV<sup>6</sup>; d'elle, finalmente, ha numerosas traduccões, imitações ou paraphrases, em prosa e verso, em varios idiomas, umas já impressas, outras ainda ineditas<sup>7</sup>. O texto foi tambem muitas vezes glosado e commentado<sup>8</sup>. Entre as traduccões contam-se: o *Ysopet I* de Paris ou *Ysopet-Arionnet*, publicado em Paris em 1825 por A. Robert<sup>9</sup>;

<sup>1</sup> Vid. supra, p. 90, nota 1.

<sup>2</sup> Cfr. Hervieux, I, 511-514 e II, 316.

<sup>3</sup> Vid. sobre este assunto: Hervieux, I, 496, II, 347; Gaston Paris, *La littérature française au moyen âge*, 3.<sup>a</sup> ed., § 80; *Grundriss der roman. Philologie*, II-1, p. 409.—Sobre o conto dos grous de Ibyco em especial, vid. *Mélusine*, IX (índice); *Zs. des Vereins für Volkskunde*, VI, 115; cfr. tambem Bédier, *Les Fables*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 152. A designação de *grous de Ibyco* provém de que a respectiva aventura se atribuia na antiguidade a Ibyco, poeta grego do sec. VI a. C.; e tornou-se proverbial. Diz o nosso Bento Pereira (sec. XVII), *Thesouro da lingua portugueza*, 2.<sup>a</sup> parte, p. 226 (append. à *Prosodia*, ed. de 1723): «*Juiço de Deus: Ibyci grues*».

<sup>4</sup> Cfr. Hervieux, I, 475.

<sup>5</sup> Vid. Hervieux, I, 503-602.—Depois de impresso o livro de Hervieux, descobriu-se mais um ms. (fragmentario) na bibliotheca de Reims: vid. *Modern language notes*, 1904, p. 198-199 (artigo de P. J. Frein).

<sup>6</sup> Vid. Hervieux, I, 602-635.

<sup>7</sup> Vid. Hervieux, I, 635-668.

<sup>8</sup> Vid. Hervieux, I, 503-606.—Adeante voltarei ao assunto.

<sup>9</sup> Vid. as suas *Fables inédites des XII<sup>e</sup>, XIII<sup>e</sup> et XIV<sup>e</sup> siècles*, 2 vols.; cfr. vol. II, p. 585-587.

o *Yçopet* de Lião, publicado em 1882 por W. Förster<sup>1</sup>; o *Libro de Ysopete ystoriado*, em hespanhol, Garagoça 1489<sup>2</sup>; e varias italianas<sup>3</sup>.

Pela comparação que estabelei d-*O Livro de Esopo* com o fabulario de Walter, adquiri a convicção de que existe absoluta conformidade entre as duas collecções, tanto no numero das fabulas, como nos assuntos. Isso se mostra na tabella que se segue:

<i>Anonymus Neveleti</i> ou <i>Gualterius Anglicus</i>	<i>Fabulario Português</i> ou <i>O Livro de Esopo</i>
Prologo	Prologo
1-17 .....	1-17
18-20 .....	46-48
21 .....	49
21-A .....	50 (= 49-A) <sup>4</sup>
22-31 .....	51-60 (= 50-59)
32-59 .....	18-45
60-62 .....	61-63 (= 60-62)

Excluindo os prologos, temos pois quatro grupos de fabulas em cada uma das collecções; chamando A (1-17), B (18-31), C (32-59) e D (60-62) aos grupos da collecção latina, e A' (1-17), B' (18-45), C' (46-60 = 46-59) e D' (61-63 = 60-62) aos da collecção portuguesa, verificamos que existe apenas diferença na ordem das fabulas de dois grupos: a B com quinze fabulas (porque ha duas com o n.<sup>o</sup> 21) corresponde C' com igual numero d'ellas. É vulgar nos fabularios medievaes encontrar-se alteração na ordem das fabulas, o que tem varias causas<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> *Lyoner Yçopet*, Heilbronn 1882.—A p. 96 sqq. publica Förster tambem um texto critico do *Anonymus Neveleti* ou Walter.

<sup>2</sup> Sobre o *Isopo* castelhano vid. Morel-Fatio in *Romania*, xxii (1894), 561 sqq.

<sup>3</sup> Sobre as collecções medievaes das fabulas italianas em geral, vid. Gaetano Ghivizzani, *Il yogariçamento delle favole di Galfredo dette di Esopo*, parte i e ii, Bologna 1866 (onde se reproduz um ms., do sec. xiv, da Biblioteca Ricardiana de Florença, ou *Isopo Riccardiano*); e Peabody Brush, *The Isopo Laurenziano*, Columbus (Ohio) 1899, p. 1 e sqq.—As fabulas italianas tem varias origens: Walter, Marie de France, o *Libro delle Virtù*, etc.

<sup>4</sup> À fabula das rãs que pedem um senhor a Juppiter dei o n.<sup>o</sup> 50.<sup>a</sup>; podia ter-lhe dado o n.<sup>o</sup> 49.<sup>a</sup>-A, de harmonia com o n.<sup>o</sup> 21-A de Walter.

<sup>5</sup> Cfr. K. Warnke, *Die Fabeln der Marie de France*, Halle 1898, p. xii-xiii.

A essa concordancia absoluta da collecção portuguesa com a latina, no numero e nos assuntos das fabulas, juntam-se outras. A comparação que no prologo d-*O Livro de Esopo* se faz d'este com um pomar ajardinado, e com os frutos de casca dura, encontra-se tambem em Walter, e é-lhe especial, pois não vem no Romulo ordinario: *Ortulus iste parit fructum cum flore; nucleus celat arida testa<sup>1</sup> bonum.* Na fab. XLIV lê-se *Arguu*, a que corresponde em Walter, fab. 58, *Argus*; esta palavra tambem não vem no Romulo vulgar (I, xix), e é especial a Walter.

Mas, apesar de tamanhas coincidencias, é *O Livro de Esopo* traducção pura e simples do Fabulario gualteriano?

Da comparação que estabeleci, uma a uma, das fabulas portuguesas com as latinas, apurei o seguinte.

De modo geral, pôde dizer-sé que as nossas fabulas estão para com as de Walter na relação, ora de parafrase, ora de simplificação, ora de imitação, e raramente na de versão litteral. À concisão, por vezes séca e quasi enigmatica, do original corresponde o nosso texto aqui e alem com mais claro e amplo desenvolvimento. Por ex., a fab. 9.<sup>a</sup> de Walter, que é apenas narrativa, é n-*O Livro de Esopo* artisticamente dialogada. Também sucede que no português aparece mudada de quando em quando a ordem das ideias do fabulario latino, como na fab. XVI. Os trocadilhos e ambiguidades do poeta inglês estão por vezes vertidos com elegancia na compilação portuguesa; aquelle tem na fab. 30.<sup>a</sup>:

Non ero securus, dum sit tibi tanta securis<sup>2</sup>;

neste, fab. LIX, diz-se: «ja com tiguo nom viueria ssegura». Pelo contrário um verso, como este de Walter, fab. 59.<sup>a</sup>,

Regis concilium consiliumque sedet,

reprodu-lo fielmente o texto português, fab. XLV: [o rei] «ouue conselho com sseus comsselheyros». — Os epimythios ou moralidades

<sup>1</sup> Aqui arida testa está no sentido de «casca», o que se deduz da ordem das ideias expressas antes. O Ysopet<sup>1</sup> de Paris assim o entendeu (Robert, *Fables inédites*, II, 448): *Sus saiche cruse est bonne noiz*, onde *saiche cruse* quer dizer «casca séca». E tambem o Yzopet de Lião (Fürster, *Der Lyoner Yzopet*, p. 1): ... *con la cruise qu'est soiche || Lo bon noeillon danç soi quoiche*, «como a casca que está séca esconde em si o bom grão». E o *Ysopo hystoriado* hespanhol (Sevilha 1533, fol. XVI-r): «como la cáscara seca cubre muchas veces el meollo».

<sup>2</sup> *securis* aqui «machadinha».

são quasi sempre mais desenvolvidos no nosso fabulario, pois elles contém frases latinas, adagios portugueses, conceitos moraes, e mesmo trechos que no texto latino faziam parte da fabula propriamente dita.— Alterações semelhantes se encontram noutras fabularios medievaes, como no que serviu de modelo a Marie de France<sup>1</sup>, nos italianos<sup>2</sup>, e no *Yzopet de Lião*<sup>3</sup>.

Passemos agora a algumas minudencias.

O prologo compõe-se, como vimos, de duas partes: uma, com a biographia de Esopo, extrahida do *Liber de vita et moribus philosophorum* de Burley ou Burleigh; outra, com o plano do livro, analoga ao prologo de Walter.

Na fab. i diz o gallo á pedra preciosa: *eu sseria mays ledo sse achasse húa pouca de hisca pera comer*. Walter tem: *plus amo cara minus*, isto é «prefiro cousas menos caras». No *Yzopet de Lião* os vv. 49-50,

Muez<sup>4</sup> ainz<sup>5</sup> grains de fromant ou d'orge,  
Quar miez<sup>6</sup> me font ourir<sup>7</sup> la gorge ...

correspondem melhor ao texto português. Mas Phedro, *Fabul.*, III, xii, tem: *ego . . . potior cui multo est cibus*.

Na fab. iii a expressão *e o rrato rrespondeo . . . que lh'o agradaçia muyto* falta em Walter. No *Yzopet de Lião* corresponde-lhe: *E de ce formant li mercie*, v. 148.

Na fab. iv o carneiro vende a lã e morre de frio, pelo que depois o cão e as testemunhas o devoram. Em Walter faltam as duas ultimas circunstancias, pois se diz que a ovelha, *ovis*, vende o seu vestuario e fica exposta á accão do tempo. O *Isopo Riccardiano* procede como Walter; mas ha outros dois *volgarizzamenti* italianos em que succede como n-O *Livro de Esopo*: «la pecora . . . si fa proprio morire, e per giunta mangiare»<sup>8</sup>.

Na fab. v o cão, depois de furtar a carne, passa uma ponte. A circunstancia da ponte falta em Walter e em Phedro (nas fabulas de ambos o cão vai nadando), mas encontra-se na collecção intitulada

<sup>1</sup> K. Warnke, *Die Quellen der Esope der Marie de France*, Halle 1900, p. 4.

<sup>2</sup> Peabody Brush, *The Isopo Laurenziano*, Columbo (Ohio) 1899, p. 75.

<sup>3</sup> W. Förster, *Lyoner Yzopet*, Heilbronn 1882, p. iv.

<sup>4</sup> Lat. melius.

<sup>5</sup> Lat. amo.

<sup>6</sup> Lat. melius.

<sup>7</sup> = fr. *ouvrir*.

<sup>8</sup> Codd. Laurenziano, Mocenigo e Farsetti: vid. Ghivizzani, parte 1, p. cxv.

lada *Romuli Anglici cunctis exortae fabulae* por Hervieux, *Fabulistes*, t. II, p. 567: *canis per pontem transivit*. A mesma circunstância aparece no *Isopo Riccardiano*: «andava una volta uno cane con uno pezzo di carne in bocca sopra uno ponte»<sup>1</sup>, e nas *Fabulas de Marie de France*:

passot uns chiens desur un pont<sup>2</sup>.

Na fab. x o villão acha a serpente ao pé de um ribeiro, circunstância que não está bem expressa em Walter. No *Isopo Riccardiano*, pelo contrario, lê-se: «uno serpente aghiacciato nella via infra l'acqua»<sup>3</sup>. Walter diz que o homem levou a serpente para casa. O nosso texto, como o de Phedro, IV, xviii, e o citado cod. Riccardiano, dizem que a recolheu no seio. Romulo, I, x, diz que o homem *sub latera sua habuit*.

Na fab. xii o cozinheiro bate no rato, o que não acontece no texto de Walter, nem noutros derivados seus que consultei (*Isopet I de Paris*, *Izopet de Lião*, *Isopo Riccardiano*, *Ysopo hystoriado hespanhol*).

Na fab. xviii o calvo está ao sol. Em Walter, n.<sup>o</sup> 52, bem como em alguns dos seus derivados que consultei (*Ysopet I*, *Lyoner Yzopet*, *Riccardiano*, *Ysopo hystoriado*), e no *Esopus moralizatus* (commentario em prosa)<sup>4</sup>, não aparece a circunstância do sol. Esta porém nota-se num fabulario português do começo do sec. XVII, a que mais adeante tornarei a referir-me, — *Fabulas de Manoel Mendes*, da Vidigueira, n.<sup>o</sup> 54: «repousava á soalheira hum Velho calvo, com a cabeça descoberta, e huma mosca naõ fazia senaõ picar-lhe na calva».

Na fab. xix a raposa põe de comer á cegonha em um *vaxelo muy largo*, como em Phedro, I, xxvi, *in patina*. A menção da vasilha falta em Walter, fab. 33.<sup>a</sup> Além disso, em Walter, a raposa bebe; no nosso texto, lambe.

Na fab. xxi, são muitos pavões que, como em Romulo, II, xvi, e Phedro, I, iii, despem das pennas falsas o corvo. Em Walter, n.<sup>o</sup> 35,

<sup>1</sup> Ghivizzani, *Favole di Galfredo*, parte II, Bologna 1866, p. 12.

<sup>2</sup> Die Fabeln der Marie de France, ed. de Warnke, Halle 1898, p. 21.— O mesmo A., no seu livro *Die Quellen der Esopé der Marie de France*, Halle 1900, p. 10, cita outros textos (fabularios, etc.), onde também se diz que o cão passa uma ponte.

<sup>3</sup> Ghivizzani, parte II, p. 28.

<sup>4</sup> A respeito d'este *Esopus* vid. adeante, p. 153.

é um só pavão quem faz isso; o mesmo sucede no fragmento de um fabulario provençal publicado na *Romania*, III; vid. p. 292, nota. Neste ponto *O Livro de Esopo* está mais proximo de Phedro-Romulo do que de Walter. Além d'esta diferença entre o nosso texto e o de Walter, nota-se que o lat. *graculus* foi traduzido por *corvo*, o que também se observa no mencionado fragmento provençal e noutras fabularios medievais: vid. *Romania*, loc. cit.

Na fab. xxiv o lobo accusa de dívida a raposa perante o bogio. Em Walter, n.º 38, como noutras fabularios (*Isopet I*, *Izopet* de Lião), a raposa é acusada de furto.

Na fab. xxv a dóninha promete ao homem, em troco de este lhe conceder a vida, guardar de ratos a casa no futuro. Em Walter, fab. 39.<sup>a</sup>, a dóninha diz ao homem que lhe guardou de ratos a casa, e pede-lhe, em compensação, que a poupe. No latim a resposta do homem contrapõe-se ao pedido, pois é: guardaste-me a casa de ratos, mas foi no teu interesse, pois os comias, e também comias o que era meu. No português a resposta é como se o pedido fosse formulado (do mesmo modo que no latim) quanto ao passado, e não quanto ao futuro.

Na fab. xxvi o boi pisa a rã, e esta assanha-se para se bater com elle, dialogando depois com a filha. Em Walter, como em Phedro, I, xxiv, a rã tenta bater-sé com o boi por inveja, e o dialogo é com um filho. Mas em Horacio, *Satirae* II, III, 313, um bezerro pisa os filhos da rã:

Absentis ranae pullis vituli pede pressis

Na fab. xxvii ha uma abreviatura, *S<sup>ors</sup>*, que interpretei por «senadores», aventando porém, em nota, que também alguém poderia entender «senhores». Curioso é notar que no *Izopet* de Lião, v. 2186, se diz: *Li senatour et li prudome*. No *Isopo Riccardiano*: «lo signore di Roma»<sup>1</sup>.

Na fab. xxviii ha um dialogo preliminar entre o cavalo e o leão, em que aquelle diz que é muito doente. Este dialogo falta em Walter.

Na fab. xxxii o lobo furtá um bode e come-o num silvado; a raposa diz ao pastor que o lobo lhe havia furtado o bode. Em Walter, fab. 46.<sup>a</sup>, não se menciona expressamente «bode», só *praeda e cibus*, e o lobo está num antro.

<sup>1</sup> Ghivizzani, parte II, p. 102.

Na fab. xxxiv a viúva chora a morte do marido em uma ermida onde elle fôra sepultado. Em Walter, fab. 48.<sup>a</sup>, falta a menção da ermida, e pelo contrário o A. dá a entender que a sepultura era ao ar livre, pois que diz que, entre outras circunstâncias, a saraiva não podia afastar de lá a mulher: *nequit hac de sede reuelli gran-dine*. No mais os dois textos são semelhantes; só na compilação portuguesa se adaptaram os termos latinos aos usos nacionaes, traduzindo-se *eques* por «alcaide», e *rex* por «senhor».

Na fab. xlviii é curiosa a coincidencia que se nota entre a frase *ca este villão quer fazer d'aqueste linho rredes e laços pera nos tomar* e esta do exemplo 6.<sup>º</sup> do *Libro de Patronio* de D. Juan Manuel (sec. xiv): *podrian hacer redes et lazos para tomar las aves*; no mais a fabula e o exemplo não concordam.

Na fab. ix entra um *cabram*, ao passo que em Walter, fab. 31.<sup>a</sup>, entra uma *ovis*. No português falla-se de um *moyo de trijguo*, o que corresponde ao *modium tritici* do Romulo vulgar, II, 12. Em Walter a tal expressão corresponde *vas tritici*.

D'esta breve discussão se vê que o nosso texto mantem com o latino, a par de concordâncias flagrantes, também algumas diferenças ponderaveis. Notarei ainda outras particularidades d'-*O Livro de Esopo*, quanto á fórmula.

Cada fabula começa ahi invariavelmente por uma d'estas expressões, com pequenas variantes: [c]onta-se que, [f]oy húa vez, [p]om este doutor (poeta, etc.) enxemplo e diç, [e]m este enxemplo o poeta diç, [c]onta este poeta enxemplo, [d]iç que foy, [e]m a questa estoria. Os epimythios ou moralidades começam também por fórmulas estereotipadas, como: per aquesta hestoria, em aquesta estoria, per este enxemplo, pom este poeta este enxemplo, diç este poeta per este enxemplo, conta-nos o poeta, e semelhantes. Em Walter não acontece isto, porque ahi as fabulas são apresentadas como lições dadas pelo proprio autor dos versos latinos. Já no commentario á fabula xviii, p. 129, me referi ao *pom*; aqui acrescentarei que as demais formulas são vulgares noutros textos. Em fabulas italianas lêem-se as seguintes, particularmente semelhantes ás nossas: iniciaes das fabulas, *chonta l'assemplio*, *chonta l'Isopo*, *dice che, pone l'autore, una volta*; iniciaes dos epimythios, *dimostra l'autore sotto questa favola, per questo assempro*, e outras<sup>1</sup>. Nas fabulas de Marie de France: *ci dit, c'est essamples, par ceste fable*<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Peabody Brush, *The Isopo Laurenziano* já cit., *passim*.

<sup>2</sup> *Die Fabeln* já cit., *passim*.

Em fabulas hespanholas: *esta fabula nos enseña, esta fabula muestra, prueva esta fabula, aqui se recuenta una fabula*<sup>1</sup>. Em Phedro lê-se tambem: *Aesopus nobis hoc exemplum prodidit*, I, iii; *testatur haec fabella*, I, v; *Aesopus .. narrare incipit*, I, vi; *quondam*, I, vi, xxiv, xxviii; *dicitur*, I, xxvi; *exemplum egregium*, II, i; *praecepto* III, viii; *olim*, III, xvii; *hoc argumento*, IV, viii. Foi evidentemente Phedro que serviu aqui de primeiro modelo para o formulario.

Como notei, quando tratei do estylo das fabulas, p. 119, estas encerram algumas vezes adagios, com os quaes, pela sua forma breve e incisiva, o compilador pretende incutir melhor no animo dos leitores o sentido moral das narrações que lhes faz. Ora ha uma obra héspanhola do sec. xiv, que já acima citei, o *Libro de Patronio*, ou *Conde de Lucanor*, de D. Juan Manuel<sup>2</sup>, onde os exemplos contidos na 1.<sup>a</sup> parte terminam tambem com um proverbio ou sentença (em verso); todavia não ha mais nenhuma relação do nosso fabulario com esse *Libro*, como nenhuma ha com o *Libro de los gatos* (sec. xiv)<sup>3</sup>, ou com o *Isopete hystoriado* (1.<sup>a</sup> ed., 1489), posto que este provenha do *Romulus ordinarius*, por intermedio do *Aesop* latino de Steinhöwel<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> *Libro del sabio y clarissimo fabulador Ysopo, historiado y annotado*, 1533 (Sevilha), passim. Ha um exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa.—Da fonte d'esta obra fallo infra, nesta mesma pagina.

<sup>2</sup> A actividade litteraria de D. Juan Manuel exerceu-se de 1320 a 1335; vid. G. Baist in *Grundriss der roman. Philologie*, t. ii-2, p. 418. As fontes do *Libro de Lucanor* são varias (orientaes, etc.).—Esta obra foi publicada diversas vezes. Tenho presentes as edd. de Gayangos, *Escritores en prosa anteriores al siglo xv*, e de Krapf, *El Libro de Patronio*, Vigo 1902.

<sup>3</sup> O *Libro de los gatos* (ed. de Gayangos, *Escritores en prosa anteriores al siglo xv*) é traduzido de Odo de Cheriton (sec. XIII): vid. P. Meyer in *Romania*, xiv, 393, nota 5. Sobre Odo de Cheriton vid.: P. Meyer, *Les Contes moralisés de N. Bozon*, Paris 1889 (Soc. des Anc. Textes), p. xii-xiii; B. Herlet, *Beitr. zur Geschichte der ösopischen Fabel im Mittelalter*, Bamberg 1892, p. 5 sqq. (resume das fontes: p. 44). As Fabulas e Parabolas de Odo de Cheriton foram publicadas por Hervieux, *Les Fabulistes*, t. iv, 1896, que as acompanha de um estudo litterario, e falla do *Libro de los gatos* a p. 106 sqq.

<sup>4</sup> Vid. Hervieux, t. 421, e Morel Fatio, *Romania*, xxiii, 561 sqq.—No nosso Fabulario não encontro vestigios linguisticos de que alguma obra hespanhola influisse nelle; *branchete* (vid. Vocabulario), com quanto eu não conheça esta palavra noutro texto português, e se encontré, por ex., no Arcipreste de Fita, *Libro de buen amor*, ed. de Ducamin, Tolosa 1901, estr. 1401-1404, numa fabula correspondente á nossa, não é prova sufficiente, tanto mais que a nossa palavra tem *br-*. —O *Libro da vida e dos costumes dos philosophos*, que se cita no prologo do Fabulario, corresponde, como provei a p. 122-126, não á obra hespanhola do mesmo titulo, mas a uma latina, fonte d'esta.

A conclusão ultima a que chego é que *O Livro de Esopo*, com quanto effectivamente se relate de modo íntimo com o Fabulario do *Anonymus* de Nevelet (Walter), não provém directamente d'este, mesmo com alterações, mas provém de algum texto em prosa, latino ou romanico, derivado do Fabulario gualteriano.

Pôde muito bem o nosso texto ser traducção modificada de um dos commentarios latinos medievaes que acompanhavam com frequencia os versos do Anonymo de Nevelet, e aos quaes me referi a cima, p. 145. Hervieux cita, por exemplo, manuscritos commen-tados existentes em bibliotecas de Paris, Marselha, Tréveros, Mu-nich, Ferrara, dos secc. xv e xiv<sup>1</sup>.

Da natureza d'estes e semelhantes commentarios, que eram destinados ás aulas, dará ideia o *Esopus moralisatus*, Antuerpia 1504, de que encontrei um exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa<sup>2</sup>. Existem notaveis parallelismos entre esse *Esopus* e o nosso, quanto ao formulario. O *Esopus* começa de ordinario assim: *hic auctor ponit documentum, hic auctor ponit aliam fabulam cuius documentum est, hic ponit documentum, hic ponitur una hystoria;* como o leitor se lembrará, pois ha pouco lhe chamei a attenção para isso, *O Livro de Esopo* começa tambem frequentemente: *[p]om este poeta exemplo.* A não ser, porém, nisto, e num ou outro caso avulso, não vae mais longe a concordancia entre o texto latino e o português. Como caso avulso citarei a moralidade da nossa

<sup>1</sup> *Fabulistes*, 1, 504-598.—Os mss. latinos do *Anonymus* que Hervieux, 1, 583-585, cita como existentes em Hespanha são desprovidos de commentario (refiro-me aqui á Hespanha, porque, attentas as relações litterarias que em tempos antigos houve entre esse país e o nosso, podia o leitor pensar nelle); talvez porém existam outros manuscritos que escapassem a Hervieux.

<sup>2</sup> O titulo completo é: *Esopus mora- || lisatus cū bono || cōmento Iterū textus de nouo emendatus cum || glosa interliniali. ||* No frontispicio ha uma gravura que representa o interior de um edificio em que está Christo, de pé vestido de tunica, nimulado, com o cabello caido para os lados, um globo cruci-fero na mão esquerda, e a direita erguida com os dedos dispostos em acto de abençoar. Tem ao todo 76 paginas não numeradas. No fim lê-se: ¶ *Esopus fabulator preclarissimus cum suis mo- || ralisationibus ad nostri instructionē pulcherrime || appositis. Impressus Antwerpie per me Henricū || eckert. Anno dñi. M.cccc. iiiij. In profecto sancte || Katherine virginis. ||* Altura das pagi-nas 0<sup>m</sup>,195; largura 0<sup>m</sup>,148. A uma breve introducção sobre Esopo, sobre Ro-mulo e o *rex anglie Afferus* segue-se o prologo do Anonymo de Nevelet e as fabulas em numero de sessenta, sendo a ultima a do duello do soldado com o camponio. Os versos estão intermeados de glosas. A cada poesia succede o commento em prosa.

fabula xxxiv, onde se diz que o entendimento da mulher não é estavel, e que esta poucas vezes acaba (ou *acaba bem?*) causa que comece; o *Esopus moralisatus*, tem aqui: *patet ergo quod mulieres raro aliquid bene terminant, eo quod ex natura sunt instabiles*<sup>1</sup>. Os epimythios do *Esopus* são quasi sempre introduzidos por adverbios: *allegorice, moraliter*, ou ambos; o uso de *allegorice* confirma a interpretação que a p. 140 dei da expressão *cum allegoriis*, isto é, «com moralidades», que se lê no final d-*O Livro de Esopo*. — Para amostra do methodo adoptado pelo commentador, reproduzo uma das suas diluições prosaicas dos versos do *Anonymus*:

36.<sup>a</sup>—DE MULA ET MUSCA

Mula capit cursum; nam mulam mulio cogit.  
 Mule musca nocet verbere siue minis:  
 »Cur pede sopito currum te tempusque moraris?  
 »Te premo, te pungo, pessima, curre leviss.  
 Mula refert: »Quia magis tonas, vis magna videri;  
 »Nec tua verba nocent, nec tua facta mihi,  
 »Nec te sustineo, sed eum quem sustinet axis,  
 »Qui mea frena tenet, qui mea terga ferit».

Audet in audacem timidus fortisque minatur  
 Debilis, audendi dum videt esse locum<sup>2</sup>.

## Commentario em prosa:

Hic ponit documentum, quod homines naturaliter timidi, videntes aliorum miseriam, nocendo sepe sunt peiores his quam (*sic*) qui ex natura sunt audaces. Quod declaratur nobis sic.

Quodam enim tempore mula trahens currum percutiebatur duris verberibus ab auriga eo quod veloci motu currum non trahebat, quod videns musca cepit morsibus torquere mulam dicens: »O mula, curre velociter, quia ego pungo te». Audiens hoc mula respondit: »O musca, quia vides me castigari, dicis mihi »obprobriosa verba et tamen nec verba nec facta tua nocent mihi, sed solum »auriga qui verberibus me premit».

¶ Concludit ergo quod homines timidi, quando vident alios diffundatos pati miseriam, magis eis nocent quam potentes. Includitur enim quod timidi audent inuadere audaces dum viderint auxilium, alias non.

<sup>1</sup> Fol. 29.

<sup>2</sup> Sigo, já se vê, o texto do *Esopus moralisatus*, que differe, aqui e alem, dos que Hervieux e Förster (vid. supra, p. 146, nota 1) publicaram. Suprimo, porém, por ser inutil reproduzi-las, as glosas interliniares.

N-O *Livro de Esopo* corresponde a estes textos a fab. xxii.

Ao parallelismo que assinalei entre o *Esopo português* e o *Esopus moralisatus* corresponde outro, e talvez maior, entre aquelle e o *Isopo Riccardiano*. Com effeito ha fabulas no *Isopo Riccardiano* que começam d'este modo: *dicie il detto savio che<sup>1</sup>*, *conta il savio che<sup>2</sup>*; os epimythios: *per questo esemploro ci amoniscie il savio che<sup>3</sup>*, *amaestraci qui il savio che<sup>4</sup>*, *pone il nostro libro che<sup>5</sup>*. No nosso texto sabemos nós que são frequentes as expressões [c]onta o doutor, [p]om este poeta, per este exemplo nos amoesta, querend-nos amaestrar. Vejamos outros parallelismos, alem dos meros formularios iniciaes:

## O LIVRO DE ESOPO

... assemelha este sseu ljuro a hū  
orto no quall estam flores e fruytos,

Prologo.

## ISOPO RICCARDIANO

... assomigliando questo suo libro  
a uno giardino nel quale sono molti  
belli fiori e frutti..

Ghivizzani, II, 1.

Abstrahindo dos adjectivos *molti belli*, devidos á imaginação italiana, a concordancia dos dois textos é completa. Ambos elles distam do texto latino do Anonymo: *Ortulus iste parit fructum cum flore*. E tambem não distam menos do *Esopus moralisatus*, que diz: *in isto libello est flos cum fructu*.

## O LIVRO DE ESOPO

[C]onta-sse que hūa vez hūa asno  
encontrou com hūa porco montês, e  
ssaudamdo-o disse com boo coraçom:

—Deus te ssalue, senhor porco..

E o porco rreçebao as doçes pa-  
lauras por emjuria, e ameaçando com  
a cabeça, disse:

—... Se não fosse porque nom  
quero luxar o meu fremoso dente..

Fab. xi.

## ISOPO RICCARDIANO

Conta il savio che andando uno  
asino per la selva trovò uno porco  
salutollo e disse:

—Fratello, Dio ti salvi..

Lo porco minacciando, disse:

—Se non fosse ch'io non voglio  
lerciare li miei denti..

Ghivizzani, pp. 30-31 (tambem fab. 11.).

<sup>1</sup> Ghivizzani, II, 17.

<sup>2</sup> Idem, II, 20.

<sup>3</sup> Idem, II, 21.

<sup>4</sup> Idem, II, 24.

<sup>5</sup> Idem, II, 31.

Quão longe os dois textos estão do do Anonymo, se verá da transcrição d'este:

Audet asellus aprum risu temptare proteruo,  
Audet inhers forti dicere: Frater, aue!  
Vibrat aper pro uoce caput..

Sus tamen ista mouet: Vilem dens nobilis escam  
Spennit..

Hervieux II (fab. 11.<sup>a</sup>)

*O Esopus moralisatus* está a igual distancia.

Curiosíssimo do mesmo modo é notar que, se na fabula do pastor e do lobo, que fecha a nossa collecção, se diz *comta-nos ho poeta esta hultima estoria*, frase semelhante se lê na correspondente fabula do *Isopo Riccardiano*, tambem ahi a derradeira: *per questo ultimo essempro ci amoniscie il savio*.

Mas, assim como entre o nosso *Esopo* e o *Esopus moralisatus* as semelhanças se limitam ás formulas e a casos avulsos, assim a relação que existe entre aquelle e o *Riccardiano* não são maiores do que isso.

Por um lado, estas analogias d-*O Livro de Esopo* com o *Isopo Riccardiano* e o *Esopus moralisatus*, e por outro lado as divergencias que ha entre aquelle e o texto gualteriano, fazem de facto crer que, como acima aventei, houve uma dissolução latina, em prosa, dos versos do *Anonymus* de Nevelet, d'onde provém directamente as nossas fabulas, — dissolução que o compilador português, ainda assim, modificou mais ou menos, pois enriqueceu de adagios nacionaes e de reflexões moralisticas os epimythios<sup>1</sup>. Este compilador, que infelizmente não revelou o seu nome<sup>2</sup>, seria ecclesiastico, a julgar de alguns dos epimythios, especialmente dos das fabulas xxxiv e xlvi, tão cheios de uncção religiosa. A referida dissolução prosaica devia conter os factos que a pp. 148-151 citei como proprios do nosso *Esopo*, e não existentes em Walter. Fica implicitamente esta-

<sup>1</sup> É sabido que os traductores medievaes não costumavam ser fieis: ora ampliavam, ora resumiam, ora supprimiam.

<sup>2</sup> Os escritores medievaes occultavam muitas vezes o nome por modestia christã. Contentavam-se com trabalhar para o que elles suppunham ser o bem commun, e, em vez de glória, só queriam a satisfação d'esse impulso da consciencia. Por tal motivo eram ás vezes as obras de uns postas a saque por outros; e ninguem se supponha plagiário ou plagiado.

belecida a probabilidade de que o *Isopo Riccardiano*, e por ventura outros fabularios medievaes, assentarião do mesmo modo em redacções ou dissoluções prosaicas dos versos do poeta inglês, e não imediatamente nestes; taes redacções eram, como sabemos, muito numerosas, e deviam andar com frequencia nas mãos dos escolares. Ainda que a minha hypothese, não obstante explicar o accôrdo de certas particularidades d'*O Livro de Esopo* com as dos fabularios medievaes, e o desacordo d'elle, nesse ponto, com o texto gualteriano, venha a ser rejeitada pelos philologos, e substituida pela de que o compilador português, em logar de utilizar um texto em prosa, traduziu livremente o poeta inglês, não se poderá negar que ao menos teve presente ao acto da traducção outros fabularios.

Reportando-nos outra vez, e por fim, ao prologo das nossas fabulas, do qual fiz proceder este estudo, verificamos que o compilador, quando affirmava que ellas provinham de Esopo, seguia uma tradição litteraria muito em voga na idade-media, embora, enunciada assim em absoluto, fosse inexacta. Digo *assim em absoluto*, porque, se muitas fabulas ascendem de facto a Esopo, por intermedio de Walter, Romulo e Phedro<sup>1</sup>, outras tem diversa origem, e mesmo as que ascendem, modificaram-se na longa viagem.

\*

Para que o leitor possa num relance ver a relação em que estão entre si os fabularios que mais tenho citado até aqui, apresento-lhe o seguinte quadro genealogico:

<sup>1</sup> Lê-se neste poeta, liv. i, prologo:

Aesopus auctor quam materiam reperit,  
Hanc ego polvi versibus senariis.

1. *Fabulae antiquae* (desfiguramento em prosa, verso a verso, de Phedro), ms. de Leiden, dos secc. X-XI, publicado por Nilant em 1709; vid. Hervieux, I, 242-266, e II, 131.

a) ms. (sec. X, em prosa) de Weissenburg, hoje em Wolfenbüttel; vid. Hervieux, I, 268 sqq., e II, 157.

Derivados  
de Phe-  
dro... . . .

2. *Aesopus ad Rufum re-*  
presentado por... . . .

A) *Romulus ordinarius*  
*Ovulgaris* (Her-  
vieux, I, 330, e II,  
195) . . . . .

prosa; *Romulus de Beauvais*; R.

de Munich; etc., — em latim.

edições . . . . .

de Steinhüwel, em Ulm (sec. XV),  
base de todas as edd. posteriores.  
D'ahi provém as traduções e edd.  
hispânicas (*Isopete historiada*,  
1.ª ed. 1480).

b) *Romulus primiti-*  
*vus, prosa, boje-*  
*perdido* (Her-  
vieux, I, 306);  
d'elle resta . . .

verso: *Anonymo de Nevels*, ou Wal-  
ter, em latim (sec. XII). Com tradd.  
e derivados: *Ysope* I de Paris,  
*Ysope* de João (sec. XIII-XIV); va-  
rios fabularios italiani (*Per uno*  
*da Siena, Riccardiano, Acio Zuc-*  
*cho, Apologhi Verseggiati, Tup-*  
*po*; vid. sobre isto Brush, *The*  
*Isopo Laurezziano*, p. 31-34); O  
LIVRO DE ESOPO, em portugues.

verso: Alexander Neckam, em la-  
tim, sec. XII (Hervieux, I, 668),  
d'onde provém o *Ysope* II de Pa-  
ris e o *Ysope de Chartres* (vid.  
G. Paris, *Litt. Fr.*, 3.ª ed., § 80).

B) *Romulus de Vienna*.

C) *Romulus de Florença*.

D) *Romulus de Nilant*. D'aqui provém, em parte, as *Fabulas de Marie de*  
*France* (sec. XII), e d'estas provém muitos fabularios italiani (*Isopo*  
*Laurenziano* : e II, *Palatino* I e II, *Rigoli*; vid. Brush, *The Isopo Lauren-*  
*ziano*, p. 46).

Etc.)

\*

*O Livro de Esopo* destinava-se evidentemente á edificação moral dos leitores, como o provam a 2.<sup>a</sup> parte do prologo e os epimythios, ás vezes muito desenvolvidos. De fabulas de origem pagã, —tão variá e tão remota—, pretendia tirar-se ensinamento christão para a vida usual.

Não foi esta a unica vez que obras antigas se adaptaram a intuitos novos,—obras pertencentes de mais a mais a civilizações que a propria Igreja combatia. Sem sair da nossa propria litteratura, lembrarei o *Orto do Esopo*, manuscrito alcobacense do sec. XIV<sup>1</sup>, onde ha contos que correspondem a contos indianos. Particularmente notavel a este respeito é a lenda de Barlaam e Joasaph, tambem relacionada com o Oriente, e de que temos em português uma redacção do mesmo seculo com o titulo de *Vida do honrado iffante Josaphat*<sup>2</sup>. A *Historia do cavalleiro Tungullo* e o *Conto de Amaro*, ambos igualmente do sec. XIV<sup>3</sup>, desenvolvem themes que na origem são estranhos ás crenças do christianismo. Assim como as superstiçãoes pagãs se transformavam de modo insensivel em práticas piedosas, tambem as lendas experimentavam incessantes metamorphoses.

Afasta-se, porém, *O Livro de Esopo* das obras religiosas que mencionei agora, e de muitas mais que poderia mencionar, sobre-tudo vidas de santos, meditações, traducções bíblicas<sup>4</sup>, porque, se é certo que em alguns epimythios ha ideias mysticas, as fabulas propriamente ditas mantém a sua independencia artistica, e formam como que um oasis em meio da aridez e insipidez da litteratura do tempo, absorventemente devota.

<sup>1</sup> Isto é, originario da Livraria do Real Mosteiro de Alcobaça. Está contido no cod. n.º 266, que existe hoje na Biblioteca Nacional de Lisboa.—Deu extratos d'elle Th. Braga nos *Contos tradicionaes do povo port.*, II (1883), 38 sqq.; cfr. as notas de p. 132 sqq. O Sr. J. Cornu, hoje professor da Universidade de Graz, fez uma copia do ms., e o Sr. F. M. Esteves Pereira, a quem a *Revista Lusitana* deve já a publicação de importantes textos portugueses antigos, está fazendo outra.

<sup>2</sup> Vid. supra, p. 120.

<sup>3</sup> Vid. supra, p. 120.

<sup>4</sup> Vid.: Th. Braga, *Curso de hist. da litterat. port.* (1885), p. 112-116; D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Geschichte der portug. Litterat.* (no *Grundriss der rom. Philol.*, II-2, p. 212).

O Fabulario vem preencher uma lacuna na nossa litteratura dos secc. XIV-XV, e fazer que Portugal se relate neste sentido com as litteraturas medievaes, visto que ellas possuiam *Isopetes*, e na portuguesa não se sabia da existencia de nenhum. De *Esopo*, isto é, *Esope*, tiraram os franceses o diminutivo *Ysopet* (*Isopet*, *Esopet*), que umas vezes significa o nome do fabulista, outras uma collecção de fabulas. Fallando do *Ysopet I* e do *Ysopet-Avionnet*<sup>1</sup>, diz Robert: «J'ai conservé à ces fables le nom d'*Ysopet*, où l'on retrouve celui du père de l'apologue, et que l'on donnaoit, dans ces anciens temps, à toutes les collections de fables traduites en françois, parce que l'on en regardoit tous les sujets comme fournis par le Phrygien: c'est ainsi que Marie de France avoit nommé le *Dit* ou le *Livre d'*Ysopet**, le recueil qui contenoit les siennes»<sup>2</sup>. Também G. Tardif, traductor das *Facecias* de Pogge (sec. XIV-XV), diz a propósito da facecia 79.<sup>3</sup> (*o gallo e a raposa*): «En la facétie ensuyvante, aulcuns ont attribué à Ysopet et avecques la translation des fables de Ysopet l'ont mise»<sup>4</sup>. Da França passou a palavra *Isopet* para a Peninsula Iberica, onde tomou a forma *Isopete* ou *Ysopete* em hespanhol, e *Isopete* em português. Em 1489 publicou-se em Caragoça o *Isopete historiado*; e em 1496 em Burgos o *Libro del ysopo famoso*, cujo *explicit* sóa assim: «libro del ysopete ystoriado»<sup>5</sup>. Pelo que toca ao português, lê-se em João de Barros, *Ropica Pnefma*: «leyxarás Luciano, Homero, Isopete. Quando eu cuido em tanta fabula...»<sup>6</sup>, onde *Isopete* significa o nome do fabulador; em Camões, no começo da *Comedia del rey Seleuco*, lê-se também: «porém diz o Autor que usou nesta obra da maneira de *Isopete*». D'aqui se vê que eu podia dar ao nosso Fabulario o nome de ISOPETE PORTUGUÊS, no que ia de acordo com usos medievaes; mas não ousei isso, por tal expressão não constar claramente do texto.

<sup>1</sup> *Avionnet* é diminutivo correspondente a *Avianus*, nome de um fabulista romano do sec. IV ou V, também muito lido na idade-média. Formou-se como *Ysopet*.

<sup>2</sup> Vid. *Fables inédites des XII<sup>e</sup>, XIII<sup>e</sup> et XIV<sup>e</sup> siècles*, vol. I, p. clxiv, nota.

<sup>3</sup> Apud Robert, *ob. cit.* na nota antecedente, vol. I, p. lxxxiv. Esta tradução de Tardif é posterior a 1483.

<sup>4</sup> O povo castelhano também pronunciava *Guisopete*: vid. Morel-Fatio, in *Romania*, xxiii (1894), p. 563, n.º 2.

<sup>5</sup> Pag. 289, da ed. do Visconde de Azevedo, Porto 1869.

A essas e analogas allusões ás fabulas esopicas, e a um ou outro apólogo intercalado em obras de carácter geral, se limita o que a antiga litteratura portuguesa nos deixou sobre o assunto<sup>1</sup>. É preciso chegarmos ao coméço do sec. xvii para encontrarmos um fabulario completo<sup>2</sup>; d'ahi em deante ha mais, que todavia não importa agora ao meu assunto especificar.

<sup>1</sup> Com relação ao sec. xv, cita a Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, na sua *Geschichte der portugiesischen Litteratur* (no *Grundriss der roman. Philol.*, II-b), p. 229, entre as obras que então se liam em Portugal, como provenientes da França, o *Isop* (não sei onde ella colheu esta noticia; talvez em algum passo de escritor antigo). Com relação ao sec. xvi, lê-se isto, por exemplo, em João de Barros: «... segues a ignorancia do cão do fabulador», *Ropica Pnefma*, ed. de 1869, p. 112; «o povo ch[r]istão soy como a gralha de Isopo fabulador, vestiu-se das penas de todalas fermosas aves: mas o pavam, vendo que o precedia em fermosura, ouvelhe enveja, e fez com as aves que cada húa pedisse sua pena, por ficar em pior estado», *Ropica Pnefma*, p. 185-186; «outros, como Isopo, querendo chegar a cousas materiaes e famelias a nós, compoeram fabulas», *Dialogo com douis filhos*, ed. de 1869, p. 314. Foi a Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos que me chamou a atenção para estes tres passos.—A mesma illustre Senhora, na sua ed. das *Obras de Sá de Miranda*, Halle 1885, a proposito de uma fabula d'este, allude a Diogo Bernardes: *ob. cit.*, p. 772.—Cfr. tambem Jorge Ferreira, *Eufrosina*, ed. de 1786, p. 14.—Num raro opusculo, *Collecção de algumas fabulas em verso e prosa*, Coimbra 1823, que posso por dâdiva do meu erudito amigo o dr. Sousa Viterbo, transcrevem-se trechos de Sá de Miranda, etc.: vid. o que Sousa Viterbo escreveu sobre o assunto n-A *Tradição*, v, 130-132, onde reproduz além d'isso um trecho de Fernão López (fabula da raposa e do corvo).—Da fabula da bilha de azeite, que vem em Gil Vicente, tratou o Dr. Vasconcellos Abreu no seu opusculo *Os contos, apólogos e fabulas da India*, Lisboa 1902.—Nenhuma das fabulas referidas tem porém nada com *O Livro de Esopo*.—Vê-se do que fica dito que as fabulas esopicas eram muito apreciadas pelos nossos quinhentistas. Este aprêço manifestava-se mesmo fóra do ambito da litteratura, no da arte propriamente dita. Nas *misericordias*, ou pequenos apoios, do côro da igreja de Santa Cruz de Coimbra, o escultor figurou «facecias anecdoticas, algumas tiradas das fabulas de Esopo»: vid. *Arte e Natureza em Portugal*, n.<sup>o</sup> 28; e cfr. o cit. artigo de Sousa Viterbo (n-A *Tradição*). O distinto artista o Sr. A. Gonçalves informou-me de que entre as anecdotas figuradas no côro de Santa Cruz está a fabula da raposa e da cegonha (os dois episodios) e a da raposa e das uvas. Incidentemente notarei que o gôsto de representar fabulas esopicas em obras de arte ascende já á antiguidade classica.

<sup>2</sup> *Vida e fabulas do insigne fabulador grego Esopo*, por Manoel Mendes, da Vidigueira, Evora 1603. Cfr. *Dicc. Bibl.* de Innocencio da Silva, VI, 59.—Esta obra nada tem tambem com *O Livro de Esopo* (nem com o *Ysopete* hespanhol de 1489, reproduzido em edd. posteriores, como se disse a p. 98 e 106).—Espero publicar ulteriormente, o que não faço agora aqui em appendice, por falta de tempo, uma nota sobre o fabulario de Manoel Mendes.

\*

Apesar de o nosso Fabulario constituir, como acabo de dizer, certa novidade na litteratura portuguesa dos secc. XIV-XV, parece que foi pouco divulgado, pois não me consta que haja allusões a elle em obras portuguesas contemporaneas ou posteriores, nem que exista outra cópia manuscrita, senão a de Vienna.

Quanto a esta, a primeira menção, que eu saiba, é estrangeira, e do sec. XIX: encontra-se no Catalogo da respectiva Bibliotheca, ou *Tabulae codicum manu scriptorum praeter Graecos et Orientales in Bibliotheca Palatina Vindobonensi asservatorum*, publicação feita pela Academia Caesarea Vindobonensis, vol. II, Vindobonnae («Vienna») 1868, p. 247. Essa menção é assim concebida: «3270 (Philol. 291) ch. XV, 46, 4.<sup>o</sup> AESOPUS, Fabulae in linguam Lusitanam versae. Incip.: Segundo diz o liuro... Expl.: empeeçem mays que peçonha. Explicit liber Exopy cum alegorijs<sup>1</sup>. Foi por este Catalogo que tomei conhecimento do manuscrito, quando, em 1900, estive na Biblioteca de Vienna.

Em 20 de Março de 1902 dei noticia d'elle ao público português, em sessão da segunda classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa: vid. o respectivo Boletim, I (1903), 235. Depois disso tornei a referir-me a elle, em 1904, em um artigo inserido na Revista Pedagogica, I (n.<sup>o</sup> 25, de 22 de Maio), pp. 388-390.

Até à publicação que faço agora, o manuscrito jazeu enterrado, e, por assim dizer, esquecido na rica Bibliotheca de Vienna de Austria. Apesar da indicação já ministrada pelas *Tabulae* em 1868, ninguém, tanto quanto pude averiguar, o utilizou ou compulsou: nem F. Wolf, que era viennense, e foi funcionario da propria Bibliotheca, e a quem tamanho carinho mereceu a nossa litteratura<sup>2</sup>; nem Reinhardstoettner, que ahí copiou outro precioso monumento, a *Demandia do santo graall*<sup>3</sup>; nem O. Klob, que tirou nova copia do mesmo monumento<sup>4</sup>; nem Hervieux, que buscou por toda a parte, e lá mesmo, elementos para a sua obra<sup>5</sup>; nem finalmente Keidel, no seu recente artigo *Notes on Æsopic Fable Literature*

<sup>1</sup> O *explicit* consta de mais alguma cousa, como se viu supra, p. 57.

<sup>2</sup> Cfr. os meus *Ensaios Ethnographicos*, II, 297-300.

<sup>3</sup> Começado a publicar em 1887 (Berlim); ainda não acabado.

<sup>4</sup> Vid. *Rev. Lusitana*, VI, 332 sqq.

<sup>5</sup> *Les fabulistes latins*, que tantas vezes tenho citado.

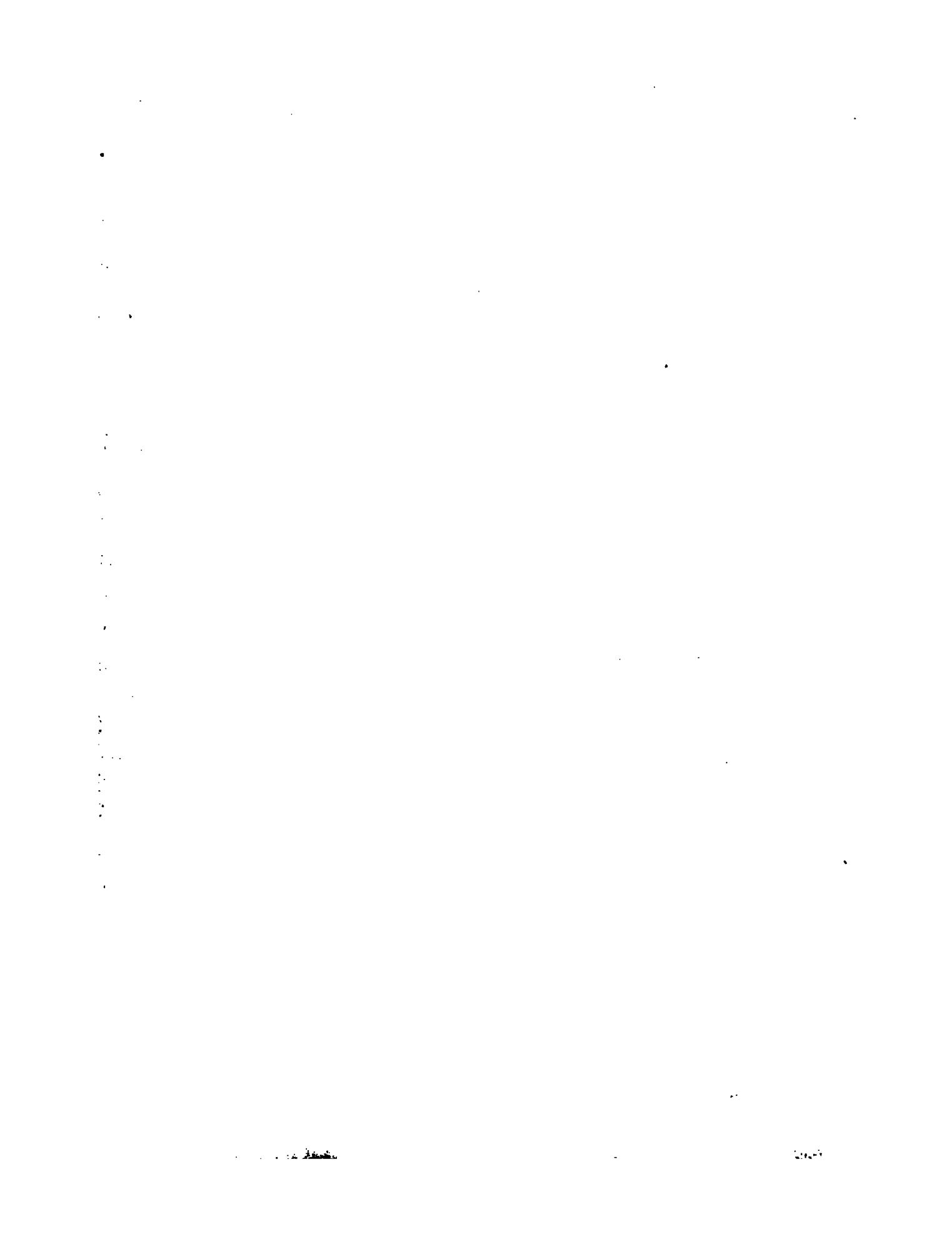
*in Spain and Portugal during the Middle Ages*<sup>1</sup>. Mas, como pondera o autor do *Espelho de Casados*, 2.<sup>a</sup> ed., fl. VIII-v, traduzindo um texto bíblico, também aproveitado no *Livro de Esopo*, fab. XLV: nam ha cousa tam secreta, que se nam descubra.

Ao concluir aqui o meu trabalho, não me despeço ainda d'elle, pois em occasião mais opportuna, que talvez não se demore muito, tenciono refundi-lo e publicá-lo de novo.

---

<sup>1</sup> Na *Zeitschrift für roman. Philologie*, xxv (1901), 721-730. O que porém diz a respeito de Portugal é pouco mais de nada.





# INDICE

---

Dedicatoria.	1
ADVERTENCIA PRELIMINAR.	3
INTRODUÇÃO.	5
<i>O Livro de Esopo</i> (texto):	
Prologo do colleccionador do Fabulario	8
I. O gallo e a pedra preciosa.	9
II. O lobo e o cordeiro	10
III. O rato, a rã e o minhoto	10
IV. O cão que cita o carneiro em juizo.	12
V. O cão e a posta de carne	12
VI. O leão que vae com outros animaes á caça.	13
VII. O casamento do ladrão e o do sol	14
VIII. O lobo e a grua	14
IX. A cadella que pediu a casa a outra.	15
X. O villão que rccolhe a serpente	16
XI. O asno e o porco.	16
XII. O rato da cidade e o da aldeia.	17
XIII. A aguia que arrebata o filho da raposa	18
XIV. A aguia e o cágado.	19
XV. O corvo e a raposa.	19
XVI. O leão velho, o asno, o touro e o porco	20
XVII. O branchete, o seu senhor e o asno	21
XVIII. O calvo e a mosca	21
XIX. A raposa e a cegonha.	22
XX. O lobo e a cabeça de homem morto	23
XXI. O corvo enfeitado com as pennas dos pavões	23
XXII. O azemel, a mosca e a mula.	24
XXIII. A formiga e a mosca	24
XXIV. O lobo que accusa a raposa perante o bogio	25
XXV. A donezinha e o homem	26
XXVI. A rã e o boi.	27
XXVII. O leão e o pastor que lhe tira do pé uma espinha.	27
XXVIII. O cavallo e o leão que se fingia medico.	28
XXIX. O asno e o cavallo loução.	29
XXX. Batalha entre as aves e as animalias	30
XXXI. O gavião e o rouxinol.	31

---

XXXII. O lobo, o bode e a raposa . . . . .	31
XXXIII. O cervo e os seus galhos . . . . .	32
XXXIV. A viúva e o alcaide . . . . .	33
XXXV. A cortesã Tayda e o mancebo . . . . .	34
XXXVI. O camponês e o filho . . . . .	35
XXXVII. A vibora e a lima . . . . .	35
XXXVIII. Os lobos e as ovelhas . . . . .	36
XXXIX. O machado e o bosque . . . . .	37
XL. O lobo e o cão nedio . . . . .	37
XLI. Os membros do corpo e o ventre. . . . .	38
XLII. A bogia que pede á raposa um pedaço da cauda. . . . .	39
XLIII. O villão que vai com o asno á feira . . . . .	40
XLIV. O cervo e os bois. . . . .	41
XLV. O judeu, o escudeiro e as perdizes . . . . .	42
XLVI. O leão e o rato. . . . .	43
XLVII. O minhoto doente. . . . .	44
XLVIII. O lavrador e a andorinha . . . . .	45
XLIX. Os Athenienses que elegem um rei . . . . .	45
L. As rãs que pedem um senhor a Jove . . . . .	46
LI. As pombas, o gavião e o minhoto . . . . .	47
LII. O ladrão e o cão . . . . .	47
LIII. A porca prenhe e o lobo . . . . .	48
LIV. A terra que pare um rato . . . . .	49
LV. O cordeiro no pasto e o lobo . . . . .	49
LVI. O senhor e o cão velho . . . . .	50
LVII. As lebres e as rãs. . . . .	50
LVIII. A cabra, o filho e o lobo. . . . .	51
LIX. O vilão que acutilou a cobra. . . . .	52
LX. O cervo e o cabrão. . . . .	52
LXI. O vaqueiro que combate por seu senhor . . . . .	53
LXII. O capão, o gavião e o seu senhor. . . . .	55
LXIII. O pastor e o lobo. . . . .	56
<b>VOCABULARIO.</b> . . . . .	59
<b>CONSIDERAÇÕES GLOTTOLOGICAS:</b>	
I. Grammatica:	
A) Phonetica . . . . .	100
Orthographia . . . . .	103
B) Morphologia. . . . .	106
C) Syntaxe . . . . .	110
II. Estylo . . . . .	118
Conclusão (data do texto). . . . .	120
<b>ANOTAÇÕES ÁS FABULAS.</b> . . . . .	122
<b>ESTUDO LITTERARIO</b> (origem e historia d-O <i>Livro de Esopo</i> ) . . . . .	143

A obra é acompanhada de um *fac-simile* que representa duas páginas do manuscrito (sec. xv). Intercaladas no texto vão duas gravuras, cópia de desenhos (á pena) que estão no mesmo manuscrito.

## CORRIGENDA & ADDENDA

---

VI, 12: devia ser *he* em vez de *he-*.

XII, 13: *yoomtade* em vez de *vomtade*.

XIII, 5-6: *dessem* em vez de *desse* <*m*>. A nota 8 devia ser substituída por: «*dessem* refere-se á aguia e aos filhos».

XVII, 15: devia estar vírgula depois de *cousas*, e depois de *fazer*.

XXI, 6: vírgula depois de *mall*.

XXII, 1: devia ser *emxemplo*, embora no ms. estivesse *exº* (o mais usual é *emº*).

5: *cortesâmente* ou *cortesammente*, em vez de *cortesamente*. Ou, pelo menos, deve entender-se assim. (Foi o Sr. Epiphanio Dias quem me adverteu d'isto).

XXIV, 8: *jnoçente*, embora no ms. esteja com *c*.

XXIX, 10: *ey d'amdar* em vez de *ey-d'amdar*.

24: ponto final em vez de interrogação.

XXX, 19: *prijgo* em vez de *priigo*.

XXXIII, 6: *vierom* em vez de *vieram*.

16: *proueytosas* em vez de *proveitosos*.

XXXIV, 22-23: devia ficar entre aspas a frase que começa por *porque* e termina por *cor[acom]*, pois é discurso directo, como se vê das palavras *ora* e *aqui*; depois de *dicto* devia haver dois-pontos.

XXXV, 8: *mamcebo* em vez de *mâcebo*.

15: vírgula em vez de ponto-e-vírgula.

XXXVI, 13: ponto-e-vírgula em vez de dois-pontos.

15: ponto-e-vírgula em vez de simples vírgula.

XXXVII, 11: *fázello* em vez de *fáze-llo*.

XXXIX, 15: depois de *jmijguo* devia estar ponto-e-vírgula, e não vírgula.

XL, 1: *amoestamento* em vez de *amoestramento*.

XLI, 21: *pam* em vez de *pom*, e *pera* em vez de *para*.

XLII, 4: *grande* em vez de *grando*.

XLIII, nota 5. Substitua-se tudo por: «Isto é: *por causa de Deus*». (Correcção feita pelo Sr. Epiphanio Dias).

XLIV, 15: depois de *olhos* deviam estar dois-pontos, e não vírgula.

26: *mala[m]dante* ou *malâdante*, em vez de *maladante*.

XLV, 17 e 18: *rrijr* em vez de *rryr* (com quanto seja *rria* na l. 19).

19: Ponha-se vírgula depois de *mesa*, e substitua-se toda a nota 2 por isto: *porque* «visto que».

28: *scudeyro* em vez de *'scudeyro*.

nota 6 da p. seg.: *preposição* em vez de *proposição*.

Suprima-se a nota 3 correspondente á l. 37, na p. 43, porque neste e outros casos que citarei no cap. da syntaxe *diç* não tem sujeito declarado.

XLVI, 4: *ssua* em vez de *ssa*.

XLVII, 16: *fežermos* em vez de *fežermes*.

XLVIII, 10: ponha-se virgula seguidamente a *depois*.

XLIX, 1: Suprime-se [em].

3: *liurarom* em vez de *liuraram*.

L, 3: *rrogarom-no* em vez de *rrogarom no*.

17: devia ser *emsina* em vez de *emsiua*.

18: *o bem* em vez de *e bem*.

LII, 18: em vez de [uici]o leia-se *p[ecad]o*, porque a photographia deixa vêr, embora com custo, um *p*, e parece que um *a*; alem d'isso o espaço convém mais á segunda correccão que á primeira. Cfr, tambem no *Leal Conselheiro*, p. 192 (ed. de Paris): *pecado de guargantoyce*. Que *pecado* tem só um *c*, mostra-o a fabula XLVII, 15.

LIII, 10: *taaes* em vez de *taees*.

LVII, 12: *amoesta* em vez de *amoestra*.

16: talvez seja *prijguo*, e não *priguo*, porque o ms. tem neste sitio uma dobra.

LIX, 3: *coobra* em vez de *cobra*.

LX, 10: Na palavra *cabrom* ha um borrão depois do *r* (i. é. *cabrom*), de modo que a palavra pôde ler-se *cabram*, como acima tres vezes), ou *catrom* (como em XXXII, 17). O espaço parece fazer admittir antes *cabrom*.

LXI, 55: *escarnecia* em vez de *essarnegia*.

65: a nota 4 deve ser redigida assim: «Vid. supra, fab. LXI, l. 40, nota 4.

LXII, 14: a nota 2 deve ser supprimida, pois trato d'este caso na secção da grammatica.

### NOVA ANNOTAÇÃO Á FABULA III

Como vimos, a fabula iii está acompanhada de uma figura allegorica: um rato junto de agoa; dentro d'esta uma rã em acção de fallar com o rato; e no ar um minhoto ou milhafre que solta do bico a frase: *syyo vioviovio*.

Ora, curioso é notar que na *Comedia Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcellos (sec. XVI) se lê o seguinte passo: «Muyto pareceys vós agora bilhafrão »esgalgado, que fez presa em grande trilhoada<sup>1</sup> de negalhos de tripas, e escapou-lhe das unhas, de confiado, e faz surto<sup>2</sup> no ar com *vio, vio*<sup>3</sup>.

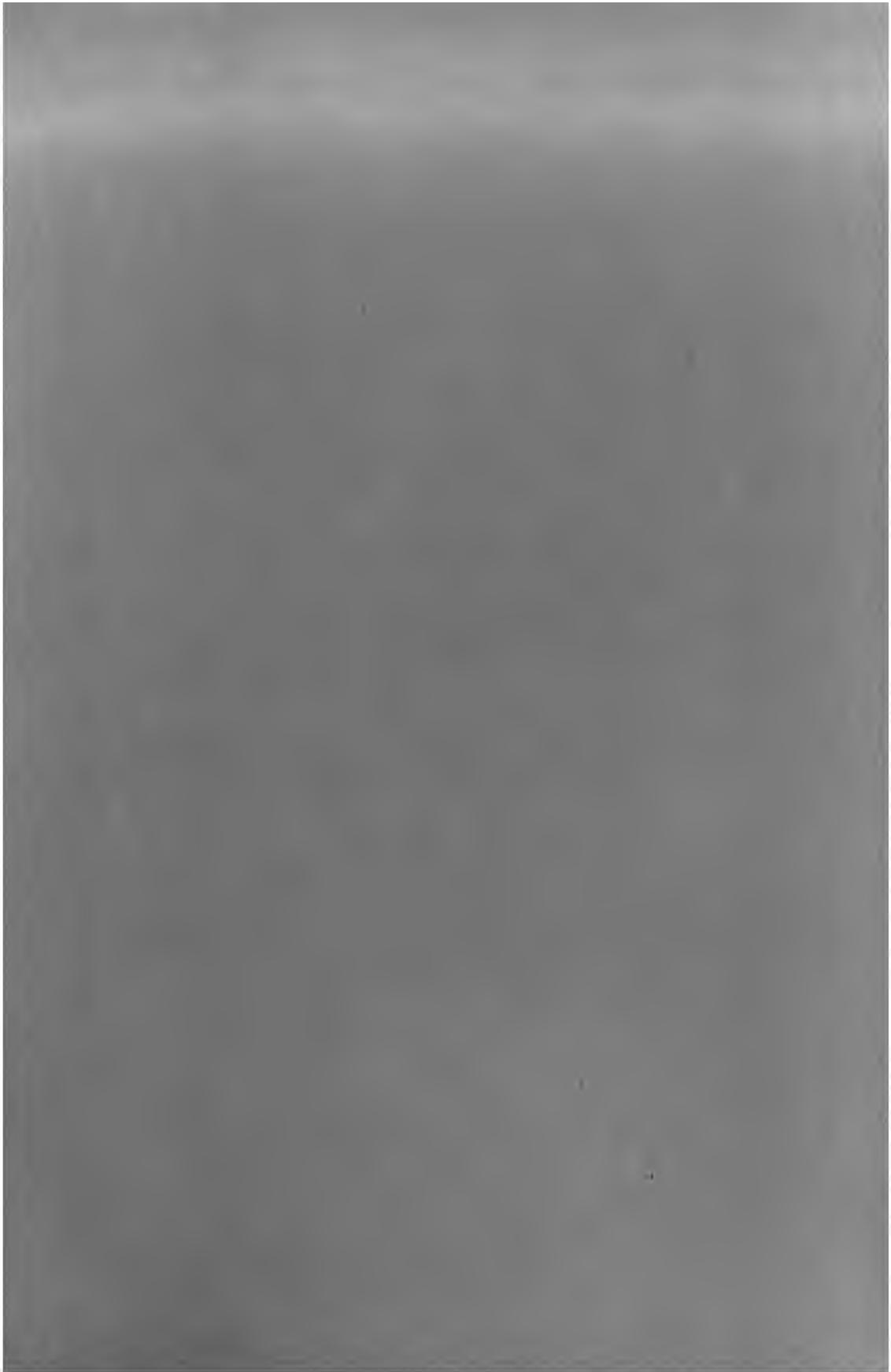
Temos pois indicada no bilhafrão<sup>4</sup> voz semelhante á que na fabula se attribue ao minhoto.

<sup>1</sup> Isto é «grande quantidade», pois *trilhoada* está por *tralhoada*.

<sup>2</sup> O texto tem *farto*, que deve emendar-se como faço, porque na typographia em que se imprimiu a obra confundiu-se o *f* de *farto* (o *s* inicial e medial é nesta representado assim) com *f*. A palavra *surto* quer dizer «vôo elevado».

<sup>3</sup> Lisboa 1619, fl. 177 v.

<sup>4</sup> = *bilhafr-ðo*, augmentativo de *bilhafre* <> *milhafre*, synonimo de *minhoto*.



## OUTRAS OBRAS DO MESMO AUTOR

(À venda na Casa Bertrand, Chiado 75, Lisboa)

<b>Esquisse d'une dialectologie portugaise</b> , Paris 1901.....	600
<b>Estudos de philologia mirandesa</b> , 2 volumes, Lisboa 1900– 1901.....	26500
<b>Ensaios ethnographicos</b> , 3 volumes; o 1. <sup>o</sup> esgotado; o 2. <sup>o</sup> e 3. <sup>o</sup> 15300	
<b>A philologia portuguesa</b> , Lisboa 1888.....	200
<b>As «Lições de linguagem» do Caturra (analyse critique)</b> , 2. <sup>a</sup> ed., Porto 1893.....	250
<b>O gralho depennado</b> (réplica ao Caturra), 3. <sup>a</sup> ed., Porto 1892	250
<b>Textos archaicoss</b> (para uso da aula de philologia portuguesa es- tabelecida na Biblioteca Nacional de Lisboa), Lisboa 1906	400
<b>Summula das lições de philologia</b> (dadas na mesma Biblio- teca), Lisboa 1905.....	300
<b>Flores mirandesas</b> (em língua mirandesa), Porto 1884.....	100







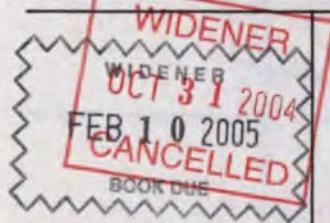
3 2044 019 902 170

**THE BORROWER WILL BE CHARGED  
AN OVERDUE FEE**

The borrower must return this item on or before the last date stamped below. If another user places a recall for this item, the borrower will be notified of the need for an earlier return.

*Non-receipt of overdue notices does not exempt  
the borrower from overdue fines.*

**Harvard College Widener Library  
Cambridge, MA 02138      617-495-2413**



**Please handle with care.  
Thank you for helping to preserve  
library collections at Harvard.**

